

KELL TEIXEIRA

AUTORA DE MEU VICIO

LIVRO I

NÓS ENTRE

NUNCA É TARDE PARA ABRIRMOS
MÃO DO NOSSO PRECONCEITO

bezz
EDITORIA



Entre Nós

Kell Teixeira

Copyright © 2017 Editora Bezz

Capa: Denis Lenzi

Revisão: Andrea Moreira

Diagramação Digital: Equipe Bezz

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

Sinopse

E talvez o meu maior preconceito seja te amar incondicionalmente, e, na mesma proporção, lutar contra esse amor!

Após se formar no Ensino Médio, Ísis Fernandes, mesmo tendo sido aprovada em uma Universidade Federal, convenceu a si mesma e a seus pais de que precisava de um tempo para decidir qual profissão queria seguir. Porém, agora, depois de dois anos curtindo sua então chamada “férias”, e tendo colocado um fim em um relacionamento de anos com o namorado de adolescência, achou nesse momento tenso a oportunidade perfeita para retomar os estudos.

Ísis esperava tudo dessa nova fase em sua vida, só não esperava que o verdadeiro amor batesse à sua porta. No entanto, estará ela disposta a viver esse amor que a fará encarar o preconceito de frente, indo além de um amor impossível? Esse sentimento será mesmo capaz de vencer todas as vozes que o consideram loucura? E bem mais que isso, seu amor é mais forte que o seu próprio preconceito?

Felipe sempre seguiu as regras e a principal era nunca deixar alguém se aproximar muito. Ele já conhecia bem a dor que isso traria e não estava disposto a senti-la. Porém, quando o amor faz as suas escolhas, há como fugir?

Uma coisa é certa, o amor tem o poder de nos iludir, mas não nos deixa imune aos males da vida...

Nunca é tarde para abrirmos mão dos nossos preconceitos.

(Henry David Thoreau)

Capítulo 1

O bipe do meu telefone ecoa pelo quarto, indicando mais uma mensagem. Ainda sonolenta, me dou o trabalho de encarar o relógio, seis da manhã, primeiro dia de aula. Reviro-me nos lençóis, olho para o teto e depois novamente para o relógio, logo em seguida, para o lado oposto e vejo Monique, minha colega de quarto, ainda dormindo.

Pego o telefone e vejo mais de quinze mensagens do Marcos dizendo os possíveis motivos para rearmos. Chega a ser deprimente, porque me sinto culpada, mas, entre ler as mensagens e ter uma possível crise de consciência, acordar Monique, ou tomar um banho, opto pela última alternativa. E após um banho relaxante, começo a me aprontar para o primeiro dia.

Enquanto me enxugo, penso em minha nova vida. Adiei isso por muito tempo e ao me comparar com a minha colega de quarto, que já está exatamente dois anos à minha frente, eu me sinto atrasada, mas, antes tarde do que nunca.

Futura arquiteta, lá vou eu. Sorrio para o meu reflexo, que parece animado.

Enrolada em uma toalha, vou à cozinha tomar água e olho pela janela, nosso apartamento é pequeno se comparado com a minha casa. Aqui temos dois quartos, detalhe, um foi modificado para sala de estudos, então estamos dividindo o que sobrou, cozinha, um banheiro e sala. Meu pai poderia ter alugado um bem mais luxuoso e se ofereceu para isso, mas todos os prédios próximos ao campus seguem o mesmo padrão, e como nesse eu teria alguém conhecido como colega de quarto, já que eu e Monique frequentávamos o mesmo colégio no Ensino Médio, pareceu o mais viável e por isso estou aqui.

Parece precipitado dizer “nosso apartamento” para alguém que mora há apenas uma semana, e ela já o ocupa há dois anos, no entanto, como meus pais adiantaram alguns meses de aluguel, já o considero meu.

Eu morava com os meus pais, Sara Fernandes e Charles Brückner, em uma cidade não muito próxima a da faculdade. O percurso de lá até aqui gasta exatamente seis horas de carro, ou uma de avião. Mas fazer esse trajeto todo o dia, estava duplamente fora de questão. E papai me tirou qualquer vestígio de possibilidade de ficar no alojamento do campus ou morar sozinha,

então, cá estou eu, com Monique nesse minúsculo apartamento. Mas tudo é questão de adaptação. E sei que já estou me adaptando.

Volto ao quarto e escolho a minha roupa. Então é isso! Minha vida realmente deu uma reviravolta e finalmente irei cursar Arquitetura Urbana. Estou solteira e pronta para me colocar em primeiro plano.

Pego novamente o telefone e vejo as mensagens do Marcos. Ele sempre foi o galã da escola, o loiro gostoso do futebol que todas queriam. Não sei qual matemática as garotas usavam, ou como isso fazia sentido, mas ser a namorada dele me colocava na listinha negra de todas as possíveis candidatas. As malucas achavam que o único empecilho entre elas e ele, era eu estar ocupado o posto de namorada.

E pensando em nós, não lembro exatamente quando tive a certeza do fim, mas ele chegou e tinha que acontecer. Acho que não estou pronta para dar um passo mais sério e suas últimas conversas sobre esse assunto estavam me deixando louca.

Quando nós finalmente conversamos e eu coloquei um fim, papai quase enlouqueceu. Ele gosta do Marcos e segundo ele, não é um mau caráter. Isso é verdade, só não sei se papai o defenderia assim se soubesse que a sua garotinha fez sexo com o seu genro ideal. Não que fazer sexo comigo o tenha tornado um mau garoto, isso é só na cabeça do meu pai, que insiste em me ver como a sua princesinha.

Penso nos conselhos que recebi. As pessoas dizem coisas sobre o primeiro amor, que é eterno e tal... dizem que nos apaixonamos perdidamente pelo cara com quem temos a nossa primeira relação amorosa. No início foi assim, depois, algo esfriou e o desejo foi acabando. Não sei, é estranho até para mim. Mas como sempre contei todos os meus segredos para a minha mãe, ela foi a única que já esperava um possível fim. E apesar das indiretas do meu pai tentando ajudar o Marcos, ela me conhece o suficiente para saber que havia mesmo acabado, que eu precisava desse tempo.

Sorrio ao imaginar como os meus pais estão agora sem mim. Semana passada eles me ligaram todos os dias e estavam me sufocando, então, delicadamente, tive que pedir para que deixassem que eu entrasse em contato com eles, pois preciso de espaço. Ainda que continue dependendo financeiramente deles, quero começar a alçar voo. Esse é o grande problema em ser filha única, meus pais me veem como uma menininha que precisa de proteção e não sabe fazer suas escolhas. Confesso que tiro muita vantagem disso, porque, olha para mim, vinte anos e não sei nem o que é pagar uma

conta. Mas quero começar a mudar essa questão. Quero provar que sei e posso fazer as minhas escolhas.

E apesar de eles insistirem que essa dependência financeira não é problema, uma vez que o meu pai é advogado e a minha mãe médica pediatra, sustentarem a única filha não é nenhum empecilho, mas eu não quero que isso dure eternamente. E não vai durar! Hoje começo a minha caminhada na direção oposta dessa dependência e confio no meu sucesso.

Já pronta, eu me olho através do espelho. Sou a mistura de uma negra com branco, alguns acreditam ser pardo, tendo herdado os traços da minha mãe, como cabelo cacheado, olhos castanhos escuros, lábios carnudos e pele em tom negro. Fico grata por essa genética maravilhosa e me orgulho disso. Só tem um detalhe, meu nariz é como o do meu pai, que sempre diz que esse nariz empinado é a nossa marca de pai e filha.

Eu sei que existe preconceito racial, mas pertencer a uma classe social elevada, me fez não ter encarado isso diretamente. E uma das vantagens de pertencer à classe alta, é justamente se manter distante dos problemas sociais das classes inferiores. E como estudei nos melhores colégios do país e tive acesso a uma educação de qualidade, tudo isso me possibilitou passar no vestibular de uma Universidade Federal, que, segundo a minha mãe, deveria ser voltada para quem não tem condições.

E mesmo não tendo que pagar os meus estudos, custear a minha vida acadêmica não vai ficar barato, só que eles deixaram claro que querem que eu me dedique totalmente aos estudos. E é exatamente esse o meu plano.

Dou uma última olhada no espelho do banheiro e como não está frio, opto por calça jeans, regata com alcinhas finas de uma cor básica, escarpim, cabelo solto e maquiagem leve. É aquele *look* rebelde e despojado, e eu amo essa energia positiva para iniciar a minha nova vida.

Ainda admirando as minhas belas curvas e beleza chamativa, me deparo com Monique se aproximando com o rosto todo amassado.

— Ísis Fernandes Brückner — Monique pronuncia o meu sobrenome como se fosse um palavrão. — Mal chegou é já quer mostrar que é a princesinha da moda, é isso? — Sua voz soa estranha pela manhã.

Retribuo com um sorriso. Eu sempre a achei uma loira com sardas bonita, e uma vez que não se veste mal, não consigo identificar se foi um elogio ou deboche. No entanto, isso não me interessa muito.

Não somos melhores amigas, mas como cheguei faz uma semana, já rolou aquele papo do motivo de ter terminado com Marcos e o que quero

daqui para a frente, e essa conversa acabou nos deixando um pouco íntimas. E sendo sincera, o que me impressionou nessa semana foi justamente ver a mudança radical em seu estilo de vida. Antes, era uma garota tímida, agora, gandaieira e adepta ao álcool. E muito álcool. Segundo ela, eu não demorarei a entrar nessa vida também, já que parece ser uma regra entre os estudantes aqui, viver de farra.

Não concordo e nem discordo. Se essa vida me permitir manter notas altas, estou dentro, caso contrário, irei me ferrar com os meus pais, que impuseram algumas regras e terei que seguir.

Quando eu e Monique finalmente estamos prontas e já atrasadas, descemos as escadas às pressas, visto que o elevador demoraria mais por estar preso em algum andar.

Descer os cinco andares de escadas me faz chegar ofegante à garagem. O prédio é ocupado por estudantes, que como eu, não ficaram no campus.

Meu *New Beetle 2017*, vermelho, está na garagem me esperando e além de dividir o aluguel com Monique, eu darei carona a ela. Dá para ir a pé, mas como sei que o atraso fará parte da rotina, ele será sempre usado.

Enquanto dou partida, Monique se ocupa em escolher uma música para escutarmos e como não se decide, provavelmente não será nenhuma. Ao chegarmos, ela me dá um mero tchau, indo para o lado oposto das salas de aula.

— Não vai assistir à aula?

— Pra quê? Não sou caloura, você é. E é bom ir rápido, já está atrasada. Eu vou encontrar alguns amigos e depois no falamos — ela segue seu curso.

Agora me pergunto como essa garota está conseguindo notas, porque, provavelmente, não é frequentando as aulas.

O primeiro dia não é fácil, e estando atrasada, torna tudo pior. Depois de me informar na secretária qual é a minha sala, lá vou eu novamente para as escadas. Quarto andar, sala 16. Respiro fundo antes de bater, e quando o faço, acabo me deparando com um professor carrancudo por sua aula ter sido interrompida.

Depois de um leve aceno indicando para procurar um lugar e me sentar, lá vou eu tentando manter a elegância e superioridade, e tudo que resta são lugares no fundo da sala. A sala tem mais de setenta alunos e de certa forma isso me assusta.

Após o professor concluir sua apresentação ao curso de Arquitetura

Urbana, sua finalidade, área de atuação e mercado de trabalho, ele inicia a primeira aula sobre projetos de Arquitetura. Serão dez períodos, cinco anos no total. Olho para o meu quadro de planejamento, que contém as disciplinas de cada período, carga horária e as disciplinas eletivas do curso. Meu Deus, tudo isso! Tanta coisa que eu começo a achar chato.

Obviamente, pensar em tudo isso mantém todos os meus neurônios distantes do que realmente é essencial, a matéria do professor, um cinquentão que parece não ter se importado muito com a minha presença. Mas que bobagem, não é porque eu era o centro das atenções no colégio, que serei aqui, em uma universidade.

— Oi — a voz atrás de mim me faz virar o rosto, e fico feliz ao ver um belo rosto masculino me chamando. Pelo menos, alguém me notou.

— Oi — sorrio timidamente.

— Sou Erick. Prazer.

— Prazer, Erick. Eu sou Ísis.

— Fico honrado em ser seu colega de classe e me sentar atrás de você. Melhorou, e muito, a minha visão — ele diz com sorriso malicioso. É bem estilo *bad boy*, mas o seu humor me faz rir.

— Isso é sério? Acha que caio nessa? — Retruco, sorrindo.

— Qual é? Pode ao menos fingir.

— Tudo bem, Erick. Obrigada! — Ambos rimos.

— Senhorita. Qual o seu nome? — Meu professor pergunta e eu congelo. Agora tenho certeza que ele me notou.

— Ísis Fernandes Brückner.

— Senhorita Fernandes Brückner — ele se atrapalha ao pronunciar o meu sobrenome alemão. — Caso queira fazer alguma contribuição, já que está chamando atenção com esse murmurinho, estou à disposição para escutá-la!

Escuto algumas risadinhas.

— No momento não, mas provavelmente terei ao longo das aulas.

— Ficarei feliz por isso. Então, posso continuar? — Continua com a mesma cara carrancuda de sempre.

— Claro, por favor!

A situação inverteu e sinto que as risadinhas já não são de deboche. Essa sou eu e meu poder psíquico de mudar a situação à minha volta. Papai diz que eu sempre consigo tudo o que quero, desde que esse tudo esteja dentro da sua vontade também, óbvio.

No decorrer da semana, eu me interesso muito pela vida universitária e isso inclui apenas os gatos universitários e as festas, deixando de lado as matérias. E acabo por me questionar do porquê ter escolhido Arquitetura. Mas fala sério, se existe uma fonte de mau caminho, é isso aqui, com certeza.

Durante os intervalos, acabo conhecendo os amigos da Monique, e todos são bem receptivos, mas, assim como ela, não parecem interessados realmente em estudar. E quanto mais me envolvo com eles, menos consigo manter o foco nos estudos.

E como se não bastasse o caos em que estou me metendo, em uma bela sexta-feira, aceito seu convite para ir a uma festa. Começa com uma festa na sexta-feira, depois sextas e quartas, e agora saio quase que a semana inteira com eles, e sinceramente, não há corpo que aguentasse essa rotina de festas e bebidas à noite, e aula pela manhã.

Isso vai dar merda, mas estou frequentando as aulas mesmo sonolenta, cumprindo o que prometi aos meus pais. Pelo menos, é isso que eu digo para mim mesma.

No decorrer do primeiro mês, Erick e eu já havíamos feito amizade e rolado até alguns beijos, mas como não estou acostumada, não quis levar isso adiante, então termina tão rápido como começa. Sem tempo para dramas ou mágoas.

Continuo fazendo as atividades e portfólios, mas o nosso grupo está longe de ser o melhor da turma. Os melhores são os dois grupos que intitulei como “*nerds* ao extremo” sendo o primeiro, que é de um pessoal chato que debate o tempo todo com os professores, se achando mais gênios que eles; e o outro grupo, apesar de *nerds* e terem ótimas notas, não são tão chatos. Eu diria até que se enquadra com os comuns, com exceção das notas, que são bem melhores que os da média. E é nesse grupo que eu acredito que me encaixo. Mas, sendo sincera, somente nas apresentações dos portfólios é que me dou o trabalho de reparar em outros grupos, e mesmo assim, depois da primeira apresentação, eu já me perco nas conversas. Ficar com a turma do fundo é como estar em casa, e estou gostando muito disso.

Tudo bem, eu sei que essa matemática não é muito boa, e aqui a ordem dos fatores irá afetar o resultado, porque ir para as festas, estudar - que aqui se aplica o verbo fingir - com a turma do fundo e passar a tarde toda dormindo, não tem como acabar bem. E no fim, não haverá bons resultados. Só não esperava que eles viessem tão rápidos, já que acreditava ter tudo sob controle.

Apesar de todas as promessas feitas na época das provas, quando esse momento satã finalmente passa e tenho acesso às notas finais no site da faculdade, quase enfarto. Média em algumas e abaixo da média em outras. Eu fui um fracasso e pior, estou tão perdida que nem mesmo uma recuperação me ajudará. E para completar, meus pais que sempre foram alunos exemplares, não aceitarão esse boletim. Nem mesmo eu quero aceitar.

Eu tenho que mudar essa situação, mas como? Como fazer isso?

Pensando loucamente sobre o assunto, sei que a melhor solução será levar os estudos a sério e me esforçar, mas só de pensar em todo o trabalho que vou ter, sinto dor de cabeça. Então, sendo esperta como sempre fui, formulo meu plano diabólico que se resume em me aproximar da turma dos “nerds ao extremo”, fazer amizade com um deles e ter a cola das provas garantida.

Mas eles não vão engolir essa com facilidade, e não se chega para alguém e diz “Você pode me passar cola no restante do curso? É que você é *nerd* e querido pelos professores, então preciso usá-lo.”

Isso soa ridículo até mesmo para mim. Tem que ter vínculo, proximidade, ir de mansinho e conquistar o coração da vítima. E quando menos se esperar, o *nerd* irá oferecer ajuda por acreditar nessa amizade.

Está decidido, me tornarei um dos *nerds* na próxima semana. Mas antes devo encarar a verdade e contar sobre as notas aos meus pais. E no sábado, lá vou eu para o meu martírio.

Durante o fim de semana com meus pais, escutei vários sermões deles, mas sei como usar a minha melhor arma com papai. Em todos eles, eu fiz um rosto angelical, carinha de arrependimento e promessas de que mudaria tudo, e isso se tornou a minha garantia para continuar sem a intervenção deles.

No domingo, mamãe e eu vamos ao shopping, e eu fico rezando para não encontrar com o Marcos, e tenho sorte. Mesmo que as mensagens não sejam mais constantes, ainda surge, do nada, aquele “oi, sumida!”. Demoro horas para responder, mas mesmo assim eu temo que responder possa lhe dar esperança, e eu não quero isso.

Às seis e meia da noite, já estou com as malas prontas.

— Quero ver outras notas no próximo período ou juro que você vai voltar para casa, Ísis — meu pai repete essa frase durante todo o percurso até o aeroporto.

— Tudo bem, papai, irão mudar. Eu prometo!

— Amor, sabe que estamos insistindo nisso para o seu bem, não sabe?

— Minha mãe insiste com a voz meiga.

— Eu sei, mamãe. Entendi, não precisa ficar repetindo.

— Sem malcriação, Ísis — meu pai repreende novamente, e eu me calo.

Saindo do carro, ambos me abraçam e me enchem de beijos e ficamos de braços dados até que, já na área de embarque, meu voo é anunciado.

Após nos despedirmos e dizermos o quanto nos amamos, eu embarco.

Sentando em minha poltrona e colocando os fones de ouvido, acabo cochilando, e, quando acordo, já estou novamente em minha nova realidade. Monique veio me buscar com o meu carro e sem muitas palavras, seguimos para o nosso apartamento.

— E como foi com seus pais?

— Ou as minhas notas melhoram, ou já era a minha nova vida.

Ela sorri com o meu desânimo.

— Você é a garota que sabe dar um jeito nas coisas. Tenho certeza que vai conseguir resolver isso — ouvir Monique dizer isso, me deixa confusa, nunca sei se está sendo sincera ou não.

— Assim espero, e se não se importa, vou tomar um banho e dormir. Quero estar preparada para amanhã.

— Sem problemas. Vou dar uma saidinha, boa noite!

— Boa noite!

Aproximar-me da turma dos “*nerds* ao extremo” foi, até o momento, minha pior ideia. Já não se fazem mais *nerds* como antigamente, além de esnobes, eles se acham melhores do que Albert Einstein. E após uma semana de tentativas frustradas de aproximação e indiretas de Erick e a nossa turma do fundo nos intervalos, eu resolvo pular para os *nerds* comuns. Mas apesar de comuns, se saem bem melhor que eu. E coloca melhor nisso. Parece até um pesadelo, eu, ex-*nerd* do Ensino Médio, já estou perdendo o entusiasmo pela faculdade. No entanto, desistir não está em meus planos.

Segunda semana do segundo período e lá vou eu, na cara de pau, colocar meu plano em prática. Eu me aproximo com cara de quem não quer nada.

— Sabe se alguém senta aqui? — Pergunto, me fingindo de boba para a garota que parece simpática.

— Está vago. A garota que sentava aí mudou de cidade — forço um sorriso e ela retribui. Sei que ela pertence ao grupo deles, então sentar aqui já

é um começo.

No decorrer da semana, temos algumas conversas e descubro que seu nome é Carol. A interação entre nós é até legal, mas isso ocorre apenas com ela e não com o grupo todo. Na verdade, nem sei exatamente quem faz parte dele

Na sexta-feira, já havia desanimado do meu plano. Tudo o que consegui foi conversar com ela entre uma aula e outra, e nada mais.

Quando a aula de História da Arte Arquitetura e Cidade inicia, o professor anuncia um trabalho em grupo.

Apesar de escutá-lo, minha esperança de me juntar ao grupo está mais morta que as expectativas que enterrei na semana passada. Carol cochicha algo com o cara à frente e eles começam a anotar os nomes de quem irá integrar o grupo. De repente, ela se vira para trás e faz uma pergunta que soou como música para os meus ouvidos.

— Quer se juntar a nós nesse trabalho?

Minha resposta é tão imediata, que até ela se surpreende.

— Claro! — Sorrio. A esperança renasce e a sensação é maravilhosa.

O professor pede para nos reunirmos em sala para decidir sobre os componentes do grupo e diz que encontraremos todas as exigências no portfólio do site da faculdade, na área do aluno.

Enquanto isso, eu começo a observar o grupo que quero pertencer no decorrer deste ano. Ele é formado por seis integrantes, incluindo eu. Depois que o Carlos, o cara que se senta à frente de Carol e que será o representante do grupo, confirma os nossos nomes, Flávia, outra garota do grupo, ressalta:

— Não se esqueça do Felipe. Ele não veio hoje, mas é do grupo.

— Eh paixão! — Carlos provoca e ela faz careta.

— Quem é Felipe? — Pergunto para a Carol em um cochicho. Parece ridículo, mas não consigo associar o nome a nenhum rosto conhecido.

— Não conhece o Felipe?

— Posso até tê-lo visto, mas não me lembro.

— Ele é um gostoso muito inteligente e educado, mas fica só na educação mesmo. Não dá muita liberdade. Eu e Flávia o apelidamos secretamente de colírio.

Ambas sorrimos.

— Ele é metido, é isso?

— Não. Só parece que ele não se importa muito com a gente, mas é bem participativo no grupo, e até já me passou cola — sorri, descarada.

Esta é uma informação que amo ouvir. Então, esse é o cara certo.

Após a aula, Carlos pede o número do meu telefone e diz que me adicionará no grupo de *WhatsApp*. Combinamos de nos encontrarmos à tarde, na biblioteca da faculdade, já com o portfólio em mãos para decidirmos sobre o trabalho.

Depois de tudo decidido, eu agradeço e me despeço deles.

Talvez seja a frustração, ou como me sinto perdida nas matérias, mas estou achando que esse Felipe pode mesmo ser a minha salvação. A minha última aposta.

Monique demora alguns minutos, que no momento parecem longos demais, para chegar ao carro. E acho que ela acaba notando isso, uma vez que estou carrancuda. Assim que chegamos ao prédio, rapidamente subo para o nosso apartamento.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunta, já em nosso quarto.

— Não, quer dizer, não ainda, mas vai. Mudando de assunto, vou pedir comida, você quer?

— Não, já comi. Mas o que vai acontecer? Estou curiosa.

Ela pergunta e eu ignoro, enquanto procuro no aplicativo do telefone o que quero comer. Após fazer o pedido pelo aplicativo, eu me viro para ela, que ainda espera a resposta.

— Conhece um tal de Felipe?

— Seja mais clara. Na faculdade tem muitos Felipes.

— Só sei que estuda comigo, não tem como ser mais clara que isso.

— E você não o conhece?

— Não me lembro... — coço a cabeça e ela parece pensativa.

— Acho que conheço, e se não estiver enganada, ele é cunhado do meu professor de Filosofia.

— Então tem namorada?

— Não que eu saiba. A irmã dele namora o meu professor.

— E ela estuda lá? — Pergunto, surpresa, porque não é permitido se relacionar com professores.

— Já se formou, mas foi em outra faculdade.

— E, se for o mesmo Felipe, ele é bonito como dizem?

— Eu conheci o Felipe no ano passado, quando fizemos um projeto social juntos. Ele é lindo, até gostoso. Léo, o professor de Filosofia também é. Ele é adepto da cultura hippie.

— Você participa de projetos sociais? — Isso sim é um choque.

— Só para fazer média com o meu professor, mas, para a minha decepção, soube que ele tinha namorada na época e é fiel. Todos eles são engajados nessa parada de ONGs, sabe, de ajudar ao próximo. Felipe participou do projeto, mas mesmo as meninas dando o maior mole para ele, o cara nem deu ideia. Então, princesinha, se tiver pensando em ter algo com ele, sem chance. Nós não somos o tipo dele.

— Como assim? Por que não?

— Como eu vou te explicar. O Léo é muito nessa *vibe* de sair da bolha, ter pensamento crítico, contribuir para a mudança da sociedade e tal. Consegue entender?

— Quem disse que eu não sou assim?

Ela gargalha.

— Só se for engajada nas vertentes do consumismo e moda — ela debocha. — Olha, eu não quero te desanimar. Eu sei que ele não é gay porque já o vi com uma garota, mas não era da faculdade. Então, se eu estivesse no seu lugar, desistiria sem tentar. Vai levar um fora de primeira, e imagino que não queira passar por isso — ela sorri de maneira enigmática.

— Talvez sim, talvez não. Hoje eu vou me encontrar com eles na faculdade, temos um trabalho, e se a questão é causar boa impressão, acho que dou conta disso — pisco para ela. Então o interfone toca, e eu desço para pegar o meu almoço.

Às três da tarde, eu já estou feito louca escolhendo meu *look* de boa menina. Uma regata do Mickey, um short jeans, tênis branco e óculos de sol, todos *Chanel*. Faço um coque no cabelo e uma maquiagem leve.

— Como estou? — Pergunto à Monique, que por incrível que pareça, está em casa, deitada na cama e de olho nas minhas roupas. Ela nunca pediu nada emprestado, mas tudo o que eu compro, ela quer saber onde foi.

— Blusa bem menininha. O coque é essencial para ressaltar esse rostinho angelical, mas como é safada e não tem nada de menininha, está deixando as pernas torneadas de fora. E esse short deixa sua bunda bem empinada. No geral, não parece forçado. Os caras vão olhar, mas não vão perceber a sua intenção de chamar a atenção. É, princesinha, conseguiu. Vai mesmo ter a atenção deles!

Pisco para ela e lá vou eu conhecer o tal do Felipe, ou melhor, fazer o trabalho. Ele será o brinde.

Entro no carro e ligo o rádio - *Katy Perry*. Ao som da música, eu me preparo mentalmente para causar uma boa impressão. Chegando à faculdade,

estaciono o carro, pego meu fichário e bolsa, então sigo para a biblioteca. Quando entro, vou até a área onde os estudantes costumam se reunir, mas não vejo nenhum conhecido. Acabo me sentando à mesa e colocando os meus pertences sobre ela, guardo meus óculos e pego o telefone. Estou alguns minutos adianta, papai chamaria isso de milagre.

Apesar de querer fingir normalidade, estou ansiosa como nunca. Carlos é o primeiro a chegar e está acompanhado por dois garotos do grupo que vi hoje, na aula. Ou seja, não é o tal do Felipe. Um é o Peu, que sempre faz piadinhas na aula, o outro, acho que é o Fernando. Assim que me veem, eles sorriem e se aproximam, me cumprimentam e logo se sentam à mesa.

— E então, garota, sabe se as meninas já estão chegando? — Carlos fala primeiro. Sua voz é grave e sensual, ele poderia ser locutor com o seu jeito despojado. Como o clima está quente, todos estão de bermuda, mas variam entre blusa e camiseta, assim como chinelo e tênis.

— Não faço ideia.

— Devem estar chegando — Peu responde.

Eles imprimiram o portfólio com as orientações, e só agora que estou lendo. Que vergonha, nem me dei o trabalho disso. Enquanto faço a leitura das orientações, sinto um perfume familiar, então Carol toca o meu ombro.

— Oi, pessoas. Novamente aqui, hein? — Sua voz soa animada.

Ela se senta ao meu lado direito. Flávia dá um oi discreto e se senta próximo ao Peu, apesar de ter um lugar vago ao meu lado. Ela me encara sorrateiramente e não parece gostar de mim. Por quê? Eu não faço ideia.

Esse grupo é bem diversificado. Flávia é morena clara com o cabelo ruivo; Carol tem o cabelo bem escuro, que contrasta com a pele pálida; Fernando, assim como eu, negro; Carlos e Peu têm a pele clara, mas enquanto Carlos é loiro, Peu tem o cabelo castanho encaracolado.

— Alguém avisou o Felipe? — Carlos pergunta, olhando diretamente para a Flávia. Estou começando a achar que ela é vidrada no tal Felipe.

— Eu já enviei uma mensagem para ele — Flávia se explica. — Só que até agora, ele não visualizou.

— Felipe demora um século para ver a mensagem, e quase dois para responder — Peu interpõe.

— Então, acho que podemos começar. Se nem foi para aula hoje, não virá aqui só para isso — Fernando resolve deixar o seu mundo e dar as caras aqui.

— Então vamos lá. Todos leram o portfólio? — Carlos pergunta

olhando diretamente para mim. Desvio o olhar, envergonhada.

— Óbvio! — Flávia diz de maneira esnobe, e eu começo a achar a sua voz insuportável.

O trabalho em si consiste em mostrar a evolução da Arquitetura no decorrer da história, comparando projetos antigos com atuais. Enquanto eu tento me concentrar, noto que os rapazes lançam olhares na minha direção. Eles parecem apreciar a minha presença no grupo, ao contrário da Flávia, que parece não aprovar.

As coisas estão começando a caminhar, quando uma voz chama a atenção de todos.

— Desculpe-me pelo atraso. Eu só vi a mensagem da Flávia agora a pouco — sua voz, apesar de ofegante, é firme e sexy.

Viro-me em sua direção.

Ai meu Deus! Como eu nunca vi esse cara na minha sala?

Esse sim é um belo pedaço de mal caminho!

Apesar do rosto másculo bem desenhado, seus olhos em tom de folha seca me atraem como imã. Seus lábios medianos levemente rosados contrastam com o tom de pele claro, e sua barba levemente por fazer deixa tudo mais sexy. E para completar a perfeição humana, o seu cabelo castanho-escuro está desalinhado. E como se não bastasse ter o rosto perfeito, eu deslizo meus olhos vagarosamente por um corpo bem definido.

Meu Deus, que físico! Ele está com uma regata preta *Nike*, que deixa os braços perfeitamente malhados à mostra, uma bermuda cinza e um par de tênis de corrida branco. O cara é tão gostoso, que eu seria capaz de agarrá-lo mesmo estando todo suado e parecendo ter terminado uma corrida. Ele pega uma garrafinha de água e toma um gole, então percebo algumas gotas correrem pelo canto da boca, e juro que sinto vontade de me aproximar e passar a língua para capturá-las.

— E então, já começaram? — Ele diz, e logo leva a mão à boca, afastando as gotas. Ao se aproximar da mesa, não olha diretamente para ninguém, somente guarda a garrafinha de água na mochila. — Esse é o portfólio? — Pergunta, pegando a folha.

— Estava correndo? — Peu pergunta, enquanto o colírio continua lendo o portfólio.

— Eu costumo correr no shopping que fica perto de casa, e acabei deixando o telefone no silencioso. Só vi o recado quando estava chegando em casa. Aí resolvi esticar um pouco a corrida, vindo para cá.

— Você é animado demais.
— Nada. Depois que a gente acostuma, é rápido.
— Vai voltar correndo também?
— Acho que não. Vou ver se a Mari me busca.
— Se ela não vier, eu posso te levar, Felipe — Flávia se oferece, sorrindo.

— Obrigado, Flávia, mas não precisa. A Mari vem. Valeu!
Ele sorri para ela e mesmo que pareça forçado, é lindo. Carol me cutuca assim que ele responde para a Flávia, e eu finjo que nem foi comigo.

— E aí, como vai ser? Já decidiram?
— Ainda não, cara. Estamos vendo isso agora — Carlos assume novamente a liderança. Ele propõe dividir em partes, dando uma responsabilidade para cada um. Todos concordam.

Pelo jeito, aqui todos participam, e eu não serei a exceção. Apesar de tentar prestar atenção, Felipe tira a minha concentração, mas não tem como dar atenção a coisa alguma com um cara desses na minha frente.

— Quer ficar com a parte da diagramação do trabalho, Ísis? — Carlos pergunta e acho que somente agora Felipe me nota. Sei que ele está olhando, mas não me atrevo a encará-lo.

— Claro, posso sim!
— Integrante nova? — Felipe diz.
— Sim, Felipe. Essa é a Ísis.
— Prazer, Ísis. Seja bem-vinda! — Ele sorri educadamente. Parece que essa é a única coisa que ele está disposto a nos oferecer, sua educação.

— Obrigada — sorrio sem jeito. Eles voltam a falar sobre o trabalho e meu telefone toca, interrompendo a conversa do grupo. Eu o pego da bolsa e vejo que é o meu pai, então peço licença e ao me levantar, escuto Flávia se referir a mim.

— Se vocês quatro quiserem, eu peço para ela ficar em pé em cima da mesa, assim não correm o risco de quebrarem seus pescocinhos ao olharem para a bunda dela — continuo andando e fingindo que não escutei nada, mas amei ouvir a palavra quatro. Isso significa que Felipe olhou, e se olhou, não é tão inalcançável assim.

Converso quase quinze minutos com o meu pai e quando me lembro do grupo, desligo e volto para a mesa e os encontro se despedindo. Por fim, todos saem e sou a última a deixar a biblioteca. *Aff!*

Sigo direto para o meu carro e assim que atravesso o portão da

faculdade, vejo Felipe caminhando devagar. Penso se devo ou não ser cara de pau, e acabo me decidindo pela primeira opção, o que me faz parar próxima a ele.

— Ei! — Como está caminhando e com fones de ouvido, não me escuta, então eu buzino e isso o faz se virar. — Oi — sorrio, descarada.

— Oi! — Diz, confuso.

— Quer uma carona? — Pergunto na maior cara de pau. Eu sei onde fica o shopping e é bem longe de onde moro, mas ele não precisa saber disso. Não antes de termos algum vínculo. Felipe é lindo e mais que isso, ele passa cola, então vale o esforço. Ele ainda está me encarando, sem entender. — E então?

— Tudo bem! — Diz e entra. Eu me sinto aliviada, não sei que cara ficaria se ele recusasse.

— Próximo ao shopping? — Eu finjo naturalidade.

— Isso mesmo.

Não demonstro nada, mas por dentro estou com um sorriso. Então, se essa carona surtir efeito, será a primeira de muitas...

Capítulo 2

Felipe permanece em silêncio e eu olho de relance para ele. Estou nervosa.

— Está indo ao shopping ou você também mora por aqui? — Ele se vira para mim. Merda! Não quero deixar claro que estou fazendo esse caminho por ele.

— Preciso dar uma passadinha no shopping, e como você comentou que mora perto, resolvi oferecer uma carona — sorrio e ele se vira novamente para a frente.

— Obrigado. Fico te devendo uma.

Apenas sorrio. Amo escutar isso e mesmo querendo ir bem devagar, tenho que seguir o limite mínimo de velocidade.

— E então, além de estudar, você faz o quê? — Tento não deixar o assunto morrer.

— Trabalho para a minha irmã no *pet shop* dela. Mari é veterinária.

— Legal. Seus pais devem ter orgulho disso, uma veterinária e um arquiteto — sorrio com simpatia. Acho que isso já está ficando forçado.

— Na verdade, temos apenas a nossa mãe. Meu pai faleceu em um acidente. Mas ela sente orgulho sim, muito.

— Sinto muito.

— Tudo bem, já faz muito tempo. Infelizmente faz parte da vida.

O telefone dele toca. Droga! Ele pede licença e atende, e eu fico focada no trânsito e, pela primeira vez, agradeço a cada semáforo vermelho. Eu deduzo que ele esteja falando com a mãe, tamanha a intimidade, e diz que está chegando, depois desliga.

— O que estávamos falando mesmo? — Ele volta a me encarar. Deus, que cara lindo!

— Sobre você... — tento dar um sorriso sensual, mas como estou dirigindo e preciso ficar atenta ao trânsito, isso não dá muito certo.

— É basicamente isso no momento. Trabalho e estudo.

— Gosta de animais? Digo, por trabalhar em um *pet shop*.

— Gosto. Você tem algum?

— Depende. De qual você gosta mais? — Ele me olha, confuso. Que

droga, não era para ter falado isso.

— Não entendi. Como assim, de qual eu gosto mais?

— Não é isso. Aí meu Deus! Quis dizer que tenho um cachorro, mas ficou com os meus pais.

— Ah, legal. Animais são ótimas companhias. Temos dois cachorros e um gato.

Fico sem graça. Droga de novo! Estamos chegando e tudo que sei é que ele trabalha e estuda. Grande descoberta.

— Onde é a sua casa? O shopping é na próxima rua.

— Minha casa fica três ruas depois do shopping, mas pode me deixar lá que já está ótimo.

— Ei, calma. Posso te levar lá, não tem problema algum.

— Mas no shopping está ótimo. Sério mesmo.

— Qual o problema? Tem namorada e não quer que ela o veja saindo do carro de outra garota?

Felipe sorri, e que sorriso lindo.

— Tudo bem, se insiste, melhor para mim! Só não quero parecer abusado.

— Não me importaria se fosse abusado — merda! Pensei alto demais.

Olho para ele desejando ter falado só em pensamento. Ele gargalha ao me ver sem graça, então sei que falei demais.

— Você é engraçada, fala sem reservas.

— Acho que tenho o péssimo hábito de falar sem pensar — ele não discorda e nem concorda, apenas continua me observando. — Terceira rua, isso?

Ele confirma, eu viro na terceira rua e nem acredito que já chegamos. Foi tão rápido. Paro em frente ao único *pet shop* da rua, imaginando que seja esse.

— Moro nessa casa em cima do *pet shop* — está escuro, mas tento ver a casa, que parece ser pequena. Eu me viro para Felipe e o encontro me encarando. Estou envergonhada, por quê? Sempre fui cara de pau, nunca me senti assim. — Obrigado, mesmo. Espero poder retribuir um dia.

— Não por isso... — falo, tentando não demonstrar a minha frustração.

— Eu a convidaria para entrar, mas como você precisa ir ao shopping, não quero atrapalhá-la mais — ele sorri.

— Preciso mesmo — merda de desculpa que fui inventar. — Mas não seja por isso, podemos marcar um cinema depois — ele me olha, surpreso.

Que droga de garoto é esse que mexe com o psicológico da gente? — Esquece. Eu não quero parecer atirada, foi só uma maneira de...

— Você é espontânea, isso é raro. E podemos sim, talvez na semana que vem — ele não espera a minha resposta, só abre a porta, agradece mais uma vez e sai do carro. A casa está escura, provavelmente não tem ninguém.

— Tchau — sorrio.

— Tchau, Ísis. E obrigado mais uma vez.

Eu o escuto dizer, e como ainda está parado em frente ao portão, sei que está esperando que eu vá embora.

Que merda! Pareço uma completa idiota. E ainda por cima eu o convidei para um encontro. Em outra situação, eu me acharia um gênio, mas agora, depois da reação dele, me acho uma imbecil.

Volto direto para o apartamento, onde encontro Monique no quarto. Já são quase sete horas da noite, provavelmente, ela irá sair.

— E então, conheceu o Felipe?

— Sim, ele é legal — minha resposta não a convence.

— E já desistiu dele? Não esperava que fosse tão rápido.

— Não desisti. Eu até o levei para casa — falo, tentando demonstrar que ela está errada.

— Uau! Já é um começo, e como ele beija?

— Que beijo? Foi apenas uma carona, Monique.

Ela gargalha e eu odeio isso. Monique é aquele tipo de pessoa que você nunca sabe se está do seu lado ou contra você.

— Vou lhe dar um conselho. Se você insistir nisso, prevejo lágrimas e um belo fora.

— Não apostaria nisso, se fosse você. Mas eu não disse que estou a fim dele, foi apenas uma carona. Eu precisava ir ao shopping comprar...

— Comprar o quê? — Droga! Ela sabe que é mentira.

— Um biquíni, mas o modelo que eu quero ainda não chegou.

— Ah. Você tem mais de vinte biquínis e precisa de mais um? Tudo bem! — Vejo a ironia em seu olhar. — Vou dar uma volta com a turma, quer ir?

— Não, obrigada. Amanhã vou para a casa dos meus pais e...

— Tudo bem, filhinha do papai. Boa sorte!

— Obrigada.

Tomo um banho, coloco o pijama e depois de jantar fico no quarto trocando os canais da televisão. Quando me lembro de pegar o meu telefone

que está no silencioso, eu me deparo com várias mensagens no *WhatsApp*. Além das mensagens dos meus pais e alguns grupos de amigos, eu vejo que fui incluída em um novo grupo, e como tem o nome da faculdade, sei que é o grupo do trabalho. Há muitas mensagens e eu vou acompanhando sem prestar muita atenção. Eles são rápidos e eu fico meio perdida. Dou uma vasculhada nos membros do grupo e lá está o bendito. A foto do seu perfil deixa claro o quanto ele é lindo.

Que droga! Por que estou fazendo isso? Marcos também é lindo, e todo dia eu me deparo com garotos muito bonitos na faculdade. Por que essa obsessão por um cara que não está nem aí para mim?

Sei que não devo salvar o número dele, mas eu sou incrível em fazer merda, então acabo adicionando nos meus contatos e vejo que ele visualizou uma mensagem a pouco tempo, mas não está conversando no grupo. Meu nome é citado algumas vezes, e eu respondo, mas nada do Felipe aparecer. Com certeza, tem muitas garotas para conversar.

Então é isso, o cara realmente não está a fim. Aceite e passe para a próxima, antes de virar um fora em nível mundial.

Depois de lavar a louça, eu volto para o quarto e começo assistir a um filme e acabo adormecendo com a televisão ligada. Pela manhã, quando acordo com a luz do sol em meu rosto, o barulho da televisão me assusta. Eu a desligo e vejo que a cama da Monique está como ela deixou. Olho as horas e noto que já passa das nove. Pego o celular e entro no grupo do trabalho da faculdade do *WhatsApp*, e fico pasma ao ver que ele e o resto do pessoal ficaram falando até às três da manhã. Conversaram sobre tudo, desde músicas até a faculdade. Fico lendo as suas respostas, querendo acreditar que ele tem algum enrosco com alguém, por isso não se interessou por mim. Mas não, ele é só um cara que não tem interesse em mim. Tudo bem, chega! Isso não é motivo para desespero. Ninguém nem mesmo sabe que eu me interesso por ele.

Arrumo a minha mala com pouca coisa, depois entro no meu e-mail para verificar se a mamãe enviou a minha passagem. Tudo bem, eles ainda fazem isso. E lá vou eu para mais um fim de semana em família, e dessa vez eu tenho me comportado. Mesmo que poucos dias tenham passado, mas isso já é um começo.

Deixo o meu carro no aeroporto, e sigo para fazer o check-in, e sem muito atraso, sigo para a minha casa. Chegando, mamãe me pega no aeroporto e seguimos para um spa. Eu estou realmente precisando disso.

Depois vamos para o shopping, onde encontro alguns amigos, inclusive Marcos, e acabamos indo ao cinema juntos. Com toda essa distração, somente quando vou para a casa dos meus pais, começo a pensar no Felipe. Será que eu não sou o tipo dele? Eu me olho no espelho, e, não que eu seja a Miss Universo, mas eu me acho muito bonita. Não é excesso de confiança, mas não sou cega, e todos sempre elogiam o meu corpo e...

Chega, Ísis, tudo tem limite! E esse é o seu!

Não é uma frase com muito efeito, mas funciona pelo resto do fim de semana, e acabo deixando o telefone de lado. Volto a me lembrar dele somente quando estou de volta ao apartamento, e como já são mais de dez da noite, não encontro Monique. E juro, estou começando a gostar disso, de ter o apartamento só para mim.

Mais uma segunda-feira começa, e Felipe nem me deu um “Oi”, mesmo depois de agradecer tanto pela carona. Ele deveria mandar um “Oi” para mim, certo? Tudo bem, posso conviver com isso.

Confesso que, durante a aula, eu presto mais atenção nele e na Flávia, que parecem estar mais íntimos a cada dia, do que na matéria. No final da aula, já estou esgotada.

Peço licença ao professor e ao sair da sala, eu vejo Erick se levantando também. Já no bebedouro, escuto passos atrás de mim enquanto bebo água. Sei que Erick adora molhar os outros com a água do bebedouro, e antes que ele faça isso comigo, decido agir primeiro. Eu encho uma mão com água, e jogo nele ao me virar. Mas dou de cara com Felipe e não ele.

— Você é louca! Por que fez isso? — Sua reação é imediata, e além do rosto, molhei sua blusa.

— Aí meu Deus! Me desculpe, achei que era o...

— Esquece, está tudo bem — diz, tentando se secar e em um tom mais passivo.

— Me desculpe mesmo, eu... — eu me aproximo e toco em seu rosto, tentando enxugá-lo. Ele afasta a minha mão.

— Está tudo bem.

— Eu realmente achei que era outra pessoa, e... — olho em seus olhos e as palavras fogem. Ainda sinto a sua mão segurando a minha.

— Não tem problema. Só vim aqui porque fiquei, quer dizer, se você não tiver nenhum compromisso na sexta-feira, podemos ir ao cinema. O que acha? — Quase não consigo acreditar no que estou ouvindo.

— Claro, podemos sim.

Ele solta a minha mão.

— Então, se não houver nenhum imprevisto, nos encontramos lá no shopping, às sete e meia. Pode ser?

— Certo...

Ele dá um sorriso, se vira e volta para a sala. E no decorrer da aula, ele se mantém calmo e centrado. Se o convite fez as minhas esperanças renascerem mais rápido que uma fênix, sua atitude indiferente me deixa perplexa. E isso não é bom.

No decorrer da semana, ele não fala comigo e isso me deixa muito confusa. Eu começo a achar que ele se sente obrigado a ir para esse encontro.

Mas que inferno! Se não quer ir, não é obrigado.

Isso me abala, logo eu, que sempre consegui controlar as minhas emoções. Estou obcecada por ele. Um cara que praticamente não conheço! A única coisa que eu sei é que ele tem algo diferente. Meu ego pode se machucar se eu levar um fora.

Ele poderia se sentir atraído por mim, assim como eu me sinto por ele, mas não. O que está errado aqui? Mesmo tentando muito não pensar nisso, essa pergunta fica martelando na minha mente.

Na quarta-feira, eu me sento com eles no intervalo. Felipe está falando sobre um bazar beneficente organizado por uma ONG onde ele é voluntário. Parece que Carlos e Flávia se ofereceram para ajudar, já eu, me mantenho calada. Não quero ser falsa e fingir ser ativa em causas sociais, sendo que nunca fui. Ele começa a falar sobre consumismo, capitalismo e desigualdade social. Diz que todos podem ajudar e que muitas vezes o que não serve para nós, ajuda, e muito, o próximo. Flávia diz que irá separar várias peças para ajudar e Felipe combina de passar na casa dela para pegar. E quando penso em abrir a boca para comentar, Monique se aproxima. Eu estranho isso, ela mal me cumprimenta na faculdade.

— Ísis, seu pai ligou. Ele está tentando falar com você. Parece que o seu telefone está desligado. Apesar de achar exagero, já que você disse para ele que era questão de vida ou morte, e que precisa mesmo comprar o sapato, ele pediu para avisar que está liberado. E comentou, também, que nunca vai entender por que precisa de um par de sapato que custa quatro mil reais, já que você tem mais de cem pares. Mas como você está sendo uma boa garota e se comportando, pode comprar. Só pediu para não abusar e estourar o limite como fez da última vez. É isso. Recado dado — ela dá um sorriso falso, e sai, sem que eu tenha tempo de dizer uma palavra.

Nesse momento, quero que um buraco se abra e me engula. Todos estão olhando para mim, até mesmo Flávia parece surpresa.

— É um *Ferragamo*, gente. É esse preço mesmo — sorrio, sem graça, mas parece que a minha desculpa não cola. Felipe é o primeiro a sair, e se antes ele me achava fútil, agora teve a certeza. Merda! Eu me levanto e saio, envergonhada.

Depois desse acontecimento, apesar de ser educado, Felipe pareceu menos interessado ainda. Na quinta-feira, eu já tinha certeza que ele mandaria uma mensagem cancelando o cinema, mas a sexta-feira chegou e ele não fez isso.

Às seis horas da tarde, já estou de banho tomado e escolhendo um *look* sensual; uma regata justa prata com um decote nas costas, uma calça *slim fit* escura e sandálias de saltos. Passo o perfume *Chanel N°5*, deixo meu cabelo cacheado solto e faço uma maquiagem marcante, mas não exagerada.

Assim que pego a minha bolsa, Monique me encara, mas não pergunta nada e acho isso perfeito. Sigo para o shopping com um som animado e acabo estacionando no primeiro piso, próximo à entrada. Saio do carro e sinto aquele frio na barriga.

E se ele não vier? Eu nunca levei um bolo antes e não será agora!

Tento manter a confiança e sigo direto para o terceiro piso, onde fica o cinema. Chegando lá, eu vejo Felipe. Ele está de bermuda, blusa escura e alpargatas. Mesmo tão casual, está lindo. Quando se vira e me vê, parece surpreso.

— Boa noite — diz, ainda olhando fixamente para mim.

— Oi — sorrio.

— Sei que deve estar acostumada a escutar isso, mas você está linda.

— Olha quem fala, o *galãzinho* da sala.

Ele sorri, sem graça, e sei que o meu comentário foi péssimo.

— Então, quer escolher o filme?

Olho as opções, mas não quero errar na escolha.

— Escolhe você.

— Tem certeza?

— Tenho.

Felipe escolhe um filme que aborda a luta das mulheres pelo direito ao voto. Na sala de cinema, tento assistir ao filme, mas só consigo prestar atenção nele. E ele, por outro lado, parece nem notar que estou aqui. Fico olhando para as suas mãos e pensando se deveria tentar me aproximar mais.

Isso é loucura. Ele só está aqui para retribuir a carona. Essa é a pior verdade que tenho que encarar e me sinto péssima por isso. Tem como a noite piorar? Impossível!

Após o filme, começo a agradecer pela noite ter chegado ao final.

Quando saímos do cinema, as lojas já fecharam.

— Espero que tenha gostado — ele diz após um longo silêncio.

— Gostei sim, obrigada. Acho que estamos quites.

Apesar de ele se oferecer para pagar o meu estacionamento, eu não aceito. E só então eu me dou conta que talvez ele não esteja de carro.

— Seu carro?

— Moro aqui perto, lembra?

— Ah sim, é mesmo! — Sorrio. Mesmo que eu morasse perto, não viria a pé. Ele me acompanha até o meu carro. — Quer uma carona? — Eu pergunto nem mesmo sei por quê. Eu espero ouvir a sua recusa, mas ao contrário disso, ele aceita.

Depois que eu me acomodo no carro, ele entra no banco do passageiro, então dou a partida e assim que saio do estacionamento do shopping, faço o retorno para deixá-lo em casa.

— Você não tem carro? — Ah meu Deus! Por que eu perguntei isso? Ele sorri.

— Sim. Mas somente eu tenho carro na minha casa, e como a minha mãe e a Mari foram passar o fim de semana no sítio com uns familiares, precisaram dele.

— Ah entendi, só tem um carro.

— Sim.

— Legal.

Ficamos em silêncio novamente, e assim que paro na frente da casa de Felipe, a minha língua começa a coçar para perguntar se ele tem algum problema comigo. Tento me controlar, mas ao me olhar no espelho, sei que não vou conseguir dormir com essa dúvida. Eu o ouço se despedir, então o observo sair do carro. E não me controlo mais, acabo o chamando e saindo do carro assim que ele se vira. Eu me aproximo do portão da sua casa, onde ele está parado, olhando para mim.

— Felipe, eu quero te perguntar algo.

— Pergunte.

— Tem alguma coisa contra mim?

Ele sorri e desvia o olhar.

— Se eu tivesse, não sairia com você. Não acha?
Eu fico olhando para ele sem entender. Que idiota, por que está fazendo isso?

Eu me viro, decidida a ir embora.

— Ísis, está tudo bem? — Ele toca o meu braço, me fazendo encará-lo novamente. Acho que ele percebeu a minha irritação.

De onde vem tanta obsessão?

Eu olho em seus olhos e toco o seu rosto, sentindo uma vontade louca de beijá-lo.

Não faça isso, Ísis. Esse cara não está a fim de você. Meu subconsciente me alerta, mas nem dou ouvidos. Eu quero muito beijar esse cara.

Eu vejo seus lábios se mexendo, e sei que ele está dizendo algo, mas eu não entendo. Seguro o seu rosto entre as minhas mãos e o beijo. E continuo o beijando até me dar conta do que fiz, então me afasto, envergonhada. Por que eu fiz isso?

— Desculpe-me — é tudo o que eu digo antes de correr para o carro e sair feito uma louca. Já na estrada, distante da casa dele, eu continuo sentindo uma vergonha enorme. Pior do que levar um fora, é beijar alguém à força. E estou tão confusa que nem mesmo sei se ele correspondeu.

Isso foi tão errado, e eu me sinto tão culpada. Droga!

Já em casa, eu queria receber uma mensagem de Felipe dizendo:

Ei, não se preocupe com isso. Está tudo bem!

Mas não há mensagem alguma, ele sequer está on-line. Eu queria também ter coragem para pedir desculpas, mas não tenho. Sou uma covarde. Eu não acredito que beijei um cara à força. Parabéns, Ísis, hoje você se superou.

Após um banho, tento esquecer, mas isso fica martelando na minha cabeça, então recorro à vodca que Monique deixou no armário. E como sou fraca demais para álcool, sobe rápido e acabo dormindo.

Acordo com uma dor de cabeça insuportável e com a Monique sentada na cama, me encarando.

— Pela garrafa próxima à sua cama, sei que não tem boa notícia.

Eu finjo não escutá-la e me reviro na cama, permanecendo nela por quase uma hora.

Quando crio coragem e olho o meu telefone, vejo que ele conversou no grupo. Eu não quero pagar esse mico de ter que me desculpar, mas é o mínimo que posso fazer.

Eu pego o telefone e vejo que ele não responde no grupo faz um tempo, acho que não está on-line. Ótimo! Oportunidade perfeita!

Oi. Sinto muito por ontem. Muito mesmo. Pode me desculpar?

Ele visualiza no mesmo instante, mas não responde.

Deus, deve existir um lugar reservado no inferno para quem visualiza a mensagem e não responde.

Uma vez que já paguei esse mico e me desculpei, eu desligo o telefone, mas só então noto que Monique observa tudo.

— É o Felipe, não é? — Ela pergunta e eu não confirmo. — Olha, o Fabio está a fim de você e tem outros caras também. Mas ele é o mais gostoso, e se eu fosse você, pegava.

— Quem é Fabio?

— Aí, Ísis. Você é sonsa mesmo. Não se lembra do Fabio? Aquele carinha lindinho da turma de Engenharia.

— Nem vem. Eu não quero encrenca, ele tem namorada. Inclusive, você é amiga dela, e me surpreende muito você me falar isso...

— Não é porque anda comigo, que é amiga minha.

— Tudo bem. Não está mais aqui quem falou.

— Certo, mas mudando de assunto, vai sair hoje?

— Não.

— Pode me emprestar o seu carro? Quero ir a um show com...

— Pode ir. Vou ficar em casa, só me devolva inteiro. Por favor.

— Valeu! — Ela sorri e eu fico pensando se ligo ou não o telefone. Quer saber, não vou ligar não, isso não é vida, e sinceramente, se ele não quer, tem quem queira! É isso!

Eu me levanto, decidida, mas após o café, estou com o telefone na mão e não tem merda nenhuma de resposta.

Como está a minha autoestima? Acaba de ser enterrada...

Capítulo 3

Existem várias maneiras de superar um fora. E após pensar em todas, chego à conclusão de que nenhuma surte efeito quando se trata da minha pessoa. Eu fico remoendo isso por horas e horas.

Tudo bem, um fora não é o fim do mundo. Felipe deve estar habituado a ter muitas garotas aos seus pés, e provavelmente, isso subiu à cabeça. E quer saber, toda a situação só me mostra que belo babaca ele é. E acho que acabei me livrando de uma enorme dor de cabeça. E se ele contar para alguém? Posso mentir na cara dura. É isso mesmo, a minha palavra contra a dele. Ótimo!

Respiro fundo e sigo com o meu domingo regado a muito sorvete de flocos e músicas de pé na bunda. Pelo menos, eu sei fazer isso da forma certa. E se tem uma coisa que eu vou mostrar para esse cara é que ele perdeu feio. Perdeu mesmo!

Ah merda! Lá se vão mais algumas horas e eu aqui, pensando nas minhas burradas. Porém, quando a porta se abre e Monique surge à minha frente, forço o meu melhor sorriso e finjo estar mais feliz do que a minha mãe quando perde peso. E apesar de pensar em Felipe como um vício, não dou bandeira, nem mesmo quando ela dá uma indireta.

Na segunda-feira, acordo uma hora mais cedo. Esse cara vai se arrepender por ter me esnobado. E se tem algo que eu sei fazer muito bem, é deixar idiotas babando. E ele não será exceção.

Escolho uma calça *boyfriend* preta, que fica perfeita com *cropped* justo com listras horizontais em preto e branco. Além de deixar o meu abdômen sarado de fora, ele realça e as minhas curvas. Sério, não tem como um cara não olhar. Meu corpo fica lindamente perfeito nesse *look*. Obviamente, uso saltos para complementar. Por fim, prendo o meu cabelo em um rabo de cavalo, escolho brincos pratas e faço uma maquiagem leve.

Sim, estou “*maravilhada*”. Essa é a palavra que meus pais sempre usam para me definir, e acho que agora começo a entender esse conceito. E tudo se confirma ao ver o olhar de inveja de Monique sobre o meu corpo.

— Uau! Quem será a vítima? Porque se isso não for para matá-lo, não sei para o que é.

— Você é hilária. Essa sou eu e o meu bom gosto — pisco para ela. —

Não demore muito para se arrumar, preciso chegar na hora.

— Falou a aluna exemplar. Me dê dois minutos que eu já desço.

Confiança e indiferença são as palavras certas para se dar a volta por cima. E quer saber, existem muitas pessoas que poderão me passar cola. Inteligência não é exclusividade dele, não mesmo.

Eu me olho pelo espelho uma última vez.

Sério mesmo, Ísis? Você acredita que está fazendo tudo isso pela cola? Jura que esse garoto não mexe com os seus neurônios e hormônios? Suspiro, ignorando os meus pensamentos. O plano mudou e não quero mais nada com ele.

Já no carro, com a minha falsa amiga de quarto ao lado, coloco os meus óculos escuros, ligo o som e escolho *Just Give Me a Reason*, uma música da *P!nk* com participação do *Nate Ruess*. Aumento o volume, e só então ligo o carro e sigo, cheia de confiança. Monique parece surpresa, mas se mantém calada.

Chegando ao estacionamento da faculdade, eu desligo o som, pego as minhas coisas, abro a porta e desço, reparando que estou sendo mais notada do que normalmente. Quando estou me aproximando da entrada, dou de cara com Felipe e Flávia. Ela fica boquiaberta e nem mesmo me cumprimenta. Caminho lentamente e tudo o que martela em meu cérebro é se devo ou não falar alguma coisa com eles.

Mas eu nem consigo olhar nos olhos dele e fingir que não estou envergonhada, então eu faço o que nunca se deve fazer ao levar um fora. Ignoro. Passo por eles e sigo direto para a sala, sentindo o olhar de Felipe em minhas costas. Não apenas o dele, mas o dele mexe comigo.

Ao me ver, Carol sorri.

— Bom dia. Você está linda — ela diz com simpatia.

— Obrigada, Carol. Você é um amor.

Carlos me cumprimenta, olhando descaradamente o meu corpo.

— Oi — retruco sem muito interesse.

Os últimos alunos entram e Felipe está entre eles, junto com a nojenta da Flávia. Deus, juro que não é só por ela ser próxima a ele, mas essa garota é insuportável. Ela sempre dá um “Bom dia, grupo” e logo em seguida “Bom dia, Felipe”, endeusando esse babaca.

Chega, Ísis. Pensar nele não é o objetivo aqui.

Todos sentam e o professor inicia sua aula. Eu quero muito prestar atenção, mas não consigo. Cada vez que Felipe olha para alguém ou sussurra

algo, me faz pensar que ele contou para todos o que eu fiz. Parece paranoia, mas acho que esse garoto está mesmo me deixando louca.

No intervalo, quero deixar claro o meu desinteresse, então me sento à mesa com Carol e logo o resto do grupo se junta a nós. Felipe se senta bem à minha frente. Inferno! Eu tento não encará-lo, e fica aquela coisa ridícula de olhar rapidamente quando ele não está prestando atenção. E para a minha sorte, Flávia aborda um tema que me dá a chance perfeita de enviar uma indireta para Felipe. Ela começa a falar sobre relacionamentos e Peu pergunta o que ela considera interessante em um cara, mas antes que Flávia responda, ele se vira e pergunta o mesmo para mim. Eu respiro fundo e vou com tudo.

— A lista é longa. Acho mais fácil dizer o que me faz perder o interesse — Peu sorri. Meu Deus, será que ele sabe de alguma coisa? Não me importo mais com isso. — Eu perco interesse rapidinho quando os babacas se acham. Sabe aquele tipo que ignora as suas mensagens, se sentindo superiores? Com esse tipo, eu nem perco meu tempo. São muito ridículos — Felipe me encara, e eu sei que falei mais do que deveria. Apesar disso, ele se mantém fora da conversa, e isso me mata.

— Concordo plenamente. Tem cara que se acha mesmo, e gente, é tão ridículo! — Carol cai direitinho no meu plano mesquinho de atingir o garoto. Eu tenho certeza que ele sabe que foi para ele, mas mesmo assim se mantém calado.

Quer saber, ele que vá à merda. Isso mesmo. Esse cara não vai brincar comigo, não mesmo. Antes que o assunto mude, eu peço licença e volto para a sala novamente.

Parece infantil. Na verdade, é infantil, e estou tão irritada por ter sido desprezada, que no decorrer da semana, em cada oportunidade que surge, eu tiro com o cara. E isso fica tão notório, que até a Carol, com toda a sua inocência, me pergunta se tenho algo contra o Felipe. Meu pensamento é que sim, claro que tenho. Ele me deu um fora! Mas eu coloco o meu sorriso mais falso e angelical no rosto, e com a minha imensa cara de pau, digo que não, que nem sei por que ela pensa isso. E como sempre, ela cai.

— Essa semana você parece bem irritada com ele.

— Nem reparei. Estou ansiosa pelo fim de semana, deve ser isso.

— Faltam dois dias, e ainda temos a prova na sexta-feira.

— Eu sei, quer dizer, nem sei como vou fazer. Essa matéria não entra na minha cabeça.

— Se quiser, posso passar cola para você. Apesar de não me achar um

gênio nessa matéria.

— Vou adorar, quero dizer, podemos conferir nossas respostas. Isso vai ajudar muito.

— Combinado. Ah, semana que vem vamos nos encontrar novamente para fazer o trabalho. Peço me avisou.

— Aham. Você dois estão ficando bem próximos, hein... — brinco e acho graça ao vê-la corar.

— Que nada. Bem que eu queria, mas ele me ignora o tempo todo e demora séculos para me responder no privado — diz, envergonhada.

— Pelo menos ele responde — falo, já me arrependendo por ter dito. — Não que eu tenha passado por isso, mas imagino que seja péssimo.

— É...

O professor pede silêncio e voltamos a prestar atenção na aula.

Quinta-feira chega e não traz nenhuma novidade. Na sexta-feira, eu concentro todas as minhas energias na prova, e depois de pegar a cola com as respostas da Carol, me sinto mais aliviada. As nossas respostas são as mesmas em muitas questões, e espero que estejamos certas. As que não coincidiram, eu preferi deixar como as fiz. E já no último horário, Carol me diz que foi Felipe quem passou a cola. Ele e Carlos. Merda! Por que eu não copiei tudo mesmo?

Ah, foda-se!

No caminho para casa, enquanto Monique vai cantarolando com a *P!nk*, que toca no som do carro, eu vou pensando em todo esse estresse que é a minha vida. E acabo chegando à conclusão de que preciso relaxar e que devo fazer isso da maneira certa. Comprando.

Chegando em casa, ligo para os meus pais, que me perguntam se a Monique não havia me dado o recado que estou com o cartão liberado. Papai e mamãe estão indo para um resort e como não estou no clima, dispensei sem pensar duas vezes.

Monique e eu passamos o restante da sexta-feira jogando conversa fora e vendo filmes. Ainda sou ativa no grupo, mas ignoro todas as vezes que Felipe opina, na verdade, estou atenta a ele, mas só não respondo.

Peço para a Monique fazer brigadeiro e ela me atende sem protesto algum, então sei que pedirá alguma coisa emprestada. E isso se confirma no sábado de manhã.

— Sei que hoje é sábado, mas você pode me emprestar o seu carro? Se não for precisar dele, claro — olho as horas. São nove e meia da manhã e ela

está pedindo o meu carro.

— Vai usar agora?

— Seria para usar à noite, se puder... — posso ir de táxi ao shopping sem problema algum, afinal, ela fez brigadeiro para mim.

— Tudo bem. Pode pegar.

— Sério?

— Sério — forço um sorriso e os meus pedidos continuam a serem atendidos durante o dia, até a hora que ela sai. Assim que fico com o apartamento só para mim, eu ligo o som bem alto e começo a arrumá-lo, colocando as coisas no lugar e lavando as louças que estão na pia. Não que isso seja habitual, mas quero ocupar o meu cérebro.

O que está acontecendo comigo? No que esse garoto me transformou? Por que ele mexe comigo dessa forma? Tudo isso por que me deu um fora?

Acho que tentar me entender é uma tarefa árdua até mesmo para mim. E quando termino de secar e guardar as louças, rio ao perceber que meus pais chamariam isso de milagre, já que nunca fiz isso em casa.

Talvez isso faça parte do processo de amadurecer. Aqui, eu e Monique temos que nos virar. Tudo bem que precisa de uma faxina, mas não está um caos completo.

Confiro as horas e vejo que são quase oito da noite. Ninguém falou mais nada no grupo do trabalho desde ontem, depois da prova. Hoje é sábado e todos saem no sábado. Dou uma olhada nos meus contatos e sei que alguns caras sairiam comigo, mas acabo me detendo na foto do bendito. E bate aquele ego ferido, porque sei que ele não sairia. Ele está tão fofo nessa foto, com uma carinha de cachorrinho pidão.

Não, chega!

Tomo um banho e me arrumo em quinze minutos. Não capricho muito como sempre faço, apenas visto um conjunto de lingerie, camiseta, calça e tênis. Eu me olho pelo espelho e gosto da versão simples de mim mesma. Solto o cabelo, passo apenas um batom e chamo um táxi. Quando ele avisa que já chegou, eu pego a minha bolsa, tranco a porta e sigo com a intenção de torrar o dinheiro do meu pai com coisas que não preciso. Mas, nesse momento, me faz sentir bem.

Sentir o ar do shopping é revigorante, melhor ainda é entrar nas lojas e comprar. Calças, blusas, vestidos, sapatos e biquínis. Sim, estou levando biquínis.

No final das compras, estou cheia de sacolas e continuo sentindo aquela

deprê. Decido que para aliviar esse vazio, eu preciso de um sorvete. E aqui estou eu, com várias sacolas e tentando tirar dinheiro da bolsa para pagar o sorvete, enquanto a atendente do caixa espera impaciente.

— Aqui! — Felipe para ao meu lado e paga o sorvete. Ele está carregando uma sacola do *McDonald's*. Eu congelo ao vê-lo, está vestindo calça jeans, camisa polo e tênis. — Posso te ajudar a carregar as sacolas? — Fico igual a uma idiota sem saber o que responder. Ele apenas pega a maioria das sacolas da minha mão.

— Obrigada — finalmente sussurro algo. Deus! Estou tão sem graça. Por que, depois de tudo, ele está se comportando assim?

— Posso deixar no seu carro. Em qual estacionamento ele está?

— Estou sem carro. Emprestei para a Monique, então vou chamar um táxi.

— Ah, tudo bem. Hoje estou com o meu e posso te deixar lá, se quiser.

— Não quero incomodar, eu... — as palavras fogem.

— Não é incômodo, Ísis. Já fez isso por mim, lembra?

Ele vai andando e eu o sigo. No estacionamento do shopping, Felipe para em frente a um *Fox* preto, abre o porta-malas e coloca as sacolas, então se vira para mim, esperando que eu coloque as outras.

— Veio comprar um lanche? — Tento parecer indiferente a todas as indiretas - bem diretas - que joguei para ele no decorrer da semana. Se ele quer fingir que está tudo bem, posso fazer isso também.

— Na verdade, estava em outro lugar, mas a minha mãe pediu para passar aqui e comprar um lanche para a gente. E você veio esvaziar as lojas, não é? — Ele brinca e eu ignoro isso.

— E não vai te atrapalhar me levar lá?

— Não mesmo, relaxa — ele me dá um sorriso que faz com que eu me arrependa por ter sido tão infantil.

Eu entro em seu carro e ele faz o mesmo, então se vira e me dá um sorriso, logo em seguida dá a partida.

— Acha que foi bem na prova? — Ele pergunta, já saindo do estacionamento. Eu olho para ele. É tão lindo, merda! — Ísis, está tudo bem?

— Não sei, quer dizer, não sei se fui bem, mas estou bem — forço um sorriso.

— Você é uma comédia!

Ficamos em silêncio e eu tento segurar a minha língua, mas sei que não vou conseguir. Merda! Respiro fundo, tenho mesmo que perguntar, então lá

vai.

— Qual é a sua, Felipe?

Ele ri. Que droga de garoto lindo!

— Na verdade, quem deveria perguntar isso sou eu, não acha?

— Como assim? Não estou entendendo.

— Vamos lá. Estudamos juntos desde o primeiro período, e você nem me enxergava naquela sala. Daí, no segundo período, você se aproximou, me deu uma carona e passou a agir de maneira estranha. Eu percebi que você é meio doidinha, mas eu convivo com uma irmã louca, então, até aí tudo bem. Nós fomos ao cinema e depois você... — ele morde os lábios e parece se divertir ao se lembrar daquilo, mas ainda assim não me encara, mantendo a sua atenção no trânsito. Estou me sentindo péssima, mas gosto de ouvi-lo falar. É a primeira vez que conversa de verdade comigo. — Eu percebi que iria me beijar e não tentei em nenhum momento impedi-la, mas, do nada, você parou e saiu feito louca. Eu não entendi o que estava acontecendo. Deixei para lá, mas na manhã seguinte, você me mandou uma mensagem pedindo desculpas. Isso me deixou mais confuso ainda. Por que estava me pedindo desculpa? Pensei, essa garota é louca, melhor deixar isso para lá. E realmente achei que você tinha esquecido, mas você passou a se comportar como se eu tivesse feito algo errado. Então, eu que pergunto, qual é a sua? Porque, sinceramente, eu não entendo.

— Nossa! — Falo de supetão.

— O que foi agora?

— É que ouvir você falando, parece que eu realmente me comportei como uma louca — ele ri. Estamos próximos ao meu apartamento e estou mais sem graça ainda.

— O que aconteceu para agir assim? — Sua pergunta me faz encará-lo.

— Eu não sei. Na verdade, eu meio que fiquei a fim de você e achei que você estava me ignorando. Naquele dia, acreditei que havia me dado um fora, e que eu tinha te forçado a me beijar, e me senti mal por isso.

Ele volta a sorrir.

— Sabe, Ísis, minha mãe sempre diz que o problema das pessoas que falam demais, é que escutam de menos. Naquele dia eu disse a você, antes de me beijar, que não precisava de permissão, para ir em frente.

— Então não foi à força?

— Claro que não!

— E também não me deu um fora?

— Você é louca. Quem daria um fora em você?

— Não sei. Acho que as coisas estão começando a fazer sentindo — provavelmente estou com cara de boba, porque ele volta a rir.

Felipe estaciona na lateral do meu prédio e acho estranho não parar na portaria.

— Chegamos — ele diz e ainda estou meio aérea com todas essas revelações. Eu senti toda a dor de um fora sem ter levado um. Nossa!

Felipe sai do carro e depois abre o porta-malas. Eu saio do carro, mas tudo parece em câmera lenta. Ele pega as sacolas e me entrega.

— O que foi? — Ele pergunta, ainda com um sorriso no rosto.

— Não sei. Acho que fiquei parecendo uma neurótica. Sei lá.

— Ei, relaxa. Está tudo bem, foi apenas um mal-entendido.

— Mas, e se você inventou tudo isso só para que eu ache que não levei um fora, quando, na verdade, levei?

— Quer que eu prove isso?

— Não tem como provar, sei lá, é...

Felipe não me deixa terminar. Ele fecha o porta-malas, se aproxima de mim, perto demais e olha em meus olhos. Depois sorri e sei que ele vai me beijar, então deixo todas as sacolas caírem no chão e fecho os olhos. Sinto seus lábios quentes em um beijo que começa cáldido, mas assim que a sua língua toca a minha, se torna intenso. E acho que começo a perder o fôlego. Ele me pressiona contra o carro e coloca a mão na minha nuca. Pensei que seria um beijo lento, mas ele se torna possessivo, exalando desejo. Sem perceber, suas pernas se encaixam entre as minhas, e eu me aconchego mais ao seu corpo, me deixando totalmente inebriada. Parece que ele quer me mostrar o quanto se importa e me deseja. Felipe me faz sentir todo o seu corpo exercendo uma pressão sobre o meu, e eu me entrego totalmente ao beijo. Quando volto à realidade, suas mãos safadas estão percorrendo o meu corpo, eu até tento impedi-lo, mas ele é esperto demais.

Como assim? Cadê aquele garoto educado e santinho?

Felipe continua me beijando e eu sinto a sua mão vagar da minha cintura para o meu bumbum e não acredito que ele está fazendo isso. Mas como ele beija tão gostoso, não consigo pará-lo. Eu vou ao delírio quando ele começa a beijar o meu pescoço. Logo em seguida, sinto suas mãos na minha pele, por baixo da minha blusa. Felipe se atreve a beijar o meu colo, enquanto sinto suas mãos deslizando em cada centímetro do meu corpo. Quando ele leva sua mão ao meu sutiã, eu respiro fundo e o afasto.

— Que tal irmos mais devagar? — Falo, ofegante. Ele sorri e esse sorrisinho safado me mata.

— Não vai me dizer que a garotinha louca é tímida? — Ele me encara e não espera a minha resposta, volta a me beijar. Quando estou com seus lábios entre os meus dentes, dou uma leve mordida, e isso o faz se afastar imediatamente.

— Sem mordidas, tudo bem?

Sorrio.

— É sério, Ísis — diz em um tom calmo.

— Tudo bem — voltamos a nos beijar e desisto de controlar as suas mãos, mas tudo se complica quando sinto a sua ereção. Que loucura! Será que ele está tão louco quanto eu?

Somos interrompidos com o som do seu telefone tocando, e isso ocorre seis ou sete vezes.

Finalmente, já quase loucos, ele para e se afasta.

— Tenho que ir...

Que droga! Como um cara faz isso? Tira o seu fôlego, a deixa louca e depois diz que tem que ir.

— Ainda temos tempo — falo, envergonhada. Ele acaba soltando uma risada.

— Eu adoraria ficar, mas a minha mãe está me ligando. Estou com o nosso jantar e elas vão me matar se eu demorar muito.

Solto um suspiro, frustrada, e arrumo a minha blusa. Eu me abaixo para pegar as sacolas, mas ele não me ajuda, fica somente me observando com desejo. Assim que termino de juntá-las, Felipe se aproxima e me dá outro beijo.

— Boa noite. Durma bem.

Então é só isso? Boa noite e durma bem? Tudo bem, vamos lá!

— Boa noite, Felipe. Sonhe comigo — provoco e ele me dá um sorriso lindo.

— Com toda a certeza. Até segunda-feira, garota louca!

— Até, garoto que se finge de santo, mas de santo não tem nada.

Ele sorri descaradamente.

— Você ainda não viu nada — ele dá uma piscadinha.

Eu não respondo, só o vejo entrar no carro, então ele buzina e sai. Sorrio feito boba, enquanto espero o carro desaparecer pela rua.

O que foi isso? Loucuras da vida!

Subo rapidamente para o meu apartamento, satisfeita com as minhas compras. Mas não foram elas que curaram a minha *deprê*, e a pergunta que fica é: será que vai acontecer de novo? Acho que somente a segunda-feira me dará a resposta...

Capítulo 4

Depois de horas, eu juro que ainda consigo sentir os lábios dele. Não sei explicar, vai além de beijar maravilhosamente bem. Ele tem aquela magia, e não é só isso, é inteligente, dedicado. E talvez eu queira me aprofundar nisso. Posso estar me enganando, não sei. Mas quero algo mais. Mas, se para ele foi tão bom quanto para mim, por que disse até segunda-feira? Por que não amanhã?

Qual é, Ísis? O cara tem uma vida, provavelmente ele já tinha planos para esse fim de semana. E não é porque você sentiu toda essa química, que ele tenha sentido o mesmo.

Apesar da minha enorme satisfação e ego novinho em folha, estou confusa sobre isso. Porque olhando por esse lado, continuar com alguém que conseguiu mexer com você, é o mesmo que pedir para se apaixonar. E isso só dá merda. Então, talvez seja melhor apenas um beijo, somente boas lembranças sem envolver nenhuma desgraça que a paixão traz.

Sério? Eu acabei de beijar um cara e já estou considerando a opção de me apaixonar? Não, definitivamente não!

Fico vendo o tempo passar, enquanto revivo os nossos beijos, agarrada ao meu travesseiro. Escuto barulho de chave, e em seguida Monique surge no quarto. São mais de duas da manhã, e ela se surpreende ao se deparar comigo acordada, então se aproxima e eu não escondo que estou olhando a foto do Felipe com um sorriso bobo no rosto.

— Que viagem é essa? Eu perdi alguma coisa? — Sua curiosidade evidente me motiva a contar.

— Adivinha quem beijou quem?

Ela sorri, mas sua cara de decepção está bem evidente, e sinceramente, eu gosto disso. Às vezes acho que ela tem inveja de mim, que não é tão minha amiga como eu quero acreditar.

— Sério? Ficou com esse cara? — Ela parece ainda mais indignada.

— Sim! E agora falo com conhecimento de causa. O beijo dele vicia.

— *Putz*, me surpreendeu mesmo. Mas e aí, estão juntos ou ele já te dispensou? — Seu tom de deboche me irrita, mas não deixo que a sua inveja me deprima, pelo contrário, eu solto uma gargalhada. Eu queria ter uma

resposta, mas como nem mesmo sei o que vai rolar, eu a ignoro como se tivesse escutado algo absurdo. — Olha, Ísis — ela joga a chave do carro na minha cama. — Não sei o que rolou de verdade, mas vou te dar um conselho como amiga. Não se sinta mal se na segunda-feira ele se comportar como se nada tivesse acontecido. Isso não é inveja, apesar de já querer ter beijado aquele cara, mas vocês não têm nada a ver, e não acho que isso seja sério.

— Monique, foi apenas um beijo. E do jeito que você está falando, parece que torce mesmo para que eu me dê mal. Qual é?

— É, você tem razão. Acho que viajei legal, mas, e aí, como foi? — Ela tenta mudar o assunto.

— Primeiro, me diz por que me acha tão diferente dele? Qual é o verdadeiro problema aqui?

— Não tem problema, estou apenas encarando a verdade. Você não tem nada na cabeça e o cara é todo certinho. Você é promíscua, ele é sério e se quiser, eu continuo com a enorme lista de diferenças, mas acho que já deu para perceber, não? — Monique está irritada, não sei se o fato de eu ter ficado com Felipe provocou isso ou algo que aconteceu antes.

— Eu sou promíscua? — Sua afirmação me deixa indignada, então é isso que ela fala de mim pelas costas? — Monique, eu não sei o que andou bebendo, mas estamos falando de mim e não de você. Como posso ser promíscua se tive um único namorado durante toda a minha vida? Ao contrário de você, que parece ter perdido a conta, não é?

Ela fica sem graça. Eu queria saber qual é a dessa garota.

— Eu quis dizer promíscua no jeito que você se veste, anda. Você passa essa impressão. Me desculpe se soou ofensivo — ela tenta remediar.

Eu não respondo nada, só apago a luz do abajur e me viro de lado. Eu nunca imaginei que ficar com o Felipe causaria essa reação nela. Mas tem um fundinho de verdade no que ela disse. Não sei o que vai acontecer daqui para a frente, então é melhor não me iludir.

Depois do nosso pequeno impasse, nós ficamos em silêncio, e mesmo não querendo, acabo dormindo primeiro.

Quando acordo no domingo de manhã, eu olho para a cama dela e vejo que já se levantou. Após um banho rápido, eu me preparo para mais um dia entediante.

Chegando à cozinha, eu me surpreendo ao ver a mesa do café posta. Ela fez chocolate quente e como tem bolo de chocolate em cima da mesa, concluo que foi à padaria.

Eu preparo um chá e como um pedaço de bolo. Levo um susto quando ouço a sua voz atrás de mim.

— Não quis o chocolate?

— Acordei com cólica e preferi um chá. Obrigada — eu minto.

— Ísis — ela se aproxima. — Desculpe-me por ontem, eu tive uma péssima noite e...

— Olha, esquece. Você disse coisas que não deveria e eu também. Então está tudo bem. É melhor esquecer.

— Mas, e o cara, te mandou alguma mensagem? — Ela insiste e não sei por que quer saber. Queria poder dizer que não olhei o meu telefone, ou que Felipe não estava on-line, mas seria uma mentira.

— Não.

O assunto morre e nosso domingo passa entre conversas evasivas e mentiras de que somos amigas. À noite, eu pego o telefone e vejo que Peu deu um boa-noite ao grupo, Carol foi a primeira a responder. Eu sorrio ao imaginá-la fazendo isso, como é muito tímida, deve estar com vergonha pela atitude.

Seguindo a onda do boa-noite, eu mando o meu ao grupo. Carlos faz o mesmo e sugere a data do próximo encontro para o trabalho, e como todos concordam, fica marcado para quarta-feira. Mesmo querendo muito desejar um boa-noite para o Felipe, não faço isso ao me lembrar de ele falando que eu parecia uma louca. Quando já estou sendo vencida pelo sono, chega uma mensagem dele.

Oi, boa noite!

Levo alguns segundos para perceber que não é no grupo, e sim no privado.

Oi

Vejo que ele está digitando e me sinto boba por ver minha chama reacender.

E como foi o seu fim de semana? Ou melhor, seu domingo?

Bem, e o seu?

Normal...

Não sei o que dizer, não consigo processar nada. Como não continuo a conversa, ele manda outra mensagem.

Ísis, boa noite. Vou dormir agora, foi bom falar com você! Até amanhã!

E mais uma vez a chama da minha esperança se apaga. E a conversa termina assim, sem eu nem ter a chance de continuar. Agora eu não entendi qual é a do Felipe. Ele mandou uma mensagem só por educação ou está a fim?

Não fico pensando muito nisso e coloco o telefone de lado. Ao me virar, dou de cara com Monique me observando.

— Ele mandou uma mensagem? — Sua pergunta ecoa pelo quarto.

— Não, era o grupo — minto novamente.

O silêncio traz o sono, e depois tudo o que escuto é o despertador me indicando que a segunda-feira está nos chamando de volta à vida.

Apesar de querer dizer que não, as palavras de Monique surtem efeito em mim. Eu fico um tempo olhando para o meu guarda-roupa, sem saber o que vestir. Escolho uma blusa mais comportada e uma calça jeans qualquer e pego o telefone antes de seguir para o banheiro. A minha víbora de quarto já está de pé e vai direto ao banheiro, mesmo sabendo que eu estava prestes a entrar ali. Papai e mamãe me mandaram mensagens desejando um bom-dia junto com declarações de amor, então respondo as mensagens desejando o mesmo.

Quando Monique sai, eu corro para o banheiro e me arrumo o mais rápido que posso. Ao me ver pronta, ela dá uma risadinha. Eu sei bem o que isso significa, vitória para ela que agora sabe que as suas palavras surtiram efeito em mim. Mesmo assim, dou uma carona para ela até a faculdade, mas não colocamos nenhuma música no trajeto, seguindo em um silêncio melancólico.

Como estou em cima da hora, vou direto para a sala de aula. A maioria dos alunos já está em seus lugares, e eu nem mesmo consigo ver Felipe.

Estou com vergonha! Merda!

— Oi — cumprimento Carol.

— Oi. O que aconteceu com você?

— Nada, por quê?

— Está diferente. Continua linda, mas está comum.

Eu dou um sorriso sem jeito. O comum para ela, significa mal-arrumada para mim.

Quando eu me olho pelo pequeno espelho do meu fichário, vejo que esqueci de pentear o cabelo, e às pressas, eu faço um coque. Agora sei o porquê da risada da Monique, aquela vaca nem para me avisar.

A professora inicia a aula e de cara propõe uma atividade em dupla, e para que não percamos tempo, sugere que seja com o colega ao lado. E quem está ao meu lado? Flávia. Respiro fundo e fico esperando que ela se aproxime, mas levo um susto quando Felipe se senta na cadeira ao lado. Eu me viro para ela, que diz descaradamente.

— Valeu, Felipe — eu fico sem graça e me sinto mal por sua atitude mesquinha. Ela é tão idiota!

— Se for por ter que fazer a atividade com a Ísis, sou eu que agradeço — a resposta dele, além de incrível, a faz ficar sem graça. Ela se levanta e vai se sentar com a Carol bem atrás de nós. Eu não disse nada, mas quase me levantei e o aplaudi de pé.

— Devo ser insuportável, não é? — Sussurro assim que ele se acomoda ao meu lado. Ele não me encara, mas sorri.

— Sinceramente, eu te acho muito suportável — respira fundo. — Mais uma semana, que Deus nos ajude!

Finalmente ele me encara. É tão lindo! Parece um sonho que eu o tenha beijado. Quer dizer, ele me beijou.

A professora volta a falar e Felipe se vira em sua direção. Ela passa as instruções da atividade e perguntas avaliativas sobre o conteúdo da matéria. Sinto um alívio por Felipe fazer dupla comigo. E ao contrário de mim, que continua observando-o, Felipe mantém sua atenção na professora, e começo a desconfiar que não provoço nele as mesmas sensações que ele provoca em mim. Enquanto minha respiração oscila pela proximidade, a dele parece normal. E mesmo ao meu lado, ele está focado na explicação dela. Sinto o seu perfume, e começo a gostar do que ele provoca em mim.

Flávia não para de cochichar atrás de nós e sei que Carol me contará tudo depois, mas se ela soubesse que me fez um favor, se arrependeria por não ter se sentado comigo.

Olho para as mãos de Felipe e sorrio ao lembrar que elas vagaram pelo meu corpo. E pensando nisso, ele não parece o mesmo cara safado que me levou à loucura sábado à noite. Quando volto meu olhar para o seu rosto, eu o

encontro me encarando. Estamos tão próximos que quero beijá-lo, e esse pensamento me deixa excitada. Eu sinto um arrepio deslizando pelo meu corpo, e antes que Felipe perceba, eu me viro para a professora. A minha atitude o faz sorrir e eu acabo sorrindo junto. Sinto o seu olhar descer rapidamente pelo meu corpo, e noto o sorriso de canto, mas sua atenção se volta novamente para a professora Eliza. Quando Eliza se cala, eu me sinto perdida sobre o que realmente fazer, mas Felipe parece saber.

— Estou com tanto sono, que nem sei o que estou fazendo aqui — ele desabafa.

— Achei que tinha dormido cedo.

— Tentei, mas perdi o sono e fiquei até às quatro conversando no telefone. E agora, tudo o que penso é em estar na minha cama.

— Não tem lugar melhor que a cama, não é?

Ele dá um sorriso safado e sei que viu maldade no que eu disse.

— Eu quis dizer dormir em uma cama — sussurro.

— Eu sei. E então, você tem o livro?

— Qual livro?

— Da matéria. Caso contrário, vamos ter que tirar cópia. As perguntas estão no livro.

— Tenho, mas não trouxe. Eu saí atrasada hoje.

— Vou pedir o livro da Flávia emprestado e tiramos uma cópia. Pode ser?

Não interponho. Felipe se vira e pede o livro para a Flávia, e como Carol também tem um livro, ela libera sem problemas. Mas, mesmo que Carol não tivesse, ela emprestaria para ele, tenho certeza disso.

— Vou lá tirar xerox. Quer ir junto?

— Vamos.

Felipe diz para a professora que iremos tirar as cópias e ela acaba perguntando se mais alguém da sala precisa. Alguns alunos pedem uma cópia também, então lá vamos nós. Por fim, ela nem questiona o fato de eu ir junto. Na secretaria, enquanto a secretária tira as cópias, Felipe volta a sua atenção para mim. É estranho isso. Nós nos beijamos feito loucos no sábado e agora parecemos apenas conhecidos. Eu já experimentei esse lance de ficar com o Erick e não curti muito. Sempre tive um namorado. Eu conheço muito pouco do Felipe, somente as coisas que as pessoas falam, e o pouco que ele me contou.

— Vamos?

Sua voz interrompe os meus devaneios, então seguimos para a sala de aula, mas, no caminho, Felipe para no bebedouro. Eu o acompanho automaticamente, e sorrio ao me lembrar do desastre que foi a última vez que estivemos ali.

Ao terminar de tomar água, ele se vira para mim.

— Você parece uma bonequinha. Já te falaram isso?

Dou um sorriso, envergonhada.

— A maioria das bonecas é loira e de olhos azuis — resalto, mostrando que está errado.

— Eu fiquei internado uma vez, na verdade, foram várias vezes, mas dessa vez foi na época do Natal e o médico me deu alta para passar o Natal em casa. Minha mãe sempre ficava comigo, e Mari com a nossa avó. Indo para casa, ela parou em frente a uma loja de brinquedos e acho que, para me animar, pediu que eu ajudasse a escolher um presente para a Mari. Na época, eu tinha sete ou oito anos, não me lembro direito. Nós estávamos em um corredor da loja que só tinha bonecas, e como você disse, em sua maioria, loiras. Mas no meio de tantas, eu achei a bonequinha perfeita. Ela era negra com o cabelo cacheado, olhos castanhos e expressivos. Eu apontei para ela e a minha mãe aprovou a escolha imediatamente, na verdade, nós dois nos apaixonamos pela boneca assim que a vimos. E no primeiro dia de aula da faculdade, eu me lembro que você chegou atrasada, e quando a vi, pensei estar vendo a versão humana daquela bonequinha. Na minha cabeça, eu passei a me referir a você como a garota bonequinha — ele sorri, achando graça de si mesmo.

— Mas agora me chama de Ísis, certo?

— Agora sim, Ísis — sorri. — Mari tem a boneca até hoje, foi a única que ela guardou. Esses dias, durante o jantar, eu disse que conheci a versão humana da boneca e que o seu nome era Ísis.

Eu acho tão lindo o modo como ele fala, que poderia ficar a tarde toda escutando-o. E amei saber que ele me vê como uma boneca.

— Que ironia. Hoje estou péssima, saí atrasada, provavelmente estou o oposto da boneca — eu brinco. Felipe se aproxima, olha em meus olhos e vejo a sinceridade nos dele.

— Você é linda, Ísis. E não é a sua maquiagem que me diz isso — sorri. — Acho melhor irmos — sugere.

— Sim — falo, mas internamente discordo disso.

Chegamos à sala e ele não toca mais no assunto, só se concentra nos

exercícios. Assim que somos liberados para o intervalo, Felipe se afasta e aproveita para dormir. E nada mais acontece.

Eu não sei o que é essa sensação de querer mais e não ter coragem de ir em frente. Ele é um enigma. Um atraente e sedutor enigma.

Na terça-feira, tudo é tão corrido que não tenho tempo nem mesmo para conversar. E como o elevador demora para chegar, resolvo ir de escada mesmo. No corredor do nosso andar, Monique e eu conversamos sobre uma possível faxina no apartamento, e em algum momento, eu me distraio e desabo no chão.

— Merda!

— Está tudo bem, Ísis? — Monique me ajuda a levantar e percebe que estou mancando.

— Está sim. Acho que torci o pé direito.

— Quer ir ao hospital?

— Não, mas pode abrir a porta?

Monique abre e eu sigo direto para o nosso quarto. Meus pais me ligam assim que me sento na cama, então conversamos sobre as notas e como tenho me comportado. Depois de algum tempo, nos despedimos com beijos.

Almoçamos e eu passo a tarde toda em frente ao computador. No grupo, cada um faz uma parte, e eu quero adiantar a minha. Não sei se foi porque me concentrei no trabalho, mas quando me levanto da cadeira, sinto uma dor terrível no pé ao me apoiar nele.

Droga! Ele está uma bola. Eu chamo a Monique e peço ajuda.

— Olha, pela cara disso, acho melhor ir ao médico — ela adverte.

— Tem razão. Acho que não consigo dirigir, você pode me levar?

Ela confirma que sim, então seguimos para o hospital. Depois de uma consulta e uma radiografia, o médico confirma que foi apenas uma torção, mas pede repouso e diz para evitar movimentos bruscos com o pé. Logo em seguida, ele receita alguns medicamentos para dor e recomenda compressas.

Assim que voltamos para o apartamento, eu ligo para os meus pais. Papai quer vir me ver de qualquer maneira, e somente depois de conseguir explicar para a minha mãe que estou bem, ela o convence de que não há necessidade disso.

Quanto a ir à faculdade, não preciso me preocupar, uma vez que Monique se ofereceu para me levar. Mas quando a quarta-feira chega, a dor e o inchaço no meu pé me fazem desistir de ir. Carol me manda mensagem perguntando por que faltei, então conto tudo a ela e mando uma foto, e ela me lembra da

reunião do grupo. Eu digo a ela que tomarei os medicamentos e estarei melhor na parte da tarde, e que Monique irá me levar.

Quando Monique chega, já estou morta de fome. Como prometido, ela trouxe o almoço, que eu devoro rapidinho. Ela também trouxe um par de muletas e isso ajuda a me locomover melhor.

O telefone vibra assim que chegam as mensagens de melhoras no grupo. Mas a que mais me anima é a que recebo de Felipe, no privado. Além de desejar melhoras, ele se disponibiliza a me ajudar. Ele é tão fofo, mas dessa vez não quero forçá-lo a nada.

Depois de tomar os medicamentos, vou para o quarto e Monique ajuda a me trocar. Eu escolho um vestido casual não muito justo e que cobre mais da metade das minhas coxas e apesar de ser de alça, ele não é decotado. Eu penteio o cabelo e passo apenas um batom.

Já são quase três horas, então pego as muletas e Monique me ajuda a descer. Em frente à faculdade, ela promete vir me buscar assim que eu ligar. E lá se vamos, eu e as minhas muletas.

Assim que chego à biblioteca, vejo que estou atrasada, uma vez que todos já chegaram, inclusive o “colírio”, como Carol diz. Ela é a primeira a sorrir e me cumprimentar. Eu gosto dessa garota. Em seguida, o resto da turma faz o mesmo, mas eu só escuto o “oi” do Felipe.

Após me acomodar, eles continuam a falar sobre o trabalho. Flávia, Carlos e Felipe discordam sobre o desenvolvimento, e como não é a minha parte, fico apenas observando aonde isso vai dar. E quando finalmente entram em acordo, são quase cinco da tarde. Então combinamos que tudo deve ser enviado por e-mail para que eu possa organizá-lo. Eu ligo para a Monique, ela não me atende. Que merda!

— Quer uma carona, Ísis? — Carlos oferece.

— Obrigada, mas Monique está vindo me buscar.

Felipe nos escuta, se despede e é o primeiro a sair. Ele segue para o estacionamento, e eu para o ponto de ônibus. Como está vazio, eu me sento. Andar de muletas definitivamente não é a minha praia. Pareço uma criança desengonçada.

Vejo Flávia e Carol passarem de carro, e Carlos é o próximo. Tento mais uma vez ligar para a Monique, mas chama até cair no correio de voz. Um carro passa e buzina, deve ser Peu com Fernando, eu apenas aceno.

Mais alguns minutos passam e nada da Monique atender.

Será que aconteceu alguma coisa?

— Tem certeza que não quer uma carona? — Felipe surge diante de mim, me dando um susto.

— Estou tentando falar com a Monique, mas ela não atende.

— Vamos, posso te deixar lá.

Eu acho chato aceitar a carona dele, uma vez que recusei a de Carlos, mas nem mesmo sei que horas Monique irá decidir atender ao telefone. Suspiro, frustrada, ele ainda está parado esperando a minha resposta.

— Tudo bem, obrigada.

Seguimos até o seu carro, que está próximo ao ponto.

— Achei que você já tivesse ido embora.

— Minha mãe me ligou quando eu estava no estacionamento, e então eu a vi sentada aqui e imagino que você queira descansar.

— Sim, quero mesmo e já está escurecendo.

Ele abre a porta do carro e me ajuda a sentar, em seguida, pega as muletas e coloca no banco de trás.

— Obrigada — falo assim que ele se senta no banco do motorista.

— Foi ao médico?

— Fui, é só uma torção.

Ele liga o carro e seguimos para a rua. Eu não sei o que acontece entre a gente, mas uma vez que fico horas pensando nele, prefiro não o encarar para não alimentar ainda mais as minhas fantasias, e acabo mantendo os meus olhos nas ruas que passam.

Felipe chega rápido, e estaciona na lateral do prédio, no mesmo lugar onde ficamos pela primeira vez.

— Você tem algum compromisso agora? — Sua pergunta ecoa pelo ar. No som está tocando *Legião Urbana, Vento no litoral*.

— Não. Por quê?

Eu finalmente olho para ele, mas não diretamente em seus olhos. Acho uma droga a maneira como ele mexe comigo, e por um minuto esqueço até mesmo a dor do meu pé. Felipe desliza o seu banco para trás e se vira para mim, olhando diretamente nos meus olhos. Que droga de imã ele é!

— Imagino que esteja uma fera com a sua amiga, mas imprevistos acontecem.

Vejo seus lábios se mexerem, nem estava pensando em Monique, e sinceramente, não quero pensar.

— Não. Na verdade, estava pensando por que você faz isso. É tão confuso, não sei aonde quer chegar.

— O que eu faço? — Ele pergunta, mas não espera a minha resposta.
— Sabe aquela sensação de que irá se arrepender ao se envolver com uma pessoa?

— Sei, acho que sim — sussurro sem entender.

— Tenho certeza disso quando penso em você, e mesmo assim, eu continuo pensando. Isso é ser estúpido, não acha?

— Por que tem certeza?

Felipe desvia o olhar e respira fundo, mas não responde.

— Sei que posso parecer louca, e às vezes até sou, mas não quer dizer que se envolver comigo seja um desastre iminente — falo sem reserva. Droga, acho que deixei claro que quero continuar com ele.

Felipe fica apenas me observando, minha respiração começa a ofegar e sinto as mãos suarem. Eu não sei o que ele pretende, ou se está apenas brincando. Não consigo ler os sinais.

— Felipe, eu não tenho certeza do que acontece entre a gente. Mas é algo diferente, só sei que todas as minhas dúvidas desaparecem quando olho para você. Mas você não dá nenhum sinal, é estranho.

A última declaração o faz sorrir.

— Desculpe, não queria parecer um cara estranho.

— Não precisa se desculpar, eu...

— E como você quer continuar isso? — Sua pergunta me desarma, porque eu não me fiz essa pergunta ainda, e o simples fato de ouvi-la, me deixa temerosa. A questão não é como eu quero continuar, mas para onde isso pode nos levar.

— Eu não sei, eu...

— Pode ser um dia de cada vez, apenas acontecendo...

— Quer dizer, sem compromisso?

— Não entendi — ele diz, confuso. Eu desvio o olhar, que mancada, está claro que ele não é assim.

— Um dia de cada vez, concordo — sorrio timidamente. Não sei bem o que isso significa, mas vou deixá-lo conduzir a situação.

— Quer dividir o banco comigo? — Ele sugere com um sorriso safado.

Eu me aproximo e Felipe me ajuda a sentar em seu colo, em seguida coloca os meus pés apoiados no banco onde eu estava. O seu olhar se volta para o meu rosto, mas desce descaradamente para os meus seios. Eu sorrio e ele desvia o olhar por um instante, voltando a me encarar e deslizar o polegar em meus lábios.

— Acho que você gostou mais da boneca que a sua irmã — eu provoco.

Ele aproxima seus lábios dos meus, e meu coração acelera. Nunca senti isso, nem mesmo com Marcos. Mas o que é esse turbilhão de emoções que eu não sei descrever? Fecho os olhos, sentindo o seu beijo doce e a maneira como ele o conduz é única. E quando sinto a sua língua tocar a minha, é um delírio. O que começou calmo, ganha intensidade, a sensação é como se flutuasse. Felipe me beija com desejo e suas mãos começam a vagar pelo meu corpo novamente. Ficamos nos beijando até não termos mais fôlego. Felipe se excita rápido e isso me leva à loucura.

— Que delícia — ele sussurra. Eu sorrio, mas seguro suas mãos ao senti-las subindo em minhas coxas, isso o faz se afastar e respirar fundo.

Precisamos de um tempo e nós sabemos disso, então é melhor conversarmos um pouco.

— Você sempre fala da sua mãe e irmã...

— Somos como um cordão tríplice.

— Você não tem amigos?

— Tenho, mas a minha família é o meu alicerce, a verdadeira amizade — ele ainda está ofegante. — Não sei se conseguiria ficar longe delas, como você fica longe dos seus pais.

— Meus pais ainda me veem como uma menininha e eu precisava disso, desse tempo.

— Imagino que seu pai não gostaria de vê-la aqui. A menininha dele — ele brinca.

— Ele não precisa saber — dou um selinho nele, que se torna um beijo intenso e nos afastamos novamente. — Mas, me diz, por que Arquitetura? — A pergunta sai quase sem fôlego.

— Um escape, algo diferente da rotina.

— Nossa, você é péssimo em escolher um escape — eu brinco e ele sorri.

— Que nada. Eu até gosto, apesar de ainda estarmos no segundo período — volta a me beijar. — Estou com vinte e seis anos, está na hora de seguir um caminho. Eu perdi dois anos porque tinha muitos problemas quando criança, então Mari acabou me alcançando e nos formamos no Ensino Médio juntos. Prestamos o vestibular em uma Universidade Federal juntos, e eu passei, mas ela não — ele faz uma pausa e beija o meu pescoço. — Ela chorou durante uma semana, o sonho dela era cursar Veterinária. Então,

convenci a minha mãe, com muito custo, de que precisava trancar a matrícula para poder trabalhar com o meu tio, e junto com ela, que é enfermeira, bancaríamos a faculdade de Mari. Quando eu era criança, adoecia muito e Mari sempre ficou em segundo plano, eu achei que essa seria uma boa maneira de recompensá-la.

— Nossa. Você abriu mão da sua faculdade por ela?

— Não penso dessa forma. Cada sonho dela realizado é meu também.

— Foi uma atitude linda. Sua mãe os criou muito bem.

— Eliane, a minha mãe, é a nossa força.

Ouçõ meu telefone tocando.

— Deve ser a sua amiga, melhor atender — ele acerta.

Atendo Monique, que já começa implorando perdão, dizendo que dormiu e perdeu a hora, mas que já está indo me buscar.

— Não precisa, eu peguei carona e já estou a caminho. Pode ficar tranquila — não brigo com ela porque estou na frente do Felipe, caso contrário, ela iria escutar muito. Eu desligo e Felipe começa a me beijar, e isso me leva à loucura novamente.

— É melhor você subir — diz, tentando se recuperar. Quero ficar, mas não quero continuar tendo que parar a cada beijo. E aqui no carro será apenas isso. — Precisa de ajuda para subir? — Ele diz e eu saio do seu colo. Ainda ofegante e excitado, ele volta o banco para o lugar e apoia a cabeça no volante por alguns segundos. Quando sua respiração parece normalizada, ele se vira para mim. — Quer ir ao cinema no sábado?

— Eu bem que gostaria, mas sábado tenho que ir ver meus pais. Mas pode ser na sexta-feira, o que acha?

— Tudo bem. Sexta-feira, então — ele se aproxima e me beija novamente. — É melhor você ir.

Ele sai do carro, dá a volta e pega as muletas no banco de trás, em seguida me ajuda a sair e arruma o meu vestido. Eu o beijo mais uma vez, e ele me dá um abraço apertado.

— Por favor, vá antes que eu a leve embora — eu acho cômico o desespero em sua voz.

Olhando em seus olhos, eu digo:

— Talvez um dia eu o deixe me levar — provoco.

— Talvez um dia — ele sorri.

E sem dizer mais nada, eu entro no prédio e chamo o elevador. Olho o meu reflexo nele e me vejo sorrindo como uma boba. Acho que agora é um

bom começo, não sei para onde esse caminho irá me levar, mas não quero sair dele. Não mesmo...

Capítulo 5

Monique se assusta ao me ver entrar.

— Meu Deus! Estava preocupada com você — não sei se rio ou a xingo. Mas a sua reação é inesperada.

— Tudo bem, imprevistos acontecem.

— Estava com o Felipe? — Sua curiosidade chega a ser cômica.

— Estava — vejo seu sorriso surgir.

— Uau, então estão juntos mesmo?

— Pode se dizer que sim...

Nós sorrimos.

— E vão assumir isso, tipo, para todos?

— Não sei. Ele é muito reservado, mas sexta-feira vamos ao cinema.

— Sério que só conseguiu isso? Um encontro no cinema? — Pergunta com deboche.

— Qual o problema com o cinema?

Ela sorri.

— Se acha que está ok, tudo bem. Não está mais aqui quem falou.

Ela segue para o quarto.

— Tudo bem, você tem razão. Não quero ir ao cinema, mas o que eu faço?

— Liga para ele e desmarca.

— Que grande ideia. Liga e desmarca, se fizer isso, ele nunca mais me chama para sair.

— Dã, não é para desmarcar assim. Inventa uma desculpa, tipo, seu pé amanheceu inchado, se vira, pensa em algo...

Arqueio a sobrancelha. Posso fazer isso, e vou fazer na frente dela. Pego o telefone enquanto Monique me observa.

Felipe atende no segundo toque.

— Oi...

— Oi, Felipe. Bom eu... Nós combinamos de ir ao cinema e...

— E?

— É que eu...

— Não quer ir?

— Não! Quer dizer, quero muito...

— Então qual o problema?

— Eu quero muito ir, mas meu pé está dolorido.

— Deve ser por ter se esforçado, amanhã já deve estar melhor.

Faço caras e bocas com a sua sugestão.

— É, pode estar ou não. Mas prefiro não arriscar, entende?

— Ísis, se não quer ir é só desmarcar.

— Eu não quero desmarcar com você, mas prefiro não forçar o meu pé tendo que caminhar pelo shopping.

— Entendo.

— Por que você não vem aqui amanhã e assistimos a um filme. O que acha? — Ele fica em silêncio. Droga, por que o silêncio? Monique me olha com aquela cara safada, sei que já vê maldade na minha sugestão.

— Tudo bem, combinado. Até amanhã, tenha uma boa noite!

— Obrigada, você também!

Assim que desligo, Monique dispara:

— Onde eu entro nisso? Já deixo claro que eu só saio se você me emprestar o carro — ela se adianta.

Mordo os lábios e a encaro.

— Combinado, mas você só pode voltar depois das duas.

— Você é tão safada, Ísis. Está doidinha para dar para o cara — ela gargalha e depois sorri com malícia.

— Está enganada. Se não fosse pelo meu pé, eu preferia ir ao cinema.

— Vou fingir que acredito — debocha.

Não dou muita atenção e sigo para o banheiro, tomando um banho demorado ao me lembrar dos beijos gostosos do Felipe.

Após o jantar, quando estamos deitadas, começo:

— Tudo bem, você tem razão. Mas a questão é que eu não quero dar a entender que quero sexo. Como eu faço?

Monique gargalha muito. Que raiva.

— Simples. Coloca o filme na televisão do quarto, eu vou recebê-lo e digo que você o espera aqui, que está deitada porque não está se sentindo bem. E por favor, nada de pijama de vovó.

— Eu não vou receber Felipe de pijama — protesto.

— Ah, vai sim, e ainda vai fingir que seu pé está doendo muito. Como ele é todo certinho, vai fazer de tudo para deixá-la se sentindo bem.

— Mas, e se justamente por isso ele não quer, sabe, ir além por eu

estar...

Ela se vira para mim e acende o abajur.

— Sério que está me perguntando isso? Você namorava o cara mais gostoso da escola e vai me dizer que não sabe seduzir? Ísis, acorda, minha filha. Ele vai estar na cama com você e se não conseguir pegar o cara, pode virar freira — ela debocha.

— Olhando por esse lado, acho que tem razão.

— Por que você não filma? Ele é um cara bem gostoso, podia ganhar dinheiro com isso.

— Vai à merda Monique. Você está louca?

Ela volta a rir. Estou ansiosa, mas quero ver como ficaremos amanhã. Posso estar me iludindo, não sei.

Pela manhã, o meu pé está menos inchado. Hoje é quinta-feira e apesar de vê-lo na faculdade, somente na sexta-feira poderei colocar o meu plano em prática.

— Comece a fingir que esse pé está mesmo doendo, caso contrário, não vai colar na sexta-feira — Monique diz ao me ver andar sem muletas.

Depois de escolher a roupa que vou vestir, sigo para o banheiro. Opto por calça de montaria, camiseta mais soltinha e sapatilha. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e faço uma maquiagem simples. Pego as minhas coisas, e apesar de mancar, eu dispenso as muletas.

Monique sorri assim que passo por ela.

— Sua bunda fica enorme nessa calça. Sinceramente, acho que esse cara não vai gostar de te ver chamando atenção dessa forma. Ele é tão discreto — pondera.

— Esse cara não opina nas minhas roupas — falo com orgulho, mas no fundo penso sobre isso.

— Tudo bem, princesinha. Vamos?

Não somos as primeiras a chegar, mas também não somos as últimas. Paro em frente ao bebedouro e assim que termino de tomar água, eu me viro rapidamente e noto que Carlos olhava descaradamente para a minha bunda. Felipe está ao seu lado e pela cara de poucos amigos, acho que não curtiu muito.

— Oi, Ísis — Carlos dá um sorriso safado.

— Bom dia — falo aos dois.

— Bom dia — Felipe responde e segue para a sala com uma expressão

enigmática.

Durante toda a aula, ele se limita a conversar com a Flávia e Peu, que estão mais próximos, mas percebo seu desconforto todas as vezes que eu levanto. Começo a perceber que Felipe está fazendo pirraça, e não sei se acho graça ou fico com raiva, mas finjo nem me importar com a sua indiferença.

Na noite de quinta-feira, ele me liga como se nada tivesse acontecido e conversamos sobre o trabalho. Ele diz que pode dar uma olhada na sexta-feira à noite, mas não comenta nada sobre a roupa.

A sexta-feira não traz nenhuma novidade, tivemos duas provas e todos estavam preocupados apenas com elas.

Eu e Monique almoçamos no restaurante. Hoje estou nervosa, não sei se o que eu planejei dará certo, principalmente porque ele me ignorou na quinta-feira e na sexta-feira. Ou talvez seja só coisa da minha cabeça. Ele me cumprimentou, passou cola em algumas questões e eu passei em outras, me ligou à noite, mas foi só isso.

Voltamos ao apartamento e ela me ajuda a fazer uma “faxina”, já que meu pé não colabora muito. E mesmo essa ajuda, eu tenho que pagar, Monique não faz nada de graça.

Finalmente a noite chega, e estou ainda mais nervosa. Ela acaba escolhendo o meu pijama, mas eu não sei se concordo, é muito curto.

— Não está exagerado? — Pergunto em frente ao espelho. Além de curto, ele é transparente.

Para parecer que estou mais abatida, eu dispenso a maquiagem e deixo o meu cabelo solto.

— Não. Está perfeito — Monique já se arrumou. Irá apenas receber o Felipe e dar o fora.

A campainha toca e eu sinto um frio na barriga. Agora já nem sei mais se acho isso uma boa ideia. Ela se aproxima de mim e dá um beliscão nos meus mamilos.

— Ai! — Reclamo. Ela sorri ao vê-los enrijecer.

— Aprenda comigo. Apenas acendi seus faróis, agora se deite ali que eu vou receber o príncipe — ela ordena.

Monique apaga a luz e sai do quarto, eu me deito na cama, ligo a televisão. Eu aluguei um filme de heróis, imagino que ele não curta, e foi justamente por isso que escolhi.

Merda! Por que fui concordar com essa loucura?

Eu ouço a porta se abrir, e depois a voz de Felipe.

— Oi — a voz dele soa tímida.

— Oi, tudo bem? — A safada muda até o tom de voz para falar com ele.

— Joia — continua parecendo sem graça.

— Você não se lembra de mim? — Monique diz e não sei por que a descarada está rendendo assunto.

— Já a vi várias vezes na faculdade.

— Não estou falando de lá. Eu participei de um mutirão para distribuir almoço aos mendigos organizado pelo Léo, e você estava nele. Inclusive, me deu um fora nesse dia — que merda é essa que a Monique está fazendo? Penso em me levantar, mas não posso estragar tudo agora. — Não fique sem graça, Felipe, eu já superei. Sério...

— Ah que bom. Na verdade, eu nem me lembrava disso. Desculpe-me. A Ísis está? — Ele muda de assunto.

— Está sim, no quarto. Ela não passou muito bem hoje e como estou de saída, pode cuidar dela por mim? — Falsa. Eu reviro os olhos ao escutá-la.

— Ah, claro.

— Então, boa noite. Depois a gente se fala.

Não escuto a resposta dele, e sim o barulho de porta da frente se fechando.

Meu Deus, ele vai desconfiar.

— Ísis? — Sua voz soa próxima.

— Pode entrar — ele acende a luz e eu finjo estar incomodada com a claridade.

Felipe está lindo vestindo uma blusa branca, calça jeans e tênis. Seu cabelo molhado e desalinhado me faz deduzir que acabou de tomar um banho. Ele se aproxima, e eu sinto seu o perfume. Ele parece envergonhado, será que é virgem?

— Você está passando mal?

— Estou com uma dor de cabeça, mas tomei remédio. Desculpe, acho que deveria ter te avisado — eu me sento, deixando a coberta de lado. Ao ver o meu pijama ele desvia o olhar, parece mesmo sem graça. Qual o problema? No carro pode e no quarto não? — Sente-se para assistirmos ao filme — dou um sorriso.

Felipe se aproxima e se senta ao meu lado. Eu me arrumo nos travesseiros, e ele sequer tira o par de tênis. Lá se vai o meu plano perfeito.

— Gosta de heróis? — Ele pergunta ao ver o início do filme do Capitão

América.

— Quem não gosta? — O clima começa a ficar tenso. Ele não responde e em nada parece o cara safado e gostoso do carro.

— Todos já enviaram as partes para o trabalho? — Felipe finalmente quebra o silêncio.

— Sim e já organizei. Depois que o filme acabar, você pode dar uma olhada?

— Posso — ele confere as horas. — Tenho que ir embora às dez, qualquer coisa, podemos interromper para olhar o trabalho?

— Tá! — Que merda! Isso é sério mesmo?

Ficamos em silêncio.

— Engraçado, eu não consigo assistir nada quando estou com dor de cabeça — ele diz em tom calmo.

— Ninguém é igual a ninguém — falo sem pensar e me arrependo assim que vejo seu olhar assustado. — Desculpa, isso está um desastre, não é?

Ele sorri singelamente.

— Imagina. Hoje você foi à aula e parecia bem, então foi realmente inesperado, não é?

Ele já percebeu que foi um teatro. Droga!

— Tudo bem, meu plano foi para o saco, admito!

— Você é uma comédia.

— Uma comédia ruim? — Pergunto e ele sorri mais abertamente.

— Não mesmo — Felipe se levanta, apaga a luz, tira o par de tênis e se deita ao meu lado.

— Então vamos ver o Capitão América, para o seu plano não ser um fracasso completo.

Ele parece mais à vontade, porém não toca em mim. Fico fingindo prestar atenção ao filme, mas quando me viro, eu encontro Felipe me encarando. Ficamos nisso de olhos nos olhos. A atração sexual que sentimos pelo o outro é nítida. Eu quero beijá-lo, mas sou interrompida pelo som da sua voz.

— Seu cabelo está diferente.

— Não gostou?

— Gostei sim, fica linda de qualquer jeito.

— Depois desse elogio, pode me dar um beijo se quiser — eu brinco, ele sorri, se aproxima e me dá um selinho. Depois ri novamente ao ver a

minha cara de desaprovação. Lentamente, Felipe se aproxima mais e inicia um beijo delicado.

Eu amo o jeito que ele beija. É uma conexão surreal. Apesar de todo o fogo, sua mão se mantém em minha cintura. E após um longo beijo, eu o afasto para recuperar o fôlego. Tiro a sua blusa, esperando que ele faça o mesmo comigo, e como não acontece, tento eu mesma tirar, mas Felipe segura as minhas mãos e volta a me beijar. Eu me sento na cama, e ele se mantém deitado, então subo no seu quadril e ele suspira, colocando as mãos na minha cintura, deixando o meu corpo em chamas. Eu realmente o quero.

Ele leva suas mãos aos meus seios e começa a acariciá-los por cima da blusa. E para completar a loucura, eu o escuto gemer com o contato. Felipe finalmente se senta, tira a minha blusa e olha fascinado para os meus seios. E quando fecho os olhos esperando que ele os beije, sou surpreendida com um abraço.

— Por favor, vamos com calma... — diz, ofegante.

— Eu estou calma — começo a beijar o seu peitoral malhado, e esse contato é um delírio para ambos.

— Ísis, por favor. É sério! — Diz quase sem fôlego.

Ambos estamos ofegantes, eu o encaro sem entender. Ele está excitado, posso sentir a sua ereção, então por que não continuar?

— Qual o problema? — Pergunto, tentando me conter.

— Eu não trouxe camisinha.

Estou olhando em seus olhos, e o quero tanto que até eu me surpreendo com as minhas palavras.

— Não tem problema. Eu tomo anticoncepcional.

Felipe fica chocado ao me ouvir.

— Você tem noção do que está dizendo? — Seu tom de voz muda drasticamente.

— Calma. Não é pra tanto, só estou te dando outra opção — quero voltar a beijá-lo, mas Felipe se mantém atônito.

— Não usa preservativo nas relações sexuais? — Insiste.

— Não é bem assim. Na verdade, eu só tive um namorado e quando decidimos dar o próximo passo, eu fui ao ginecologista e passei a tomar anticoncepcional — ainda estou ofegante e continuo sem entendê-lo.

— Quanto tempo de relacionamento?

— Cinco anos. Mas por que pergunta?

— E nunca usou preservativo?

— Ai, Felipe. Do jeito que você, fala parece o cúmulo do absurdo. Eu conheço o Marcos, nós confiávamos no outro. E...

— Da mesma forma que confia em mim?

Sua pergunta me faz sentir ridícula.

— Acha que posso te passar uma doença, é isso? — Respiro fundo, saindo da minha passividade.

— Entenda uma coisa, proteção não tem nada a ver com confiança. Usar preservativo não significa que não confio em você, mas que não estou disposto a abrir mão da minha proteção. Assim como você nunca deve abrir mão da sua. Você se previne de uma gravidez, mas não está imune de ser contaminada com alguma doença. Entendeu?

— Tudo bem... — visto a minha blusa, me sentindo muito frustrada.

— Não quero que fique chateada comigo — ele insiste e isso me irrita.

— Não estou, só está me aconselhando, não é? — Falo com ironia.

— Isso não é conselho. Estou te falando a verdade. Olha, independentemente se continuarmos ou não, não pode nunca abrir mão da sua proteção...

— Aí, Felipe, eu entendi. Já está ficando chato essa insistência, não quer sexo, tudo bem...

Ele leva a mão à cabeça, parecendo muito frustrado.

— Lógico que quero, mas nós temos que conversar antes, mas não vai ser hoje — respira fundo, em seguida veste a sua blusa. — Posso ver o trabalho agora?

Finjo estar bem, mas estou magoada pensando nos possíveis motivos para não querer fazer sexo comigo. E apesar de desejar mandá-lo embora por toda a minha frustração e decepção, eu me levanto e pego o notebook.

Ele evita me encarar. Nós dois parecemos frustrados, mas eu estou muito mais que isso. Esse cara só pode estar brincando comigo. Fico com os olhos fixos no notebook enquanto ele inicia, e Felipe mantém os olhos no chão. Não nos atrevemos a olharmos para o outro.

Eu entrego o notebook a ele já com o trabalho aberto.

— Ísis, está errado — ele diz assim que vê o trabalho. Seu tom é calmo, diria até mesmo deprimido.

— Eu baixei o modelo do site da faculdade, então não está errado — falo com arrogância e Felipe respira fundo.

— Sim, eu sei, e não estou falando disso. Mas todas as citações devem vir alinhadas à direita e com a fonte menor. Referências de sites devem ter

data de acesso e estar em ordem alfabética, assim como os nomes dos componentes do grupo. Tem que seguir as normas da ABNT — ele corrige parte por parte. Estou explodindo em raiva. — Já cadastrou o grupo? Tem até amanhã para postar o trabalho — ressalta.

— Pode cadastrar! — Ele faz isso e assim que termina, me entrega o notebook.

— Pode enviar o trabalho agora — sorri, sem jeito.

— Não tem mais nenhum erro, professor? — Falo com deboche.

Felipe engole em seco e diz:

— Eu vou embora.

— Tchau...

Ele fica sem graça e começa a calçar o par de tênis. *Que inferno!*

Eu o acompanho até a porta e antes de sair, ele se vira para mim.

— Não queria que ficasse com raiva de mim...

— Não estou, mas se ficar insistindo, aí que vou ficar mesmo — ele está sem graça, e quando olho em seu rosto, vejo a decepção. — Desculpe-me — eu o abraço e ele retribui, quando olho novamente em seus olhos, vejo como está abatido. Mas foi ele quem procurou, precisava mesmo de tanto drama por causa da merda de uma camisinha?

— Me desculpa, não queria te chatear, desculpa mesmo — ele está se sentindo culpado. Desvio o olhar porque me sinto péssima por ter sido tão grossa. Ele sempre é tão prestativo e eu me comporto como uma mula.

— Tudo bem, me desculpe por ter sido grossa — falo em um desabafo.

Ele dá um sorriso de canto e acaricia o meu rosto.

— Como vai amanhã para a casa dos seus pais?

— Avião.

— Posso te levar ao aeroporto? — Olho novamente em seus olhos e me sinto mal por ter sido rude. Ele é tão gentil.

— Quer me levar depois de todas as minhas grosserias? — Ele sorri, se aproxima e me dá um beijo.

— Se deixar, quero sim. Qual o horário?

— Meu voo está marcado para às sete da noite. Pode passar aqui às cinco e meia, tudo bem para você?

— Tudo. Então amanhã eu volto.

Então ele me beija novamente e me dá um abraço apertado.

— Até amanhã, bonequinha. Tenha uma boa noite e me desculpe por hoje.

— Sem problemas, boa noite — eu dou outro selinho e ele vai embora.

Fecho a porta sentindo um nó no peito e achando que fui muito infantil. Volto para o quarto, me deito na cama, e mesmo estando cansada, eu não consigo dormir. Eu me sinto mal por tê-lo maltratado. Droga de consciência.

Ah, Ísis, aonde você quer chegar com isso?

Fico olhando o teto do quarto por um tempo com um sentimento estranho no peito, então escuto o telefone tocar. Não são nem nove horas e ele disse que iria às dez, provavelmente ficou chateado.

Eu olho o telefone e vejo as mensagens do grupo. Não respondo, só desligo o telefone. Não queria pensar nisso, mas tudo o que fica martelando em minha cabeça são os milhões de possíveis motivos para ele ter agido dessa forma. Nenhum cara desistiria por causa de uma camisinha, a não ser que ele realmente ache que eu tenha alguma doença. Monique tem razão, ele deve me achar promíscua e por isso não quis.

Merda! Que droga, estou com esse aperto no peito porque não sei se quero ou não continuar com ele. Na verdade, eu quero, mas essas questões me deprimem.

Diabo de garoto imbecil.

Volto a ligar o telefone, já que sei que não vou conseguir dormir. Quando entro no grupo de novo, vejo que ele e Flávia estão conversando. Se ela soubesse que ele é frouxo, duvido que ficaria dando em cima dele.

Ah, quer saber, estou pouco me lixando.

Mas talvez ele não seja frouxo, na verdade, não querer ficar comigo não significa isso. Pela maneira como se comportou, provavelmente pensa o pior de mim.

Que merda! Chega, Ísis, chega.

Abraço o travesseiro em que ele estava deitado e sinto seu cheiro, seu perfume ainda está na minha pele. Tenho que tomar um banho, mas não quero tirar o cheiro dele de mim. Aperto o travesseiro e a vontade de chorar não passa. Eu nunca derramei uma lágrima por Marcos, e não vai ser por esse imbecil.

Quantas vezes ainda vou permitir que esse garoto destrua a minha autoestima dessa forma?

É melhor colocar um fim nisso.

Pego o telefone pela terceira vez e quando abro meu *WhatsApp*, vejo várias mensagens do Felipe no privado. Ele se desculpa novamente, diz que sente muito e que meus seios são os mais lindos que já viu. Então me elogia

de várias formas e volta a se desculpar.

Eu mordo os lábios, sentindo o meu coração pulsar mais forte, e digito uma mensagem para ele.

Você é um bobo.

Logo ele responde.

Você é perfeita. Não quero que pense que o problema está em você.

Respondo.

Não pensei isso. E se tem um problema aqui, esse problema é você, Felipe, e não eu...

Brinco. Acho que ele não entende que é brincadeira e não responde mais.

Será que ele se ofendeu? Mas era brincadeira. Ainda assim, não mando mensagens e quando finalmente o sono me vence, apago...

Capítulo 6

Acordo em meio a uma tempestade, olho para o lado, a cama de Monique está intacta. Deus, isso de emprestar meu carro ainda vai dar merda, já que a minha colega de quarto pouco se importa em manter o combinado. Mas por enquanto, guardo todo estresse. Quando ela chegar, conversaremos.

E pensando nisso, ao conferir o relógio, me assusto. Quase onze da manhã e eu ainda na cama. E falando em cama, o perfume do Felipe ainda está em meu travesseiro, então inalo profundamente, fazer o quê? Isso não é nada de mais, apenas que gosto do perfume dele. No entanto, lembrar de Felipe traz à tona toda a frustração.

Contudo, não vou reviver isso novamente.

Novo dia, novas oportunidades.

E é melhor eu me apressar. Pego o telefone, há várias mensagens, mas nenhuma do Felipe e nem no grupo. Aproveito para avisá-los que o trabalho foi enviado, respondo aos meus pais dizendo que devo chegar às nove e meia da noite, no máximo dez.

Quando finalmente me levanto, já passa das onze. Tomo um banho rápido, estou um pouco desanimada, já que meu pé ainda está dolorido, mas pelo menos desinchou. Em frente ao espelho, eu observo o meu corpo. Tem algo de errado comigo?

Não tem não!

Droga! Parece que cada vez que encontro esse garoto, eu me decepciono. Primeiro foi o fora que não levei, e agora isso.

Visto uma lingerie, uma *legging* e blusa meia-estação do Mickey. Desvio o pensamento e começo a arrumar as poucas coisas que vou levar para o fim de semana com os meus pais. Mas, vez ou outra, o pensamento de que ele vai me dar uma carona se infiltra em minha mente.

Não, eu preciso tirar esse cara da minha cabeça.

Eu poderia ter dispensado a carona, mas não fiz isso.

Começo a ficar receosa, mas aquela curiosidade de saber como será dessa vez, me faz seguir em frente.

Merda! Criando esperanças de novo, Ísis?

Infelizmente, acho que tenho tendência a criar muita esperança quando

se trata do senhor Felipe. Escuto o bipe do celular e assim que vejo a mensagem dele, abro um sorriso involuntário. Mesmo tendo muita vontade de dispensar a carona agora, uma vez que ele demorou para entrar em contato, eu não faço isso.

Então paro por um segundo, volto meu pensamento na parte em que ele me deixou no vácuo, bem na parte onde eu disse que o problema não era eu e sim, ele.

Talvez eu tenha ferido seu ego enorme. Gigantesco por sinal. Para pessoa negar sexo assim, com certeza ele se acha demais.

E quer saber, que se dane se ele se magoou, não fui eu que neguei, foi ele com seus pretextos idiotas. E depois veio com essa de “não quero que pense que o problema é você.” Depois dessa, ele esperava o quê? Que eu dissesse que o problema está em mim? Lógico que não, o normal é a gente rebater com um “*claro que o problema não sou e sim você!*”

Poxa, em pleno século vinte um e a pessoa não sabe nem mesmo brincar? Bufo, irritada com as nossas possíveis discussões que acontecem apenas na minha cabeça. Olho para a mensagem atual:

Ísis, pode confirmar novamente o horário que devo te buscar?

Respondo o horário junto com uma carinha feliz, já que ele é meio lerdo para captar isso.

Meu estômago ronca e percebo que ainda não comi nada. Sei que tem comida congelada, então vou à cozinha, esquento no micro-ondas e em três minutos estou engolindo rapidamente.

Mais tarde, estou ocupada com alguns afazeres, e mesmo tentando evitar, os meus pensamentos vagam para a noite anterior. Que por sinal, foi bem desastrosa. Pinto a unha, revejo algumas matérias e penso na droga do garoto. Quando dou por mim, o alarme do meu telefone toca, então vou ao quarto para pegá-lo. Quase cinco da tarde e nada da Monique ou do meu carro.

Merda! Tenho que conversar com essa garota. Era para ter voltado ontem e nem notícias ela deu durante todo o dia. Ligo e nada! Nem para aquela vaca me atender. Droga!

Os minutos passam e meu desespero só aumenta. Não posso sair sem saber como ela está e onde está o meu carro. Assim que termino a minha pequena mala, olho o relógio, quase cinco e meia. Arrumo a minha cama e

quando termino, escuto a porta da frente ser aberta. Logo a voz da loira soa por todo apartamento, mas antes que eu comece o meu discurso, escuto uma voz familiar e isso me faz correr para a sala.

— Acho que ela ia para a casa dos pais — Monique diz, animada, sem notar a minha presença.

— Mas sabe se ela está? — Assim que Monique me vê, dá um sorriso amarelo, sem graça.

E eu mais ainda ao ver quem a acompanha. Marcos. Charmoso e lindo, como sempre, vestindo um suéter azul marinho, que foi um presente meu, que realça seu físico, calça jeans e *sapatênis Calvin Klein* branco. Tudo bem, admito que ele sempre teve estilo.

— Olha a nossa garota aí — Monique acena para mim e ele se vira em minha direção.

— Oi, Ísis — Droga! Vejo mais que um simples oi em seus olhos e gostaria mesmo de poder retribuir, mas não sinto nada.

— Que surpresa te ver aqui — é tudo que consigo dizer.

— Sim, precisei encontrar... um amigo... E nesse meio tempo acabei encontrando a Monique — diz, fingindo naturalidade, mas o conheço e sei que está sem graça.

— E falando em encontros, o carro quebrou, Ísis. Precisamente a correia dentada. E se não fosse o Marcos, ainda estaria na estrada — sorri, sem graça. — Ele me ajudou, chamou um reboque e o carro já está na oficina — ela sorri, sem jeito. Sei não, Monique não consegue me convencer, na verdade, nenhum dos dois, mas pouco me importo.

— E desde quando você é bom com carros, Marcos? — Brinco.

— Ísis, algumas coisas vêm com o tempo, e falando em tempo, estou curioso para saber o que tem feito com o seu, já que se afastou tanto de mim — sério que ele precisa dizer isso?

— Nem tanto. Você está aqui, não é? — Sorrio, sem graça. — Espero que não se importe, Marcos, e não é nada pessoal, mas estou de saída. Indo para a casa dos meus pais.

— Que coincidência. Vou voltar ainda hoje, podemos ir juntos...

— Marcos, a Ísis já comprou a passagem. Não é amiga? — Monique intervém e acho graça da sua agilidade.

— Sim. Inclusive — aponto para a porta. — Estou de saída... — a campainha toca, nos interrompendo.

Só uma pessoa vem à minha cabeça. Felipe. Como Monique está

próxima à porta, ela abre e exhibe um largo sorriso. A sua frase seguinte me faz querer me enfiar em um buraco.

— Ísis, seu namorado chegou! Pode entrar, Felipe, a Ísis está te esperando — surge a névoa da confusão no ar. Droga, essa vaca precisava fazer isso?

— O quê? — Felipe diz sem conseguir entendê-la.

— Fique à vontade, Felipe. Só não repare, a Ísis acabou de receber uma visita surpresa.

— Ah, sem problemas — ele diz espontaneamente. Assim que cruza a porta, sinto aquele misto de emoção que só tem me dado prejuízo. Meus olhos brilham e nem sei para onde vai toda a minha raiva pela rejeição anterior. Droga!

— Oi — ele sorri ao me ver. Por dentro, eu fico extasiada, algumas borboletas voam no meu estômago, mas só algumas. Felipe está de bermuda jeans escura, blusa verde com estampa de surfe e tênis. Marcos o olha de cima a baixo e deixa claro o seu ciúme.

— Oi. Minhas coisas já estão prontas, vou pegar e podemos ir.

— Tudo bem — ele concorda, tímido, mas com atitude e eu me odeio por gostar tanto disso.

— Não vai me apresentar o seu amigo, Ísis? — Marcos me encara, frisando a palavra amigo, e só agora volto a me lembrar de que ele está aqui.

O silêncio permanece por segundos, então desvio o olhar. Merda, merda, merda. Ele poderia ter evitado isso, mas não o fez. Respiro fundo, Monique já plantou a semente da discórdia, então vamos lá.

— Marcos, esse é Felipe, e Felipe, esse é o Marcos.

— O que ele é seu mesmo? — Marcos pergunta diretamente para mim, mas não sou eu quem responde.

— Somos amigos, prazer — Felipe responde com a voz firme. Sinto alívio e raiva. Como assim amigos? Ele disse isso mesmo? Começo a repensar sobre estar em um carro com ele novamente, já que teoricamente sou apenas uma amiga. — É melhor irmos, linda, você pode perder o voo — ele fala, verificando seu relógio. E apesar de ter sido ignorado por Marcos, Felipe age tão naturalmente que não dá para ter raiva.

Já Marcos, parece um cão bufando. Ele me olha e balança a cabeça. Deixo a sala sem pedir licença. Felipe já mostrou que sabe o que está fazendo e parece não se incomodar em receber o olhar de superioridade de Marcos. Dentre tudo que ele já se mostrou ser, autoconfiante parece ser a sua

característica mais marcante.

— Vai mesmo com esse cara, Ísis? Seus pais sabem sobre isso? — Marcos diz ainda irritado.

Já estou com as minhas coisas e a maneira como ele se refere a mim, como se falasse com uma criança, irrita.

— Eu vou sim, tenho vinte anos e sei me cuidar. Obrigada pela preocupação, mas não é necessário. Bom fim de semana a vocês — mando beijos e sigo em direção à porta.

Antes que possa deixar a sala, Marcos segura o meu braço, deixando a cena bem embaraçosa.

— Qualquer coisa, não hesite em me ligar, sabe que estou à disposição...

— Eu sei, obrigada. Mas não será necessário — falo de maneira firme e deixo a sala junto com Felipe, que fecha a porta ao sair. Ele chama o elevador, não há beijos, palavras, ou troca de olhares, apenas meu coração que parece ter uma agitação convulsiva. Chegando ao térreo, nos deparamos com uma chuva forte.

— Nossa, em pouco tempo aumentou... — Felipe diz já próximo à portaria. — Não tinha vaga aqui, então estacionei na rua lateral. Espera só um minuto, que vou buscar o carro.

E antes que eu possa responder que não precisa, o garoto sai na chuva. Deus, por que ele fez isso? Quando volta, estaciona o carro bem em frente à portaria, sai novamente e vem com um guarda-chuva aberto. Depois me leva, sob o guarda-chuva, até o carro, enquanto ele fica na chuva. Ainda estou surpresa com a sua atitude.

— Não precisava fazer isso, você se molhou... — digo com pesar.

— Isso não é nada, não sou de açúcar — brinca.

— Eu também não — ressalto.

— Sei que não, mas você vai pegar um voo. Eu vou para a casa, tomo um banho quando chegar e resolvo o problema.

Ele sorri e acho que começo a me apaixonar por esse sorriso singelo. Felipe dá partida e em segundos estamos na estrada novamente.

— Desculpe por ter falado que o problema estava em você. Só estava brincando.

— Ah, esquece isso. Eu sei que não, na verdade, meu telefone descarregou assim que mandou a mensagem, por isso não respondi — sua resposta me faz cair na real. E eu, como sempre, tirando conclusões

precipitadas. Antes que o silêncio chegue, Felipe, atento ao trânsito, volta a falar.

— Legal que você e seu ex mantém uma amizade. É seu ex, não é? — Ele tenta soar indiferente, mas sua observação faz um bem danado ao meu ego. Eu poderia dizer que foi apenas coincidência, mas é a minha chance de virar o jogo.

— Marcos é muito protetor. Ambos sabemos que acabou, mas temos um elo de proteção com o outro. Foram cinco longos anos — falo com a voz doce e vejo Felipe engolir em seco. Seria um ciúme? Talvez. — Mas creio que você não se importe, afinal, sou apenas a sua amiga, não é? — Provoco. Ele não me encara. Não diz nada e essa atitude me irrita.

— Minha intenção não era deixar as coisas embaraçosas. Pensei que talvez fosse o melhor a dizer, uma vez que você não me deu nenhum sinal. Desculpe-me se a ofendi falando que somos amigos, eu...

— Tudo bem, entendo o seu ponto de vista. Obrigada pela preocupação — ele para no sinal, então eu me aproximo, toco seu rosto e lhe dou um selinho. — Por que é assim? — Volto ao meu lugar.

— Assim como?

— Sei lá? Todo educadinho, se preocupa com os outros e tal...

— Não sei se entendi o que você quis dizer, mas se está se referindo à empatia, eu acho que todos deveriam ter isso e respeito ao próximo. Se fizessem uso disso, o mundo não estaria desse jeito.

— É isso que tem por mim, apenas empatia?

— Tenho por todos, mas com você, não é apenas isso.

— É além dela, o que o faz não se afastar, já que somos tão opostos? — Pergunto, ainda com os olhos fixos nele. Sei que estou sendo muito atrevida, mas o meu egoísmo me faz querer bem mais do que apenas empatia. Quero palavras confessas. Felipe se mantém pensativo, parece procurar as palavras certas. Estamos entrando no estacionamento do aeroporto, e assim que estaciona, ele olha o relógio.

— Ísis, nós somos donos dos sentimentos que não falamos, mas uma vez confessos, nos tornamos escravos deles — apesar do tom de voz firme, ele sorri ao terminar.

— Isso não convence, Felipe — ele faz beicinho, que é lindo, por sinal. Dá vontade de acariciar e beijar.

— Ah, não sei exatamente o que, mas estou aqui...

— Depois de ontem — friso.

— Depois de ontem — sorri. — E espero estar aqui amanhã também.

Ele me encara, não sei o que há nesse olhar, mas ele me domina por completo. Felipe se aproxima e me beija, mas para antes que possa tomar proporções maiores, então finaliza com selinhos.

— Vamos, linda, não quero que perca o voo.

— Se eu perder, o que vai fazer? — Beijo o seu pescoço. Ele geme e continuo a beijá-lo.

— O que eu faço com essa sua boquinha safada, hein? — Ele sussurra. — Por que está fazendo isso? Minha cabeça está girando. Sério, vamos, por favor? Você vai se atrasar — ele diz, suplicando.

— Tudo bem... — eu me afasto. — Vem me buscar amanhã?

— Qual horário? — Sua voz é doce.

— Devo chegar às oito e meia da noite.

— Venho sim... — ele ainda está me olhando com desejo.

Olho em seus olhos e me vejo neles. Sinto medo porque sei que ele pode se ver nos meus. Eu respiro fundo e abro a porta do carro, fugindo de tudo o que ele provoca em mim. Pego as minhas coisas, que se resumem a minha bolsa e mala de mão.

— Está com frio? — Diz ao me ver passar as mãos sobre os meus braços com o intuito de me aquecer. Antes que responda, ele pega a sua blusa no banco de trás.

— Felipe, não precisa. Sério.

Ele se aproxima e a veste em mim, passando suas mãos sobre o meu corpo. Quando termina, ele me beija e meu corpo se entrega a esse contato. Felipe confere as horas, tranca rapidamente o carro e segue comigo para a área de embarque. Faço o *check-in* e após todos os procedimentos, sentamos próximos ao portão de embarque. Não demora muito para anunciarem que o voo irá atrasar por conta da chuva. Algumas pessoas reclamam, mas eu não sei dizer o que sinto. Uma parte de mim quer ficar ao seu lado, mas tenho medo de me apaixonar. Eram apenas uns beijos, e agora sinto que estou perdendo o controle disso.

— Se tiver algum compromisso, Felipe... — tento não demonstrar meu receio.

— Não tenho, estou à disposição — brinca. Ele passa o braço ao meu redor, enlaçando-me em um abraço. Apoio a minha cabeça em seu peito e até mesmo escutar as batidas do seu coração parece algo perfeito. É estranho, eu me sinto bem, meu corpo se sente bem. Minha mente está nas nuvens, mas

em meu coração inicia um medo crescente. Medo porque é novo, e o novo traz o incerto. Esse sentimento que explode toda vez que estou em seus braços e me tira a razão, me traz agonia. Eu não sei o que é, e temo descobrir. Não há palavras e mesmo com o nosso silêncio, essa conexão é forte. Finalmente meu voo é anunciado.

Felipe se levanta e me abraça. Eu olho em seus olhos, e o beijo. Deus, isso não tem lógica. Não quero sentir isso. Eu não quero. Mas como o meu corpo pouco se importa, volto a beijá-lo, e depois vou para a fila de embarque. Ele dá um último tchau e lá vou eu pelo corredor até entrar no avião. E mesmo essa pequena despedida, produz um singelo aperto no peito.

Ísis, isso vai te enlouquecer. Saia fora enquanto é tempo! Mas ainda dá tempo? Não sei.

É um misto de prazer e agonia. Quero correr, quero ficar. Mais dúvidas do que certezas. Durante o voo, eu fico feito boba pensando nele. Quase às dez horas da noite, eu chego à área de desembarque, então vejo papai e mamãe me esperando. Eles me recebem com abraços, mas a Ísis falante é possuída pela que mordeu a própria língua e que só sabe pensar no Felipe. Chegando em casa, eu sigo direto ao meu quarto e mamãe vem atrás, preocupada.

— Aconteceu alguma coisa, minha princesa?

— Não, mamãe. Só quero um banho e dormir — quando saio do banheiro, mamãe ainda está em meu quarto. Eu visto meu pijama e ela penteia o meu cabelo.

— Pode dizer a seu pai que está bem?

— Ele está no quarto? — Ela confirma.

— Papai, vem cá! — Eu grito.

Ele entra e se senta ao meu lado. Enquanto mamãe pega óleo e massageia meus pés delicadamente, ele acaricia a minha cabeça e distribui beijos. Eles matando a saudade, e eu aqui, com pensamento longe, querendo entender tudo. Se pudesse, se houvesse um jeito de saber se Felipe também pensa em mim como eu penso nele, daria esse jeito. Mas não há.

— Tomara que esse pensamento esteja nos estudos e não em um garoto — meu pai brinca.

— Pare, papai. Lógico que não, que viagem. Estava pensando em...

— Em? — Minha mãe insiste.

— Em mim. Se eu serei mesmo uma boa arquiteta.

— Você será a melhor arquiteta dessa cidade, minha bonequinha — ele

brinca e agora me faz pensar na droga do garoto novamente por ter me chamado de “bonequinha”.

Ah, Deus. Eu não mereço isso. Ou mereço?

O telefone vibra, mas eu só o vejo depois que meus pais me dão boa-noite e saem do quarto.

Boa noite, linda. Espero que durma bem. Até amanhã e bjs

Droga, droga, droga... penso em não responder, mas minhas mãos são mais rápidas.

Boa noite, lindo. Sonhe comigo e até amanhã!

Capítulo 7

Eu tento, juro que tento dormir, mas não consigo. Reviro nos lençóis e nada tira Felipe da minha cabeça. Eu me levanto e vou para a cozinha pegar chocolates, depois volto ao quarto e me sento na cama. Então tiro a sua blusa, convicta de que é ela a culpada por me fazer pensar nele, mas em dois minutos volto a vesti-la. Quem eu quero enganar? Pegando o telefone, eu vejo a foto do seu perfil. Não sei exatamente o que está acontecendo, somente que a cada segundo, todo o pensamento é destinado a ele.

Abro o criado-mudo e tento esquecer, revendo fotos dos tempos de colegial, e tudo que questiono é por que estou tão envolvida? Isso não é normal. Não é aceitável se sentir tão atraída por quem mal se conhece.

Droga! E falando em blusa, sei que meus pais repararam que essa não é minha. Mas como acreditam que estou cansada, as perguntas virão apenas amanhã. E, sinceramente, não sei o que dizer. Não quero mentiras, muito menos falar sobre um cara que estou apenas dando uns beijos. Encontro várias fotos minhas com Marcos, uma vez que não joguei nenhuma fora, e pode parecer loucura, mas pego uma foto dele e abro a do perfil do Felipe, comparando-os. Sei que o que senti por Marcos é completamente diferente do que vem acontecendo com Felipe. É um medo crescente do incerto, junto com o êxtase de querer ir fundo, algo novo e inesperado.

Quando o relógio anuncia uma nova manhã, sou vencida pelo sono. Quando escuto a voz de papai, parece que somente segundos se passaram.

— Princesa, acorde — apenas um sussurrar distante. — Amor, acorde. Já é quase meio-dia. Você está se sentindo bem? — A voz do meu pai continua distante. — Temos um almoço em família hoje, lembra? — Continuo com os olhos pesados, morrendo de sono — Ísis!

— Já vou, pai. Só mais dois minutos, por favor... — sussurro com manha.

— Ísis, levanta — minha mãe fala em tom alto, então abro os olhos e me espreguiço. — Sabe que seus avós detestam atraso.

Faço a melhor cara feia que consigo, depois sigo para o banheiro para um banho rápido e quando finalmente desço, é quase uma da tarde. Meus pais já estão no carro, então passo pela cozinha, pego um energético e sigo

rapidamente para lá. Ainda estou mal-humorada e com sono.

Meus pais conversam entre si sobre a advocacia e o consultório médico da minha mãe. Eu sei que eles não vão me envolver nessa conversa até terem certeza que o meu humor está melhor. E quando já estamos quase chegando à casa da minha avó, eu lembro que deixei o maldito telefone em casa. E quer saber, melhor assim.

Quando meu pai estaciona o carro em frente ao portão da minha avó, eu reconheço alguns carros.

— É almoço com toda a família? — Falo, ainda irritada.

— Seu pai disse almoço em família — ela sorri.

— Mas achei que seríamos só nós e a vovó e o vovô.

— O que está acontecendo, Ísis? Você vem poucos fins de semanas para a casa e ainda reclama de ter que ficar com a família?

— Não é isso, mamãe, quer dizer, só não dormi muito bem.

Eles não insistem. Descemos e a ajudante dos meus avós paternos atende ao portão. Então entramos na sala e após beijar os meus avós, cumprimento os meus tios e meus primos. Eu já gostei disso, mas depois que terminei com Marcos, as perguntas são as mesmas. Como o meu pai e o dele são sócios na advocacia, no decorrer do namoro, as famílias sempre se juntavam em encontros como esse, e se eu não tivesse dado um basta, ainda seria assim. Porém, as perguntas persistem e a tarde se vai comigo se esquivando delas entre uma conversa e outra. Quando finalmente me isolo no jardim da minha avó, não demora muito para a minha mãe se aproximar.

— O que está acontecendo, Ísis?

— Nada — falo, fingindo normalidade.

— Deixamos de ser amigas? — Ela me encara ao perguntar.

Os meus pais adoram o Marcos, e acho que, no fundo, eles acreditam que iremos reatar.

— Não, eu só não sei por onde começar.

— Que tal começar me falando sobre o dono da blusa que estava vestindo ontem? — Desvio o olhar. — Seu pai também está curioso.

— É só um cara. Nada importante.

— Não é importante, mas a faz parecer uma boba com pensamento longe. É isso?

— Está tão na cara assim? — Eu volto a encará-la.

— Ísis, eu sou a sua mãe e quero que confie em mim. Sempre. Não que eu a esteja pressionando a falar, mas não quero que percamos isso, tudo bem?

Ela se aproxima e acaricia o meu rosto.

— Eu não quero me apaixonar, mamãe. Não quero um compromisso e nem deixar tudo ir longe, mas é difícil controlar, sabe. Porque do nada, eu começo a pensar nele e permanece assim durante todo o dia.

— E quem é ele?

— Ele se chama Felipe e estuda comigo.

Ela sorri.

— E não quer se apaixonar por ele.

— Não — suspiro.

— Mas está saindo com ele?

— Sim — confesso e ela começa a rir.

— E por que está relutante? Ele não a trata bem ou algo assim?

— Não é isso, mas sei lá. Acabei um relacionamento dizendo que precisava de um tempo e já começo a sair com outro. Acho que pareço hipócrita, não acha?

Ela segura as minhas mãos, me fazendo encará-la.

— Amor, isso não é algo que se possa controlar. Se você se sente bem com esse rapaz, não se importe com que os outros irão pensar. Tudo bem?

Sorrio e ela me abraça.

Voltando para a casa, ao me ver com o pensamento longe, mamãe sorri. Em um curto prazo de tempo, lá estou eu novamente, arrumando as minhas coisas para voltar. Já no aeroporto, eu me despeço com carinho dos meus pais. Papai não falou nada sobre a blusa ou questionou por que estou agindo dessa maneira, mas sei que mamãe irá contar a ele. Felipe não enviou mensagem alguma, então resolvo não mandar. Se for necessário, chamo um táxi sem problema algum.

E após minutos, estou voltando para a minha nova vida. Devido ao mau tempo, o voo sofre um atraso de uma hora, então, quando o avião aterrissa, eu ligo o telefone e confiro as horas. Nove e vinte da noite. Com uma ansiedade ao deixar o avião, eu vou direto a área de desembarque e não vejo Felipe entre a aglomeração de pessoas. Confesso que uma pequena decepção começa a tomar proporções maiores.

Está frio, então tiro a blusa do Felipe da minha mala de mão e a visto. Vou deixando o aeroporto, decepcionada e com o estômago roncando de fome, quando escuto chamarem o meu nome. Ao me virar, vejo Felipe vindo em minha direção.

— Oi — ele sorri e ao se aproximar, eu sinto o seu perfume

embriagante. Felipe, mesmo vestindo um conjunto de moletom preto e chinelo, está lindo. Parece que veio direto da sua casa. Ele me dá um abraço e pega a minha mala. — E então, correu tudo bem?

Consigo escutá-lo, mas estou feito idiota, hipnotizada por ele. — Ísis, está tudo bem?

— Está, achei que você não viria... — sorrio.

— Cheguei às oito, mas seu voo atrasou um pouco, então fui tomar um café. Estou com fome, você está?

— Estou sim — ao chegarmos no seu carro, Felipe confere as horas. Será que ele tem compromisso?

— Quer jantar na minha casa? Minha mãe preparou alguma coisa.

— Nossa, não! Quer dizer, ir lá, pela primeira vez e a essa hora? É superchato.

Entramos no carro e ele dá a partida.

— Não tem nada de chato. Você não é tímida, por que isso agora?

— Não acha que é muito cedo para isso?

— Ísis, não é um pedido de casamento, será apenas um jantar. E a minha mãe e a Mari provavelmente já jantaram — sua resposta me faz parecer idiota. Acho que estou levando isso a sério demais.

— Podemos comer um hambúrguer e deixamos isso para outro dia. O que acha? — Eu sugiro.

— Terei que passar lá de qualquer jeito, Ísis. Então podemos aproveitar e jantar.

— Felipe, eu quero tomar um banho e dormir cedo. São quase dez horas e nem é uma boa hora para fazer uma visita. Pode ser outro dia? Se precisa realmente voltar, pode me deixar em casa primeiro? — Ele para no semáforo e se vira para mim. Sei que ele quer insistir para passarmos na sua casa e meu coração se derrete com esses olhos pidões. Eu me aproximo dele e lhe dou um beijo. — Vai ser rápido? — Ele confirma. — Tudo bem!

Coloco a minha mão sobre a sua perna, ele a segura e a leva aos lábios, distribuindo beijos.

— Você pensa em mim quando não está comigo? — Eu pergunto, olhando para a estrada.

— Penso.

— Com que frequência? — Insisto.

— Tem prova amanhã. Você estudou? — Ele muda de assunto.

— Não estou me importando com isso. Pode voltar ao assunto anterior

e me responder?

— Qual é a sua idade? — Droga! Ele me ignora com outra pergunta. E por que perguntou a minha idade? Será que estou me comportando como uma adolescente? Tudo bem, ele me pegou.

— Olha, Felipe, estou me sentindo injustiçada aqui — disparo e ele dá um sorriso de canto.

— Não quero que se sinta assim. Sou eu quem causa essa injustiça? — Fala em tom de brincadeira.

— O que está fazendo comigo? Fiquei tão bobinha depois de conhecê-lo — ele gargalha. — Estou falando sério. Eu, aqui, louca para saber se você sente o mesmo que eu e... — merda, acho que falei demais. Felipe para o carro e só agora noto que estamos em frente ao *pet shop*.

— E o que você sente, Ísis? — Ele me encara e a sua pergunta me faz engolir em seco.

— Eu não sei... — sussurro.

— Se você não sabe, como pode querer que eu fale o que eu sinto? — Desvio o olhar. Ele tem razão. — Ainda se sente injustiçada?

— Eu... — respiro fundo. — Claro que me sinto! É isso, sinto sim — falo com orgulho. Ele confere as horas, ignorando a minha resposta, aproxima-se e me beija.

— Vamos?

— Felipe, eu...

— Vem.

Ele sai do carro e eu faço o mesmo, depois Felipe abre o portão na lateral, e entramos pela garagem. Passamos por um corredor e subimos uma escada na lateral, que termina em uma varanda. Mesmo tendo cortinas, eu sei que tem alguém na sala. Estou tão envergonhada! Felipe abre a porta e segura a minha mão.

— Já ia te ligar. Não jantou ainda e tem que tomar a sua medicação. Melhorou a dor de cabeça? Felipe, você falou com o médico que tem tido dor de cabeça com mais frequência, pode ser o... — uma senhora de pele clara e cabelo liso e curto tingido de loiro diz a ele, e descubro quem é assim que ele a interrompe.

— Mãe, depois conversamos sobre isso. Essa é a Ísis, nós estudamos juntos — ela se levanta e sorri sem graça.

— Oi, Ísis. Prazer, sou Eliane — ela sorri, mas mesmo assim o clima é estranho.

— A Mari saiu, mãe?
— Está com o Léo, no quarto, vendo séries.
— Já voltaram?
— Quando não voltam, meu amor? — Ela brinca, em seguida escutamos passos correndo.

De repente, surge uma garota com pijama de inverno na sala. Assim como Felipe e a mãe, ela tem a pele clara, diria até em um tom pálido, cabelo castanho escuro bem liso e com o corte chanel. Deduzo que seja a sua irmã, também muito bonita, mas não mais que o irmão. Mas ambos não se parecem com a mãe.

— O que foi, curiosa? — Felipe brinca e ela se aproxima.
— Prazer. Sou Mariana, irmã do Felipe — ela se aproxima e me dá um abraço, notando que estou com a blusa dele. Que situação mais chata ser apresentada para a sua família, e ainda mais a essa hora! Fica claro que existe algo mais além de amizade.

— Prazer, sou Ísis — dou um sorriso forçado.
— Amor, vem aqui conhecer a... — encara Felipe. — A?
— Ísis, a minha amiga... — ele diz com um tom sério. Ela arqueia uma sobrancelha e lança um olhar divertido para ele, que revira os olhos com a atitude dela. É a linguagem de irmãos que eu nunca irei entender.

— Amiga do Felipe, Léo. Vem aqui!
Eu já vi o Léo na faculdade. Ele é um moreno claro alto, sarado e com *dread* um pouco abaixo dos ombros. Todas as alunas comentam sobre a beleza dele. E não demora para que ele se junte a nós.

— Prazer! Sou Léo. E aí cunhado, como vai?
— Prazer — digo sem jeito e com as mãos suando.
— Bem, e você? Na luta de novo, não é? — Léo e Elaine riem com o comentário.

— Dá um tempo, Felipe! — Mariana revida e sei que o “na luta” é uma referência a ela.

Felipe se vira para mim e percebo que ele vai ter a audácia de me deixar sozinha com a sua família. Droga!

— Ísis, vou ao meu quarto e já volto. Fique à vontade.
Felipe não diz mais nada e sai da sala, me deixando ali com cara de tacho.

— Sente-se, Ísis — Eliane diz, e eu faço isso mecanicamente. Léo e Mariana se sentam ao lado dela.

— Estudam juntos, isso? — A mãe de Felipe tenta soar com naturalidade, mas o clima tenso a deixa longe disso.

— Sim.

— E desde quando vocês são “amigos”? — Mariana é a próxima. Isso é um interrogatório?

— Pouco tempo, somos... — desvio o olhar.

— Meu Deus! Parem com isso. Vocês estão deixando a garota sem graça — Léo interrompe e agora sei o porquê de todos os alunos gostarem dele.

— Nada a ver. Felipe não nos conta nada, Ísis. E você sabe, as mulheres são naturalmente curiosas. Mulher gosta de conversar com mulher. Certo, mãe?

Elaine apenas sorri e me lança olhares amigáveis, porém curiosos. Já Mariana, essa me examina sem pudor algum. Minutos se vão e nada do Felipe. Juro que nunca mais volto aqui, e ele vai me pagar por isso.

— Ísis, com licença, vou ver se o Felipe precisa de alguma coisa — sua mãe sai.

— Já aviso que ela é superprotetora com ele — Mari se adianta.

— Com os dois — Léo retruca.

— Não vem não, Léo, que com o Lipe é muito mais — ela o contradiz de uma forma mais autoritária.

— Ele me disse... — falo quase sussurrando.

— Disse o quê? — Mariana pergunta, curiosa.

— Que vocês são muito unidos — respondo, sem graça.

— Ah, isso...

Léo comenta algo referente à novela e os dois se perdem nisso. Acho que fico quase uma hora sentada no sofá, e como não presto atenção na TV, observo o ambiente. As paredes da sala têm um tom branco, as cortinas são marrons e o jogo de sofá é cor pérola. De frente para ele, fica um painel com uma TV de plasma, uma mesa de centro e um tapete felpudo. Um quadro com um homem e duas crianças, que eu acredito que seja Felipe e sua irmã quando pequenos, está em uma parede. Uma planta fica na lateral e tem um corredor por onde Felipe entrou. Imagino que a casa toda seja dessa maneira, apesar de simples, muito bem arrumada. Finalmente Felipe surge na sala e juro que tenho vontade de bater nele.

— Quer jantar?

— Não — minha resposta soa rude demais.

Léo, Mari e mãe dele me encaram no mesmo instante.

— Vamos, então — Felipe diz, indiferente.

Eu me despeço de todos, muito sem graça.

— Volte sempre — Elaine diz ao se despedir.

— Obrigada.

Desço a escada com raiva e apesar de ele ser um cavalheiro ao abrir a porta do carro assim que chegamos lá, eu o acho um sem noção por ter me deixado sozinha. Durante todo o caminho, eu me mantenho calada e com o olhar fixo na rua.

— O que foi, minha bonequinha?

— Pode incluir “minha amiga” nessa frase — digo ironicamente.

Ao ouvi-lo rir, a minha raiva explode e como sempre, a minha língua é mais rápida.

— Você é tão sem noção. Por que me deixou sozinha na sala?

— Eles a maltrataram?

— Não, mas...

Ele para em frente a um trailer.

— O que você quer comer?

— Quero ir embora. Só isso.

— O que vai querer, Ísis? — Ele insiste.

— A minha fome já passou — bufo.

Ele dá a partida no carro.

— É impressionante como você acha que não fez nada de errado.

— O que eu fiz, minha amiga bonequinha? — Ele segura o riso. — Eu demorei porque jantei. Lembra que eu disse que iria jantar?

— E não dava para me levar para a minha casa primeiro e jantar depois?

— Não. Porque quero ficar mais tempo com você.

Sua resposta me amolece um pouco, mas antes de ceder, eu mudo de assunto.

— Estudou para prova de amanhã?

— Não — sua resposta me surpreende.

— Como vai fazer?

— Fazendo, mas ainda está chateada comigo?

— Estou. Você não deveria ter feito isso.

— Eu a apresentei como amiga, porque se fosse namorada você estaria lá até agora respondendo a um questionário — ele diz e espero que esteja

brincando.

— Sua família parece ser muito protetora e curiosa...

— Normal.

Ele estaciona na lateral do prédio e sei o que pretende.

— Tem a ver com o fato de você estar passando mal?

Felipe não me encara, mas a pergunta o deixa pensativo.

— Não — sua resposta não me convence.

— Mas melhorou a dor de cabeça? — Pergunto ao lembrar que a mãe dele mencionou isso.

— Melhorou, mas por que não senta aqui comigo? Fiquei com saudade dessa boquinha atrevida.

— Não, eu vou subir.

Antes que eu saia, Felipe me segura pelo braço.

— Não faz isso, por favor.

— Felipe, você faz com que eu...

Então ele me beija, interrompendo o que eu ia falar. Droga! Um beijo viciante e intenso e quando dou por mim, já estou quase agarrando o garoto. Eu tento me afastar, mas ele não deixa.

— Por favor... — suplica.

— Para chegarmos aonde? Porque, sinceramente, eu não o entendo. Você me deixa louca quando estamos no carro, sabendo que não podemos passar disso aqui. E me apresenta como amiga na maior cara de pau. Assim fica difícil!

— Que atitude você espera que eu tome se você nem tem certeza do que quer? — Ele pergunta olhando em meus olhos. Não sei o que responder.

— Mas, e você, o que quer Felipe?

— Você sabe.

— Não, eu não sei.

Ele fica mudo e desvia o olhar. Que droga! Novamente chego à estaca zero.

— Eu quero alguém que realmente goste de mim, mesmo com toda a minha bagagem...

— Eu gosto! — Deixo as palavras saírem.

Ele me olha, depois inclina o banco totalmente para trás e só então se aproxima novamente.

— Não faça isso. Por favor!

— Já parou para pensar como eu fico depois de sair daqui? — Ele me

encara. — Pode ter certeza que o pior acontece comigo e não com você.

— Mas a culpa não é minha. Você que não quer ir além disso.

— Porque eu acho que temos que conversar antes.

— Antes do sexo? — Pergunto um tanto rude.

— Sim...

— Conversa com todas antes?

— Converso, mas nenhuma foi igual a você...

Eu não sei o que dizer e novamente me vejo naquele dilema. Uma parte acha que deveria dar um basta e a outra quer ficar.

— Também acho uma droga tudo isso, mas sou assim, Ísis — suspira.
— Se você quiser ir embora, tudo bem...

Chego a tocar na porta, mas respiro fundo, aumento o som e me deito ao seu lado. Ele toca em meu rosto, acariciando a minha pele e passando o dedo em meus lábios para em seguida beijá-los. Quando paramos, sem fôlego, eu olho em seus olhos.

— Tive um relacionamento de mais de cinco anos, e nada se compara ao que estou sentindo agora. E essa é a questão. Não me sinto segura com esse misto de sentimentos, isso me faz sair da zona de conforto. E a única certeza que tenho é que não quero me apaixonar por você.

— Por quê? — Ele sussurra, atento aos meus olhos.

— Porque você sabe para onde isso nos leva.

— Ísis — nossas respirações se misturam. — Desde criança, eu escutei coisas absurdas sobre mim, e algumas me deprimiam muito. Um dia, minha mãe me disse que, ainda que as pessoas digam mentiras e tente te fazer acreditar nelas, não é a verdade sobre quem você é. Somos nós que escrevemos a nossa história. E acho que isso serve aqui também, Ísis — ele me beija. — Eu não sei o que você escutou sobre se apaixonar, mas podemos escrever a nossa história, e não baseada no que os outros falam, apenas no que nós acreditamos e sentimos. E isso só depende de nós.

Ele volta a me beijar.

— Se você me disser que tem um passado obscuro como os mocinhos dos livros, juro que te dou uns bons tapas.

Felipe gargalha e eu acabo gargalhando também.

— Não tenho um passado obscuro. Sou só alguém que tenta ser sempre grato a vida e tenta enxergar o lado bom de tudo. Mesmo em uma tragédia.

Ele sorri e voltamos aos beijos, quando paramos, ele verifica as horas.

— Já é quase meia-noite, você precisa descansar. E eu também — ele

diz e me dá um último beijo.

Eu não insisto e pego as minhas coisas. Felipe me acompanha até o elevador, e eu subo enquanto ele vai embora.

Então isso é estar apaixonado? Esse anseio por ver a pessoa, o frio na barriga, o desejo, e no fim, um aperto no peito porque quer que a pessoa continue sempre ao seu lado?

Eu não estou certa quanto a isso, somente que estou mergulhando nisso e nem mesmo sei como sair...

Capítulo 8

Felipe

Eu nunca me preocupei com essa teoria de que os opostos se atraem, até porque não era um cara que dava liberdade para isso. Na verdade, acredito que quando se trata de relacionamentos, quanto mais “iguais”, maior será a chance de dar certo.

E talvez, essa minha ideia estranha de sempre querer estar perto das pessoas que pensam como eu, visto que vivemos em uma sociedade repleta de diversidades, tenha afastado pessoas incríveis. Mas, por trás disso, existe uma zona de conforto, ou o famoso “não querer quebrar a cara”. E isso me fez seguir adiante com o meu grande plano, e estava indo bem. Estava até que em uma sexta-feira qualquer em que eu faltei, ao ver uma mensagem da Flávia, me lembrando de que teríamos que nos encontrar para organizarmos o nosso trabalho, me fez voltar atrás. Havia me esquecido completamente e tinha acabado de correr. Foi dia de ir ao médico, então não trabalhei no restante da tarde, estava cansado e queria apenas voltar para a casa. Mas se tem algo que detesto é faltar a um compromisso sem uma justificativa prévia. E graças a minha maldita consciência, que cobrou a responsabilidade de me encontrar com o grupo, fui assim mesmo, suado e sem nenhum preparo. E para a minha surpresa, havia uma nova integrante. A garota que apelidei de bonequinha desde o primeiro dia em que a vi. E pelo pouco que falou, notei que estava mais para bonequinha com um parafuso a menos. E com isso, a brilhante ideia de me aproximar apenas de quem pensa e age igual a mim, foi pelo ralo.

Eu seguia regras, mas a ironia de tudo isso é que não existe essa coisa de seguir regras quando se trata da vida. Ela costuma desfazer todos os seus planos. E pensando sobre isso, é aceitável sentir o medo crescer silenciosamente em seu consciente. A vida nos põe sempre à prova, e, segundo a ciência, apenas os mais fortes sobrevivem.

E vendo por esse lado, em determinado momento eu quis me afastar, porque a cada encontro, eu sabia que uma hora a verdade teria que ser dita e consequentemente pôr tudo a perder.

As pessoas costumam dizer que preconceito e discriminação é a mesma

coisa, mas não é. O preconceito se dá pela falta de informação, mas através dela, há como eliminá-lo. Já a discriminação é uma escolha que a pessoa faz estando consciente e obtendo informações.

Eu nunca entendi muito como uma pessoa se acha no direito de discriminar outra, ou quais os requisitos que ela julga ter para tal ato. Mas eu sou alguém que viveu o outro lado disso, que sentiu a discriminação na pele, então, obviamente, compreender uma escolha tão monstruosa, está além de mim.

Tudo bem que, muitas vezes, eu me questionei “Por que eu?”.

Geralmente, esses pensamentos vinham depois de alguma rejeição ou discriminação. Percebi que o meu medo produzia isso, porque hoje, essa pergunta está bem mais crescente. Uma pessoa importante invadiu a minha vida, e ela não sabe da verdade. Eu sou HIV positivo.

Sempre fui consciente das minhas escolhas e me empenho em escolher o certo, mas tudo complica quando se envolve sentimentos. Dizer a verdade passa a pesar muito mais quando você deseja que o momento nunca acabe. Quando se deseja que a pessoa esteja sempre ao seu lado.

E eu passei a remoer isso, a ficar horas olhando a foto de Ísis, pensando em qual é o momento certo para dizer algo tão íntimo e pessoal. Fico pensando em como ela irá reagir, ou quais as informações ela tem sobre HIV. E rapidamente, me vejo em pânico.

E isso me faz voltar ao começo de tudo. Quando deixei um oposto se aproximar, alguém que mal conheço, mas que, estranhamente, sinto como se fizesse parte de mim. Além, do HIV, claro.

Fico olhando em seu rosto, enquanto as portas do elevador se fecham e Ísis desaparece, mas a sua imagem fica presente na minha mente. Volto ao carro, e antes de dar a partida, eu me sinto atordoado. Penso nas palavras do meu infectologista, que sempre diz que a escolha sobre contar ou não, é minha. Eu decido. Uma vez que conheço o peso do preconceito.

E por mais que eu queria ter a chance de mudar isso, é a minha realidade. Eu tenho HIV e mesmo que a minha carga viral possa estar indetectável, ele está aqui e continuará até que se descubra uma cura.

Sigo pelas ruas, sentindo um peso enorme por estar deixando isso ir tão longe. Chegando à minha casa, deixo o carro na garagem e enquanto o portão se fecha, eu observo o céu. Subo a escada, abro a porta e não vejo ninguém na sala. Mas, tão tarde assim, elas já dormiram, e talvez eu tenha feito isso de

propósito. Principalmente por não querer me explicar.

E novamente, essas questões vêm e vão.

Segundo a minha psicóloga, eu não devo me sentir culpado por ter HIV. Meu cérebro entende isso perfeitamente, mas ele contradiz muito quando tem que se entender com o coração. Porque agora mesmo eu me sinto culpado por não ter contado para a Ísis. Saí decidido a falar, principalmente depois daquela noite desastrosa em que eu quase fiz sexo com ela. E foi horrível ter que forçar seu corpo a ir contra o desejo. Ela tem o direito de saber, mas por não querer que ela se afaste, estou sempre adiando esse dia.

E o medo de ser rejeitado continua a crescer.

Eu me deito na cama pensando em tudo isso, então escuto passos e vejo a porta se abrindo. Mari se aproxima, se deita ao meu lado, pega a manta que está sobre a cama e nos cobre. Eu me viro de frente para ela, e mesmo com a pouca claridade que a cortina permite entrar, consigo ver o seu rosto e a franja, que agora pende para a lateral.

— O que está acontecendo? — Sua pergunta é previsível.

— Nada, Mari. Vai dormir...

— Essa garota é a boneca, não é?

Sorrio com a sua dedução. Isso está se tornando difícil, o pensar virou pesar, e ele sempre traz o aperto no peito.

— Lipe, ainda não contou para ela, não é? É isso que está acontecendo? Meu silêncio lhe dá a resposta.

— Por quê?

— Essa grande cabeça não consegue deduzir? — Tento suavizar o clima.

Mari não sorri. Ela nunca sorri quando se trata disso.

— Você é uma pessoa incrível, e se ela...

— Percebeu isso, as minhas qualidades não irão me reduzir a minha soropositividade — completo. Ela morde os lábios, e eu conheço bem essa carinha de “quero chorar, mas na frente dele vou fingir que está tudo bem”.

— Mari, relaxa. Está tudo bem...

— Odeio vê-lo passar por isso.

— O máximo que eu vou ganhar é um chute na bunda — agora vejo as lágrimas.

— Que droga. Eu não entendo porque, hoje em dia, com tanta informação, as pessoas ainda têm tanto preconceito.

— Mari, está tarde. É melhor você ir dormir e eu também preciso. Está

tudo bem mesmo, eu estou bem... — respiro fundo e forço um sorriso.

— Você mente mal, muito mal. E eu te conheço — ela coloca a cabeça no meu peito, e eu começo a afagar seu cabelo. — A mamãe está preocupada. Você não se retraia tanto, mas agora evita falar sobre o assunto.

— Vocês duas não podem me ver quieto que começam a especular.

— Ela é importante, não é? Já tem o quê? Um mês?

— Um mês é tão pouco, não acha?

— Seus relacionamentos nunca passaram disso — ela me lembra.

— Teve um que sim. Você só não se lembra.

— Aquele desastroso que terminou com nós nos mudando? Para né, Lipe. Não acredito que ainda conta aquilo como relacionamento.

Dou um sorriso para ela.

— Um relacionamento que teve um final péssimo, mas foi.

— Se um mês é tão pouco assim, por que está tão tenso? Você nunca trouxe uma garota aqui, essa é a primeira vez.

— A Flávia já veio aqui para fazermos um trabalho.

— Felipe, pare de me fazer de boba. Sabe muito bem do que estou falando.

— Eu não sei, Mari. Não era para ter deixado isso acontecer. Eu cometi um erro, mas, por outro lado, se não tivesse deixado chegar a esse ponto, eu nunca saberia o que poderia estar perdendo. E agora percebo o que me fazia falta, só não sabia o que era, mas sentia. Ísis me mostrou que quero ficar com ela, e não precisou de muito tempo para isso — suspiro. — Eu fico pensando em qual momento é melhor. Devo contar a verdade ou desistir do que eu quero? — Respiro com pesar. — Eu quero contar, e sei que ela tem o direito de saber, mas ainda não estou pronto para esquecê-la.

— Se quiser, eu conto por você.

Eu rio com a sua sugestão.

— Vai dormir. Você não está raciocinando direito.

— Lipe, olhe para mim! — Ordena. — Não quero que pense que não merece essa garota pelos problemas que enfrenta. Você é lindo, um cavalheiro, e se não fosse o meu irmão, eu me apaixonaria por você rapidinho.

— Deus que me livre. Eu me esconderia de você — brinco. Ela precisa acreditar que estou bem, caso contrário, não vai sair do meu quarto.

— Meu outro eu, que não é a sua irmã, acaba de desistir — ela retruca.

— Boa noite. Não fique mais pensando nisso, talvez seja diferente. E

pensando bem, qual o problema? Vocês vão usar camisinha de qualquer jeito, então...

Ao me lembrar do escândalo que Ísis fez, prefiro nem contar.

— Boa noite, Mari. Obrigado — ela sorri.

— Juro que se essa garota o magoar, dou uma surra nela.

— Pare com isso. Pode fazer barraco na sua vida, não na minha.

Ela se levanta e sorri.

— Eu amo você — diz e sai do quarto.

Eu volto a pensar em tudo o que está acontecendo e o meu coração acelera, então pego o telefone e vejo a sua foto. Todas as nossas conversas rodam na minha cabeça, e não apenas elas, eu acho que as palavras não ditas têm mais peso ainda. Rolo na cama de um lado para o outro e não consigo dormir por horas, até que o cansaço vence.

Quando o telefone desperta, acordo excitado por ter sonhado com ela e isso está acabando comigo. Estar com sono e com o pau duro é um verdadeiro martírio. Sem contar que o fato de ter dormido pouco, vai me custar muito caro.

Toda noite, precisamente às dez, eu tomo três antirretrovirais, Sulfato de Atazanacir, Ritonavir, Fumarato de Desoproxila Lamivudina, que impedem a multiplicação do vírus, e tornam a minha carga viral indetectável. Foram necessárias algumas trocas durante esses longos anos, mas para quem já chegou a tomar vinte comprimidos, tomar três é fichinha. Pela manhã, eu sinto enjoo porque eles são fortes, e então incluo mais um remédio para o estômago, e às vezes sinto tontura, mas ultimamente as dores de cabeça têm sido mais constantes, o que me faz acrescentar mais um para dor de cabeça. E de todos esses efeitos colaterais, ter muito sono pela manhã é o mais incômodo, e hoje, depois dessa péssima noite, sei que isso vai me incomodar.

— Felipe, já preparei o café. Se não levantar vai perder o horário — minha mãe grita.

— Droga!

O meu quarto é a única suíte da casa, uma vez que esses efeitos colaterais surgem na parte da manhã. Mari nunca reclamou disso, muito menos a minha mãe, foram elas que decidiram. Tenho toda a privacidade necessária no momento que Mari apelidou como sendo “força, Felipe, é só mais um dia”. Após levantar e lavar o meu rosto, vejo através do espelho os efeitos de uma noite mal dormida. Minha cabeça está latejando, então levo as mãos a ela e fecho os olhos esperando que passe. Acho que toda essa tensão

tem feito mais mal que os efeitos colaterais.

Quando finalmente desço, já pronto, tenho dez minutos para tomar café. Saio às pressas e esqueço o remédio para a dor de cabeça. Pego trânsito e mesmo estando atrasado, não me importo com isso. O primeiro horário é prova, e quer saber, se por causa desse atraso a professora não me deixar fazer, sinceramente, vou agradecer. Pelo menos assim poderei voltar para o carro e dormir um pouco.

Entro na sala e apesar de torcer a cara ao me ver chegar atrasado, Andreia, a professora, não diz nada. Carlos está sentado próximo à Ísis, que dá um sorriso assim que me vê. Ela está vestindo uma blusa decotada, deixando a clivagem dos seus seios evidente. O corpo é dela, eu sei, mas me incomoda. Ísis é linda e suas roupas só contribuem para que chame mais atenção. Parece egoísta querer que ela só chame a minha atenção, mas é a verdade, e isso soa ridículo até mesmo para mim. Eu a olho novamente de relance, e como não retribuí o seu sorriso como eu acho que ela queria, a expressão no seu rosto ao me olhar já mudou. Na minha cabeça fica martelando se ela agirá da mesma maneira depois que eu contar que sou soropositivo. Eu me sento em meu lugar, e quem me dera conseguir pensar na prova ao invés disso.

A professora me entrega a prova, no entanto, a minha cabeça está a mil e não consigo nem mesmo lê-la. Só observo o tempo passar. Droga, Felipe, vai entregar isso em branco?

Eu me forço a ler e nem mesmo isso resolve merda nenhuma.

— Felipe, já fez? — Flávia sussurra.

— Não.

— Quer que te passe as minhas respostas?

Eu detesto colar, você fica às cegas e não pode confiar em algo que não fez. Eu fico mal, pensando que usei a pessoa, mas não posso entregar a prova em branco. Eu me aproximo discretamente, apenas o suficiente para escutar as respostas da Flávia. E quando termino, nossas provas estão ridiculamente iguais.

— Flávia, tem remédio para dor de cabeça? — Sussurro na esperança de que ela possa me ajudar.

— Tenho, mas você pode tomar qualquer um? — Eu estranho a pergunta dela, mas não questiono. Acho que não quero saber a resposta.

— Posso.

Ela me entrega um comprimido, e assim que o primeiro horário

termina, corro para tomar o remédio. Não penso muito a respeito, somente volto para a sala e pego minhas coisas. Não adianta ficar aqui se não vou conseguir prestar atenção em nada.

— Vai embora? — Flávia pergunta.

Confirmo que sim, e olho para Ísis, que desvia o olhar. Provavelmente já se perguntou, especulou e teve sua própria resposta sobre o que está acontecendo. Tudo porque, sendo ela uma pessoa egocêntrica, só os seus problemas importam.

Quando chego em casa, Mari me vê entrar, mas eu subo sem me justificar, uma vez que ela está com clientes. Eu corro para o quarto e fecho as cortinas, desejando conseguir dormir. Coloco o telefone para despertar, e antes de deixá-lo de lado, Ísis me manda uma mensagem seca e arrogante.

Qual é o seu problema?

Eu não fico chateado com isso, na verdade, até rio ao imaginar a sua carinha de raiva.

Oi, bom dia. O dia não está sendo muito bom para mim, não é nada de mais, só uma dor de cabeça chata, mas vai passar. Podemos conversar à noite? Desculpe por não falar com você agora. Beijos e tenha um ótimo dia!

Não espero a sua resposta. Tenho certeza que ela já está pensando em algo totalmente sem noção, e conversar agora não vai resolver nada e eu também não estou disposto e sei que está com raiva. Eu já vi que quando está assim, não vale a pena insistir. Demora um pouco, mas consigo dormir.

Quando o despertador do relógio toca pela segunda vez, sei que tenho que me levantar. Dessa vez, sem dor de cabeça e isso é um alívio. Antes do almoço, vou para a academia, depois almoço e sigo para o trabalho.

No *pet shop* eu sou o faz tudo. Ajudo desde a reposição das mercadorias nas prateleiras, até auxiliar da Mari nas consultas, vacinas e administração de medicamentos. Motorista também, já que agora ela faz entrega em domicílio. Apesar de gostar de animais, não é a minha área, por isso não aceitei entrar nisso como sócio, então esse cargo foi dado ao Léo. Obrigado por isso, cunhado.

Minha tarde passa lentamente, e eu tento não pensar em Ísis, mas o tentar só piora tudo. As poucas vezes em que olho o telefone, vejo que ela não respondeu. Essa imaturidade e a falta de empatia me desanimam, mas provavelmente ela cresceu em uma bolha e ainda não despertou para a realidade à sua volta.

Eu me ocupo de fazer as minhas obrigações, já que sou explorado pela minha irmã, e entre um intervalo e outro, copio os endereços que estão me passando no nosso grupo de caridade do *WhatsApp*. Léo montou o grupo, onde cada um ajuda como pode, desde roupas até alimentos, e como ele dá aula em duas faculdades, fiquei responsável por pegar os itens doados e entregar onde estão precisando durante a semana, e durante os fins de semana ele se encarrega disso. Obviamente, só consigo fazer isso depois do meu horário de serviço, e pode até parecer algo chato, mas não é. Conheci ótimas pessoas assim, e o mais incrível é que a sua maioria é composta por pessoas que também precisam, e mesmo assim sabem que o pouco, com o intuito de fazer o bem, se torna muito. Em um grupo de apoio a soropositivos, eu conheci Antônio, que me convidou para dar palestras e contar a minha experiência. Ainda não decidi a respeito, porque a minha rotina já está cansativa depois que entrei na faculdade, mas estou quase aceitando. Preencher a mente o deixa livre de pensar em merdas.

Quando finalmente o relógio marca seis da tarde e Mari fecha o caixa, é sinal de que mais um dia acabou. Ela libera primeiro a menina do caixa e o outro entregador, por último, eu. Vou para a nossa casa primeiro que ela, e a encontro vazia, uma vez que a nossa mãe saiu para o trabalho, já que essa semana está no turno da noite. Tomo um café, e como hoje é o dia da Mari preparar o jantar, espero que ela não invente de pedir pizza.

Depois de tomar um banho rápido, pego o celular e vejo que Ísis ainda não respondeu a minha mensagem, então nem imagino como está o seu humor. Reunindo toda a coragem necessária, eu envio uma mensagem para ela.

Oi. Pode falar agora?

Sua resposta é imediata, e isso me anima.

Você virá aqui? Quero conversar com você.

Claro! Qual horário?

Combinamos de nos encontrar às sete horas da noite.

Droga! Isso não tem futuro, não mesmo, e cada dia essa certeza aumenta. Quando Mari me vê pronto para sair, pergunta:

— Não vai jantar?

— Quando chegar — pego uma maçã e saio dando uma mordida nela.

— A mamãe vai achar ruim se souber disso.

— Quem disse que ela vai saber? — Grito, já na porta. Fico imaginando o que Ísis irá falar.

Chego ao prédio e é Monique quem me atende. Essa é totalmente louca.

— Ísis está? — É a única pergunta que sei fazer para essa garota.

— Está deitada, com cólica. Dessa vez é verdade.

Peço licença e vou ao quarto, onde a encontro deitada debaixo das cobertas.

— Oi — toco o seu pé.

Ela não responde, e chega a ser cômica a situação. Após segundos me ignorando, eu me aproximo e sento ao seu lado assim que ela se afasta para dar mais espaço.

— Já melhorou a dor de cabeça? — A pergunta soa mais irônica do que sincera.

— Melhorou sim, obrigado por perguntar. Mas, e você, como está?

— Com cólica — faz uma carinha manhosa.

— Tomou remédio?

— A Flávia não me ofereceu, mas o Carlos comprou para mim — diz, provocando.

— Que bom. Mas chegou a pedir para ela?

Ela ri.

— Jamais. Já reparou como ela olha para mim?

— Acho que é apenas ciúme, não dê atenção a isso.

— Não sei por que, ninguém sabe sobre nós...

— Quer mudar isso? — Ela finge não me ouvir. Isso é TPM?

— Deita aqui comigo — o seu pedido me surpreende.

Eu me deito ao seu lado, ela apoia a cabeça em meu peito e joga uma perna sobre as minhas. Não demora muito para começar a passar a mão lentamente no meu peitoral, e a sensação é maravilhosa. Eu fecho os olhos e parece que existe somente nós no mundo. Sentir o cheiro de Ísis é viciante e me deixa tão confortável, que basta um beijo para que toda a sua infantilidade

deixe de fazer diferença para mim.

— Quer que eu faça uma massagem? — Sugiro.

Ela volta a me beijar e quando abro os olhos, ela está sem blusa, cobrindo os seios com as mãos. Cara, essa garota me deixa louco. Está testando meus limites, só pode. Ela se vira de costas para mim, colocando seus lindos cachos para a frente.

— Pode fazer — sua voz soa ofegante.

Começo a massagear as suas costas, e ela acaba se rendendo, deitando de bruços. Quando percebo, estou distribuindo beijos em suas costas, nem sei como isso aconteceu, já que ao lado dela eu me perco. Assim que paro, eu me deito ao seu lado novamente, mas com uma certa distância entre nós. Eu fico observando o seu rosto, e Ísis começa a falar. Não presto atenção em suas palavras, mas finjo bem. Fico memorizando os seus lábios, seu timbre de voz, suas caras e bocas ao falar.

— Não é? — Ela para, esperando a minha resposta.

— É...

— Então... — continua.

Ao seu lado, não existe solidão. É único e acho que poderia ficar a noite toda somente a observando.

— Ela disse que sou infantil. Ridículo. Você acha que sou infantil? — Eu não respondo.

Ela está contando com uma animação tão grande, que nem mesmo nota que não respondi nada. Quando termina, sorri e me beija. Como colocar um fim se eu não quero um fim? Mesmo longe, ela permanece nos meus pensamentos. E perto, cada sentido meu está conectado a ela. Ísis volta a deitar no meu peito, e eu fico fazendo cafuné e nos perdemos nisso.

— Ei... — a voz é estranha. — Quer colocar o seu carro na nossa vaga? Não é bom deixar na rua a essa hora.

Eu abro os olhos e demoro um pouco para assimilar a pessoa à minha frente. Monique.

— O quê? — Pergunto, ainda sonolento.

— São onze e meia, pode colocar...

— Que horas? — Pergunto, assustado.

— Onze e meia.

— Droga! — Monique fica me encarando sem entender nada. — Desculpe, mas tenho que ir.

Eu tiro Ísis de cima de mim com todo o cuidado, e ela não acorda.

Então arrumo a minha roupa o melhor que consigo, calço os tênis e saio feito bala de revólver. Assim que chego em casa, eu vejo a luz da sala acesa, então entro na ponta dos pés para não fazer barulho, mas Mari está sentada no sofá, me esperando.

— Felipe, qual o seu problema?

— Relaxa. Meu telefone descarregou e...

— Pelo menos levou os seus remédios?

Eu bufo com a sua pergunta, e sigo para o quarto, escutando seus passos atrás de mim. Ao me ver pegar os remédios, ela começa.

— Eu não acredito que você fez isso!

— Acabei dormindo, meu telefone descarregou e...

Mari está bufando de raiva.

— Você sabe que para que o tratamento dê certo, é fundamental que respeite os horários e a forma indicada pelo médico. Caso contrário, o HIV pode se tornar resistente aos medicamentos. Se isso acontecer, será necessário buscar uma nova combinação de antirretrovirais que funcione. Você sabe pelo que passou, sabe que não foi uma tarefa fácil. Sem contar os novos efeitos colaterais que terá que enfrentar! — Ela praticamente grita.

— Eu sei. Sou eu quem passa por isso, lembra? Mas aconteceu, vou ficar atento da próxima vez.

— Da próxima vez? Felipe, o que está acontecendo? Acha que pode brincar com isso?

— Não, eu não acho. Mas aconteceu...

— E você jantou?

Solto um suspiro cansado e ela se afasta, pisando duro. Sei que ela está indo ligar para a nossa mãe.

— Sério que precisa disso? — Pergunto, irritado.

— Precisa! — Responde no mesmo tom.

— Me dá o telefone, por favor?

— Não!

— Você tem consciência de que ela está trabalhando e tem outras preocupações além de mim?

Ela desliga o telefone e fica em silêncio.

— Se não contar para essa garota, eu conto.

— Isso é ridículo!

— Não é ridículo. Você tem que ter ao seu lado pessoas que te amam e apoiam, e se essa garota não pode conviver com a sua realidade, não é digna

de você.

Eu não falo mais nada. É sempre um drama. Mari sempre faz drama. Droga! Estou tão irritado comigo mesmo, que não tenho nem saco para aturar um sermão dela. E o pior que eu sei que amanhã terei mais um.

Vou direto para a cozinha, janto e assim que chego ao meu quarto, encontro Mari na minha cama.

— Se você soubesse como eu fico só de pensar na possibilidade de perder você... — diz com a voz embargada.

— Ei, pare com isso. Está tudo bem, eu cometi um deslize. Prometo que não vai acontecer de novo — ela se levanta, enxuga as lágrimas e me dá um abraço.

— Me desculpe, mas sabe que não pode brincar com isso.

— Eu jamais brincaria com isso.

— Promete?

— Prometo. Pode não contar isso para a nossa mãe?

— Eu vou contar, nem adianta pedir.

Eu respiro fundo e ela sai do meu quarto. Logo em seguida o telefone toca, e não preciso escutar muito para saber quem é. Mari está cumprindo o que havia dito. Quando finalmente eu me deito, as palavras dela pesam.

Eu me sinto tão ligado à Ísis, e talvez o medo se dê pela certeza de saber que ela não está preparada para o que tenho a oferecer. Toda a vez que vou encontrá-la determinado a contar, ver o fim tão evidente em seus olhos, me faz voltar atrás. Mas não dá mais para adiar. Ou vou ser aceito, eu e meu HIV, ou terei a certeza de que é o fim.

Capítulo 9

Felipe

Abro os olhos e meu estômago embrulha, não muito, dá para aguentar. Eu olho para o lado e lá está a minha mãe, me observando. Não faço ideia se entrou agora ou já está faz algum tempo.

— Bom dia.

— Bom dia! — Sorri, se aproxima de mim e se senta ao meu lado na cama. Antes que eu possa conferir as horas, ela me interrompe. — Ainda são cinco e meia. Está cedo — acaricia o meu rosto. — Fiquei olhando para você e me lembrando daquele fatídico dia.

— Esquece isso mãe, faz tanto tempo.

— Toda vez que olho para você, fico pensando que deveria ter pedido para você ficar em casa naquele dia.

— Mãe, pare com isso. Não fique chateada pela noite passada, você sabe que a Mari é exagerada — tento tranquilizá-la, mas ela continua.

— Eu sentia uma coisa estranha aquele dia, mas já estava combinado. Seu pai tinha acabado de chegar de viagem e prometeu que o levaria para pescar. Você estava tão empolgado, ficou falando durante toda a semana sobre o passeio. Meu coração ficou tão apertado e você só tinha seis anos, não sei por que, mas ainda o via como um bebê. Você e Mari eram os meus bebês — seu olhar está distante. — Às vezes penso que se eu não tivesse permitido esse passeio, você não teria que passar por tudo isso — droga, ela começou a chorar. Mari deve ter falado muita merda para ela estar tão abatida.

— Mãe, quem poderia prever que isso iria acontecer? A culpa não foi sua, e nem do papai. A vida é assim, mãe. Acho que eu já estava destinado a passar por isso.

Ela continua falando, como se não estivesse me escutado. E talvez não tenha mesmo.

— Quatro horas depois me ligaram falando do acidente. Um motorista bêbado atravessou o sinal e acertou em cheio o carro que vocês estavam. Seu pai morreu na hora. Felipe, eu perdi o chão, e antes que pudesse chorar a morte do seu pai, me falaram que você estava internado com uma grave

hemorragia. Acho que nunca implorei tanto a Deus por sua vida, até aquele momento. Talvez, se eu não tivesse feito isso, se você não tivesse recebido aquela transfusão...

— Eu não estaria aqui, mãe. Não existem culpados, apenas aconteceu. Ontem eu vi uma pesquisa que dizia que entre 30 e 60 pessoas por ano podem ser contaminadas por sangue doado. Hoje em dia, mãe, imagina anos atrás, quando pouco se sabia sobre AIDS ou HIV, e infelizmente, limitava-se a doença aos grupos de risco. E isso acabou fazendo com que muitas pessoas que estavam contaminadas e não sabiam, e que não pertenciam a esses grupos, doassem sangue. Mas tudo tem o seu lado bom, mãe. Dizem que só os fortes sobrevivem, eu sobrevivi. Sou forte. Não é isso que me dizia quando eu chorava?

— Você é! Eu te amo tanto, tanto — ela me beija. — Depois que você e Mari nasceram, soube que é possível meu coração bater fora do corpo — sorrio carinhosamente para ela.

— Eu sou tão grato por tê-la como mãe. Não poderia ter tido uma mãe melhor. Você foi a minha força por tantas vezes, lutou para que eu conseguisse tratamento, brigou todas as vezes que sofri preconceito, e nunca me deixou desistir. Então, por que isso agora? Eu só tenho a agradecer — falo e ela me beija novamente.

— Ela parece mesmo com a boneca — ambos sorrimos. — Quer falar sobre ela? — Pergunta.

— Sinceramente? Não.

— Tudo bem, amor. Eu fiz panqueca para você. E, Felipe, independentemente de como essa garota reaja a isso, você é uma pessoa maravilhosa, iluminada. Ainda que ela não aceite, isso não muda quem você é. Eu te amo muito e ser soropositivo não o deixa inferior a ninguém! Nunca deixe que ninguém o reduza a isso, entendeu?

— Mãe, você fala isso o tempo todo. Eu sei que não me faz inferior, vivo com o vírus desde os seis anos, apesar de só ter descoberto aos sete. Mas hoje nós convivemos bem. Não somos os melhores amigos, mas estou longe de odiá-lo — eu brinco. — Ao menos ele é presente em minha vida, participa ativamente dela, mais que muitos amigos — eu sorrio.

Ela não ri, assim como Mari, odeia as minhas piadas em relação a isso. Assim que me beija mais uma vez, ela sai do quarto. Pouco tempo depois, o telefone vibra com a chegada de uma mensagem da Ísis.

Bom dia! Eu o fiz perder a hora, me desculpe. Mas fui enganada, sabia? Dormi achando que você estava ao meu lado e ainda com os olhos fechados, quando fui te beijar de manhã, era o travesseiro. Hahaha. Não conta para ninguém esse mico. Até logo, bjs.

Sorriso feito bobo ao ler a sua confissão e mando uma mensagem de volta.

Bom dia, bonequinha! Quem sabe na próxima você não dorme aqui? Até mais, e tenha um ótimo dia. E desculpe-me por esse engano. Foi sem querer mesmo, não quis te acordar quando sai. Bjs.

Termino de me arrumar ainda com sono e vou à cozinha. Mari está sentada à mesa, e eu evito olhar para ela. Sua língua grande fez a minha mãe chorar.

— Bom dia, Felipe. Dormiu comigo? — Ela provoca.

— Graças a Deus, não! — Disparo e a minha mãe nos encara.

— Se vocês começarem logo de manhã, vou colocar os dois abraçados por dez minutos.

Eu solto uma gargalhada ao escutar isso. Quando éramos pequenos, a cada briga que tínhamos, ela nos colocava abraçados e fazia com que falássemos para o outro que nos amávamos. Esse era um castigo e tanto.

Assim que termino o café, eu pego a minha mochila, dou um beijo em minha mãe e sigo para a sala, passando por Mari e bagunçando o cabelo dela.

— Idiota! — Diz com raiva.

Pegando as chaves do carro, eu desço rapidamente, antes que ela decida vir atrás de mim.

Chego ao estacionamento e vejo o carro da Ísis, então sigo para a sala. Assim que chego na sala, eu percebo que ela ainda não entrou, então vou ao meu lugar e me sento.

— Bom dia, Flávia.

— Bom dia. Ficou sabendo da fofoca que está rolando no grupo?

— Não, qual?

— Lembra que tinha ficado decidido que eu, você e Carlos iríamos apresentar o trabalho?

— Sim.

— Carol disse que sempre somos nós e que deveríamos dar oportunidades aos outros também.

— Maravilha. Fala para ela apresentar no meu lugar, eu não me importo. Até mesmo agradeço.

— Ísis tomou as dores dela e foi aquela confusão no grupo hoje de manhã. Não viu a conversa?

— Só olhei o telefone quando acordei, mas não vi as mensagens do grupo.

— Depois elas jogaram a culpa em mim, dizendo que eu me acho, aí eu disse que quem se acha é a Ísis, que adora se exhibir mostrando pele demais. Eu estava me referindo às roupas provocantes que ela usa, mas na hora Ísis deu uma de ofendida e disse que eu sou racista. As mensagens estão aqui para provar que eu não falei da cor da pele dela, falei das roupas. Ísis interpretou de outra forma, disse que vai me processar, me ofendeu e ainda por cima colocou todos contra mim.

Flávia me passa o seu telefone, e ao ler as mensagens, constato que ela tem razão. Ísis interpretou de forma errada, mas Carol deu razão a essa interpretação errônea e colocou mais lenha na fogueira. No fim, ambas ofenderam a Flávia.

— Acha que ela vai mesmo me processar? Ela disse que o pai dela é advogado — ela pergunta, com receio.

— Eu não acho que essa conversa tem fundamento para um processo, mas deixe isso para lá. Que dia vamos nos reunir para definir a apresentação?

— Quinta-feira. A apresentação é na sexta-feira — seu olhar ainda é preocupado.

— Flávia, esqueça isso. Ísis é exagerada. Depois que a raiva passar, ela vai ver que não tem fundamento essa acusação.

— O que me deu raiva foi que o Carlos ficou defendendo-a. Todo mundo vê que é porque ele é doido para transar com ela — engulo em seco ao escutar isso. — Ele deveria ter sido justo, mas não foi, até me ameaçou tirar do grupo dizendo que não admitia preconceito.

— Eu vi. Fizeram uma tempestade em um copo d'água. Deixe isso para lá, não vale a pena.

Eu escuto o professor pedindo atenção, e Ísis ainda não entrou. Quando pego o telefone, vejo a sua mensagem pedindo para ir me encontrar com ela na biblioteca. Dos envolvidos na confusão, Carol e Carlos estão aqui. Peu e Fernando, assim como eu, não opinaram. Talvez não tenham visto.

Peço licença, deixo a sala e vou direto para a biblioteca. Chegando lá, encontro Ísis em um canto, emburrada. Vou até ela e juro que me seguro para não rir. Essa ganha da Mari no quesito drama.

— Oi — eu me sento ao lado dela.

— Estou com tanta vontade de bater naquela Flávia nojenta. Viu o que ela fez comigo?

— Vi a conversa no grupo. Se você ou a Carol quiserem apresentar no meu lugar, tudo bem. Eu não me importo — ela me lança um olhar de ódio. Deus, por que eu fui falar isso?

— Se eu quisesse apresentar, Felipe, teria pedido ao Carlos, que é o líder do grupo — desvio o olhar ao escutar sua resposta rude.

— Você tem que começar a medir as suas palavras. Ninguém tem culpa do que aconteceu, e para mim não passou de uma interpretação errada.

— Você conversou com a Flávia? — Diz em tom alterado.

— Ísis, eu li a conversa. Além de interpretar errado o que ela disse, você a acusou de racismo e a ameaçou por isso. E ainda por cima, você a ofendeu.

— Então, eu sou a errada da história? — Ela pergunta com indignação.

— Apenas expus o meu ponto de vista. Não me julgo capaz de culpar alguém.

Ela me olha com raiva.

— Não vai assistir à aula? — Tento mudar de assunto.

— Estou esperando o meu pai me ligar.

— O quê? Você vai mesmo levar isso adiante? — Eu pergunto, chocado.

— Estou chateada e achava que o meu namorado poderia me entender, mas como ele não é capaz disso, preciso desabafar com alguém que realmente me ama.

Deus, eu não acredito que escutei isso. Antes que eu dê uma resposta a ela, o telefone toca e Ísis atende. Como estou ao seu lado, consigo escutar toda a conversa que ela tem com o pai. Ela conta o que houve e diz que vai mandar as mensagens para ele. Ele responde usando todas as palavras no diminutivo como princesinha, minha *deusinha*, anjinho, lindinha, minha

vidinha. Sendo advogado, ele deveria dar uma real nela sobre isso, mas não, alimenta mais ainda essa manha.

Quando desliga, ela se vira a mim.

— Viu. Só precisava de alguém que me entendesse.

— Que bom que consegui. Está mais calma agora? — Relevo.

— Estou. Eu preciso pegar dois livros. Clássicos Franceses. Sabe onde fica?

— Acho que clássicos fica no quinto corredor à esquerda.

— Pode me ajudar a achar? — Pergunta com uma versão oposta à voz anterior. Diria até meiga.

— Vamos.

A biblioteca é imensa. Chegamos ao corredor e enquanto ela procura livro por livro, eu fico observando-a de costas. Suas roupas são extremamente justas, uma camiseta preta, uma calça escura que realça muito bem a sua bunda e saltos. Eu olho ao nosso redor, e não tem nenhuma alma viva por perto. Ísis está concentrada na procura, então eu me aproximo e a abraço por trás, começando a beijar o seu pescoço lentamente.

— Não faça isso. Ainda estou com raiva de você — ela diz, ofegante.

Logo em seguida, ela se vira e corresponde os meus beijos. Eu adoro a sua linguinha safada. Minhas mãos vagam pelo seu corpo e as suas vagam pelas minhas costas. Então perco completamente a razão, levanto a sua blusa e abocanho o seu seio direito. Chupo tão forte, que quando ela começa a gemer alto, levo a minha mão até a sua boca, e isso a faz entender o recado. Ao olhar em seus olhos, eu sei que ela me deseja tanto quanto eu a desejo. Ísis volta a me beijar, mas agora não quero beijar a sua boca, desço novamente e sugo seu outro seio. São tão perfeitos e lindos, que estou quase gozando. Eu paro e respiro fundo, tentando voltar ao normal. Ísis não insiste, abaixa a blusa, então escutamos passos. Eu me viro para o corredor e vejo a bibliotecária vindo em nossa direção, e em um sobressalto, eu coloco Ísis à minha frente para que a mulher não note a minha ereção.

— Posso ajudar? — A bibliotecária pergunta, desconfiada. Deve ter escutado a Ísis.

— Clássicos franceses, é aqui, não é? — Tento soar normalmente.

— Qual o curso estuda?

— Arquitetura — falo e ela me lança um olhar de reprovação.

Eu olho para Ísis e ela está segurando o riso. Que garota safada, me enganou direitinho. Droga!

— Voltem para a sala antes que eu denuncie vocês — ela ameaça.
Saímos no mesmo instante.

— Você é fogo — digo e a deixo rindo no corredor enquanto vou beber água gelada para amenizar o incêndio que ela provocou em mim.

Mais recomposto, eu olho ao meu redor e ela já desapareceu. Quando entro na sala, lá está ela, com a carinha mais inocente do mundo. Perdemos todo o primeiro horário. Quando outra aula se inicia, eu a olho novamente, querendo saber o que passa naquela cabecinha de vento. Droga, ela me atingiu tão em cheio, que não vai ser fácil deixar isso ir embora. Ela sorri com malícia assim que percebe que estou olhando para ela. Existe a possibilidade de você amar até os defeitos de alguém? Começo a acreditar que sim.

Ela mexe no telefone, e eu volto a minha atenção, ou finjo que volto, para a aula que agora inicia. Depois de alguns minutos, o meu telefone vibra.

Ainda está do lado da Flávia? Se estiver, não precisa ir me ver à noite.

Olho para ela e Ísis finge estar atenta ao professor. Ela existe mesmo?

Mesmo não querendo admitir, mando uma mensagem para ela.

Tudo bem, você venceu.

Rapidamente chega uma resposta dela.

Eu sempre venço.

A resposta dela me faz rir e enviar outra.

Bobinha, mesmo quando eu perco para você, ainda estou ganhando.

— Felipe, acredito que a conversa em seu telefone seja muito importante, mas não irá ajudar na hora da prova. Mas se quiser continuar, retire-se da sala, por favor — o professor chama a minha atenção. É a primeira vez que isso acontece.

— Desculpe-me.

Ele assente, então desligo o telefone e não volto a ligar. No intervalo,

quando vou ao refeitório, o grupo está em outra mesa, e Flávia onde costumamos nos sentar, sozinha.

Qual a idade dessas crianças mesmo?

Compro o meu lanche e me sento ao seu lado, sem me atrever a olhar para Ísis. Flávia sorri com a minha atitude, já Ísis, provavelmente deve ter me mandado para o inferno sem piedade alguma. Graças a minha atitude no intervalo, sou ignorado por ela no restante da aula, ainda assim, na terça-feira à noite, eu a encontro. Apesar de vários beijos quentes, não passamos disso. Ísis é tão carinhosa às vezes, que começo a achar que ela é bipolar. Mesmo sem querer ir embora, volto para a casa no horário certo para tomar os medicamentos, mas isso não inclui o jantar que acontece depois das dez. Na quarta-feira não há novidades, mas o grupo volta a se sentar comigo e Flávia. Quinta-feira, durante o intervalo, Peu fala de uma amiga que quer processar o namorado por ter lhe transmitido o vírus do HIV. O assunto me deixa extremamente desconfortável e como estou com fones de ouvido e cabeça baixa, finjo não prestar atenção. Ísis, que está ao lado de Carol, não se mostra interessada.

— Acho totalmente sem noção. Foi ela que abriu mão de usar camisinha — Flávia, como sempre, é sensata.

— Não é bem assim, Flávia. Ela confiou no cara, e o filho da puta foi bem pilantra, isso sim — Peu rebate e parece bem invocado.

— Juro que se fosse com a minha irmã, eu matava um filho da puta desses — Fernando fala.

— O cara já tem AIDS, matar pra quê? Já está condenado mesmo — Carol opina e eu desvio o olhar.

— Ah, gente. Pelo amor de Deus! Tinha que matar um cara desse mesmo. Ele estragou a vida dela, a garota agora tem AIDS, e todo mundo sabe disso. Imagina o inferno que ela vai viver? Pior, quem se relaciona com alguém que tem AIDS? Quem vai querer correr esse risco? — Ísis opina e ouvir a sua opinião faz toda a minha esperança ir pelo ralo.

Eu me sinto muito mal e suas palavras na minha cabeça são recebidas como facas no meu coração. Sinto-me desmoronando.

— A única coisa que vejo como inferno é o preconceito de vocês. São ignorantes no assunto e acham que podem opinar — Flávia retruca.

— E olha quem está falando de preconceito — Ísis provoca.

O intervalo acaba e eu volto para a sala. Até o momento, eu nunca precisei forçar tanto um sorriso como agora. Nem sei como chego em casa, e

assim que entro, subo correndo para o quarto e tranco a porta. Algum tempo depois, a minha mãe aparece.

— Felipe, está tudo bem?

— Está — ela não insiste e se afasta.

Tudo que vejo são os meus planos desmoronando. Estou tremendo e dói muito. Não dá para continuar com isso depois de ter ouvido a sua opinião. Então, Felipe, isso é preconceito ou discriminação? O pensamento vem à mente. Isso é sangrar. É sentir a dor mais extrema que uma ilusão pode causar.

Eu me lembro que um dia chorei quando vi que existem países que não aceitam portadores de HIV ou limitam a sua estadia. Dias depois, quando Mari me mostrou que existe um mapa onde se encontra essa informação, eu olhei cada país e entre eles estavam a Austrália e a Rússia. Mari ficou indignada, porque a Austrália era um dos países que queríamos conhecer.

— Não vou ter dinheiro para conhecê-los — essa foi a única resposta que consegui dar a ela.

Lembro-me também de uma enfermeira que me olhou com muito nojo quando fui buscar os meus medicamentos. Uma vez, um médico não quis tocar em mim quando eu estava com a garganta inflamada, e mesmo insistindo que a minha carga viral era indetectável, ele atribuiu o meu mal-estar ao HIV, sem nem me examinar. No ensino fundamental, quando a professora soube que eu era soropositivo, passou a me tratar de maneira diferente. Eu nem mesmo sabia sobre a minha sexualidade, e nem sei como a informação chegou aos meus colegas, mas eles passaram a me chamar de menino gay. Eu tinha doze anos, nunca havia beijado uma menina ou menino. Escutei várias piadas durante todo o ano letivo, e segundo eles, AIDS era o câncer gay, e Deus estava me castigando por isso.

Eu já estava cansado de mudar de colégio toda vez que isso acontecia. E por esse motivo, não contei à minha mãe. Foi o ano mais solitário, eu não tinha amigos. No Ensino Médio, namorei uma garota, e depois de quatro meses, quando ela soube, me acusou de tê-la transformado em “aidética”. A palavra mais chula e ofensiva que alguém pode usar em relação a nós. Ela contou para todos que eu era soropositivo, como uma forma de vingança, de acordo com ela, e novamente foi aquele inferno.

Já adulto, todas as garotas me achavam devagar demais por nunca chegar a parte do sexo, então nada durava mais que duas semanas. Aprendi a viver com isso, infelizmente, as pessoas são cruéis quando querem ser, sem

se importar com as consequências. E depois de tudo isso, quando eu achei que já estava vacinado contra qualquer tipo de preconceito, as palavras da Ísis me reduzem a nada. E nada do que eu vivi até o momento me causaram tanta dor como agora.

Choro por horas e quando saio do quarto, Mari me encara e antes que eu diga algo, ela já começa a chorar.

— Vai terminar com ela, não vai?

— Vou. Mas me acharia muito idiota se eu dissesse que no fundo eu não queria? — Pergunto ainda chorando.

— Tenho certeza disso, mas você sabe que vai sofrer muito se não contar a ela, não sabe?

— Sei, mas vou fazer isso hoje.

O hoje não acontece. Estou tão mal que não consigo encarar Ísis, então falto ao encontro do grupo. À noite, eu mando uma mensagem ao grupo perguntando se alguém quer apresentar no meu lugar, mas Carlos responde que continuará como estava. Depois, Ísis manda várias mensagens e eu não respondo nenhuma.

Na sexta-feira, vou apenas para apresentar o trabalho. Assim que a apresentação termina, eu vou embora sem dar satisfação a ninguém. Ísis me manda mais mensagens e eu não consigo responder. Passado algum tempo, eu decido entrar em contato com ela e mando uma mensagem perguntando se posso vê-la, então combinamos de nos encontrar mais tarde.

Quando chego ao seu apartamento, pergunto se podemos ir à sorveteria em frente ao prédio. Com a cabeça a mil, eu não vejo quando ela desce do prédio, se joga em meus braços e me beija, mas como eu não correspondo, ela se afasta, envergonhada.

Vamos à sorveteria, Ísis pede um sorvete e eu apenas uma água. Eu evito olhar para ela, pois se fizer isso, não conseguirei seguir em frente.

— O que está acontecendo? Eu fiz alguma coisa? — Ela pergunta e eu vejo a sua preocupação.

— Não, o problema sou eu — as palavras saem e eu mal posso senti-las.

— Não faz gracinha. Qual o problema? E não vem me dizer que quer terminar, porque eu... — ela diz em tom divertido, mas se assusta quando me escuta.

— Eu quero — falo e finalmente olho para os seus olhos.

— O quê? Por que está fazendo isso? O que eu fiz?

— Não fez nada, já disse que o problema sou eu.

— Mentira, e você sabe disso — ela começa a chorar e eu odeio fazê-la passar por isso. — Por que está terminando comigo? Até ontem estava tudo bem. É por causa da Flávia? — Ísis enxuga as lágrimas que não param de cair.

— Não. Não tem nada a ver com você. O problema sou eu.

— Você tem outra, é isso?

— Não. Eu só percebi que não temos nada a ver.

— Isso não é problema. Se está terminando comigo, acho que mereço saber a verdade — continua chorando.

Eu respiro fundo e as palavras fogem, mas eu sei que preciso dar um fim a isso.

— Ísis, eu tenho HIV — ela me encara, assustada.

— Que patético! Está inventando isso só para terminar comigo? — Eu não falo nada, e quando ela percebe que não é mentira, vejo o pavor e medo crescerem em seus olhos. Depois de minutos em silêncio, ela decide falar. — Você passou isso para mim?

— Não, não é assim a transmissão.

— Como tem tanta certeza?

— Pode fazer um teste se achar que precisa.

Ísis continua chorando, e agora evita me encarar. Sei que daqui em diante será assim. Nunca é fácil, mas não esperava que dessa vez fosse tão difícil.

— Desculpe-me por não ter contado antes, eu... — quando vou tocar em sua mão, ela se afasta no mesmo instante.

— Nunca mais fale comigo — ela se levanta e vai embora.

Mesmo que todo o peso tenha sido tirado dos meus ombros uma vez que contei a ela, sei que o peso da dor no meu coração não desaparecerá tão cedo. Eu entro no carro e choro feito criança, perdido no caos que a minha vida se tornou. Não questiono mais a Deus, a vida ou qualquer outra coisa que possa ser responsável por isso. Penso na minha mãe me dizendo para nunca esquecer quem eu sou. Mas quem eu sou? Para Ísis, a partir de agora, sou apenas um soropositivo.

E aceitando ou não, querendo ou não, eu tenho HIV, e nada, nem mesmo a dor, pode mudar isso.

Capítulo 10

Estou desesperada, em pânico, e com muito medo. HIV ainda mata? A pergunta me desorienta.

Não acredito que ele passou isso para mim. Chego ao apartamento em prantos e Monique se assusta.

— O que foi? — Ela pergunta, desesperada.

Eu não respondo, somente pego a minha bolsa com meus documentos, desço às pressas e sigo para o meu carro, indo direto a um hospital. Se ele tiver me passado HIV, como fica a minha vida? Como eu conto para os meus pais?

Eu tento manter a calma, mas nada alivia o meu choro.

Então é isso? Demorei dois anos para vir à faculdade, só para contrair HIV?

Deus, não deixe que isso seja verdade, por favor!

Assim que chego ao hospital, pego uma senha para ser atendida por um infectologista. Em poucos minutos, sou chamada para fazer a ficha. Quando finalmente sou chamada, entro e o médico, após me cumprimentar com um boa-noite, me indica a cadeira. Eu me sento e quando ele me pergunta por que estou aqui, desabo a chorar.

Ele fica apenas me observando, enquanto tento conter as lágrimas.

— Acho que contraí HIV e gostaria de fazer um teste — disparo.

— Primeiro, quero que mantenha a calma e segundo — ele olha o meu nome na ficha. — Ísis, pode me dizer por que acredita ter contraído?

— Eu... — volto a chorar.

— Vamos com calma para que eu possa entendê-la. Passou por situações de risco recentemente, tais como relações sexuais sem o uso do preservativo, sejam elas anais, vaginais ou orais?

— Não!

— Houve compartilhamento de agulhas e seringas, ou transfusão de sangue?

— Também não! — Ele me olha confuso.

— Então por que acha que contraiu HIV?

— Eu conheci um rapaz, nós tivemos um envolvimento e hoje ele me disse que tem HIV.

O médico continua atento a mim.

— Entendo. Um casal sorodiscordante.

— O quê?

— Casal sorodiscordante significa um ser soropositivo e o outro soronegativo. Porém, se não houve nenhuma dessas situações que citei anteriormente, por que acredita ter contraído HIV?

— Nós nos beijamos várias vezes.

— Mas HIV não é transmitido por beijo, toque, abraço, aperto de mão, compartilhamento de toalhas, talheres, pratos, suor ou até mesmo, lágrimas — ouvir isso me faz parecer patética.

— Mas eu...

— É completamente normal que a falta de informação leve a esse equívoco. Ainda acha necessário fazer um teste?

— Por favor.

— Tudo bem — ele força um sorriso e me entrega o pedido de exame e uma cartilha informativa sobre AIDS e prevenção. — Mais alguma coisa?

— Quanto tempo para sair o resultado?

— Se fizer hoje, provavelmente dois dias.

— Não tem um mais rápido?

— Existe sim. É chamado de Teste Rápido de HIV e o resultado sai em trinta minutos. Mas só é indicado para quem passou por situações de risco, como ter feito sexo desprotegido, transfusão e as demais que citei. No entanto, quero deixar claro que após a infecção pelo HIV, o sistema imunológico demora cerca de um mês para produzir anticorpos em quantidade suficiente para serem detectados pelo teste. Por conta disso, o mais aconselhável é que se faça o exame após esse período. Há quanto tempo acha que foi exposta ao vírus?

— Um mês de relacionamento, mas não houve sexo.

— Ísis, entendo que por ser leiga no assunto, esteja assustada. Mas, hoje, é completamente normal casais sorodiscordantes terem um relacionamento. Desde que o uso do preservativo seja constante, não há risco algum. Inclusive, apesar do susto ao receber a notícia, saiba que toda pessoa soropositiva pode e deve receber muito carinho e atenção. Hoje se vive com HIV, o preconceito é que causa todo mal. Se esse for um relacionamento que te faz bem, tendo os devidos cuidados, não há porque romper — respiro fundo, pensando em suas palavras. — Está mais calma agora? — Confirmando que sim. — Ele descobriu recentemente ou já faz tratamento?

— Eu não sei, não perguntei. Tem certeza que é apenas assim que se contrai?

— Tenho. Pode ficar tranquila, se não passou nenhuma dessas situações de risco, não há perigo. Mais alguma dúvida?

— Não.

Ele se levanta, e eu faço o mesmo em seguida. O médico pega em minha mão, se despedindo.

— Fique tranquila. Assim que o exame ficar pronto, volte. E se tiver mais alguma dúvida, pode voltar antes disso.

— Obrigada.

— Boa noite.

— Mas, e se eu quiser fazer esse teste rápido?

O médico suspira e coça a cabeça.

— Você passou ou não por uma situação de risco? Precisa ser sincera comigo — seu tom não é rude, apenas impaciente.

— Passei — minto.

Ele faz o pedido, mesmo parecendo não convencido da minha afirmação. Sigo para o local de exame, e para a minha surpresa, sou atendida pela mãe do Felipe. Droga! Assim que ela lê o pedido, a minha cara cai no chão.

— Meu filho é muito consciente dos seus atos. Se for por ter se envolvido com ele, não tem motivos para estar fazendo esse exame — eu não falo nada, mas as suas palavras me causam arrependimento.

Ela não volta a me encarar ou me dirigir a palavra, o que faz com que eu me sinta péssima por ela estar presenciando essa situação. A mãe de Felipe chama um enfermeiro, que me leva a uma sala onde me explica que os testes rápidos são realizados com a coleta de uma gota de sangue da ponta do dedo. Logo em seguida, o sangue é colocado em dois dispositivos de testagem e para chegar ao resultado, o profissional que realiza o teste segue um fluxo determinado cientificamente. Se os dois dispositivos tiverem os mesmos resultados, o diagnóstico já é fechado. Porém, se houver discordância entre eles, é feito outro teste com um terceiro para confirmação. Assim, o resultado tem a mesma confiabilidade dos exames convencionais e não há necessidade de repetição em laboratório. Explica que esse método permite que, em apenas meia hora, o paciente conheça o resultado e receba o serviço de aconselhamento necessário.

Após fazê-lo, fico na sala de espera da enfermaria implorando para que

dê negativo, e meia hora depois a mãe do Felipe chama o meu nome novamente.

— Ísis Fernandes?

— Sim — estou tão envergonhada. Eu me aproximo, mas não consigo encará-la.

— O resultado do exame saiu, pode voltar para a sala do doutor Glender, ele a aguarda. E Ísis, quero que fique longe do meu filho. Ele não precisa de pessoas como você em sua vida — diz em tom de ameaça, mas apenas nós duas escutamos.

Sua voz me intimida e eu não respondo nada. Volto ao consultório, envergonhada e nervosa, e o médico só me confirma como fui patética.

— Negativo. Pode ficar tranquila.

— Obrigada.

Saio do hospital me sentindo péssima. Talvez eu tenha pensado apenas em mim, sequer perguntei ao Felipe como ele estava, ou como lida com isso. E se ele quisesse ter me passado, teria feito, justamente porque eu sugeri transar sem camisinha e dei oportunidade para isso.

Dirijo pelas ruas sentindo todo o amargor. Tem como ser pior?

Depois de todo caos, uma dor estranha, escrota, começa a se apossar de mim. Uma dor que fica no peito, latejando, fazendo morada. Chego ao apartamento e sigo para o quarto, desabando na cama. Choro porque me sinto mais culpada do que gostaria, porque não quero namorar um cara que tem HIV, porque sinto essa dor insuportável e sei que ele não vai voltar para aliviá-la. Choro porque sei que quero o Felipe, mas ele tem HIV e não sei como lidar com isso.

As horas passam e eu continuo sem saber que rumo seguir. Eu me sinto tão cansada, mas não consigo dormir. Não consigo parar esse vazio que começa a me consumir. Tantas dúvidas martelam em minha mente. Não podemos ficar juntos, ele me disse e agora entendo bem o porquê. Minhas expectativas voam além do meu alcance. Eu conheci um cara, fiz de tudo para estar com ele, meu corpo correspondeu a cada toque. Eu desejei e me vi em seus olhos, senti toda essa conexão e ainda sinto, e agora, depois de conseguir o que queria, não sei se posso continuar com isso.

E depois de horas, continuo acordada em meio às decepções que sobraram da minha insistência. Eu fecho os olhos e consigo escutar a sua voz. Ele parecia tão desesperado, e não posso nem imaginar como ele está agora. Talvez tão perdido quanto eu. Tentando entender como chegamos a esse

temporal. As lágrimas persistem e quando escuto o barulho de porta, eu me cubro e finjo estar dormindo. Tudo está desmoronando dentro do meu peito e eu não sei como parar essa sensação estranha de ter cometido um grande erro.

Quando o dia finalmente amanhece, Monique se levanta primeiro que eu. Assim que decido me levantar, ela faz a pergunta que eu já esperava.

— Quem morreu?

Eu respiro fundo, precisando de um tempo para digerir tudo isso. Então prefiro dizer que acabou.

— Felipe terminou comigo.

Ela arregala os olhos.

— O quê?

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Por quê?

Ela se aproxima e nem sei por que aceito o seu abraço, então caio no choro novamente.

— Não vou dizer que ele é um babaca, porque não é. Mas existem outros caras.

Minha mente não consegue pensar em outra coisa além de Felipe e a sua revelação. Eu vou conseguir olhar para ele da mesma forma que antes? Não, não vou. Mas depois de tudo, sei que devo um pedido de desculpas.

É isso. Um pedido de desculpas e acho que podemos ser amigos. Mas como ser amigo de alguém que abala todos os seus sentimentos? Não tenho a resposta.

Estou confusa sobre esses sentimentos e talvez seja melhor deixar as coisas assim.

Monique não insiste e mesmo que eu não tenha pedido nada, ela cancela os seus compromissos e passa o fim de semana comigo, no apartamento.

A segunda-feira amanhece ensolarada, então visto um short, camiseta e tênis. Quando termino, Monique me encara, sem entender.

— O cara te dá um chute e ao invés de se produzir toda, você vai parecendo um mendigo?

— Monique, eu não estou a fim de me arrumar.

— Falando em arrumar, vai ter uma festa sábado que vem e será que você poderia me emprestar uma roupa? Estou sem grana, e não quero repetir as que tenho.

— Tudo bem. Pegue o que quiser — ela se assusta com a resposta.

— Nossa, você realmente gosta desse cara.

Agora quem se assusta sou eu, porque tem mais verdade em sua frase do que quero admitir.

— Não, eu não gosto. Só não quero pensar em nada, e isso o inclui. Vamos?

— Vamos.

Quando chego à faculdade, sinto minhas mãos trêmulas. Uma mistura de medo e angústia. Não queria ter que encará-lo. Quando eu tiver a oportunidade, pedirei desculpa. Apenas isso!

A maioria dos alunos olha para mim e começo a achar que ter pernas é exclusividade minha. Assim que me sento, vejo o lugar de Felipe vazio. Alguns minutos após o início da aula, perco a esperança de vê-lo. A aula é monótona e todos os meus pensamentos estão direcionados a nós.

Na terça-feira, ele falta novamente e sei que devo procurá-lo. No grupo perguntam por ele, e Flávia responde que está gripado, mas vai estar de volta na quinta-feira.

De terça-feira para quarta-feira, choro durante toda a noite. Ele deve estar mal e a culpada sou eu. Felipe não merece passar por isso. Na quarta-feira decido não ir à aula, então às dez da manhã já me sinto totalmente perdida. Eu tomo um banho, escolho um vestido qualquer e mal prendo o cabelo, já estou descendo às pressas. Eu preciso dizer que sinto muito.

Quando chego perto da sua casa, travo. Não sei o que fazer. Eu respiro fundo, reunindo toda a coragem necessária e desço do carro. Como o *pet shop* está aberto, acredito que talvez alguém possa me dizer se ele está em casa ou no trabalho.

Assim que eu entro, uma garota se aproxima.

— Em que posso ajudar?

— Na verdade, estou procurando o Felipe. Sabe se ele veio ou virá trabalhar?

— Ontem ele veio, hoje não sei se já chegou, mas posso olhar para você — ela segue para os fundos, então escuto uma voz familiar atrás de mim.

— O que faz aqui? — A irmã dele pergunta com um tom áspero, e quando me viro para encará-la, eu me arrependo por ter vindo.

— Eu, é... só queria falar... o Felipe — eu me atrapalho com as palavras.

Ela vem em minha direção e recuo no mesmo compasso.

— Você não tem nada para falar com o meu irmão, então nos faça um favor e vá embora! — Ela ordena. Passo por ela, ainda receosa e vou em direção à saída. Já na calçada, eu a ouço gritar. — Não acredito que vai falar com ela.

— Mari, dá um tempo, vai... — escuto Felipe responder.

Eu me viro e meu coração acelera ao vê-lo se aproximar.

— Oi...

Olho seus lábios, em seguida em seus olhos, e antes que me perca nisso, desvio o olhar. Tento controlar esse turbilhão de emoções respirando fundo.

— Pode me dar um minuto? — Digo.

Ele fica pensativo e evita me encarar. Depois dá alguns passos, se afastando dos olhares curiosos da irmã, então diz:

— Pode falar.

Tento ser forte, quero parecer forte, mas sinto um nó na garganta.

— Ísis, pode falar — ouvi-lo dizer o meu nome me faz querer implorar pelo seu perdão.

— Felipe, eu queria... quer dizer, acho que fui péssima com você...

— Você foi, pode ter certeza... — ele diz sem alterar o tom calmo, tentando parecer indiferente, mas falhando miseravelmente.

— É... eu queria dizer que sinto muito, eu... — respiro fundo e engulo a vontade de chorar. — Pode me desculpar?

— Tudo bem, está desculpada... — ele prende os lábios. — Eu tenho que voltar ao trabalho — ele se vira e antes que se afaste, eu seguro o seu braço. Então seu olhar encontra o meu. — Pode me soltar?

Eu desvio o olhar e solto seu braço, envergonhada.

— Desculpe-me, estou me sentindo péssima e...

— Está tudo bem, Ísis. Não faltei à faculdade por isso — ele diz e sei que é mentira. — Só estava indisposto, mas volto amanhã. E fico feliz que seu exame tenha dado negativo. É um verdadeiro baque quando acontece o contrário — ele dá um sorriso forçado. Estou tremendo tanto que não consigo responder. — Até amanhã.

Ele se vira enquanto absorvo as suas palavras.

— Está magoado por isso? — Ele não se dá o trabalho de virar novamente em minha direção para responder.

— Não há motivo para estar chateado. Pode ficar com a consciência tranquila. Até amanhã, preciso mesmo voltar ao trabalho — então segue em

direção ao *pet shop*.

Volto ao carro, confusa, porque toda vez que penso em nós, sei que existe um sentimento intenso. Mas me lembro de que ele tem HIV e é difícil encarar isso. Ele está tão mal quanto eu, mas não sabe disfarçar muito bem.

Eu o olho através do retrovisor e penso em sair e dizer que o quero mais que um amigo, que quero nós de volta. Mas isso fica apenas na minha cabeça. Dou partida no carro, optando pelo caminho mais covarde, deixando tudo como está. Fingindo que um pedido de desculpas pode aliviar a minha consciência. Mas como vou fingir, se tratando do meu coração?

Eu não planejei me apaixonar por ele, mas posso planejar esquecê-lo.

Sabe quando você sente que a pessoa disfarça estar bem? Eu não sei como explicar, mas é bem isso que acontece quando meu olhar encontra com o do Felipe. E tanto a quinta-feira, como a sexta-feira, é cruel demais para nós. E, de repente, estamos nesse estado patético de tentar se evitar, até mesmo não olhando para ele, eu consigo senti-lo, então começo a achar essa droga de sentimento um mal comum. Todos estamos sujeitos, e uma vez contaminados pelo vírus do amor, sua vida vira do avesso. Agora as minhas noites se resumem a reviver as nossas lembranças que deveriam estar sendo enterradas. E por trás de cada lembrança, as lágrimas brotam.

Desde então, eu não o vejo mais on-line. Ele sumiu do grupo e toda essa frieza me faz desistir de qualquer tentativa de conversa.

Sábado, pela manhã, já me sinto tão cansada, com uma aparência tão horrível, que mesmo a gripe mais forte que já contrái, nunca conseguiu me derrubar tanto.

Monique passa todo o dia tentando me convencer a ir à festa na casa de um amigo com ela. Como eu não quis ir para a casa dos meus pais esse fim de semana, tenho duas opções. Ou continuo nessa depressão ou aceito o seu convite. E como meu pai sempre diz que me falta juízo, eu aceito.

— Vou com uma condição. Não vamos dormir lá, mas quero beber até esquecer o meu nome, então você dirige.

— Sem problemas, senhorita álcool.

— E, Monique, eu não estou a fim de ficar com ninguém. *Okay?*

— Certo, seremos a companhia uma da outra! — Ela pisca.

Antes de sair, eu já pego uma garrafa de tequila e abro.

— Vai com calma, Ísis, estamos só começando — ela diz e eu tomo

uma dose.

— Correção. Eu estou, você não.

Apesar do vestido curto e decotado, saltos altos e maquiagem marcante, ainda me sinto péssima. Entro no carro e mal reparo no que Monique pegou emprestado. Continuo bebendo, na esperança de que o álcool suba rápido.

Droga de garoto. Não aguento mais pensar nele.

Monique dirige por quase uma hora e quando chegamos à festa, que fica em um local bem afastado, não vejo nenhum rosto conhecido. Eu me sento no sofá com a garrafa de tequila na mão e observo as pessoas. Elas já estão tão ou mais loucas que eu, e quando dou por mim, Monique não está mais ao meu lado. E para piorar tudo, ela está com a chave do meu carro. Um cara me chama para dançar e depois de muita insistência, acabo aceitando. Depois de uma música, dançamos mais outra, e nesse meio tempo, ele vê um clima que não existe e tenta me beijar. Eu me irrita tanto, que o empurro para longe e volto, furiosa, para o sofá

— E aí, gata?

Outro cara se senta ao meu lado, já gritando.

— Não perca o seu tempo, meu lance é mulher — eu falo no mesmo tom que ele.

A minha resposta o faz se afastar, então continuo bebendo e acho que vou desmaiar. Tudo que eu esperava que o álcool me desse, não acontece. Eu entro em uma depressão maior ainda e começo a chorar, não querendo mais sofrer desse jeito. Estou em uma merda de festa, com pessoas loucas e que estão pouco se importando comigo.

Eu saio da casa, dando passos cambaleantes por um jardim malcuidado na entrada. Olho para o céu e observo as estrelas. Começo a rir ao me lembrar do que a mãe dele me disse. As risadas se transformam em lágrimas, e se meus pais soubessem que beijei um cara que tem HIV, diriam a mesma coisa a ele. Não, conhecendo como os conheço, seriam bem piores. Então é isso, ninguém apoiaria. E se eu fosse esperta, entenderia perfeitamente que o fim foi a melhor decisão. Mas eu não sou, por isso sinto tanta falta de Felipe.

Meu estômago revira e eu me ajoelho no chão, vomitando sei lá o quê. Quando finalmente levanto a cabeça, reconheço o carro que está indo embora. O meu. Merda! Levanto às pressas e tento correr atrás, mas é claro que não o alcanço.

Merda, merda, merda!

Que porra! Monique imbecil.

Eu pego o meu telefone da bolsa e continuo andando até achar um ponto de ônibus. Isso está pior que o Deserto do Saara. Além de estar sozinha, há pouca iluminação. Eu ligo para Monique, mas chama até cair na caixa de mensagem. Aquela vaca vai me pagar caro!

Eu me sento no ponto de ônibus e olho a escuridão ao meu redor, e o medo me domina. A minha cabeça gira, então nem mesmo sei em qual direção a casa está. Volto a sentir um terrível mal-estar, e vomito novamente. Tento ligar para a Monique vir me resgatar, e dessa vez essa vaca atende, mas ao fundo ouço sons de beijos e gemidos, então percebo que ela não atendeu propositalmente, foi um acidente. Confirmo isso quando a ouço ofegar e o barulho inconfundível de sexo. Aquela vagabunda está transando no meu carro? Sinto tanto ódio e nojo que acabo desligando.

Olho a agenda e mal consigo enxergar os contatos. Tento ser racional, e penso em chamar um táxi, mas nem mesmo sei onde estou. Talvez o GPS do telefone possa me dizer isso. E antes de procurar, volto a vomitar, e dessa vez, sujo o meu vestido caríssimo. Tenho certeza que isso só está acontecendo por eu ter sido uma idiota com o Felipe. É a Lei do Retorno, só pode.

Não, não, não. Chega de pensar nele.

Ligo novamente para Monique e nada.

Merda! Entro no *WhatsApp*, procurando alguém on-line. Flávia e Felipe estão conversando no grupo. Patéticos, quem conversa às três da manhã sobre política? Está aí o motivo dessa imbecil ser solteira. Ela é mesmo solteira? Ah, que merda!

Volto a olhar para a escuridão ao meu redor e começo a chorar de frustração. Olho novamente os meus contatos.

Mando um “oi” para o Felipe, mas a praga visualiza e não responde. Odeio isso. Espero um minuto e nada, então mando um áudio.

“Primeiramente, eu o acho um idiota por visualizar e não responder.

Segundo, eu preciso de um favor e se precisar, eu pago.”

Eu o espero responder, e dessa vez não demora.

Por que a sua voz está tão estranha?

A pergunta é tão patética, que respondo com mais raiva ainda.

Porque eu sou adulta e posso beber!

Sua pergunta a seguir me faz querer jogar o telefone longe.

Ísis, você está bem?

Não tenho mais paciência para mandar mensagem, então eu ligo.

— Olha, eu sei que não deveria pedir isso para você, porque fui muito escrota, mas é você é o maior culpado pelo que estou passando agora.

— Eu?

— Você mesmo. Você fica me infernizando, sua voz, seu perfume, seus beijos, tudo isso não sai da minha cabeça. Eu quero ficar com você, mas não quero pegar HIV e você tem isso. Então decidi que quero te esquecer, quer dizer, eu queria, mas aí eu não consegui. Monique me chamou para ir a uma festa e eu aceitei. Achei que se eu bebesse muito me esqueceria de tudo e todos, então fiz isso, mas aquela vaca sumiu com o meu carro. Agora estou nem sei onde, sozinha e no escuro — começo a chorar.

— Você não tem juízo.

— Não estou pedindo conselho, estou pedindo ajuda. Não é isso que gosta de fazer? Ajudar ao próximo?

Felipe desliga o telefone na minha cara.

Merda!

Quando vou ligar para Monique novamente, o telefone está sem bateria. Fico tão indignada, que olho para céu e grito:

— Vai chover também?

Eu pego os meus sapatos, e penso que daqui a pouco deve amanhecer, então conseguirei ajuda, já que um tempo atrás eram quase quatro horas da manhã.

Minha cabeça roda com pensamentos de Monique transando no meu carro, e acho que acabo cochilando. Acordo, assustada, com alguém tocando o meu ombro.

— Ísis — abro os olhos e vejo Felipe. Eu me levanto, meio cambaleante, e o abraço.

— Obrigada — ele não corresponde o abraço, mas me ajuda a entrar no carro.

Ele está com um conjunto de moletom, parece pijama. E mesmo assim é tão lindo!

— Seu carro está a menos de um quilômetro daqui — diz, apontando

para a estrada.

— A vaca da Monique me paga por isso.

Ele fecha a porta e entra no carro.

— Como me achou?

— Através do seu GPS.

— Que fique claro que vou te pagar por isso.

Ele me ignora e eu respiro fundo para tentar controlar a minha língua bêbada. Ele nem liga o som para disfarçar.

— Se não quer falar comigo, tudo bem, mas pelo menos ligue o som para fingir que está sozinho!

— Você deveria ter mais zelo com a sua vida — pondera.

— Eu ia ficar bem, sei me virar. Já está amanhecendo e...

Ele me olha de relance.

— São três e dez da manhã.

— São quase cinco! — Contradigo.

— Você está bêbada mesmo. Seu carro aí! — Ele aponta para o lado e eu vejo o meu carro, mas Felipe não para. Quando entra na estrada principal, passa a correr.

— Que horas eu te liguei?

— Duas e vinte.

Eu me sinto uma idiota e começo a chorar baixinho, mas acaba se tornando um choro desesperado em pouco tempo.

— Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem quando o efeito do álcool passar — ele parece preocupado.

— Estou bêbada, mas consciente. Não estou chorando por isso. Estou chorando por nós.

Ao ouvir isso, Felipe liga o som. Odeio tanto a sua atitude que desligo o som. Ele se vira, me olhando atônito.

— Qual o seu problema, Ísis?

— Você! — Falo com raiva. Felipe não responde, então seguimos em silêncio.

Quando menos espero, Felipe para em frente ao meu prédio.

— A chave está no meu carro — eu falo.

Ele suspira, frustrado, e o cheiro de vômito começa a me incomodar. Felipe parece ponderar por um instante, então liga o carro novamente. Eu me deito e apoio a cabeça em seu colo, fechando os olhos assim que sinto o sono chegar.

— Ísis...

Ele me ajuda a sair do carro, e quando começo a subir a escada, reconheço a casa dele e congelo.

— Melhor não. A sua irmã vai me dar uma surra se...

— Ela saiu com o Léo. Vão dormir no apartamento.

— E a sua mãe?

— Trabalhando.

Ele abre a porta e me ajuda a entrar, em seguida me leva ao quarto e depois para o seu minúsculo banheiro.

— Tome um banho, que eu vou fazer um café forte para você.

Ele sai do banheiro e eu tomo um banho rápido, me sentindo bem melhor quando termino. Estou morrendo de sono, então me seco rapidamente e volto para o seu quarto, deitando em sua cama em seguida. Ao me cobrir, amando a maciez do seu cobertor, eu escuto passos. Felipe entra no quarto e se assusta ao me ver em sua cama. Ele se aproxima e entrega o café, então eu me sento, segurando o cobertor na altura dos seios. Depois de tomar o café, que está amargo e forte, eu entrego a xícara para ele, que se retira do quarto. O quarto de Felipe se resume a uma cama de casal, guarda-roupa, uma mesa com computador, alguns livros e uma televisão na parede. É pequeno, bem mais que o do meu apartamento.

Felipe volta e se senta na cama.

— Se sente melhor?

Eu me viro em sua direção e ficamos nos encarando por um tempo.

— Não, não me sinto, e não estou bem — eu me aproximo sem me preocupar muito com a minha nudez. Eu me jogo em seus braços e ele finalmente corresponde o meu abraço. — Mas posso ficar...

Capítulo 11

Felipe

Minha mente entende perfeitamente que o melhor é me afastar. A dor ainda é intensa, mas eu sei que é impossível conseguir fazer isso. A questão é que mesmo depois de toda essa desilusão, mesmo após cortar qualquer meio de comunicação, a passar realmente a evitá-la, meu coração se mantém cego e surdo a todas as minhas tentativas.

Eu fico por minutos pensando se isso não é uma brincadeira de mau gosto. Ísis é do tipo que até fingiria estar bêbada para conseguir o que quer, e mesmo depois das suas desculpas, ainda estou muito magoado. Mas o que ela quer? Não sei. Somente estou ciente do que eu quero, e ele está longe de ser o que eu posso ter.

Eu olho o endereço pelo seu GPS e sei que não é muito longe. Uma parte minha acredita que o melhor é ignorá-la. Depois que revelei a ela, jurei a mim mesmo não me permitir passar novamente por isso, que aquele era o fim. E o fato de ter sido arrogante o suficiente ao ponto de me dizer que pagaria pela ajuda, é um bom motivo para ignorá-la. Mas, e se ela estiver mesmo em perigo? Droga!

Eu visto um conjunto de moletom e lá vou eu ajudar quem me quebrou em mil pedaços com uma simples frase. Se essa não é a definição de ser trouxa, ainda não descobri o que é.

Coloco o endereço no GPS e dirijo pelas ruas, conseguindo escutar Mari me xingando muito por isso, e dou graças a Deus por ela não estar em casa, caso contrário, seria um inferno. O foda é que ela tem razão, eu sei que tem. Aproximar-me novamente da Ísis só irá fazer com que eu sinta mais dor.

Estou completamente louco por uma garota que já me deu todos os indícios que não vale a pena, louco por alguém que mal conheço, e nada faz sentido. E mesmo agora, meu coração acelera ao pensar em uma pequena possibilidade de estar perto dela.

Pare, Felipe, seja racional. Filhos reproduzem o que aprendem com os pais, e se persistir, será mais decepcionante ainda quando os pais dela souberem. As consequências serão piores. Não há chance de dar certo.

Ísis é infantil, pensa apenas em si mesma e não sei aonde iremos chegar. Mas, tudo bem, isso é apenas uma ajuda. Irei deixá-la em seu apartamento e pronto.

Ao me aproximar do endereço indicado pelo GPS, consigo ver o seu carro. Está com os vidros embaçados, e pelo movimento, sei que tem gente lá dentro. Tudo bem que ela não tem juízo algum, mas não seria cruel ao ponto de brincar comigo dessa maneira. Continuo seguindo e então a reconheço em um ponto de ônibus não muito distante de onde está o seu carro. Ela não mentiu. Parece estar bêbada e sozinha. Dizem que esse estado é o mais sincero de uma pessoa. E não sei se isso me anima ou deprime, ela já fala idiotices estando sã, imagine bêbada?

Desço e lá vamos nós novamente. Ao notar a minha presença, ela me abraça e eu adoraria não sentir nada com esse contato, mas sinto e como sinto. Droga! É tão difícil manter o controle.

Durante o trajeto, ela fala uma idiotice atrás da outra, chega a ser ofensiva e nem se toca disso. Percebo que se continuarmos, nada irá mudar. Ela apenas irá me reduzir a minha condição de soropositivo mais uma vez, assim como fez quando eu contei a verdade. Mas geralmente é assim, se você tem HIV, câncer ou qualquer outro problema de saúde, física ou mental, as pessoas passam a enxergar apenas o seu problema e o limitam a ele. Esquecem que antes de tudo é um ser humano como elas, e sente as mesmas dores.

Em determinado momento, Ísis chora e vê-la chorar me incomoda, mesmo sabendo que ela foi o motivo do meu choro solitário no meu quarto todas essas noites. Eu não quero que Mari e a minha mãe a odeiem ainda mais, e mesmo que eu tenha tentado evitar, sou péssimo em fingir estar bem. E descobrir a verdade não foi difícil para elas.

Quando chegamos ao seu prédio, fico louco para que ela desça do carro, mas assim que percebe onde estamos, ela diz que não está com a chave.

Eu me pergunto como uma pessoa pode ser tão irresponsável.

Olho para Ísis, que apesar de bater no peito dizendo que está consciente, ela não está. Eu me questiono se há um número limitado de vezes para pessoa te machucar, e se há, Ísis provavelmente irá ultrapassá-lo apenas nessa noite. Não se trata apenas de estar mal informada, se trata de criação. E sei que mesmo que eu tente o meu melhor, não terei sucesso algum nesse relacionamento.

Todo esse sentimento que mantenho por ela me desgasta emocionalmente. É como estar preso na contramão esperando apenas a colisão. Olho novamente a rua, então ligo o carro e a levo para a minha casa, correção, casa da minha mãe, que já deixou claro que não a quer lá e sei que terei problemas por isso. Eu me sinto tão idiota, mas a verdade está bem diante de mim, estou muito apaixonado para deixá-la se afastar.

Chegamos à casa, então eu a levo para o meu banheiro e digo que vou fazer um café para ela. E sabe o que é mais estúpido? Que agora mesmo, enquanto preparo o café, fico pensando que ela está nua no meu banheiro, e o desejo praticamente silencia toda a dor.

Se concentra, se concentra...

Eu respiro fundo e quando volto ao quarto com a xícara de café, ela está completamente nua, deitada na minha cama. Essa garota sabe mesmo como alimentar as minhas fantasias. Ísis toma o café e não se dá o trabalho de agradecer, talvez nem ache que precise disso. Ela me devolve a xícara, então levo para a cozinha e volto ao quarto novamente. Estou hipnotizado por ela. Eu me sento na cama e fico observando-a, antes que ela perceba como estou feito idiota, tento puxar papo.

— Se sente melhor? — Digo.

Ela se vira em minha direção e ficamos nos encarando. Juro que me esforço para não a agarrar.

— Não, não me sinto, e não estou bem... — ela se aproxima, deixando o cobertor cair de propósito. Essa garota vai me enlouquecer. Antes que eu possa me afastar, ela se joga em meus braços e não consigo resistir. — Mas posso ficar... — ela sussurra sensualmente.

— Ísis, por favor. Não force a barra.

Ela gargalha e pela sua risada, sei que está bêbada.

— Não vai me dizer que não tem camisinha?

— Não faça isso. Você está bêbada. O que me garante que amanhã não vai se arrepender e correr para um hospital dizendo que eu a contaminei?

Quando percebe o que eu disse, ela se afasta e sorri sem graça. Óbvio que tem medo, vejo em seus olhos, e isso me apavora. Sempre tive medo do preconceito velado, porque contra ele não há armas. Justamente por não estar exposto, não há como argumentar.

Ela volta a se deitar na cama, puxando o cobertor.

— O médico disse que não tem risco se usar preservativo.

— Tem um risco de 4%. Previne em 96%.

— Você não é a fim de mim, não é?

— Acha isso?

— Então por que age assim, todo certinho? Qualquer outro cara já teria feito — ela me encara, pensativa. — Já sei. Você faz isso para conquistar as pessoas e elas não se afastarem quando souberem que você tem isso — novamente ela me ofende, e sem perceber.

— É ofensiva a maneira como você fala. Sou assim por ser, e devo muito a boa criação que tive, e antes de tudo, eu penso nas consequências antes das minhas ações. Deveria passar a pensar também, custa zero centavo usar o cérebro — rebato e logo me arrependendo por ser rude.

— Mas não é tão santo, já que contraiu HIV — diz com arrogância.

Ísis agora encara o teto, sei que o assunto a incomoda e agora ela está arrependida por ter mencionado. Estou no estado de não saber se corro ou fico, mas a atração é mais forte. E vê-la frágil, me faz querer protegê-la. Eu olho em seus olhos e sinto meu desejo como um espiral, fico feito idiota tentando manter o controle. E apesar de querer, como posso transar com alguém que prefere não enxergar a verdade sobre eu ser soropositivo? E ainda se incomoda com o assunto. É estranho sentir dor e prazer ao mesmo tempo. Essa sensação o eleva a um estado anormal, onde os sentimentos e razões se contradizem o tempo todo. E nessa loucura, tento apenas manter a calma e agir racionalmente.

— Nunca disse que sou santo, mas isso não tem nada a ver com ter HIV ou não — eu me esforço para me concentrar na conversa, mas ao olhar seus seios, perco as palavras. — Pode vestir uma blusa, por favor?

Ela volta a rir e não responde, mas se cobre.

— Como contraiu? Já que é santinho — ela debocha.

Ela está bêbada, e apesar de saber que não deveria levar em consideração, suas palavras machucam.

— Transusão sanguínea. Estava no acidente que matou o meu pai. Eu tinha seis anos, e fui internado com hemorragia, recebi transfusão e... — seu sorriso se desfaz com a minha revelação.

— Meu Deus, era uma criança! Mas como sobreviveu? — Parece assustada.

— Quando descobrimos, graças a minha mãe, segui corretamente o tratamento.

— E como conseguiu lidar com isso?

— Antes de entender o que era a vida, eu já tinha HIV no meu sangue.

Era uma realidade que não iria mudar, então aprendi a viver com isso. Apesar de sempre ter acompanhamento psicológico, a adolescência foi a pior parte. O preconceito me desmotivava muito, mas sempre tive muito amor da minha família. Mari e a minha mãe fizeram com que tudo fosse mais suportável. Esse amor é essencial. A minha mãe ficou revoltada quando te viu no hospital, porque sabe que sou consciente da presença do vírus em meu sangue. Eu sei como me precaver para não transmitir — jogo uma direta.

— Eu sinto muito por tudo o que você passou. Você é maravilhoso e não merecia nada disso — ela ignora a minha direta sobre ter ido ao hospital.

— Ninguém merece, Ísis. Mas a pessoa ter, não a torna inferior a quem não tem.

Ela se vira e me encara. Eu me deito e apesar da distância entre nós, posso me ver em seus olhos. Ao me observar, sua expressão muda totalmente, então volta a chorar e acho que é por causa do álcool.

— A Monique me disse que você era diferente. Agora eu sei que é, e por estar ciente desse fato, sei que não mereço outra chance.

— Ísis, não se trata de chances. Mas se continuarmos, aonde isso irá nos levar? — Eu pergunto, apesar de já ter a resposta.

— Se não dermos uma chance, nunca saberemos — ela enxuga as lágrimas. — Não vou mentir. Eu tenho medo de contrair e talvez nunca deixe de ter, mas isso não tem nada a ver com você.

— Está no meu sangue, como não tem nada a ver comigo? — Ela engole em seco ao me ouvir. — O erro das pessoas é ignorar a verdade e acreditar que o amor imuniza. Mas isso é só ilusão.

— Não penso isso. Nem amo você, Felipe — ela diz lentamente, e eu consigo até mesmo ver que ela não tem certeza das suas palavras. — Gosto um pouco, talvez médio, ou muito. Eu não sei. Só sei que esse sentimento me incomoda a ponto de não conseguir seguir sem tentar estar com você. Consegue me entender?

Eu estico o braço próximo à cabeceira e apago a luz, deixando que somente a claridade que entra pela janela ilumine o quarto.

Ísis puxa o cobertor, provavelmente não conhece as palavras “com licença”. Depois de me obrigar a sair de cima do cobertor, ela nos cobre e se aproxima, deitando próximo o suficiente para que eu sinta a sua respiração. Depois de alguns minutos, ela se aproxima ainda mais, e eu sei bem o que quer, mas o problema é que toda a minha resistência vai por água abaixo quando penso que ela está completamente nua. Eu a puxo contra o meu corpo

e a beijo com desejo e possessão.

Deus, eu quero tanto essa mulher, tanto...

Continuo beijando sua boca como se precisasse disso para viver.

— Você não tem mesmo camisinha? — Ísis sussurra.

— Se você realmente quiser, vai acontecer. Mas você não pode estar sob a influência do álcool, quero que seja uma escolha consciente. Entendeu?

— Mas eu quero — diz com manha.

— Diz isso quando estiver totalmente sóbria e juro que vai acontecer esteja onde estivermos.

Ela sorri e eu lhe dou um beijo gostoso. Eu me afasto antes de enlouquecer e vou tomar um banho gelado. Assim que volto ao quarto, visto apenas uma bermuda e imagino que ela já tenha dormido, então a puxo para os meus braços, onde ela se aconchega.

— Não me solte — sussurra, sonolenta.

— Não vou soltar — eu a beijo, e apesar do tesão ao sentir os seus seios em meu peito, o sono chega rápido e eu me entrego a ele, sentindo-a em meus braços.

O coração acalma e toda a dor dissipa. Paixão cega, eu sei, mas começo a gostar de andar nessa escuridão mística que ela proporciona.

Acordo com o som de alguém chamando o meu nome. Abro os olhos e vejo que o dia já iniciou e a claridade da manhã invade o quarto. Antes de conseguir me levantar, escuto a voz da minha mãe e Mari próximas à minha porta. Ísis está deitada no meu peito, com o braço o envolvendo. Assim que cubro os seus seios, a minha mãe abre a porta, e parece chocada com a cena que vê. Eu faço um gesto para que ela fique em silêncio e digo:

— Eu posso explicar, só me dê um tempo, por favor — sussurro.

Ela não fala nada, somente sai e fecha a porta, logo em seguida eu a ouço dizer para a Mari que estou dormindo.

— Já são dez horas, mãe. Passou da hora do Felipe levantar.

— Eu já o acordei — ela tenta soar normal, mas pela voz, sei que está assustada.

Eu olho para Ísis, que continua dormindo. Essa garota é tão linda. Dou um beijo terno em sua testa, e tento me levantar, mesmo com muito sono, preciso resolver isso. Ísis se assusta quando eu a tiro do meu peito.

— Está tudo bem. A minha mãe chegou e eu preciso falar com ela.

— E se ela...

Eu toco o seu rosto, acariciando-o. Ísis retribui com um beijo rápido e

sorri.

— Vai ficar tudo bem. Daqui a pouco eu a levo embora. Só fique aqui, por favor.

Visto uma blusa e vou ao banheiro rapidamente. Assim que volto ao quarto, vejo que Ísis voltou a dormir. Vou ter que enfrentar uma tempestade lá fora e ela simplesmente volta a dormir? Ela não existe. Apesar disso, estou melhor agora que dias atrás. Rindo, vou à cozinha e ignoro o olhar de reprovação da minha irmã.

— Bom dia — eu me aproximo e dou um beijo na minha mãe na tentativa de melhorar o meu lado, mas não funciona.

— Não acredito que depois de tudo, você ainda teve coragem de trazê-la aqui! — Mari dispara, rude.

— Mari, isso não é problema seu.

— Felipe, essa garota teve coragem de ir ao hospital e dizer ao médico que havia sido exposta ao HIV apenas por ter te beijado. Sem contar o que ela o fez passar, então para mim está cometendo um grande erro — minha irmã continua, e eu olho para a minha mãe.

— Mãe, eu sei que isso foi horrível, mas ela se arrependeu, pediu desculpas e estamos bem — tento parecer convincente.

— Ah, meu Deus! Não acredito que estou escutando isso. Comeu a garota e já caiu de quatro por ela — Mari diz, indignada.

— Mari, dá um tempo. Você não tem nada a ver com isso!

— Agora eu não tenho, mas quando ela te chutou e disse que não era mais para falar com ela, eu tinha! — Ela joga na minha cara.

— Mãe, eu...

— Meu filho, você sabe que isso não tem futuro. Sei que é você quem tem que fazer suas escolhas, mas como posso deixá-lo afundar em um relacionamento que já começou mal?

— Mãe, eu sei que Ísis exagerou, mas eu também deveria ter contado antes...

Mari me interrompe. Droga!

— Olha isso, mãe. Está tão iludido, que para aliviar essa sem noção, coloca a culpa em si mesmo. Felipe, você não pode ser tão idiota assim. Essa garota não quer nada com você, qualquer um consegue enxergar isso.

— Como tem tanta certeza? — Saio da minha passividade.

— É só olhar para ela que vemos isso. Vocês são diferentes.

— Você e o Léo também são e eu não dou palpite algum. E o nome

dela é Ísis — altero o tom.

— Os dois, parem agora! — Minha mãe grita e suspira, frustrada. — Felipe, tem certeza que é isso mesmo que você quer?

— Tenho.

— Mãe, não é possível que vá aceitar isso! Felipe contou que ela disse que nunca namoraria um soropositivo porque não queria se expor à doença?

Minha mãe me encara.

— Felipe, essa...

— Ísis, mãe.

— Essa Ísis chegou toda acanhada aqui em casa, e depois, em prantos no hospital, implorou ao médico para fazer exame e agora está pelada na sua cama? Acha mesmo que precisa de alguém tão bipolar e inconstante na sua vida?

— Mãe eu... ela só é desinformada.

— Não, Felipe. Estou acostumada com os procedimentos do hospital. Primeiro o médico esclareceu todas as dúvidas possíveis e mesmo assim, ela insistiu que havia sido exposta. Mesmo sendo mentira.

Mari me encara, esperando a minha resposta.

— Ela se arrependeu, e...

— Me diz uma coisa, Felipe — Mari volta a interromper. — Ontem, eu e o Léo saímos daqui depois da meia-noite porque ele tinha que passar no apartamento, e você ainda estava trancado no quarto. Então, que horas isso aconteceu?

Merda! Mari é atenta aos mínimos detalhes.

— Conversamos depois das duas. E...

— Tenho certeza que essa garota ligou bêbada para ele, e o trouxe foi atrás dela.

— Felipe! Pelo amor de Deus, me diz que não foi assim? — Minha mãe implora.

— Mais ou menos...

— Você perdeu o juízo? — Minha mãe dispara. — Sabe que ela pode processar você por não estar em seu estado normal.

— Ela não vai fazer isso.

— Quem garante? — Mari praticamente grita.

— Eu — Ísis surge na cozinha, vestindo somente uma camiseta minha, o que me faz perguntar qual parte do fique no quarto que ela não entendeu. — Eu e o Felipe conversamos e admito que fui muito... — ela me encara. —

Eu agi errado com ele, e... — ela está nervosa, então se aproxima de mim. — E me arrependi. Queremos e decidimos que vamos continuar. E não vamos voltar atrás, por ninguém.

Ísis tenta ajudar, mas só atrapalha.

— Quem pensa que é para falar assim com a gente? — Mari quase avança nela e Ísis se mantém atrás de mim.

— Sou a namorada dele. Felipe é homem, não precisa da sua permissão para decidir com quem sai — diz com arrogância.

Mari me encara, indignada.

— Felipe, você vai permitir que ela fale assim com a gente?

— Ísis, volte para o quarto, por favor. É a minha família, e eu me entendo com ela.

— Costuma ser sempre arrogante assim, Ísis? — Minha mãe pergunta.

Após ficar em silêncio, ela finalmente age de maneira sensata.

— Desculpe-me, mas a sua filha também não é a educação em pessoa.

— Você merece que eu aja assim! — Mari rebate.

— E você não? — Ísis altera o tom com ela.

— Chega! — Minha mãe se impõe.

— Mari, a vida é do Felipe e ele tem direito a escolha. E Felipe, sei que vai se arrepender, mas vou deixá-lo aprender com isso — nem eu e nem Mari respondemos. — Já você, Ísis, se aparecer novamente no hospital fazendo ceninha, juro que eu mesmo vou te ensinar — a minha mãe ameaça. — Não vou dizer que é bem-vinda aqui, mas a casa também é do Felipe e ele tem o direito de trazer quem quiser. O assunto está encerrado — diz com autoridade e Mari sai pisando duro.

— Vamos embora? — Ísis pede.

— Não antes de tomar seu café, Felipe — a minha mãe retruca e sei que no momento ela está irredutível.

— Volte para o quarto, por favor — Ísis não fala nada, somente se vira e sai.

— Mãe, eu...

— Felipe, o assunto encerrou. Tome seu café e leve para Ísis.

Eu obedeço e quando levo uma bandeja para Ísis, eu a encontro sentada na cama, cabisbaixa. Coloco a bandeja ao seu lado, mas ela dispensa as panquecas e pega somente o café.

— Obrigada.

— Por nada.

— Já brigou assim com elas?

Faço um movimento negando com a cabeça.

— Tem como piorar? — Ísis pergunta, abalada. Eu me aproximo, pego a bandeja, colocando sobre a mesa do computador e me sento ao lado dela.

— Isso irá depender de nós — dou um beijo em seus lábios, que me dá um sorriso lindo.

— Não sei o que eu fiz, mas obrigada por me dar outra chance.

— Você disse que não me ama, mas que gosta de mim pouco, ou talvez médio — eu brinco.

— Talvez eu goste muito.

— Talvez. Vou te emprestar uma bermuda, e...

— Não precisa. Só essa camiseta serve.

— Lógico que não. É curta demais.

— Tenho vestidos mais curto que isso.

— Sei que tem e vamos conversa sobre eles depois.

— Não vai querer dar palpite nas roupas que uso, certo? O corpo é meu e não vou andar como uma velha.

Eu não falo nada, só pego a menor bermuda que tenho na gaveta que tem um ajuste lateral e jogo para ela. Ísis veste, trabalhando muito na carranca, vai ao banheiro e pega as suas roupas, bolsa, telefone e sapatos. Em seguida, empresto um par de chinelos para ela, que se olha através do espelho, odiando o que vê.

— Não vou descer do carro nesse estado.

— Deveria ter pensando nisso antes de sair para encher a cara com uma pessoa mais irresponsável que você — eu pisco e ela faz uma careta. Aproximando-me por trás, eu a abraço. — Até que ficou bonitinho, não me importaria se você fosse à faculdade assim — ela me empurra. — Estou brincando, mas vamos. Você precisa ver o estado do seu carro, que pelo visto, funciona bem como motel — eu provoco e vejo a cara de raiva dela ao me ouvir.

— Que nojo. Nem me lembre disso. Aquela vaca vai me pagar.

— A culpa é toda sua, você sabe que ela é assim. Vamos que já está tarde.

— Não sabia que o Felipe “educadinho”, às vezes é possuído pelo Felipe “chato” — ela me lança um olhar irônico.

— Isso é ser responsável, mas quando aprender a ser, vai ver o lado bom nisso.

Ela mostra a língua para mim, e eu estico os braços, fazendo com que Ísis venha até mim. Ela me beija e eu acabo retribuindo, sentindo tesão, e antes que o fogo aumente, eu a arrasto para a porta. Não vendo nenhum sinal de Mari ou da minha mãe, nós descemos a escada e vamos para o carro.

— Ísis, eu detesto qualquer tipo de barraco, o que quer que vá falar com a sua colega, seja racional. Tudo se resolve com um bom diálogo.

— Tudo bem, senhor chato — ela responde e me dá um beijo.

A vida tem um jeito estranho de se encaixar. Ela traça o seu curso sem pedir opinião. Quem poderia imaginar que, ao cursar Arquitetura, algo que eu vinha adiando há tanto tempo, um anjo louco cairia em minha vida. E coloca louco nisso.

Eu olho para Ísis e, de alguma forma, esse anjo louco faz meus dias brilharem. Ela ainda está com um bico enorme e sei que é por ter que descer do carro vestida assim. Ela tem juízo? Não tem, e eu menos ainda por me envolver com uma criança louca e birrenta como ela. Pego a sua mão, lhe dou um beijo e apesar de não me encarar, percebo seu sorriso.

E lá vamos nós outra vez...

Capítulo 12

Nunca fui tão insultada em toda a minha vida. Mari é um porre, mulherzinha chata. Credo! E falando em chata, Monique vai me pagar por transar no meu carro. Aquela vaca! Só de me lembrar disso, sinto nojo. Mas ao olhar para Felipe, tudo fica lindo. Ele é tão fofo e lindo.

Deus! Que droga de sentimento é esse?

E pensando nisso, eu não escutei um pedido de namoro, mas ele também não discordou quando eu disse isso. Então acho que me meti em um compromisso novamente. E em um no qual a minha sogra me odeia. Tudo bem que talvez eu tenha exagerado, mas ninguém tem um manual de “como se comportar ao descobrir que o cara que você está saindo tem HIV”.

Olho novamente para Felipe e me lembro que dormimos juntos e não rolou nada. Às vezes acho que sinto bem mais tesão que ele. Sei lá. Ele nem disse que gosta de mim, não explicitamente, pelo menos eu não me lembro.

E antes que eu coloque mais minhoca na cabeça, chegamos ao prédio. Eu dou uma olhada na rua para ver o movimento, e depois para mim. Estou pior que mendigo, quer dizer, nem a minha versão mendigo chega aos pés disso. Ele sorri e sei o que significa. Engulo o orgulho e saio do carro, entrando no prédio o mais rápido que consigo. Uma vez que tem muita gente esperando o elevador, eu decido ir pelas escadas. Assim que chego ao meu andar, escuto o elevador abrindo as portas e vejo Felipe saindo dele com aquele sorrisinho vitorioso. Ao girar a maçaneta, vejo que a vaca já chegou, uma vez que nem se deu ao trabalho de trancar a porta.

— Vai com calma, Ísis — escuto Felipe me advertir.

Entrando, eu vejo que a sala está como deixamos na noite anterior. Vou ao quarto e Monique não está nele. Não é possível que a louca tenha deixado a porta aberta. Antes de sair do quarto, escuto o som de alguém vomitando no banheiro. Aproveito e coloco um short curto e camiseta. Alguns minutos depois, Felipe aparece.

— Acho que ela está no banheiro.

— Parece que sim — fico esperando que ela saia, mas mesmo escutando a minha voz, Monique continua no banheiro.

— Monique, está tudo bem aí? — Pergunto, tendo que engolir toda a raiva.

— Tá — responde, e eu a ouço vomitando novamente.

E lá se vai a minha chance de dar uma dura nela, até porque, Felipe pensará que sou uma bruxa se brigar com ela nesse estado. Ao perceber a minha frustração, Felipe diz:

— Relaxa. Dá um tempo e depois vocês conversam.

Nosso quarto está um caos e só agora a vergonha bate por isso. O quarto dele é tão arrumado. Merda! Começo a retirar todas as minhas roupas que espalhei sobre a cama e coloco tudo dentro do guarda roupa junto com as maquiagens, perfumes e joias.

— Pode se sentar agora! — Sorrio tentando disfarçar a vergonha. Minha mãe sempre me disse que um dia iria me arrepender por ser desorganizada. Sua profecia acaba de ser cumprida.

Felipe confere as horas, se aproxima e senta. Monique continua vomitando no banheiro.

— Não acha melhor perguntar se ela quer ir ao médico? — Felipe sugere e eu pergunto, mesmo contra a minha vontade.

— Monique, quer ir ao hospital? — Grito.

Eu escuto a porta se abrir e ela aparece no quarto. O que aconteceu com essa garota? Está péssima e pálida.

— Não, não precisa, mas onde você foi parar ontem? — A descarada pergunta na maior cara de pau, e por incrível que pareça, acho que ela está sendo sincera.

— Você sumiu e me... — ela corre de volta para o banheiro, então a escuto vomitando novamente.

— Ísis, acho melhor você preparar algo para ela, ou levá-la ao médico. Se você quiser, eu posso levá-las — ele oferece.

Antes que eu responda, Monique volta ao quarto.

— Oi, Felipe. Desculpe-me por essa recepção de merda. Então vocês voltaram, que legal! — Força um sorriso.

— Tem remédio na minha caixinha. Você quer? — Ofereço.

— Eu quero.

Felipe e eu vamos à cozinha, e ao notar a minha dúvida, ele pega a caixinha e aponta para o remédio.

— Esse! — Ele me entrega o comprimido.

Eu pego um copo com água e levo para a Monique, que está deitada em sua cama. Assim que ela toma o comprimido com a água, eu fecho a cortina e saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

— Ela vai ficar bem? — Felipe parece preocupado.

— Espero que sim. Vamos assistir a um filme ou... — sorrio de maneira sugestiva e ele me interrompe.

— É quase uma da tarde. Você não almoça? — Pergunta, surpreso.

— Você está com fome? Eu posso pedir algo para comermos.

— Não sabe cozinhar?

— Não, você sabe? — Tudo bem. Eu sinto um pouco de vergonha por isso.

— Sei, mas como vocês fazem aqui?

— Peço, quer dizer, compro comida pronta. Monique cozinha para ela.

— Mas é fácil cozinhar, seus pais nunca...? — Pergunta, curioso.

— Nunca. Eles sempre trabalharam fora. A minha mãe é pediatra e o meu pai advogado, não tinham muito tempo para isso. Ela trabalhava em um hospital e fazia muitos plantões. Hoje, ela atende apenas no consultório, mas nunca cozinhou bem. Mas se isso contar para alguma coisa, o meu pai é bom com churrasco. Meus pais têm uma cozinheira, a Jane, mas também nunca aprendi com ela — não sei como descrever o olhar de Felipe.

— Eu posso cozinhar e ensiná-la também. Quer aprender?

Eu olho para o sofá, e depois para o Felipe. Quem teria a coragem de chamar uma pessoa de ressaca para aprender a cozinhar? O meu novo namorado, claro.

— Então, vamos. Cozinhar, certo? — Não forço entusiasmo algum.

Felipe ignora esse fato e lá vamos nós para a cozinha.

— Com licença — ele diz ao abrir os armários onde Monique guarda os mantimentos que ela compra. Felipe pega as panelas, tira a carne do congelador, e os tomates e cebola da geladeira.

— Pode pegar o arroz? — Eu pego e vou seguindo as suas instruções de como lavar e deixar escorrendo.

— Essa faca está totalmente cega. Como vocês cortam com isso? Tem amolador por aí?

— Procura na gaveta.

Enquanto Felipe amola a faca, ele explica como cozinhar o arroz e seguindo as suas orientações, eu começo a refogá-lo.

Depois de um tempo, com uma aparência um pouco melhor, Monique surge na cozinha.

— Que fofo! Vocês estão cozinhando!

Ela se senta em uma cadeira de frente para a mesa e fica apenas

observando.

Felipe começa a cortar a carne, em seguida, se vira para mim e sorri, voltando o seu foco na tarefa de cortar os bifes.

— Temos um chefe aqui, Monique! — Brinco e ao me aproximar dele, eu o cutuco. Ao se virar para mim, a faca escapa e acaba fazendo um pequeno corte no seu dedo indicador da mão esquerda.

Assim que eu vejo o sangue, congelo.

— Ai, meu Deus! Você se cortou, e agora? — Deixo transparecer o meu desespero.

Imediatamente, eu olho para Monique, que me encara sem entender o meu desespero. Felipe, que demonstra uma calma impressionante, olha para a Monique, tentando demonstrar que também não entende o motivo do meu pânico.

— Ísis! Acalme-se. Está tudo bem, é só um corte — ele dá um sorriso forçado ao notar o meu receio.

No mesmo instante, ele lava o dedo com detergente e deixa escorrer água sobre o ferimento.

— Pode me trazer um pano ou *Band-Aid*?

Eu fico parada, só observando o sangue escorrer com a água. E antes que eu tenha alguma reação, vejo um pano de prato voando em nossa direção. Felipe o agarra com outra mão, desliga a torneira e estanca o corte com o pano. Não sei se foi profundo, mas, para mim, saiu bastante sangue.

— Que exagero, Ísis. É só um corte — Monique diz e pelo tom da sua voz, sei que não melhorou muito.

— Pode me trazer algumas compressas de gaze ou *Band-Aid*? — Felipe pede novamente.

Vou ao quarto e quando volto, vejo que já parou de sair sangue. O pano de prato está sujo, não muito, mas o suficiente para me assustar. Entrego um *Band-Aid* e antisséptico, então Felipe faz um curativo e volta a me encarar.

— Está tudo bem, ok?

— Ok.

Vejo Felipe indo para a lavadeira com o pano e como a porta está aberta, consigo vê-lo colocando o pano de molho na água com sabão. Em seguida, ele volta, pega toda a carne que cortou e joga fora.

— Pode cortar o restante e temperar para mim?

Eu olho para a pia, e estou tão tensa, que não consigo dizer não. Abro a gaveta e pego outra faca, sentindo os olhos de Felipe em mim.

— Eu já lavei a faca, mas pode lavar de novo, se acha que precisa.
— Tudo bem, eu uso essa aqui.
— Ísis, está tudo bem! — Ele diz, saindo da sua passividade ao me ver sem reação.

Eu engulo em seco e termino de cortar a carne, fazendo o mesmo com a cebola e o tomate. Felipe frita os bifes e eu tempero a salada de tomate.

Sinto um cheiro de queimado, e me lembro do arroz.

— Que merda!

Felipe é mais rápido que eu e o desliga.

Acabamos almoçando naquele climão. Monique come um pouco também, mas dez minutos depois, corre para o banheiro. O clima ainda está tenso, não é igual àquelas cenas lindas de filmes onde casais cozinham juntos. Nossa primeira vez na cozinha foi um desastre.

— Achou difícil? — Ele quebra o silêncio.

— Não — dou um sorriso para ele. — Desculpe-me, eu acho que...

— Está tudo bem. Depois falamos sobre isso, Ísis.

Monique surge atrás de mim e pega um copo de água.

— Obrigada pelo almoço, mas se não se importam, eu vou deitar. Na próxima, podem deixar por minha conta — ela diz e sai, então eu a ouço fechar a porta do quarto.

Depois que terminamos de comer, eu lavo a louça e Felipe a seca, em seguida vamos para a sala. Ainda me sinto estranha e Felipe nota isso.

— O pano está de molho com sabão, não tem perigo algum de contaminação, tudo bem?

— Tudo.

Eu me sento no sofá, e Felipe faz o mesmo, depois olha para a porta do quarto fechada. Tocando em meu rosto, ele me faz encará-lo.

— Ei — sussurra. — Eu entendo que é completamente normal sentir medo porque é algo novo para você. Mas só deixamos te ter medo, quando nos informamos a respeito. Entende o que eu quero dizer?

— Acho que foi uma péssima ideia cozinhar...

— Não foi não, bonequinha — diz calmamente. — Ísis, quero que entenda que eu sou uma pessoa normal. Minha vida é como de qualquer outra pessoa, e na cozinha é assim mesmo, acidentes acontecem. Não é porque sou soropositivo que tenho que me privar de uma vida normal, apenas tenho mais cuidado com algumas coisas, entende? — Ele diz carinhosamente, como se explicasse para uma criança. — Você quer que realmente dê certo?

— Quero.

— Já ouviu falar sobre casais sorodiscordantes?

— O médico me disse. É o nosso caso, não é? — Felipe confirma.

— Ísis, eu disse que para dar certo, dependia apenas de nós. É bem isso mesmo. Mas para isso acontecer, é imprescindível ter muito diálogo entre nós. Porque não se trata apenas de lidar com a saúde física, mas com a saúde mental e social. Então, seja o motivo que for, qualquer coisa que a incomode, quero que seja clara e direta em suas pontuações. Você tem medo e é compreensível, mas seja sempre honesta quanto a isso. Se for sobre o medo, o sexo, a prevenção, qualquer questão do relacionamento em si, sem diálogo, não tem como buscar soluções. Entende?

— Sim — ele sorri e segura as minhas mãos entre as suas.

— Não que eu queira te obrigar a isso, mas acho essencial você acompanhar o meu estado de saúde.

— Mas o seu tratamento não está estável? Nem sei se é assim que fala — digo, sem graça.

— Mas acompanhar de perto como anda a minha carga viral, imunidade e demais exames é fundamental para um relacionamento sorodiscordante saudável — espera a minha reação e como não digo nada, Felipe continua. — É importante também que tenha conhecimento dos efeitos colaterais da medicação, porque, às vezes, sinto dores de cabeça e até evito conversar, e não quero que associe a minha indisposição a você — eu aceno em concordância. — E quanto a você, eu também quero e acho importante acompanhar de perto os seus exames.

— Como assim, meus exames? — Novamente sou pega de surpresa.

— Bonequinha, normalmente, sendo sexualmente ativos, fazemos exames para nunca sermos pegos de surpresa. E se tratando de relacionamento sorodiscordante, é necessário que você faça exames de três em três meses para as DST e AIDS.

— Mas você disse que se prevenirmos, eu não contraio.

— Ísis, a prevenção é o melhor método, ainda que a minha carga viral possa estar indetectável. Tem uma porcentagem muito baixa, mas existe, e isso é uma realidade presente em todos os tipos de relacionamentos. E se tratando de sorodiscordantes, você precisa fazer exames e tem que estar ciente dessa possibilidade.

Eu engulo em seco.

— Eu também entendo que, eventualmente, você pode sentir medo ou

ter uma crise em relação ao HIV. E serão nesses momentos que vou precisar que seja sincera e converse comigo. Ok?

— Tudo bem.

Apesar de não querer demonstrar, falar sobre isso me incomoda muito.

— E qual a chance que eu tenho de contrair? — Pergunto, sentindo o receio em meu peito.

— Menos de 4%. Mas, se acontecer de você se expor ao vírus...

— Você se refere à camisinha estourar, isso? — Interrompo.

— Sim, é raro, mas às vezes pode ocorrer durante a penetração. Nesse caso, existe a possibilidade da “profilaxia com antirretrovirais”. Você toma uma determinada dose de medicamentos antirretrovirais o mais rápido possível após a exposição ao HIV. O prazo máximo é de 72 horas. Se acontecer, temos que procurar o meu médico ou outro infectologista, explicar a situação e pegar a receita. Porque esses remédios só conseguimos através de prescrição médica — eu respiro fundo. — Bonequinha, eu sei que é muita informação e para isso se transformar em conhecimento, leva um tempo. É normal você pensar “puta merda, é muita coisa”, mas vai por mim, não é um quebra-cabeça. E outra, qualquer dúvida, pode me falar ou falar com um médico. Entendeu? — Afirmo com a cabeça. Toda essa conversa me põe a par de uma realidade que não era minha, mas agora é. — Ísis, não é preciso viver com medo de tudo. Prevenção é a parte fundamental, e sempre iremos nos prevenir.

— Eu sei, mas...

— Tem alguma dúvida?

— No momento não. Apenas receio.

— Tudo bem. Isso também é normal, mas precisa confiar em mim. Você confia? — Confirmando com a cabeça, Felipe se aproxima e beija meus lábios delicadamente. — Ainda quer assistir a um filme? Podemos deitar no sofá — ele segura o meu rosto entre as suas mãos e volta a me beijar. Ele tem essa áurea mística que me embriaga completamente. Uma vez que olho em seus olhos, já me vejo rendida.

— Cabe os dois? — Pergunto com aquela voz boba de garota apaixonada.

Felipe nem responde, ele simplesmente tira a blusa, me deita e volta a me beijar. Em algum momento, eu ligo a TV, que fica no canal do cliente e tudo que importa é continuar sentindo seus beijos. Felipe se deita no sofá, ficando entre as minhas pernas e puxa a coberta sobre nós dois. Eu olho em

seus olhos e tento pensar em algo, mas é inútil. Estou entregue. Ele leva as minhas mãos acima da minha cabeça e as mantém presas, começando a distribuir beijos enlouquecedores por todo o meu pescoço em seguida. Droga! Seus beijos são tão viciantes.

— Desculpe-me se eu não soube como agir — falo, me sentindo uma menina boba que deseja fazer de tudo para agradar.

— Não quero que pense nisso, apenas em nós — mal responde e volta a me beijar, descendo pelo meu colo.

Eu me pergunto se existe um momento certo para enlouquecer? Perco a noção de espaço e tempo. Nada mais existe, apenas seu toque, seus beijos. Ele tira e devolve o meu fôlego lentamente. Eu o sinto beijar um seio enquanto aperta o outro, provocando um misto de dor e prazer. Loucura e razão. O desejo sobe à cabeça, tira qualquer vestígio de razão e o único pensamento que permanece é que eu o quero em mim.

— Acredita em momento perfeito para isso acontecer? — Eu sussurro e o sinto sorrir.

— Acredito em nós, e juntos, qualquer momento se torna perfeito. Você quer?

— Já tem essa resposta.

— Eu sei, mas quero a sua permissão.

— Não precisa de permissão para isso. Não você — Felipe sorri.

— Desde ontem, quando a vi completamente nua, ao fechar os olhos, a sua imagem é a única coisa que eu vejo. Você é perfeita — ele volta a me beijar.

Sinto a sua língua passar lentamente pelo meu corpo, como se estivesse mapeando-o. É um delírio. Meu corpo corresponde a cada toque. Ele solta as minhas mãos e a minha boca espera ardentemente por mais beijos, mas perde descaradamente para os meus seios.

Ele desabotoa o meu short delicadamente, e eu estou à beira da insanidade e insegurança. Em seguida ele o tira, e não demora muito para fazer o mesmo com a minha calcinha. Vejo um sorriso safado surgir ao contemplar a minha nudez, então volta a me beijar. A sua mão direita desce lentamente, passando por entre as minhas coxas e introduzindo o seu dedo em mim, começando a me estimular e me fazendo gemer.

O olhar de Felipe é de puro desejo, e ao me sentir muito molhada, um sorriso aparece em seu lindo rosto. Consigo senti-lo tirando a bermuda, e quando a sua ereção toca o meio das minhas coxas, eu solto um gemido.

Estamos completamente nus, contando com a sorte e o sono da Monique. Sim, somos loucos.

Felipe coloca o preservativo já aberto em minha mão e leva a minha outra ao seu membro. Ao segurá-lo, ele solta um gemido delirante. Assim que termino de colocar o preservativo nele, ele se encaixa novamente entre as minhas pernas, posicionando-se. A penetração é lenta e prazerosa, sendo seguida por meus suaves gemidos.

É intenso, viciante e acima de tudo, apaixonante. Começo a acreditar que os nossos corpos se encaixam de uma forma única. Cada movimento me faz alcançar um estado diferente de prazer e se isso não é o paraíso particular dos amantes, provavelmente ele não existe. Felipe aumenta o ritmo, indo cada vez mais fundo, deixando os nossos corpos em chamas.

— Você é tão deliciosa — ele sussurra quase sem fôlego.

Nossos gemidos continuam, e ver a sua carinha de menino safado é a melhor coisa. Ele sai de mim, em seguida me deita de bruços e me penetra novamente. Estou a ponto de explodir e mal consigo respirar ao ouvi-lo gemer no meu ouvido. Felipe continua me penetrando em um ritmo alucinante, e quando chego ao limite, gozo, sentindo um imenso prazer. Felipe aumenta a pressão sobre o meu quadril, e seus movimentos se tornam mais rápidos. Ele solta um gemido delicioso e sei, pela forma como relaxou o corpo, que gozou. Felipe me abraça com força, exausto e com respiração ofegante.

— Você é gostosa pra cacete — após alguns minutos e com a respiração mais calma, ele sorri e sai de dentro de mim.

— A última vez que fiz sexo, no fim, escutei uma linda declaração de amor — eu sorrio, provocando-o. Ele desvia o olhar e sorri.

— Fazer sexo com você é apaixonante. Eu amei — faço uma careta com a sua resposta. — É uma declaração, não conta?

— Safado! — Ele se aproxima e morde o lóbulo da minha orelha.

Felipe realmente se acha, porque nem se deu o trabalho de perguntar se foi bom, mas graças aos meus gemidos, ele já confirmou isso. Ele se afasta e tira a camisinha, mostrando que não estourou. Em seguida coloca a bermuda e vai ao banheiro. Nesse meio tempo, eu me visto, mas estou muito exausta para me levantar, então fico jogada no sofá, sorrindo como uma idiota. Ele vai até a cozinha e volta trazendo um copo de água para mim.

— Quer dormir comigo hoje?

— Está achando que aqui é sexo quando você quiser? — Arqueio a

sobrancelha. — Quero sim — mas respondo tão rápido, que o faço rir.

— Na minha casa? — Sugere.

— Não sou tão cara de pau assim.

— Sério?

— Felipe, não abusa, tá!

— Tudo bem, mas não dá para dormir com a sua amiguinha no quarto.

— Dormir dá sim, a não ser que tenha más intenções.

— Com você, eu só tenho más intenções, Ísis. Não percebeu ainda?

A porta do quarto se abre, Monique vai direto ao banheiro e novamente consigo ouvi-la vomitando.

— Acho melhor levá-la ao médico.

— Vou levar.

— Posso deixar vocês lá. Dou as caras na minha casa e quando vocês terminarem, me liga que eu pego vocês duas e as trago para cá.

— Tudo bem. Podemos dormir aqui na sala. O que acha?

— Aquela porta dá para onde? — Ele aponta para o quarto ao lado do nosso.

— Monique fez de sala de estudos, mas só tem uma estante velha.

— Por que não muda o seu quarto para lá?

— Porque vai dar trabalho.

— Posso te ajudar a fazer a mudança domingo que vem.

— Domingo é dia de descanso. O único que eu tenho.

— Sério? É o meu único dia de folga e estou disposto a te ajudar...

Eu faço uma careta.

— Tudo bem, mas hoje dormimos aqui na sala.

Ele me faz levantar e sentar em seu colo, minutos depois Monique sai do banheiro.

— Toma um banho que eu a levarei para o hospital — eu digo a ela. Monique está tão pálida, que apenas concorda.

— Ísis, acho melhor você ajudar a Monique. Ela está fraca e pode cair ou desmaiar no banheiro.

Eu concordo com Felipe e vou ajudar Monique a tomar um banho. Observando as suas curvas, eu nem mesmo sei por que, mas acabo me lembrando do Marcos me dizendo que Monique era uma puta. Nunca entendi por que ele falava isso, e obviamente eu sempre o censurei. Sei lá, ela é mais louca que eu, mas vê-la tão fraca me faz deixar toda a desavença de lado. Depois de ajudá-la a se vestir, tomo um banho e me apronto rapidamente,

pegando os seus documentos e seguindo para o hospital, como Felipe sugeriu.

Vamos à emergência e assim que é atendida, o médico pede um hemograma completo, exame de urina e teste de gravidez, em seguida prescreve um medicamento intravenoso para o enjoo. Ela toma, e assim que faz efeito, vamos para a lanchonete do hospital.

Depois de duas horas, os resultados dos exames são liberados, então voltamos para a sala de espera do consultório. Da primeira vez, eu entrei com ela, mas como está melhor, acabo perguntando se ela quer entrar sozinha.

— Obrigada, mas dessa vez prefiro entrar sozinha. Tem algum problema para você, Ísis?

— De maneira alguma, Monique. Estarei aqui fora se precisar de mim.

Ela entra e eu aproveito para mandar uma mensagem para Felipe. Ele responde que está jantando e assim que terminar, virá me buscar. Um tempo depois, Monique sai do consultório mais abatida do que entrou.

— E então?

— Nada grave. Só uma anemia e enjoo — ela diz, e pela sua cara de velório, não consigo acreditar.

Felipe manda mensagem dizendo que está nos esperando em frente ao hospital, então seguimos para fora.

— Ele receitou alguma coisa? — Eu pergunto.

— Vitamina e remédio para enjoo.

— Quer passar na farmácia?

— Não. Só quero ir embora, Ísis. Obrigada.

Chegamos ao carro e ela se mantém distante. Eu não acreditei muito no que ela disse, mas se não quer contar, como posso ajudar? Eu olho para o Felipe, que me dá um sorriso bem safado, e isso indica que essa noite promete.

Capítulo 13

Assim que Felipe coloca o carro na garagem, Monique agradece e sobe às pressas. Nós nos encaramos, sem entender a atitude dela.

— Trouxe tudo o que precisa? — Eu pergunto, sorrindo, ao vê-lo pegando a mochila.

— Tudo, e você está inclusa nesse tudo.

Eu dou um sorriso para ele e me aproximo, beijando-o com ternura.

Depois de Felipe trancar o carro, eu olho para os lados e reviro os olhos, me lembrando da noite anterior. Entramos no hall e vemos que o elevador está no último andar, então Felipe segura a minha mão e me puxa na direção das escadas. Cinco andares de escada depois, antes de abrir a porta, ele me puxa para um beijo quente. Eu olho em seus olhos e sinto a sua respiração. Dou um sorriso atrevido, que o faz tentar me beijar novamente, mas eu desvio e abro a porta.

— Vou tomar um banho rápido e...

— Tudo bem, espero no sofá — sorri de maneira sugestiva.

Vou para o quarto e escolho uma camisola soltinha da cor rosa bebê que ganhei do meu pai. Felipe deve imaginar que irei dormir totalmente nua ou com algo provocante, mas para mostrar que sei preservar a minha imagem, mesmo que seja para “dormir”, pego algo bem recatado. Fora que iremos dormir na sala.

Vou direto ao banheiro tomar um delicioso banho, exagerando no óleo corporal aromático. Eu saio cheirando rosas e sigo para a sala, onde encontro Felipe bem à vontade no sofá, com um short largo e camiseta, mexendo em seu telefone. Mesmo de longe, posso perceber que ele está sem cueca e eu já estou adorando isso.

— Demorou — ele diz assim que me vê, e ao olhar para o meu corpo, vejo o brilho malicioso de minutos atrás se apagar.

— É bom se acostumar. Geralmente eu demoro no banho — finjo desinteresse.

— Pelo tempo que você levou, pensei que estava preparando uma surpresa para mim — ele sorri de lado.

— Talvez eu possa ajudar nisso. Que tipo de surpresa você tem em

mente?

Uma vez que ele não responde, eu vou para o quarto, pego coberta, lençóis, travesseiros e deixo no sofá, depois volto para o quarto e arrasto o meu colchão para a sala. Felipe rapidamente arruma a nossa “cama” improvisada e se deita. Eu apago a luz e me deito ao seu lado, ficando de costas para ele.

Pego o telefone e vejo que são quase onze horas da noite, e como Monique sabe que Felipe vai dormir aqui essa noite, eu me sinto mais à vontade para provocá-lo. Além de ela já estar debaixo das cobertas, sei que não vai nos atrapalhar, a não ser que seja necessário. Até perguntei se precisava de algo, mas ela me ignorou, então não forcei a barra. E se bem que, depois de ter pego o meu carro e transado nele, acredito que Monique não teria coragem de ser uma empata foda. Felipe passa o braço pela minha cintura e me puxa contra o seu corpo.

— Eu esperava vê-la entrando nessa sala, no mínimo, com uma camisola sensual ou até mesmo nua — ele sussurra de uma forma enlouquecedora em meu ouvido.

Eu solto uma gargalhada com a sua ousadia e ele me acompanha.

— Você está muito safadinho, Felipe. Será que o que fizemos mais cedo nessa sala, não foi o suficiente? — Eu provoco.

Eu sei que não foi não foi suficiente para mim. Felipe sabe transar gostoso, mesmo que eu não tenha muita experiência para comparar nesse quesito, posso dizer que ele me deixou querendo mais depois daquela rapidinha no sofá.

Felipe me vira em seus braços e encara os meus olhos.

— Eu esperava repetir a dose, mas se você não quiser, tudo bem. Eu entendo.

Ele realmente acha que eu não quero fazer sexo com ele? Eu não acredito que consigo mostrar essa indiferença.

— Talvez você me faça mudar de ideia — toco o seu rosto. — E a sua mãe não se importou de você dormir aqui? — Eu pergunto

— Ela não disse mais nada sobre você, já a Mari, não está conversando comigo. Mas, mudando de assunto, o que planejou para nós?

— Tricotarmos, o que acha? — Eu faço beicinho.

— Eu realmente pensei que iríamos tricotar, já que a sua camisola estilo garotinha do papai sugere isso — eu começo a rir sensualmente.

— Mais respeito com a minha camisola. Na verdade, foi o meu pai

quem me deu — digo de forma brincalhona e ele começa a gargalhar.

Nem consigo acreditar que até algumas horas atrás, eu estava sofrendo por esse garoto que chegou bagunçando as minhas estruturas. Se antes de transarmos já estava difícil esquecê-lo, depois de experimentar esse corpo delicioso, com certeza ficará impossível.

— Você realmente tem um parafuso a menos, bonequinha. Uma hora você se joga nos meus braços, totalmente nua, e agora, toda recatada. Aonde quer chegar?

— Eu acho que você deveria ter um pouco mais de fé em mim.

Eu fico olhando para o Felipe de maneira safada, que se levanta e começa a engatinhar entre as minhas pernas, iniciando o seu joguinho de sedução. Sinto Felipe passar a mão pela minha perna, então eu as abro para dar acesso livre às suas investidas. Assim que constata que estou nua por baixo da camisola, ele solta um gemido baixo e me toca com o desejo brilhando em seus olhos.

— Você é igual a um *Kinder Ovo*, cada vez uma surpresa diferente — dou um chute leve no seu braço pela piada sem graça, e ele ri.

— Não tinha um chocolate melhorzinho para comparar comigo?

— Depois disso, você pode até escolher qual chocolate quer que eu a chame — brinca.

— Gostou mais da camisola ou do que está por baixo dela? — Eu o provoco, levantando sua camisa com o pé e deixando que ele me veja totalmente exposta.

— Minha mãe me disse que você será a minha perdição e olhando para você agora, tenho certeza disso — Felipe diz em um sussurro e sobe mais a minha camisola, depois de beijar o meu pé. Delicadamente, ele vai depositando beijos em minhas pernas até as coxas, parando em minha intimidade. Felipe passa a língua em meu clitóris, movimentando graciosamente. Eu grito em surpresa, não esperava isso, mas o prazer me domina e tento conter os meus gemidos para não acordar Monique, mas é difícil quando se tem alguém fazendo um delicioso sexo oral em você.

Agarro o cabelo dele e empurro o meu quadril na direção da sua boca, Felipe parece não se importar e começa a me chupar como se estivesse chupando uma deliciosa casquinha, e seus gemidos fazem com que eu fique mais molhada. Quando estou quase gozando, ele se afasta, fazendo com que eu solte um gemido frustrado. Porém, logo meu gemido é abafado por seu beijo bruto. Sua mão puxa uma das minhas pernas para cima do seu quadril e

Felipe começa a esfregar seu membro completamente ereto em minha intimidade sedenta. Ficamos somente nos beijando e roçando as nossas partes, mas isso está me levando à loucura.

— Chega. Já provou que sabe o que faz. Passou no teste — pisco e ele gargalha.

— Bonequinha, isso eu consegui na primeira vez que a beijei. O que estamos fazendo aqui é só consequência — volta a me beijar.

— Por favor. Pare de me torturar. Quer me deixar mais louca de tesão?
— Sussurro quando seu beijo desce para o meu seio.

— Só quero aumentar mais o desejo que sentimos pelo outro — ele diz enquanto massageia o meu clitóris.

— Mais? Acho que você quer me matar de tesão. Eu quero te sentir, Felipe. Quero que você me faça esquecer o meu nome.

— Não vale pedir coisa fácil — ele provoca.

— E o que é difícil para você? — Sussurro, ofegante.

— Eu quero que você diga o meu nome enquanto eu estiver te comendo com vontade — safado. Cada vez me surpreendo com esse Felipe na hora do sexo. Nunca imaginei que iria me excitar mais ainda com palavras desse tipo.

— E eu quero que você me coma com vontade. Quero terminar o que começamos nesse sofá — bato no sofá atrás da minha cabeça.

Vejo Felipe se levantando e pegando a camisinha no chão. Ele me passa novamente, e eu tento controlar a minha ansiedade para que, ao colocar a camisinha, não corra o risco de furar com a minha unha ou colocá-la de maneira errada. Felipe logo me empurra para trás, mas antes tira a minha camisola de qualquer jeito, me deixando nua, enquanto permanece apenas de camiseta. Aos poucos, eu o sinto me preenchendo, e logo gememos juntos com o nosso encaixe perfeito. Felipe realmente dá o seu melhor, fazendo com que eu controle os meus gemidos de prazer, cada vez mais altos.

— Quieta, bonequinha. A sua amiga está no quarto, lembra?

Eu o ignoro. Nunca pensei que um dia pudesse gemer desse jeito, mas quando se encontra um cara gostoso como o Felipe, acredito que seja fácil. Ele sabe fazer e faz muito bem feito. Quando estou prestes a chegar ao paraíso, Felipe me surpreende ao me levantar e me colocar sentada em seu colo, de frente para ele, rapidamente começo a subir e descer nele. A princípio, de maneira lenta, subindo e quase o tirando por completo de dentro de mim, mas logo sentando com vontade. Sei que amanhã vou estar dolorida, mas não quero parar. Ele segura os meus quadris e começa a controlar os

meus movimentos, então passa a se movimentar de encontro ao meu corpo, fazendo com que eu sinta uma pressão de forma dolorosamente gostosa. Sua boca vai para o meu seio e ele chupa um como se fosse um bebê faminto, enquanto massageia o outro ao mesmo tempo em que toma o controle por completo do meu corpo. Começo a choramingar de tamanho prazer que estou sentindo, e logo meu corpo começa a tremer com o orgasmo se aproximando. Sinto Felipe mais ofegante e percebo que ele está perto de gozar também, e isso logo se comprova com um gemido sofrido, e ficamos assim, abraçados, controlando as nossas respirações.

Depois de alguns minutos, nós deitamos de frente para o outro, e permanecemos assim, nos encarando.

— Tudo bem. Confesso que você me saiu um belo *Kinder Ovo* — falo e ele sorri.

— Que bom. Eu adoro *Kinder Ovo* — ele me puxa para os seus braços. — É difícil se controlar quando se prova uma gostosa como você — ele beija o meu pescoço.

— Você também é meio gostosinho — mordo os lábios, provocando-o.

— Será que a sua amiga escutou alguma coisa? — Ele me pergunta, preocupado.

— Acho que não. Mas decidi que quero o meu próprio quarto o mais rápido possível. Aceito a sua ajuda no domingo — nós rimos, juntos.

— Olha! O Felipe tinha razão, agora vou ser humilde e pedir ajuda — ele provoca.

— Até parece que o benefício será apenas meu — respondo com ironia.

— Admito que meu também. Tem tantas coisas que queria ter feito com você, mas como já percebi que você é meio escandalosa nessas horas, na sala realmente não dá — eu bato em seu braço, brincando. — Você está ciente que isso é agressão, né?

— E o que você pretendia fazer comigo?

— Bonequinha, eu não quero que soe ofensivo, muito menos que fique colocando minhoca na cabeça, porque você é mestre nisso. Mas a primeira vez que a vi, eu a imaginei de quatro, com essa bunda deliciosa empinada. Pensei que você fosse... deixe procurar a palavra certa aqui... — ele fica pensativo. — Hum, safada, entende? Muito safada. Era essa a impressão que tinha de você.

— Nossa! Sério que você pensou isso mim, Felipe? — Eu fico meio envergonhada, mas no mesmo instante, entusiasmada.

— Desculpe se estou te constrangendo. Na verdade, acho que mulher não tem que se reprimir por questões machistas impostas pela sociedade. Mas a questão é que você demonstra ser quem não é. Entende? Não quero que se sinta mal, estou sendo sincero — ele me olha, preocupado.

— Isso o incomoda?

— Incomoda pensarem isso de você?

— Eu não sou assim, então incomoda um pouco.

— Ísis, eu convivo com uma irmã feminista e sei como a sociedade pode e é opressora com vocês, mulheres, inclusive apoio a causa. Mas a questão é justamente essa. Suas roupas falam de uma Ísis que você não é. Sabe por que te aceitaram no grupo?

Meu coração gela.

— Não. Só sei que foi a Carol quem me convidou.

— Mas quem pediu que ela a chamasse foi o Carlos. Ele, com o Peu e o Fernando, me colocaram em um grupo da faculdade. As pessoas sempre me colocam em alguns grupos, e à noite, quando estou disponível, vejo sobre o que são e vou saindo da maioria. Esse, no caso, tinha apenas homens e só falavam de pornografia e no dia que eles me coloram, eu me deparei com uma foto sua. E os comentários que vinham depois da foto era de que gostariam de comer a sua bunda. Eu fiquei perdido até entender do que se tratava. Achei ridículo e saí do grupo. Acho que um cara que você ficou lá na sala havia mandado uma foto sua em uma festa.

— Não acredito que eles fizeram isso. E por que está me contando? É constrangedor, sabia? Deveria ter denunciado.

— Isso acontece constantemente, para você ver como aqueles caras são.

— E você, é santo?

— Não sou, mas tenho irmã e mãe, e não gostaria que elas fossem expostas dessa forma. Nem você. A questão é que acho que existe ambiente e a forma certa de se vestir para cada um.

— Sei onde você quer chegar.

— Eu acho que a gente tem que ter bom senso. Assim como vamos à praia com roupa de banho e tal, faculdade não é local para exhibir o corpo. E você faz muito isso.

— Você está sendo muito escroto, agora.

— Estou sendo sincero. O nosso relacionamento não se baseia em sinceridade?

— Acaba de transar comigo, deixa claro que achava que eu era puta e

como descobriu que não sou, acha que não devo me vestir como uma. É isso que quer dizer?

— Em nenhum momento eu usei a palavra puta, e você tem que ter maturidade para saber dialogar. E razão é um conceito variável, e através de diálogos é que chegaremos a um consenso.

— Provavelmente, esses imbecis fazem isso com todas.

Felipe desvia o olhar, e eu estou começando a ficar puta com essa conversa.

— Entenda uma coisa, eu não concordo com eles, por isso sai do grupo. Mas não vou fingir que sou cego e ignorar que você exagera nas suas roupas.

— Acho que está sendo machista e ridículo.

— Não estou sendo machista. A roupa diz sim muito sobre você.

— Não deveria ser assim.

— Ísis, se eu quero impressionar apenas a você, por que subir em um palco para fazer isso?

— E o que isso tem a ver com nós?

— Foi uma alusão ao assunto.

— Acho que você está misturando as coisas. O fato de ter aceitado namorar com você, não significa que pode mandar em mim — Felipe desvia o olhar e sei o que está pensando. Ele não me pediu para namorar com ele. Eu me sinto péssima e faço menção de me levantar, mas ele me segura.

— Só estamos conversando. Isso não é uma discussão, estamos em um relacionamento e ser direto é essencial — em nenhum momento ele altera o tom.

— E se eu não concordar com você?

— Tem esse direito, mas acho que existe o entrar em um consenso no relacionamento, não acha?

— Já que eu tenho que ceder, o que você está cedendo?

— Minha sanidade, minha paciência e minha tolerância à infantilidade de menina mimada.

— O quê? — Agora estou puta. — Eu também estou cedendo muito, inclusive me arriscando a contrair... — seguro a língua antes de falar sobre o HIV. Felipe coça a cabeça, óbvio que ele entendeu. — Desculpe-me, eu não quis dizer isso, eu...

— Tudo bem. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, e pelo pouco que a conheço, sei que não pensa para falar. A conversa tomou um rumo diferente e não quero te ofender. Desculpe-me, mas você pratica muito a lei

de Newton, porém, suas reações sempre incluem ofensas. Acho que vou ter que relevar isso também, não vou?

— Você é muito chato.

— Se acha que é demais, ainda dá tempo de voltar atrás.

— Qual é o seu problema, Felipe? — Pergunto, alterando o tom.

— Essa é a questão. Não tem problema, era para ser apenas um diálogo.

Mas você ainda não aprendeu a dialogar.

— Agora você está sendo ofensivo. Na verdade, foi desde o início.

— Tudo bem. Só uma curiosidade, o que seus pais sempre falam de você?

— Que eu não tenho nada na cabeça — droga, por que ele perguntou isso?

Ele sorri com a minha resposta. Merda, isso que dá não pensar antes de falar. Felipe se aproxima e me beija. Eu não correspondo, então ele se afasta e ficamos um tempo em silêncio.

— Sei lá. Agora estou me sentindo idiota, parece que te forcei a voltar para mim...

— Você nunca conseguiria me forçar. Estou aqui porque eu quero, ainda que a minha razão não concorde com o meu querer.

— Sou tão péssima assim?

— Não disse péssima, mas é infantil.

— Vai à merda, Felipe! — Eu quase grito e Felipe respira fundo. — Desculpe-me. Tudo bem! Eu vou pensar no que você disse sobre as minhas roupas.

Ele fica me encarando como se eu fosse louca.

— Eu não estou acostumada com tamanha sinceridade, mas como a nossa relação será diferente, e você disse que eu devo ser sincera, acho que você pode ser sincero comigo também. Independentemente do assunto.

Felipe agora está boquiaberto.

— Vai ser uma barra levar isso adiante. Eu só queria viver em paz, ser feliz do meu jeito, e agora estou aqui. Preso a você.

— Como assim, vai ser uma barra?

— Tão gostoso como comer uma barra de chocolate. Ainda que não seja saudável, é impossível resistir.

— Podemos voltar ao assunto do quarto. Estava mais interessante.

— Tudo bem. Tem algo que queira fazer comigo? — Ele levanta a sobancelha de forma sugestiva.

— Deixe-me pensar. É tanta coisa, que eu prefiro primeiro fazer o que você tem em mente enquanto não chega a minha vez.

— Também prefiro — ele se aproxima, me beija e percebo certa brutalidade nisso.

Rapidamente me abraça pela cintura, fazendo com que eu fique de costas para ele e um pouco empinada. Felipe vira o meu rosto na direção do seu, beija minha boca de forma bruta, fazendo com que nossos dentes se choquem e uma de suas mãos afasta as minhas pernas, enquanto a outra vai para a minha intimidade, iniciando um vai e vem com os dedos. Ao me sentir estimulada, Felipe retira o dedo e se afasta um pouco, então ouço o barulho da embalagem da camisinha, nesse momento eu olho de relance para trás e ele me encara.

— Quer colocar?

— Não precisa, confio em você — não sei como consegui dizer isso com tanta certeza, já que no fundo tenho medo. Felipe sorri de forma duvidosa e beija o meu rosto com delicadeza.

— Mulher é a perdição do homem.

— Passa a namorar com macho, então — disparo sem pensar.

— O que eu fiz para merecer isso? — Ele pergunta e antes que eu possa responder, sinto Felipe me preencher novamente.

Uma vez que estou tão molhada, me sinto mais aberta para ele, que segura os meus braços para trás e começa a penetrar de maneira bruta. Meu corpo vai para trás e para a frente, e eu só consigo pensar que amanhã estarei deliciosamente dolorida, com meu traseiro todo doído. Mas pouco me importo com isso ou com as horas que estão passando.

— Acabo de descobrir um vício — ele sussurra em meu ouvido. — Estar dentro de você.

Ficamos a noite toda nessa loucura, e quando o celular desperta, eu me sinto exausta, como se não tivesse dormido nada.

— Felipe — eu o cutuco. — Felipe

Ele acorda, sonolento.

— Sério que está na hora? — Pergunta com uma carinha de anjo.

— Sério

Eu me levanto e vou ao banheiro tomar um banho rápido e depois sigo para o quarto, encontrando Monique debaixo das cobertas. Eu a chamo, e assim que ela se vira, vejo que está com fones nos ouvidos e com uma péssima aparência. Seus olhos estão inchados e sei que ela chorou a noite

toda. Ela me vê e tira os fones dos ouvidos.

— Está passando mal?

— Não vou à faculdade, Ísis. Estou sem ânimo.

— Tem algo que eu possa fazer por você?

— Não, obrigada.

— Eu vou deixar um dinheiro aqui e se precisar de algo, você me liga, tá?

— Obrigada — ela sussurra, volta a colocar os fones e se cobre.

Eu me arrumo rapidamente e opto por uma calça jeans justa, blusa e sapatilha. Quando volto para a sala, Felipe já dobrou todas as cobertas e lençóis e encostou o colchão na parede. Até mesmo a minha camisola está dobrada sobre o sofá.

Ele sai do banheiro vestido com a calça jeans, blusa preta e tênis. Tão simples e tão lindo.

Ao se aproximar, ele me beija.

— Sua amiga não vai?

— Não.

— Ela está bem?

— Abatida, mas ela disse que está bem. Deixei dinheiro e disse para me ligar se precisar.

— Então vamos. Tomamos café na padaria aqui na rua.

— Tudo bem.

Após o café, seguimos direto para a faculdade no carro dele. Quando estaciona, não vejo muitas pessoas, então noto que estamos dez minutos atrasados. Não sei como me comportar e espero que ele conduza isso. Seguimos direto para a sala e antes de entrar, Felipe me dá um beijo, bate à porta e pede licença. Não entramos de mãos dadas, mas entrar juntos faz com que olhares curiosos caiam sobre nós, inclusive o da Flávia, que está atenta a cada passo que damos.

Eu me sento na cadeira, sentindo todo o corpo dolorido por ter feito sexo a noite toda.

Assim que ele se senta, Flávia o cutuca e vejo os dois cochichando. Depois de alguns minutos, sem cerimônia alguma, ele cruza os braços na mesa e deita a cabeça. Essa professora é tão puxa-saco dele, que finge não notar, se fosse eu, já teria chamado a minha atenção. E antes que eu faça o mesmo, Carol me chama.

— Está calada, aconteceu alguma coisa?

— Sono.

— Ah — ela me olha, sorrindo.

O primeiro horário termina e Felipe sai da sala, mas não volta no segundo e nem no terceiro. Eu mando uma mensagem para ele, porém não obtenho resposta. Quando o terceiro horário finalmente termina, eu vou ao refeitório e ele já está lá.

— Onde estava? — Flávia é a primeira a perguntar.

— Dormindo no carro. Só fiquei aqui para não perder os dois últimos horários com o Fábio. A prova é semana que vem.

Ela se senta ao lado dele e o meu sangue ferve de raiva ao vê-los de cochicho. Quando eu me aproximo, Felipe pede para ela ir um pouco para o lado para que eu possa me sentar, ficando entre nós duas. Ao ver Carlos se sentando à minha frente, me vem à mente o tal grupo que os imbecis fizeram.

— Troca de lugar comigo? Estou com sono — Felipe pergunta para mim, ignorando a conversa que está rolando.

Flávia fica visivelmente desconfortável, então eu me levando e cedo o meu lugar para ele. Quando já estamos sentados, Felipe se deita, apoiando a cabeça no meu colo, então começo a acariciar o seu rosto e ele beija a minha mão.

— Temos um novo casal? — Carlos pergunta, sem jeito.

Felipe responde fazendo um sinal de positivo, vira o rosto e fecha os olhos. Volto a minha atenção para o grupo e encontro todos me encarando.

Léo, o professor de filosofia e cunhado do Felipe se aproxima, cumprimenta todos e pede para falar com Felipe.

— Tem um minuto, Felipe? — Ele abre os olhos preguiçosamente, se levanta e os dois saem juntos.

— Quanto tempo estão juntos? — Peu pergunta para mim e Flávia se levanta antes de ouvir a resposta.

— Mais de um mês.

— Legal, parabéns — diz sem jeito.

— Obrigada.

Voltamos para a sala e deixamos Felipe conversando no refeitório. Minutos depois, Felipe entra e se mantém atento à aula. Presto atenção na aula, mas não deixando de reparar nos olhares de relance que recebo de Flávia a todo o momento. Terminando o último horário, nós saímos de mãos dadas e seguimos para o meu prédio.

— Você volta à noite? — Pergunto quando paramos de nos beijar

— Provavelmente não. Mas ligo mais tarde, e comporte-se, bonequinha — ele me dá um último beijo.

— Você também. Vou esperar a sua ligação.

— À noite, eu te ligo. Agora vai, porque não posso me atrasar. Mari está um demônio, segundo o Léo.

Saio do carro e sigo para o meu apartamento. Assim que entro no quarto, vejo uma cena deprimente. Monique está como a deixei, deitada debaixo das cobertas e chorando.

— Oi — eu me aproximo.

— Oi — sua voz soa depressiva.

— Monique, qual o problema? — Eu pergunto, já imaginando a resposta.

— Nada.

Ela responde e se vira, enfiando a cabeça debaixo das cobertas. O que está acontecendo com essa garota? Seja o que for, se enfiar debaixo das cobertas não vai resolver. Acho que Monique pode estar grávida, mas se realmente for isso, não é o fim do mundo. A não ser que ela não saiba quem é o pai. Será isso?

Capítulo 14

Monique

Cidade nova, novas oportunidades. É o que dizem, mas não quando se trata de uma adolescente de quinze anos.

A notícia foi dita de maneira simples e direta.

— Seu pai conseguiu um novo emprego e vamos nos mudar.

Sem diálogos ou sequer ouvirem a minha opinião.

Colégio novo, amigos novos. Isso é um inferno, no entanto, uma nova proposta de emprego e com a carreira de corretor de imóveis em ascensão, meu pai não ousaria recusar, e nunca o faria. Não por mim. Segundo ele, eu deveria ser grata por tudo que me proporcionam, sem poder reclamar de nada. Ele era a autoridade na casa e suas regras tinham que ser seguidas. Sempre foi um homem religioso e severo, mas deu às duas filhas, eu e a minha irmã Cassia, que tem 6 anos, a liberdade de escolha de que profissão seguir. A única coisa que ele exigia era respeito e bom comportamento.

Mudar de colégio para a pequena Cassia não foi problema algum, ao contrário de mim, meu primeiro dia no colégio novo foi uma merda. A turma inteira se conhecia e eu, a novata, não era tão atraente para uma aproximação. Não ser o centro das atenções me dava à oportunidade de observar tudo sem ser notada, e era o que eu fazia.

Uma garota chamava a minha atenção, ela se destacava muito, por assim dizer. Em todo o colégio de elite branca, era a única negra. O engraçado era que ela não parecia enxergar esse fato. Seu corpo era muito atraente, com uma cintura bem fina que realçava seus quadris. Parecia ser desenhada. Com o tempo, percebi que além de ser a queridinha dos professores, Ísis Fernandes era extremamente mimada. Isso não era motivo para achá-la antipática, na verdade, eu pouco me importava com ela. Para mim, Ísis era uma negra que vivia no mundo dos brancos de classe alta, nada mais que isso. Não conversávamos e ela nunca tentou uma aproximação. Muito menos eu.

Um dia, em um intervalo qualquer, eu vi o garoto mais lindo da minha vida. Obviamente, não fui notada, e como era adolescente e estava na fase de se apaixonar e não ser correspondida, lá fui eu desempenhar a droga do meu

papel. Descobri que seu nome era Marcos, e como em todo colégio, ele era a sensação do momento. Além de lindo, ele se enquadrava no tipo de *bad boy* que fazia as calcinhas derreterem. O cara, além de jogar no time de futebol, tinha aquela adrenalina que contagiava a todos. Ele sempre teve aquela coisa que atraía as garotas para o perigo, que todas, inclusive eu, queriam correr.

Meu sonho de ser sua existia apenas na minha mente, ele sequer me cumprimentava. Samara, a única garota que se aproximou de mim, notou logo de cara o meu desejo por ele, e um dia insistiu que fôssemos para uma festa na casa dele. Apesar de eu não estar entre os convidados, ela jurou que ele não barraria a minha entrada. Segundo ela, as festas eram frequentes e nessas ocasiões os pais dele nunca estavam presentes.

Meu pai nunca deixaria que eu fosse, mas eu já estava completamente fissurada por ele e não sei bem que loucura era a minha, mas achava que ele era o meu príncipe encantando e só precisa de uma chance para mostrar que éramos perfeitos juntos. E mesmo não tendo nada de príncipe, eu o queria. Obviamente, tive que convencer os meus pais que precisava estudar para a prova, e como Samara falou com eles também, não foi difícil os convencer a me deixar dormir na casa dela. O que nunca ocorreu. Com dois meses desse desejo ridículo por Marcos, finalmente eu teria a chance de ser notada.

Já no fim da festa, a decepção veio com força total. Samara estava aos beijos com outro garoto e eu apenas com álcool na cabeça. Saí de perto da multidão totalmente louca, me isolei no jardim e com o coração partido por me sentir invisível, uma vez que ele parecia mais preocupado em beber e fumar um baseado do que em beijar alguma garota, fiquei esperando Samara decidir ir embora.

Quando finalmente quis voltar para dentro da casa, ele estava ali, sozinho no jardim. Ele parecia meio deprimido, conversamos pouco, eu só me lembro de beber muito com ele, e quando acordei, estava deitada ao seu lado sentindo o meu corpo todo dolorido. Não precisou de muito para entender que havíamos transado. Não sei se ele teve consciência disso, mas tirou a minha virgindade. E a idiota aqui caiu de quatro por ele. Fiquei tão cega nessa ilusão, que não me importei com o fato de ele não me assumir. Eram meses de encontros e sexo às escondidas. Em algum canto da minha mente louca e apaixonada, eu acreditava que ele era tão meu quanto eu era dele.

Até que um dia ele me disse que estava namorando outra. Meu chão desabou. Como assim, namorando outra? Vê-lo com ela, Ísis, se tornou o

meu pior pesadelo.

Marcos se afastou e eu me afundei em desilusão. Pensei que poderia esquecê-lo, mas não se esquece uma pessoa que se vê todos os dias. Eu chorava pela dor de não tê-lo e por pertencer a outra garota. Agora eu tinha motivo para odiar os dois. Não apenas eu, mas muitas garotas passaram a odiá-la.

Quando Marcos voltou a me procurar, a idiota achou que ele havia se arrependido. Mas não. Eu passei a compreender que, além dos pais deles serem grandes amigos, eles idealizavam que as famílias se unissem para se tornarem a maior empresa de advocacia da cidade. O casamento de Marcos e Ísis parecia algo planejado desde o nascimento de ambos. Ísis, para ele, era um tipo de bilhete premiado que dava acesso a todas as mordomias que ele tinha com os pais. Marcos vivia uma vida louca regrada a excessos, e o principal, custeada pelo pai. Mas tinha um grande problema, Ísis sempre foi uma princesinha mimada e egocêntrica, obviamente Marcos tinha que se encaixar no papel de príncipe ou o sonho da união entre as famílias acabaria.

Apesar de ser lindo como um príncipe na aparência, sua personalidade era oposta. Marcos sempre foi um rebelde sem causa. Porém tinha uma forte ligação com o pai, a ponto de tentar agradá-lo em tudo, pelo menos na sua frente, porque por trás, até se envolver em rachas e uso de drogas ele se envolvia. Eu sempre soube do lado podre dele, mas, para Ísis, ele era um príncipe. O príncipe que eu sempre desejei que ele fosse e nunca foi para mim.

E foi só depois que eu entendi porque ele voltou a me procurar. Eles não transavam. Mas Marcos voltou porque além de querer sexo, confiava em mim para manter isso entre nós. Ele tinha sexo fácil, meu amor e meu silêncio. Se comigo ele era um louco depravado, ao lado dela era um perfeito cão obediente.

Eu fui muito idiota, mas quem não é aos quinze anos?

As comparações começaram a vir na minha cabeça. A nossa primeira transa foi uma noite sexo com os dois chapados, já com a princesinha ele viajou com os pais para a casa de campo e imagino ter acontecido entre juras de amor.

Com ela, Marcos nem bebia e era patético estando sempre disponível para ela. Mas saindo da sua casa, seu lado demônio aparecia e ele me procurava. Ficou claro que era com ela que ele queria se casar, e eu era a puta que ele gostava de comer. E, na maioria das vezes, estava drogado ou bêbado.

Não vou ser hipócrita em dizer que ele me forçava. Nunca me forçou, a trouxe aqui que se iludia achando que uma hora ele iria cair na real, que iria dizer que me amava. Era um vício e meu corpo aprendeu a ser apenas dele.

Pela forma como nos entregávamos um ao outro, eu jurava que um dia ele a deixaria, mas nunca aconteceu. E eu segui com esse inferno até nos formarmos. Como esperado, eu passei no vestibular para Fisioterapia, Marcos para Direito e Ísis para Arquitetura. Mas na última hora, a princesinha não quis vir e por causa dela, Marcos recusou a sua vaga na Universidade Federal e entrou em uma universidade particular da cidade.

Nunca chorei tanto em minha vida. Ele poderia ter escolhido a mim e mais uma vez escolheu a Ísis.

Essa era a minha chance de tirá-lo da cabeça. Iniciei a faculdade, decidida a esquecê-lo. Passei a chapar sempre, a beijar só por beijar, mas nunca conseguia chegar ao sexo. Minhas festas se resumiam a ficar chapada para esquecê-lo. E funcionou por um tempo. Mas, um dia, Marcos ligou e pediu para me encontrar com ele. Era apenas uma conversa e eu achava que estava preparada para aquilo, ledor engano, terminamos na cama e o vício voltou como se nunca estivéssemos nos separados.

Depois do sexo, ele me disse o motivo de estar ali. Ísis precisava de um lugar para ficar. A vadia decidiu finalmente cursar a faculdade e o melhor de tudo, era que ela tinha terminado com ele. Marcos acreditava que era apenas um tempo, e como confiava em mim para ficar de olho nela, decidiu fazer esse pedido. Ele disse que Ísis era muito inocente e precisava de uma amiga. Eu tive vontade de quebrar a cara dele. E como conseguir o que queria de mim nunca foi o problema, eu aceitei.

Ele prometeu vir me ver com mais frequência e como eu sentia a sua falta, novamente aceitei as migalhas que ele estava disposto a oferecer. Nessa época, ele já havia abandonado o carro e optado por uma moto, estava mais enfiado em drogas e parecia não se importar muito com o que os outros pensavam. Quando o furacão Ísis veio com tudo, já na primeira semana, a garota que eu prometi odiar, estava me contando seus planos para a nova vida. Ísis nunca sequer sentiu a dor de uma rejeição e no fundo, era isso que eu desejava a ela.

Tinha suas vantagens em tê-la aqui, além da carona na faculdade, ela passou a sair comigo e me emprestar o carro.

Quando ela ficou com Erik, eu contei ao Marcos e notei que apesar de tentar disfarçar, ele ficou abalado. Doeu, pois ficou evidente que ele ainda

nutria um sentimento por ela, apesar de nunca ter falado nada, acho que eles tinham um problema em se tratando de sexo. Eu estava realmente decidida a fazer essa princesinha dos infernos sentir um pouco do que eu senti, e quando sugeri Felipe, um gostoso oposto a ela, jurava que iria acontecer. Aconteceu nas primeiras semanas, depois, sei lá o que ela fez, fispou o cara.

Depois de um encontro com Marcos, o carro quebrou e ele me levou ao apartamento. Chegando lá, demos de cara com a Ísis. O olhar no rosto de Marcos ao vê-la, deixou evidente a sua preocupação com ela. E isso acabou comigo. Quando a campainha tocou e eu vi Felipe, tive prazer em dizer que ele era namorado da Ísis. Marcos mudou totalmente, fosse lá que porra de sentimento era aquele, estava visível para qualquer um naquela sala. Naquela noite, ele dormiu comigo e acabamos transamos sem camisinha, mas antes de ir embora, Marcos comprou a pílula do dia seguinte e eu a tomei conforme a prescrição da bula.

Um dia, após uma noite com Marcos, ao chegar no apartamento, encontrei Ísis aos prantos. Ela me contou que Felipe havia terminado com ela, e agora pode parecer estúpido, mas tive medo de ela voltar para o Marcos.

No fim de semana seguinte, eu a convenci a sair comigo. O combinado éramos apenas nós, nada de garotos, e seria, mas Marcos me ligou, e sendo a imbecil que nunca soube dizer não a ele, corri feito idiota. Uma vez que ele estava de moto, no seu melhor estilo *bad boy*, tive que sumir da festa com o carro dela para transarmos ali. Quando voltei à festa, cadê a merda da garota? Fiquei horas procurando e ligando para o seu celular, mas estava desligado. Voltei para o apartamento, esperando encontrá-la ali, mas uma vez que isso não aconteceu, decidi esperar e o sono acabou me vencendo.

No dia seguinte, acordei com um mal-estar e tontura. Depois do primeiro copo com água, meu estômago embrulhou e não consegui mais parar de vomitar. Sentia o meu corpo estranho, um gosto amargo na boca, e ao escovar os dentes, tudo ficou pior com o sabor da pasta. Eu tinha até mesmo me esquecido da garota, foi então que eu escutei a sua voz na sala, nesse momento o alívio me inundou. Alívio por vê-la melhor e com o Felipe.

Tentei almoçar e não consegui, passei o dia todo vomitando e à noite fomos ao hospital. Após ser medicada, eu me senti muito melhor. Mas isso durou pouco. Ao receber os resultados dos exames, meu mundo desabou. Grávida! Eu estava grávida.

Ainda trêmula com o resultado, eu disse a Ísis que estava tudo bem e subi as escadas às pressas assim que chegamos ao nosso prédio. Eu não conseguia acreditar nisso. Meu pai iria me matar, eu não poderia contar com ele. As regras eram claras: apenas estudar.

Nunca tive dúvidas sobre quem é o pai. Liguei para o Marcos, que não me atendeu. A vida é muito irônica, enquanto eu estava em lágrimas, Ísis estava tendo provavelmente umas das melhores fodas da sua vida, já que a vadia nem se preocupava com o fato de eu estar no quarto.

Pela manhã, ela foi à faculdade normalmente e eu decidi ficar em casa, já que estava péssima. Quase dez da manhã, meu telefone tocou. Marcos.

— Fala — ele disse frio e seco, e eu desabei a chorar.

— Marcos, temos um problema...

— Aconteceu alguma coisa com a Ísis? — Ele pareceu preocupado. Imbecil!

— Não — respirei fundo. — Eu estou grávida.

Ele ficou em silêncio.

— Que porra é essa, Monique? Eu não comprei a porra da pílula para você?

— E eu tomei.

— Então, como assim, está grávida?

— Eu não sei, eu...

— Que porra, velho! Que merda! Dá para resolver, tá legal. Estou viajando e chego daqui a duas semanas. Nós resolveremos isso.

— Como?

— Como? Isso é uma piada? Eu não vou ser pai, e você conhece bem a sua família. Se quiser encarar isso, vai fazer sozinha, e depois que nascer eu peço o DNA. Caso seja meu, eu arco com as despesas. É isso que você quer?

— Não acredito que vai fazer isso comigo.

— Monique, eu tenho vinte anos, porra. Não vou mesmo segurar essa onda agora. Quando eu voltar, nós vamos resolver isso e até lá, segue como se nada estivesse acontecendo.

— Como eu faço isso, seu imbecil?

— Foda-se. Não venha com esse papo de querer ser mãe, porque isso não cola, porra. Vamos tirar essa merda e resolver. Eu comprei a pílula, então não venha me colocar como culpado. Vou procurar uma clínica e pagar tudo. Agora, segue normal. E não abre a boca. Você não é assim e não vai ser, confiamos um no outro e vamos resolver isso. Agora eu tenho que desligar,

esquece isso e depois nos falamos — e desligou sem cerimônia alguma. Merda! Esse é o príncipe que Ísis jurava ter.

Meus pais nunca foram opção e Marcos acabou de tirar a única que eu esperava ter. Eu me deitei na cama e comecei a chorar, pensando que porra eu fiz da vida para merecer isso. Não tenho outra opção a não ser esperar esse escroto voltar, e estando ciente do que ele quer, evito pensar no assunto.

Capítulo 15

Monique continua encarando a parede do quarto, mas pelo menos parou de chorar. A sua aparência é apática, sem vida.

— Comeu alguma coisa? — Pergunto, tentando quebrar o clima.

— Não estou a fim — sussurra.

— Quer que...

— Ísis, eu preciso apenas ficar sozinha — apesar de direta, não soa rude.

— Tudo bem.

Tomo um banho rápido e após almoçar, eu me pego olhando o colchão que ainda está na sala. Eu decido guardá-lo, junto com as roupas de cama que continuam ali. Ainda posso sentir o cheiro do Felipe em mim, ou talvez a minha obsessão me faça acreditar nisso.

Como diria o meu pai, Felipe é como uma boa taça de vinho, quanto mais conhece o seu sabor, mais embriagada se quer ficar.

Eu me sento no sofá e me perco nesses pensamentos. Eu quis fazer sexo com ele e agora é nítida a diferença entre querer e se sentir pressionada a isso. Marcos não me forçou, mas me senti pressionada a transar com ele. Nós já tínhamos mais de dois anos de namoro, e, no fundo, acho que apenas cumpríamos nossos papéis. E depois do Felipe, vejo como tudo entre nós era frio, estranho, diria que era apenas sexo.

— Ísis? — Monique se aproxima e se senta no outro sofá.

— Melhorou?

Ela desvia o olhar e respira fundo.

— Você e Felipe estão bem?

Não entendo o porquê da pergunta.

— Sim, estamos. Por quê?

— Você parece tão apaixonada, mas consegue sentir o mesmo dele?

— Monique, sinceramente, eu não sei — sua pergunta me traz a outra realidade. — Eu tenho medo, porque estou sentindo isso pela primeira vez e...

— Acha que ele não corresponde da mesma forma que você?

— Não sei. Só sei que estou completamente envolvida. É tão intenso, eu...

— Como sabe? Quer dizer, qual a diferença entre ele e o Marcos? Foram cinco anos e agora está dizendo que... — ela me encara. — Ísis, qual foi o verdadeiro motivo de vocês terminarem?

Eu olho ao meu redor e penso a respeito, então encaro Monique novamente, que está atenta. Nós já tivemos uma conversa assim, porém, mais evasiva. Ela mantém aquele ar pesado e talvez queira apenas se distrair.

— Marcos era maravilhoso, Monique, um namorado atencioso que estava sempre disponível para mim. E quando ele me pediu em namoro, foi mágico. Eu jurava que seria para sempre, mas não sei, depois senti que não era real, entende?

— Ele dizia que a amava, sempre disse a todos — ela me lança um olhar curioso.

— Ele dizia, mas eu não conseguia sentir isso. Eu não sei, mesmo agora é confuso, e me acho ingrata quando penso a respeito — eu respiro fundo. — Terminamos porque ele me pediu em casamento — Monique arregala os olhos e deve me achar estúpida por não ter aceitado. — Por isso eu terminei. Não havia emoção, o sexo era apenas sexo e não tenho certeza se o satisfazia. Eu me sentia mal, achava que não era mulher o suficiente — falo, sem graça.

— Mas você é linda e tem esse corpão. Por que achava isso? Ele reclamava?

— Não, ele nunca disse nada a respeito. É chato falar sobre isso, mas acho que por meu pai ser seu padrinho, Marcos se sentiu na obrigação de se casar comigo. Mesmo após a nossa primeira vez, ele não me procurava com muita frequência, falo no sentido de sexo. Era como se estivesse ali ao meu lado sem realmente estar. Tudo bem que meus pais ficavam em cima, mas quando eu olhava nos olhos dele, percebia que ele parecia estar preso a mim não porque queria. Marcos se esforçava para me agradar, e mesmo eu pedindo coisas que ele odiava fazer, ele não se opunha. No fim, isso começou a me afetar. Havia sentimento entre nós, mas nunca houve conexão, foi quando me questionei o que sentíamos um pelo outro.

— E descobriu o que sentiam?

— Nunca encontrei a resposta. Eu ouvi falar algumas coisas a respeito dele, mas nunca soube se era verdade.

— Uso de drogas? — Ela é direta.

— Sim, mas nunca quis ir a fundo nisso. De alguma forma, nós estávamos juntos, mas não um pelo outro. E no fim, ele começou a desaparecer dos meus sonhos. Ele estava presente, mas não era o mesmo.

Ainda assim, eu preciso e quero vê-lo bem.

— Mas ainda sente algo por ele?

— Quis me afastar para ter certeza sobre isso, e a distância só provou que eu gosto dele. Mas não é amor — confesso, sem graça.

— E o Felipe?

— Eu não sei. Odeio o fato de querer toda a sua atenção, como agora, que estou me sentindo mal porque ele ainda não ligou. É um sentimento egoísta, infantil e me faz sentir uma boba.

— Entendo. Você quer ter a pessoa o tempo todo ao seu lado. Quer ser o seu mundo, e se ilude querendo acreditar que ele sente o mesmo desespero, não é?

Ela acaba de descrever o que estou sentindo. Monique se aproxima, se senta ao meu lado e posso ver seus olhos cheios de lágrimas.

— Esse sentimento é como um vício. Felipe não vai ceder às suas expectativas, ele não é assim. Você vai se afundar, se iludir e no fim, ele sempre terá as regras do jogo, sempre terá o controle. Ele irá partir o seu coração uma e outra vez, e você vai se cansar de ouvir o som do seu choro sem saber como colocar um fim. Se eu estivesse em seu lugar, correria disso.

— Monique — ela solta as minhas mãos e enxuga as suas lágrimas. — O Felipe não é assim — ela força um sorriso ao me escutar.

— O Marcos aos seus olhos era?

— Não — falo com convicção.

— É, tarde, não é? Você já se iludiu.

— Eu...

Ela se levanta e segue para o quarto, logo em seguida vai para o banheiro. À tarde, eu ligo para os meus pais. Mamãe me pergunta sobre o novo garoto, então falamos um pouco sobre ele, mas não conto muito. Quando falo com o papai, a conversa é sobre estudos e se estou me comportando. Deus! Acho que sempre serei uma menininha aos seus olhos.

Passo o restante do dia esperando a ligação do Felipe. Eu tento estudar, mas não consigo, cada pensamento é direcionado a ele. Até o momento de ir me deitar, ainda espero a sua ligação. Confiro as horas e vejo que são nove e meia da noite. Ele ficou o resto do dia *off-line*.

Decidindo não ligar também, eu coloco o telefone ao lado, e uma vez que essa espera acaba sendo decepcionante, eu adormeço.

Acordo de madrugada e olho o telefone. Quatro e meia da manhã. Seis chamadas perdidas do Felipe que ocorreram às onze da noite. Fico pensando

sobre isso, e como não consigo dormir, às cinco da manhã começo a me aprontar para a faculdade. Não acho os meus *looks* ousados, se você tem curvas, não é algo que dá para esconder. Escolho uma calça jeans cintura alta, uma blusa preta casual, não muito justa e saltos na cor nude. Prendo o cabelo, brincos e maquiagem natural. É um *look* mais sério do que estou acostuma a usar, me faz sentir mais adulta. Ao ver Monique se levantar, confiro às horas, seis e quinze da manhã.

— Sua bunda fica linda nesse modelo de calça.

Eu me viro de costas e olho através do espelho.

— Está muito chamativo?

— Suas curvas são chamativas, não é algo que dê para disfarçar, Ísis — Monique diz.

Após o café, desço e a espero no carro. Apesar de seu notável desânimo, chegamos cedo ao campus. Vou ao banheiro antes de entrar na sala e entro na primeira cabine que está livre. E antes de sair, escuto uma voz familiar.

— Viu quem o cunhado do Léo, professor de filosofia, está pegando?

Meu corpo gela com a pergunta. Pela fresta da porta tento ver quem é, mas não consigo, porém, as vozes não são estranhas.

— Aquele carinha gostoso, o tal do Felipe? — Pergunta, surpresa.

— Ele mesmo.

— Quem?

— Aquela negrinha da sala deles. Sabe quem é?

— Uma que se acha? — A outra diz e me sinto péssima ao escutá-las. Nunca ninguém se referiu assim a mim. Estou em choque.

— Essa mesmo. Ela se acha, mas tá na cara que ele só quer trepar com ela. Logo dispensa. Isso não é sério. Com tantas garotas que dão de cima desse cara, ele fica justamente com ela? Com certeza ela ficou correndo atrás dele.

— Ah, com certeza. Até porque, um cara como ele não leva uma garota daquela a sério. Já viu como ela adora chamar atenção usando roupas tão coladas? Depois que cansar de comer, ele dá um fora.

— Mas sabe o que eu estranhei? Eu jurava que ele ficava com a Flávia, aquela ruiva de cabelo longo. Eles sempre estão juntos.

— Vai saber. Às vezes pega as duas. Gostoso como ele, pode né! — Escuto risadas e os passos vão distanciando.

Tudo fica em silêncio e sinto as minhas lágrimas descenderem. Tento parar

de chorar, mas as palavras ficam presas na garganta, e isso machuca. Eu nunca enfrentei isso, mas notava os olhares quando saía com Marcos, ele é loiro de olhos claros e eu, negra. Eu percebia, mas Marcos não se importava. Se olhassem muito, ele perguntava se haviam perdido alguma coisa. Nesses momentos, ele era o meu príncipe. Finalmente encontro forças e saio, me olho no espelho, respiro fundo e lavo o rosto. A maneira como elas se referiram a mim, me inferiorizando, fica na minha cabeça.

Dou meus passos pesarosos para a sala, estou atrasada, e quando entro, pela primeira vez, observo a classe. São mais de setenta alunos, mas apenas eu e Fernando somos negros. Peço licença, ainda desnorteada e me sento.

— Está tudo bem? — Felipe pergunta ao me encarar. Eu afirmo que sim e me viro.

Eu olho para a Flávia e vejo que ela pintou o cabelo que era ruivo natural, para um vinho vibrante. Seu cabelo realça mais a sua beleza e tom de pele claro. No decorrer da aula, Felipe e ela cochicham, eu sei que já era assim antes, e começo a me perguntar se eles namorassem, também haveria comentários maliciosos. Novamente sinto vontade de chorar.

— Ísis, você fez as atividades que o professor passou? — Carol pergunta.

— Não. Já viu com os outros? — Eu me viro para ela.

— Flávia não fez, ontem ela foi para a casa do Felipe.

Oi? Como assim?

— Para fazerem juntos? — Finjo não me importar.

— Flávia está envolvida em questões sociais junto com o Felipe e a tal da Mari, que é veterinária do cão dela. E como vai fazer vinte e um anos semana que vem, ela sugeriu que fizessem uma festa onde os convidados levassem algo útil para doar ao asilo, que está precisando de doações. Então, ela e essa Mari...

— Irmã do Felipe — interrompo. — Ela é irmã dele.

— Ah, então deve ter sido por isso que ela dormiu lá. Elas estão organizando tudo.

— Legal — eu me viro sem esperar a resposta da Carol.

Eu olho de relance para Felipe, e agora entendo porque não me ligou. Estava ocupado com a Flávia. Engolindo toda a vontade de chorar que está em meu peito, eu começo a fazer o exercício sozinha, me sentindo péssima pelo que passei no banheiro, e tudo só piora ao olhar para Felipe. E se essa for a verdade? Se ele quiser apenas sexo? Eu mal o conheço.

Tudo desmorona quando percebo que estou loucamente envolvida por um estranho. Ele nem presta atenção em mim, está concentrado na aula. À minha frente, está Carlos, não peço ajuda nas que tenho dúvida, depois que soube do grupo, passei a sentir nojo dele e do Peu. Idiotas machistas. E atrás de mim, Carol se mantém atenta a seu exercício, no fundo, acho que ela é fiel demais a amizade com a Flávia.

Do restante da aula até o intervalo, ignoro Felipe, me segurando para não o estapear. Se ele pensa que vai me fazer de idiota, está enganado. E eu achando que ele é um santinho. Quando o intervalo chega, saio antes de todo mundo, e como não sinto fome alguma, vou direto para outra mesa. Felipe é o primeiro a se aproximar, e nesse momento eu reparo como as mulheres olham para ele.

— O que aconteceu dessa vez, bonequinha?

Sinto o ódio subir.

— Não sei, me diz você. Aconteceu alguma coisa?

Ele me olha, confuso. Os outros do grupo pouco se importam que essa não seja a nossa mesa e se aproximam para sentar como se tivessem sido convidados. Eu olho para Flávia e vejo que a sua roupa é justa também, porém, ela é um pouco mais magra que eu, e passo a odiar esse fato. Olho para Felipe para ver se ele está olhando para ela, mas o seu olhar permanece em mim.

— Ísis, eu não consigo adivinhar. Se não me falar qual é o problema eu... — ele para quando o grupo senta. — Vai comer alguma coisa? — Pergunta.

— Não.

— Quer ir para outro lugar? — Sussurra e logo me vem à mente que sou apenas para comer.

— Não — soo rude, então ele se vira para a frente.

— Quer refrigerante, Felipe? — Flávia oferece o seu copo para ele.

— Não, ele não quer — minha resposta é imediata.

Percebo os olhares de deboche com a minha resposta.

— Obrigado — Felipe diz, sem graça.

— É tão engraçado como a nossa sociedade é hipócrita.

— Por que hipócrita, Ísis? — Felipe me encara.

— Se a mulher usa roupas justas é puta, agora o homem sai pegando todas e é santo.

— Isso é cultura, Ísis. Infelizmente arraigado em nossa sociedade, mas

é o nosso dever desconstruir esses paradigmas machistas — Felipe contrapõe.

— Mas, infelizmente, a roupa diz muito sobre você — Flávia interpõe.

— Não acredito nisso. Concordar com isso é o mesmo que concordar que em caso de abuso e violência a culpa é da vítima.

— Um assunto não tem nada a ver com outro — Flávia novamente rebate e só aumenta o meu ódio.

— Acho que tem sim, Flávia — Carol contradiz. — Há uma cultura do estupro em nossa sociedade.

— Não existe cultura do estupro, Carol — Carlos rebate.

— Óbvio que existe. Cultura do estupro é você culpar a vítima ao invés do agressor — Carol retruca.

— Não acho que ele esteja errado, Carol — Felipe opina e eu até me assusto. — Todos somos ensinados que estupro é errado, inclusive considerado crime. Na verdade, o que você mencionou é a relativização do estupro, que é um problema sério e que realmente acontece aqui. Que é a ideia machista de que existem condições para a violência ser considerada como estupro — Felipe explica.

— E ela começa quando julgam a mulher pela roupa — disparo.

Ele morde os lábios e desvia o olhar.

— Ísis, o corpo é seu e obviamente é um direito seu usar o que quiser. O que queremos dizer é que, mesmo você tendo o direito de usar a roupa que quiser, tem que entender que mentes psicóticas sempre existirão. E estas mentes psicóticas acreditam que a roupa justifica o estupro. Portanto, se existem essas pessoas e elas nunca deixarão de existir, por que usar essas roupas, sabendo que o risco só aumenta?

— Então eu tenho que deixar de usar o que quero, por que existem loucos?

— Acho que para cada ambiente existe uma maneira adequada de se vestir. Isso é questão de bom senso — Flávia interrompe.

— Isso é o mesmo que tentar justificar o estupro por causa da roupa.

— Não. Ninguém merece ser estuprado e não existem motivos para isso. Mas eu, por exemplo, se sei que na Avenida João Carlos, depois das onze, geralmente as pessoas que passam por lá são assaltadas, então tento evitar o local nesse horário. Isso se chama precaução.

— Você é muito machista, Felipe, só finge que não.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Desisto — ele abaixa cabeça, e eu odeio a sua postura.

— Tudo bem. Então me explica uma coisa, de acordo com o seu pensamento, se eu estiver de short estou pedindo para ser estuprada, mereço, é isso? — Falo com ironia.

— Ísis — Flávia diz alterando o tom. — Ninguém merece ser estuprado, o que o Felipe quer dizer é que existem pessoas taradas. Você não é proibida de usar roupas curtas, o que tem que ter em mente é que pessoas mal-intencionadas farão isso, e querendo ou não, se você se portar de maneira mais vulgar, com certeza vai chamar mais atenção. Entendeu ou quer que eu desenhe? — Ela debocha e me faz ferver de raiva a maneira como ela o defende.

— Quem não entendeu é você. Quem quer estuprar, vai fazer quando encontrar a oportunidade e isso não é questão de roupa e sim de caráter.

— Então continue usando as suas roupas vulgares.

— Vai à merda, Flávia.

— Na falta de argumentos, é normal as pessoas partirem para agressão verbal.

Eu me levanto, mostro o dedo do meio para ela e saio do refeitório, indo direto para o meu carro. Talvez a Monique tenha razão, o melhor é desistir disso. Apoio a cabeça no colo e deixo as lágrimas rolarem. São nessas horas que eu penso em Marcos. Meu dia está sendo péssimo e em ocasiões como essa, ele sempre estava ao meu lado. Alguém bate à porta do passageiro e a abre. Felipe.

— Qual o problema? — Pergunta enquanto se senta no banco do passageiro.

— O que você quer?

— Você!

— Como tem coragem de vir atrás de mim depois do que me fez passar? — Eu limpo o meu rosto.

— Você começou o assunto e não eu. E outra, se deparar com uma opinião diferente da sua não é motivo para chorar.

— Felipe, dá um tempo. Você nem sabe o que aconteceu e fica falando merda! — Falo em tom rude e ele desvia o olhar.

— Então me diz o que está acontecendo para que eu possa entender.

Eu olho em seus olhos e pergunto.

— Dormiu com a Flávia ontem?

Felipe me olha, atônito.

— O quê?

— Não se faça de bobo. Sei que ela dormiu lá.

— Ísis, ontem eu trabalhei até às seis e meia, depois fui ajudar o Léo, que está mudando de apartamento. Cheguei em casa às dez em ponto e antes de tomar um banho, e olha que eu estava cansado pra caralho, te liguei mais de três vezes. Você não me atendeu e apareceu hoje, mal me cumprimentou e quando perguntei o que estava acontecendo, você disse que estava tudo bem e agora me pergunta se eu dormi com a Flávia. Sério mesmo? — Pergunta, irritado.

— Ela dormiu na sua casa, então não se finja de bobo.

— Dormiu mesmo. Mas eu só a vi quando acordei e fui tomar café hoje de manhã. E a casa não é minha, é da minha mãe, Mari também mora lá. E se não me engano, elas estão organizando um evento juntas.

— E você não sabe de nada? — Debocho.

— Depois da briga, minha irmã mal me cumprimenta.

— E ainda assim você foi ajudar o namorado dela. Bonzinho você.

— O que ele tem a ver com a infantilidade dela? Mas mudando de assunto, é por isso que está se comportando assim? Por que achou que eu dormi com a Flávia? — Ele não espera a minha resposta, somente continua. — Eu não sei bem qual parte que você não entendeu em ser direta no nosso relacionamento. Ao invés de fazer barraco e dar show, não seria mais fácil ter me perguntado?

Não respondo, então ele toca a maçaneta interna da porta, dando sinal de que irá deixar o carro.

— Hoje — eu falo, ele se vira e me encara. — Antes de entrar na sala, eu fui ao banheiro. Já estava de saída quando, antes de abrir a porta, escutei a conversa de duas garotas, não deu para ver quem falava, apenas escutei. Elas diziam que você estava pegando a negrinha da sua sala só para comer, que eu parecia puta e que assim que me comesse, dispensaria.

Eu começo a chorar.

— Por que não saiu e viu quem era?

— Eu me senti tão humilhada, que não tive coragem.

— Isso sim é motivo para denúncia e processo — ele se aproxima e me puxa para os seus braços.

— E para completar, Carol disse que Flávia dormiu na sua casa.

— Ah, Ísis, eu sinto muito que tenha passado por isso. Entendo que esteja magoada e se sinta humilhada pelo que escutou no banheiro, e se me falasse quem foi, eu denunciaria. Agora, sobre a Carol, nunca acredite no que

ela falar sobre mim. Eu nem a conheço direito, sei apenas que ela adora fazer intriga.

— Ela não sabia que a Mari é a sua irmã.

— Mentira. Ela tem um gato e antes mesmo de entrarmos na faculdade, levava o bichinho no *pet shop*. Nunca falei, mas, provavelmente, Mari comentou — ele me faz encará-lo. — Eu não sou esse tipo de cara, não faria isso com você, com ninguém. Mas para dar certo, temos que ser sinceros um com outro. Antes de alimentar qualquer boato e ficar com raiva por causa dele, me procure, conversamos e esclarecemos as coisas. Ontem, eu pensei em ir dormir com você, mas estava tarde e como não me atendeu, deduzi que estava dormindo.

— Mas você nem mesmo me ligou durante o dia.

— Eu estive ocupado, mas se você tivesse me ligado, eu teria atendido.

— Elas também disseram que, provavelmente, eu corri atrás de você, por isso está comigo.

— Elas nem mesmo têm nomes, não são ninguém. Pouco me importa o que as pessoas falam, Ísis. Só me importa o que você pensa. As pessoas têm inveja, não sei por que, afinal, eu moro com a minha mãe, pago o meu carro em suaves prestações e trabalho para a minha irmã. Resumindo, não sei o que veem em mim — ele me dá o sorriso sincero que eu tanto amo.

— Mas tem caráter, coisa que dinheiro não compra — eu sorrio, ele se aproxima e me beija, fazendo com que o meu ânimo melhore.

— Você não é e nunca será o que as pessoas dizem a seu respeito. Desculpe-me, bonequinha. Talvez eu tenha exagerado na questão da roupa, mas caramba, olha pra você. É tão perfeita, linda, estar ao seu lado me faz tão bem, e se pudesse eliminar todos os concorrentes, eu faria.

Eu sorrio e Felipe volta a me beijar.

— Você vai dormir comigo hoje? — Pergunta dando selinhos.

— Na sua casa, quer dizer, da sua mãe?

— Por favor? — Implora entre beijos.

— Felipe, elas não gostam de mim.

— Minha mãe não se importa, e o máximo que Mari pode fazer é te ignorar.

— Mas é chato.

— Quando elas perceberem que você me faz bem, que eu quero estar com você, vão mudar essa postura.

— Vou pensar a respeito. Temos que voltar, o intervalo já acabou.

— Vamos.

Depois de mais alguns beijos, voltamos para a sala. Todos já entraram e após a penúltima aula, Felipe pede para a Carol para trocar de lugar com ele. Sorrio ao vê-lo segurar a minha mão o restante de aula.

Acabando a aula, eu vou para o meu apartamento e Monique me ajuda a ajeitá-lo.

— Felipe quer que eu vá dormir com ele, mas a família dele não é a minha fã.

— Foda-se eles. Se não corre o risco de ser mandada embora, vá.

Eu penso a respeito, mando uma mensagem dizendo que irei e se ele pode vir me pegar. Rapidamente, ele responde dizendo que virá às sete horas da noite. Quando finalmente o relógio marca sete horas, ele me liga dizendo que está na frente do prédio. Eu pego as minhas coisas, me despeço da Monique e desço.

Começo a ficar apreensiva quando Felipe para o carro na porta da sua casa. Sei que deveria ficar calma, mas não consigo evitar. Sinto que estou entrando na “cova” dos leões.

— Sua família está? — Pergunto, apreensiva.

— Ísis, parece que você está sendo obrigada a dormir aqui, mas não está. Se você quiser ir embora é só me falar que eu a levo — sei que ele está chateado, mas eu não consigo evitar.

— Eu quero, mas não tem como esquecer que a sua mãe e irmã me odeiam — eu suspiro.

— Como eu disse, o máximo que elas devem fazer é te ignorar. Minha mãe já foi trabalhar e Mari deve estar na casa do namorado ou no quarto. Vamos? — Ele desce e abre a porta do carro para mim.

— Vamos.

Saímos do carro e Felipe pega a minha pequena mala, já que amanhã iremos para a faculdade daqui. Entramos na casa e tudo está silencioso, Felipe vai direto para o quarto e eu vou junto. Ele liga o ar condicionado e coloca a minha mala no chão, perto da cama.

— Precisava mesmo de uma mala? — Ele brinca. — O que tem nessa mala? Se você traz tanta coisa para passar uma noite, já imagino como seria se eu te chamasse para passar uma semana toda — ele diz de forma brincalhona.

— Eu trouxe tudo o que é necessário para ir direto para a faculdade.

— Tudo bem. Vou tomar um banho, quer me acompanhar? — Sugere

de forma maliciosa, e inevitavelmente eu me lembro do que ouvi mais cedo no banheiro.

— Pode ir, depois eu vou — ele suspira, mas não parece chateado.

Felipe entra no banheiro e eu me sento na cama, ligando a TV em seguida, mas me lembro de que não fechei a porta, e para não acontecer como na primeira noite que dormi aqui, eu me levanto e vou trancá-la. Ouço o barulho do chuveiro, e como a porta está encostada, penso nas palavras que ele me disse mais cedo quando eu lhe contei tudo. Por mais que todos achem o contrário, Felipe realmente parece ser verdadeiro comigo, ou eu que prefiro me iludir uma e outra vez, mas o que eu sinto por ele é cada vez mais forte, já que estou ficando cada vez mais insegura com tudo que o envolve.

Eu sempre me senti forte, destemida, porém, depois que conheci Felipe, sinto que as coisas minúsculas podem me abalar.

Jogo as minhas dúvidas para escanteio, e começo a tirar as roupas rapidamente, antes que ele termine o banho. Empurro a porta do banheiro sem fazer barulho, e meus olhos vão de encontro ao corpo escultural de Felipe. Suas costas são largas e definidas, seu bumbum é lindo e irresistível. Enquanto ele enxágua o cabelo, eu vou me aproximando lentamente sem fazer barulho e abro o vidro do box. Sei que, pelo barulho, ele sabe que não está mais sozinho, mas não se vira. Passo as mãos em suas costas, apertando todos os seus músculos, então Felipe se vira com a água quente descendo pelo corpo, e me olha com desejo, mas não ganho um sorrisinho malicioso. Dessa vez é de uma forma diferente, ficamos um tempo nos olhando, mas logo Felipe me puxa para debaixo do chuveiro com ele. Iniciamos um beijo, que também é diferente, porque apenas estamos sentindo os lábios um do outro, mas mesmo assim não deixa de ser gostoso como todos os outros. Minhas mãos agora vão para o seu cabelo e as suas vão para a minha cintura. Felipe me encosta contra a parede e sinto sua ereção crescente na minha barriga, nesse momento, todas as incertezas somem e sinto que desperto esse fogo nele. Não sei se ele sente na mesma intensidade que eu, mas estou ciente que o que tenho com ele nunca tive com nenhum outro.

— Por um momento pensei que ainda estava chateada comigo — ele diz enquanto beija o meu pescoço e pressiona o seu quadril ao meu, fazendo com que eu o sinta mais próximo do meu ponto sensível.

— Desculpe-me, eu sei que às vezes sou difícil... — ele coloca os dedos em meus lábios, me calando.

— Esquece, bonequinha, é o nosso momento. A única coisa que

importa aqui é você.

Ele volta a me beijar e continuamos até enlouquecermos. Em um sobressalto, Felipe me levanta pelas nádegas e eu passo minhas pernas por seu quadril e os braços pelo pescoço, em seguida eu desligo o chuveiro.

Chegamos ao quarto, ele me coloca na cama, pega uma camisinha dentro da gaveta do criado-mudo e quando tenta se afastar, eu o agarro pelo pescoço.

— Eu já tranquei a porta — ele sorri e me dá um selinho.

— Que bom que você foi mais rápida.

Voltamos a nos beijar de forma mais intensa, e sinto meu corpo arrepiar quando Felipe morde meu lábio inferior delicadamente e, ao se encaixar entre as minhas pernas, eu passo as minhas por cima do seu quadril, fazendo com que os nossos corpos se aproximem o máximo possível. Uma de suas mãos aperta o meu seio, mas sem causar dor e sim prazer e como o ar é necessário, ele desce os beijos para os meus seios. Eu arqueio as costas do colchão tamanho o prazer que só ele me proporciona, agarro seu cabelo para que ele não afaste os lábios e tento gemer o mais baixo possível. Felipe para o beijo e fica de joelhos na cama, em seguida coloca a camisinha. Ao passar o dedo em minha intimidade e sentir a minha lubrificação, ele sabe que estou pronta recebê-lo. Ele entra tortuosamente em mim e quando o sinto totalmente dentro, soltamos um gemido baixo, então inicia um vai e vem devagar, delicioso, e que nos leva à loucura. Suas mãos vão de encontro as minhas e dessa vez acontece algo diferente, nós dois nos olhamos intensamente, enquanto nossos corpos se movimentam em sintonia com um único objetivo e travando uma batalha para chegarmos ao ápice juntos. Depois de mais alguns minutos conectados, nos beijamos e gozamos juntos.

— Me desculpe se eu fui um idiota com você — ele diz, ofegante.

Felipe coloca a cabeça em cima do meu peito, enquanto faço um carinho em sua cabeça.

— Tudo bem — dou um beijo nele. — Só temos opiniões diferentes.

— Não — ele volta a me encarar. — É medo de perder você.

Ele me beija novamente e deita ao meu lado, me puxando para os seus braços. Ficamos em silêncio e nesse momento não precisamos de palavras, penso que, assim como eu, talvez ele esteja assustado com a forma intensa que entregamos um ao outro.

Ele pega a minha mão e leva aos lábios, beijando. De repente, alguém bate à porta.

— Felipe — é a Mari.
Ele respira fundo.
— Oi.
— É o seu dia de fazer o jantar.
— Pede pizza, eu pago — responde.
— Está tudo bem? — Ela pergunta.
— Está!
Ela não fala mais nada, e parece se afastar.
— Não costuma pedir pizza? — Pergunto em tom de brincadeira.
— Não, mas você tirou todo o meu ânimo de cozinhar — ficamos uns minutos em silêncio.
— Ísis...
— Oi.
— Acha que será um problema para a sua família o fato de eu ter HIV?
— Ele pergunta com a sinceridade de uma criança.
Eu vejo a preocupação em seus olhos, penso em meus pais e desvio o olhar. Engulo em seco e o meu silêncio dá a resposta para ele.
— Melhor ficarmos assim então — sua voz soa melancólica, apesar de tentar disfarçar.
— Eu quero ficar com você, mas meu pai é superprotetor, entende? Ele perde a cabeça quando acha que estou em perigo.
— E eu sou um perigo — tenta soar engraçado, mas sua melancolia não permite.
— Para ter uma ideia, ele acredita piamente que sou virgem.
— Tudo bem, eu entendi.
— Não é que não queira te apresentar a eles, mas... se ele descobrir que você tem...
— HIV — ele completa a frase.
— Não sei como irá reagir. E...
— E não quer pagar para ver — fico sem graça.
— Desculpe-me — falo com sinceridade.
— Tudo bem, eu entendo.
— Você é uma pessoa maravilhosa, Felipe. Provavelmente a alma mais bondosa com que me conectei, mas estou confusa sobre o que eu sinto. Ninguém pode me garantir se é amor.
— O amor nunca precisou de garantias, Ísis. Ele mesmo se garante.
— Felipe, eu me sinto ligada a você e sei que estou apaixonada, mas só

teremos certeza disso quando toda essa paixão acalmar.

— Tem razão.

— Você conseguiu me convencer fácil, mas minha mãe é médica. Não sei se conseguiria convencê-la, já que me acha irresponsável.

— Eu não quis convencê-la, apenas expus a verdade. Fui sincero. Nunca foi uma tentativa de te convencer a fazer sexo comigo. Me ofende saber que pensa isso.

— Eu não quis dizer isso, me expressei mal. Mas vamos mudar de assunto, detesto falar sobre isso.

Ele volta a ficar em silêncio e o ar se torna tenso.

— Felipe, me desculpe.

— Tudo bem, não vamos mais falar sobre isso. Vai ser bom, independentemente do tempo que durar — diz sem me encarar.

— Já está sendo maravilhoso — respiro com pesar. — Não leve para o lado pessoal, sabe que é perfeito.

— Tudo bem, eu tenho HIV, seus pais não me aceitarão por isso, mas não vou levar para o lado pessoal. É como alguém não te aceitar por ser negra e pedi...

— Agora você foi longe demais. Eu nasci negra, você não nasceu assim — eu falo, alterando o tom e quando me dou conta do que falei, me arrependo. — Me desculpa.

— Esquece. Está tudo bem.

Eu não falo mais nada. Não há mais palavras. Eu vou tomar um banho, e quando volto ao quarto já de camisola, Felipe pergunta se quero comer na cozinha, e uma vez que recuso a oferta, ele traz para o quarto. Assim que termino de comer, ele leva tudo para a cozinha e volta ao quarto. Alguns minutos depois, eu insisto tanto, que ele vai novamente para a cozinha pegar um copo de água para mim. Escuto Mari debochar dizendo algo sobre ele ir várias vezes para a cozinha, mas Felipe não diz nada. Quando finalmente deitamos, ele fica trocando de canal repetidas vezes e em seus braços, eu acabo dormindo.

Capítulo 16

Felipe

Sinto o corpo de Ísis encostado ao meu. Jamais imaginei que amaria o cheiro de rosas, mas depois de conhecer Ísis, que exala esse perfume, sei perfeitamente a sensação. Sua pele macia, o tom mulato lindo, tudo nela me encanta, me atrai como a cobra atrai a presa. Olho para o rosto sereno, sua respiração que há pouco ofegava, agora está normalizada. Ela se vira de lado e joga a perna sobre a minha, então eu passo a mão na lateral de seu corpo. Ísis dorme como um anjo, mas seria meu anjo ou demônio? Agora que suas palavras circulam em minha mente, não sei dizer. De repente, eu me encontrei em alguém que não parece perceber isso. E pensar em todos os prazeres que ela me proporciona, já me deixa excitado. Puxo seu corpo para mais perto do meu, mesmo sabendo que é impossível estar mais próximo que isso.

Eu respiro fundo, tentando entender esse meu coração rebelde. Ou pelo menos tentar obter o controle. Porém, como se obtém o controle dessa obsessão em estar sempre perto? Como entender que tem um limite e que Ísis não quer ultrapassá-lo?

Já transei algumas vezes apenas pelo sexo em si, no entanto, era em comum acordo. E a pouca experiência me fez acreditar que eu tinha o controle sobre isso, achava que se apaixonar era uma escolha e você decidia quando e com quem iria acontecer. Isso me fez ter a ilusão de estar em uma zona de segurança, porém, a verdade apenas me mostrou como sou idiota por achar que sabia um pouco sobre amor. Ísis fez com que todo o meu desejo se perdesse em seu corpo, fez com que todos os meus pensamentos se direcionassem apenas a uma pessoa. Ela roubou parte de mim.

E pensando assim, parece loucura me sentir conectado tanto a alguém. Querer tanto alguém. Entender que o simples “eu estou bem” dessa pessoa, pode fazer com que todo o seu dia fique bem. E agora que eu sei como é estar nela, como é ser dela, não quero ficar apenas no viver o momento.

Talvez eu seja apenas mais um idiota iludido, porque sempre rezei para que as poucas pessoas que entravam em minha vida ficassem. Mesmo sabendo que meu diagnóstico as afastaria, no fundo, eu conservava o desejo

tolo de que não fossem embora. Que tentassem entender. Mas as pessoas entendem apenas o que querem, não o que é necessário.

E novamente, estou nisso. Querendo não ser o cara que tem HIV, querendo ter a chance de mudar algo impossível. E agora eu não consigo dormir porque ela deixou claro que irá embora. Eu não a culpo por isso. Ela foi sincera, não que eu preferisse a mentira. Mas quando o verdadeiro motivo da pessoa se afastar é o fato de você ser quem você é, um soropositivo, machuca. Essa verdade machuca muito, e por mais que eu deseje, não posso mudá-la. E mesmo as pessoas insistindo que tenho uma enorme lista de qualidades, todas são aniquiladas quando revelo o meu diagnóstico.

Eu a desejo profundamente, mas tenho HIV e Ísis não está disposta a encarar o mundo comigo caso essa verdade venha à tona. Nem mesmo os seus pais. E não posso culpá-la, basta abrir alguma página na internet sobre ser soropositivo, para se deparar com todo o ódio que as pessoas estão dispostas a te oferecer.

Eu já deveria ter me acostumado, e talvez esteja tão cansado de ter que encarar essa rejeição, que o peso começa a me deixar indisposto. Seria realmente fácil se as pessoas se colocassem no lugar uma das outras, mas isso só nos mostra que nunca iremos evoluir como seres humanos, porque não temos empatia pela própria espécie.

Encaro novamente o seu rosto sereno e fica claro que não consigo me afastar. Eu devo apenas tentar não me acostumar, e mesmo negando saber qual caminho seguir, ele está diante de mim. Não posso me apegar a ela. Como ela mesma enfatizou, devemos viver o momento, mesmo que viver o momento me levará ao inferno quando tudo acabar.

Não para de chegar mensagens no meu telefone, e como estou sem sono e sem conseguir prestar atenção na programação da TV, eu me rendo a ele. Vejo as mensagens e a maior parte é o grupo, mas Flávia também enviou algumas no privado.

Oi, Felipe, está por aí?

Apesar já ter passado quarenta minutos, eu respondo.

Oi

Não demora muito para ver que ela está digitando.

Posso contar com você na minha festa, né?

Quando será?

No final do mês, no sítio do meu pai. Vou aproveitar o feriado, iremos quinta-feira e voltaremos no domingo. Mari e Léo irão, inclusive a sua mãe, e então, posso contar com você?

Eu olho para o calendário e vejo que o feriado será na quinta-feira, a faculdade irá entrar em recesso e volta apenas na segunda-feira.

Posso confirmar próximo à data?

Tudo bem, mas só se for um sim.

Mando uma carinha rindo, e quando penso que o assunto acabou, vejo Flávia digitando.

Felipe, eu não sei como dizer isso, mas sei sobre você...

Pergunto, sentindo um calafrio.

Sabe o quê?

Sobre ser soropositivo.

Eu não respondo nada, e ela continua.

Quero que saiba que não tenho preconceito, na verdade, acho patético quem o tem. Falta de informação.

Finalmente digito.

Como soube? Mari te contou?

Espero a sua resposta, que não demora muito.

Não. A minha melhor amiga descobriu ser soropositiva recentemente, e para dar apoio, fui com ela em um centro de apoio a soropositivos. Após um tempo, eles a colocaram em um grupo de WhatsApp, Positivos Pela Vida. Um dia ela me mostrou o grupo, eu me lembro que, nesse dia, um rapaz disse estar desanimado, havia descoberto ser soropositivo há duas semanas. Você pertencia ao grupo, perguntou se poderia enviar um áudio, pois estava no trânsito. Ele confirmou que sim. Então você enviou um áudio, e nele contou como contraiu e tal, falou como vencia um dia de cada vez. E no final, disse que é possível viver uma vida normal, mesmo sendo soropositivo. Lembro que várias pessoas te agradeceram. Uma delas foi a minha amiga. Ela se chama Karina. Nos apaixonamos pela sua coragem, suas mensagens a ajudaram muito na época. Lembra-se dela?

Tento me recuperar da sua revelação. Sou desse grupo até hoje, então vou até ele e olho os integrantes. Por insistência da Mari, eu entrei e acabei realmente falando sobre a minha experiência com HIV, e lá está a garota, Karina. Na verdade, ela não é ativa no grupo, não fazia ideia de que era da região, nunca a vi.

Então continuamos a troca de mensagens.

Vi quem é agora.

Primeiro, quero dizer que isso só aumentou a minha admiração por você. Você é uma pessoa incrível.

Sou como qualquer outro, Flávia. Mas foi por isso que se aproximou, que passou a ir ao pet shop?

Graças a você e a sua coragem de encarar a vida, Karina se sentiu motivada. Pode achar que não, mas naquele dia em que relatou a sua experiência e todo o preconceito que passou e venceu, motivou muitos do grupo. Achamos que iria se tornar mais ativo no grupo, mas depois que o conheci mais intimamente, entendi como sua vida é corrida. E não, eu não me aproximei apenas por isso. Gosto de você. Eu o tenho como exemplo.

Obrigado, nem sei o que dizer...

Não precisa agradecer, espero apenas que continue sendo quem você é. Posso tirar algumas dúvidas com você? Se não se importar, claro. É que eu pesquiso muito sobre o assunto, quero me manter informada.

Está um pouco tarde, mas tudo bem, estou sem sono.

É sobre sexo, tem problema?

Não, mas acho melhor você tirar as suas dúvidas com um especialista.

Eu sei. Mas não tenho HIV, e não quero ocupar as consultas da Ka com as minhas dúvidas. Mas se isso o incomoda, eu pergunto para ela.

Tudo bem, pode falar.

Quando a carga viral está indetectável, pode ter relação sem preservativo?

Flávia, eu não aconselharia, nunca transei sem preservativo, mas isso tem que ser conversado entre o casal. Realmente é entre vocês.

Ela manda carinhas de risos e eu fico perdido.

Felipe eu não sou lésbica. Apenas curiosa.

Mas então, faz de conta que somos um casal sorodiscordante. Se eu quisesse abrir mão do preservativo, você não abriria, mesmo que a chance de transmissão fosse menos de 5%?

Eu não sei se aceitaria.

Não sei se já pensou sobre isso, mas acho mais seguro transar com alguém que você sabe que é soropositivo e segue o tratamento, do que com alguém que não sabe se é, porque sendo assim, corro mais risco de contrair com alguém que pode ser e não sabe, do que alguém que tem, mas se cuida. A chance de contrair é

bem menor.

O melhor é você se prevenir sempre, independentemente de saber ou não, o importante é nunca abrir mão de sua proteção.

Tem razão, mudando de assunto, isso entre você e Ísis é sério mesmo?

Ao olhar para Ísis ao meu lado, o pensamento de que ela poderia ser curiosa assim aparece. Mas pena que não é. Ela nem deu muita atenção quando eu disse sobre o HIV, tentei de todas as formas instigar a sua curiosidade, mas depois do “você conseguiu me convencer”, eu entendi que apenas queria ter certeza de que eu não iria contaminá-la, mais uma vez me mostrando que a vontade dela vem em primeiro lugar.

Sim, Flávia, é sério. Sem querer ser grosseiro, mas estou cansado. Eu agradeço por suas palavras, e saiba que eu a admiro como pessoa. Obrigado mesmo, mas se não se importa, vou tentar dormir, amanhã nos vemos. Boa noite.

Felipe, desculpe se essa conversa foi incômoda, não foi a minha intenção.

Não foi incômoda, apenas preciso dormir.

Tudo bem. Sempre estou pesquisando sobre o assunto, então caso veja algo interessante, eu passo para você, e se você achar também, me envie, por favor. Vamos continuar trocando informações, okay? Boa noite e tenha um bom descanso. E não se preocupe, isso vai ficar entre nós.

Obrigado, tenha um bom descanso também.

Desligo o telefone, abraço Ísis, beijo seus lábios e fico encarando o teto esperando o sono chegar.

Acordo com a cabeça latejando de dor. Minha mãe tem razão, vou ter que falar sobre isso com o doutor Glender. Mas antes que eu possa abrir os olhos, percebo que Ísis acendeu as luzes do quarto, então escuto o barulho do chuveiro. Eu me levanto, mesmo com o estômago embrulhado e apago a luz, então volto para a cama. Estou com sono, e antes de conseguir pegar remédios para enjoo e dor de cabeça, ela liga o secador e sinto como se o barulho estivesse dentro da minha cabeça. A porta do quarto está trancada, caso contrário, acordaria a minha mãe. Eu pego os comprimidos no escuro mesmo e engulo tudo sem água, em seguida eu me deito para que faça efeito rápido. Enquanto tento esvaziar a mente, a porta do banheiro se abre e Ísis acende a luz do quarto novamente. A claridade me incomoda, mas não reclamo.

— Felipe, levante-se. Estamos atrasados.

— Pode apagar a luz? Preciso de dois minutos.

— Mas nós não temos isso — ela se aproxima e me faz encará-la. Eu abro os olhos, tentando me acostumar com a claridade, que só piora a dor de cabeça. — O que foi?

— Estou passando muito mal, sentindo uma forte dor de cabeça e... — antes de conseguir terminar a frase, meu estômago volta a embrulhar.

Eu me levanto às pressas, corro para o banheiro e vômito. Como eu sei que ela não vai ficar em silêncio no tempo que eu disse precisar, ligo o chuveiro e tomo um banho frio na esperança de aliviar a dor de cabeça. Quando volto ao quarto, Ísis está pronta, então me arrumo e seguimos para a cozinha para tomar café. Eu me sento à mesa e como rapidamente, mas Ísis dispensa. Não vejo sinal da Mari ou da minha mãe, e até mesmo as ruas estão vazias. Apesar de estranhar esse fato, a dor ocupa a minha mente.

Dirijo em silêncio e Ísis também não puxa papo, parece concentrada em seu próprio mundo. O alarme do meu celular começa a tocar e eu pego o aparelho para verificar. Puta que pariu, são seis horas da manhã. Eu encaro Ísis, ainda sentindo sono e dor de cabeça.

— Ísis, são seis horas. Por que você disse que estávamos atrasados?

— Eu esqueci meu telefone e meus pais me ligam cedo, então tenho

que passar no meu apartamento, por isso acordei às cinco.

Eu respiro fundo, tentando engolir a raiva. São apenas seis da manhã e não quero começar com o pé esquerdo.

— Pode ir com o seu carro? — Pergunto.

— Por quê?

— Eu não estou muito bem, então vou voltar para a minha casa.

— Tudo bem. À noite você vem me ver? — Como sempre, ela ignora a parte de eu não estar bem e pensa somente nela. Ísis se aproxima e coloca as mãos no meu rosto, em seguida me beija. Até mesmo um beijo dela consegue me desestabilizar totalmente. Deus, por que sou tão louco por essa garota? — Eu amei dormir com você. Pode dormir aqui hoje? — Diz com manha.

— Hoje não dá. Talvez sexta-feira. Tudo bem para você?

— Mas hoje é quarta-feira. Por que só sexta-feira? — Altera o tom de voz.

— Tenho que ajudar o Léo de novo. Ele está mudando aos poucos, cada dia levamos uma parte. E também fiquei de levar alguns utensílios e alimentos doados na casa da dona Antônia. Ela e o marido adotaram onze meninos de rua, e sempre que podemos, nós os ajudamos, e hoje de manhã vou à casa dela.

— Não vai para a faculdade? — Pergunta, surpresa.

— Não, não estou muito bem. Ísis, se não se importa, eu preciso ir. Juízo, bonequinha — eu a beijo.

— Desculpe-me se ficou chateado com o que eu disse.

— Está tudo bem, não fiquei — eu digo e ela sorri, mas sou péssimo em mentir e esse “está tudo bem” não convence nem mesmo a mim. No entanto, mesmo sabendo que é mentira, ela prefere acreditar nisso. Talvez entenda que não quero me acostumar com alguém que irá embora. Talvez ela também não queira se acostumar.

Ísis sai do carro e eu apenas espero que entre no prédio para sair feito louco. Volto para a minha casa, que ainda está em silêncio, e apesar de estar com sono, não consigo dormir.

Quando Mari dá sinal de vida, eu me levanto também, e como já havia me arrumado para a faculdade, vou até a cozinha.

— Mari, vou lá na dona Antônia agora pela manhã. Está com o Léo os alimentos e roupas que arrecadamos?

— No apartamento antigo. A chave está na minha caixinha, aquela da bailarina. Pega lá no quarto, por favor — apenas diz, sem perguntar se vou ou

não para a faculdade. Mesmo deduzindo que não, essa era uma pergunta que faria antes da briga.

Mari tem mania de limpeza, tudo sempre está no lugar, e esse fato causa algumas brigas com o Léo, que é *super de boa*, ou no vocabulário dela, bagunceiro. Vou até a cômoda onde tem uma foto da nossa família. Eu estou no colo do meu pai, ela nas costas dele e a nossa mãe ao lado. Eu sorrio e vejo a caixinha de música que nosso pai deu a ela, abro e antes de começar a tocar, pego as chaves.

Saindo, eu a ouço me chamar.

— Lipe, está tudo bem?

— Está. Só dor de cabeça, mas já tomei remédio e está melhorando.

— Você não sabe mentir — não falo nada, então ela me encara. — Dói vê-lo se apaixonar por alguém que pouco se importa.

— Por favor, não vamos começar.

— Mesmo não conversando com você, posso decifrar o seu silêncio, seu olhar. Pouparamos as palavras, mas ainda o conheço — fico em silêncio.

— Se precisar de algo, me ligue.

— Ligo sim, bom dia.

Saio de casa e vinte minutos de trânsito depois, chego ao meu destino. Flashbacks da noite passada aparecem na minha mente, e isso é péssimo. Eu abro o portão do local e para a minha sorte, o elevador está em manutenção, e como o Léo morava no terceiro andar, lá vou eu subir e descer escadas com todas as caixas.

Depois de ter feito isso quinze vezes, eu sigo para a casa da dona Antônia. O sorriso sincero da mulher faz tudo ter valido a pena. Após perguntar pelo Léo, Mari e minha mãe, ela me conta que os meninos estão na escola. Seu marido vem até nós e me ajuda com as caixas. Ao fim, depois de vários agradecimentos, sou obrigado a tomar um café. Tudo bem que está uma delícia, e adoro os casos que eles contam, mas preciso voltar.

As ruas estão movimentadas e a cada sinal observo as pessoas, me esforçando para não pensar em Ísis. Parece estúpido, mas chego a crer que posso senti-la em mim, mesmo longe. Passo em frente ao shopping e as lembranças do nosso primeiro encontro chegam instantaneamente, sem pedir permissão. Revivo o nosso primeiro beijo e constato que estou gravando tudo isso em mim. Tudo que deveria esquecer.

Chego em casa e encontro o almoço pronto, que a minha mãe já preparou. Eu dou um beijo nela, troco de roupa e corro para a academia.

Apesar de cada tentativa frustrada em não pensar em Ísis, sustento a mentira que estou indo bem, e preciso continuar assim. Depois do almoço, deixo o telefone no quarto e sigo para o trabalho.

A tarde passa e saindo do serviço, Léo já está me esperando. Não sei o que há com ele e Mari, mas ela não vai.

— E aí? — Ele sempre me cumprimenta assim.

— Estamos aí — falo ao entrar no carro dele.

— Felipe, eu sei que a Mari é sua irmã, mas cara...

Escuto tudo que já escutei antes. Faz cinco anos que eles estão planejando o casamento e oito que estão juntos, mas sempre que estão próximos de marcarem a data, a minha linda irmã dá um chilique.

— Cara, meu sonho é ver a Mari de noiva. Quero que ela seja a mãe dos meus filhos. E quando acho que chegamos no momento certo, ela inventa que não está preparada para ser mãe.

— Desculpe-me, Léo, sem querer ser do contra, mas não consigo ver a Mari como mãe. Não quero te desanimar, só estou sendo sincero.

Ele continua falando das suas expectativas e frustrações. É tipo aqueles cachorros que latem, mas não largam o osso. Durante o restante da mudança, é uma reclamação aqui, e um eu a amo demais ali.

— Sei que ama. Tem que ser amor para aturar alguém tão mandona — ressalto.

— E você, com a garota de Arquitetura, como estão?

E lá se vai todo o meu esforço em não pensar nela.

— Estamos bem.

— Que bom. Você é um cara do bem, merece ser feliz — novamente ele volta a falar do casamento com a Mari.

Terminamos quase às nove da noite, então subimos juntos. Eu vou para o banho e ele para a cozinha, onde encontra Mari cozinhando. Depois do banho, eu olho o telefone e vejo que Ísis enviou várias mensagens pedindo para ligar assim que pudesse.

Ela atende no primeiro toque.

— Oi — diz se mostrando indiferente.

Escutar sua voz me faz querer correr para encontrá-la.

— Oi. Estou melhor, antes que pergunte — brinco e ela não ri.

— Conseguiu resolver tudo o que precisava?

— Consegui — fecho os olhos e consigo vê-la bem diante de mim.

— Felipe, eu acho que você ficou magoado comigo, mas eu não

entendo. Você pediu que eu fosse sincera. Estou sendo.

— Não exatamente com você. Estou comigo. Eu quero algo que não posso ter. E isso é errado.

— Felipe, eu não queria ter te magoado. Desculpe-me. Vem dormir comigo hoje?

— Bonequinha, não me pede isso, por favor. Você tem razão sobre aproveitar o agora, mas a partir do momento que você deseja que esse agora não acabe, passa a ter medo até de aproveitá-lo. Hoje eu fiquei pensando, não queria, mas fiquei pensando em você o tempo todo. Até deixei o telefone em casa, e foi inútil. Sexta-feira eu vou te ver, é melhor assim.

Posso escutar a sua respiração pesarosa.

— Tudo bem, vou te esperar — ela desliga.

Eu sei que ela também está lutando contra esse sentimento. Mas não quero mais pensar a respeito. Vou para a cozinha, e após o jantar, escovo os dentes e me deito, esperando dar o horário de tomar os medicamentos. Minha cama está com cheiro de rosas e isso me faz sentir mal, então troco a roupa de cama. Assim que me deito novamente, percebo que o cheiro está em mim.

Pego novamente o telefone e vejo que Ísis não está *on-line*. Será que ela está tão dividida como eu? Será que sente a mesma loucura que eu?

Olho para a sua foto e observo seus lábios, seu sorriso, cada detalhe me atrai. Quando o telefone desperta, tomo os medicamentos e imploro a Deus para conseguir dormir. Depois de um tempo pensando nela, sou vencido pelo sono.

Acordo pela manhã e ainda sonolento, eu desligo o despertador. Eu me arrumo rapidamente, tomo o café da manhã e sigo para a faculdade, sentindo uma ansiedade por querer vê-la.

Estaciono e vejo seu carro não muito longe do meu, e enquanto saio do carro, consigo ouvir passos atrás de mim. Ao fechar a porta, ainda de costas, sinto as suas mãos me abraçando por trás. Eu me viro, mas nenhuma palavra é dita, somente uma troca de olhares intensa, onde o desejo está estampado em ambos. Acabamos nos beijando feito loucos, e ficamos assim até não ter mais sons de conversas ao nosso redor.

— Não faça mais isso, por favor — ela diz entre beijos. Não consigo nem pensar em uma resposta, e se não estivesse em plena luz do dia, juro que faríamos sexo aqui mesmo. Ísis volta a me beijar e lá se vai toda a vontade que eu tinha de me afastar. — Vai dormir comigo hoje, não vai? — Insiste, já sabendo que me rendi a ela.

— Vou — é tudo que consigo responder antes de voltar a beijá-la. Ísis corresponde com a mesma paixão, e acabo finalizando o beijo sem realmente querer. — Temos que ir.

— Temos — ela diz, ofegante. — Jura que não está magoado comigo? — Ela faz uma carinha inocente.

— Mesmo que quisesse, não conseguiria. Você é a minha única bonequinha — ela sorri e volta a me beijar. Eu não quero perdê-la. Estar com Ísis é o mesmo que entregar uma porcelana a uma criança. Ainda que saiba que ela irá quebrá-la, a satisfação que se sente em vê-la brincar compensa qualquer coisa. Mas a questão é que não se trata de uma porcelana, e sim do meu coração. — Vamos, minha doce ilusão — eu sorrio, ela segura a minha mão e seguimos para sala. E por hoje, só de estar com ela, sei que meu dia será melhor que ontem.

Capítulo 17

E novamente, eu magoei Felipe. Sei que o magoei, pude ver em seus olhos a dor. Não fiz por querer. A intenção era não ter expectativas com algo que é impossível. Tão impossível como tudo o que ele me faz sentir. Chego a duvidar se é apenas paixão, porque dói estar longe dele. Porque saber que o magoei, me faz sentir um nó no peito. E a vontade de apagar tudo que eu disse quase me enlouquece.

Sei que o que eu sinto quando estou em seus braços é algo que nunca irei sentir com outra pessoa. E eu queria ter a chance de levar isso adiante, mas ele tem HIV e eu conheço os meus pais. Conheço a ponto de saber que meu pai nunca irá aceitar. Ele é aquele tipo cabeça dura, e pode se contar nos dedos os caras que acha digno da sua princesinha aqui. E se tratando de me manter segura, ele ultrapassa limites.

Não há diálogo em relação a isso, e a maior prova é que o meu primeiro beijo foi com Marcos, seu afilhado e único que teve coragem de me pedir em namoro. E no dia, escutou quase duas horas de sermão, mesmo o pai dele estando junto.

Eu respiro, pesarosa e olho novamente para Felipe, que me beija antes de entrar na sala. Queria poder olhar em seus olhos, dizer que sinto muito e que foi tudo besteira. Mas a realidade que virá, se meu pai souber, ele não merece ter que encarar.

Entramos na sala atrasados, então vou direto para o meu lugar e me sento. Felipe vai para o lugar de sempre também, na frente da Flávia. Durante toda a aula, eu percebo que Felipe está distante, até mesmo no intervalo, quando está ao meu lado, ele evita me encarar. E eu conheço o motivo, uma vez que é o meu também. No fim, nos despedimos e ele promete ir me ver. A cada passo que dou me distanciando dele, faz o aperto no peito aumentar. E de repente, esse sentimento que não pede permissão para se instalar no meu coração, faz moradia.

Espero Monique entrar no carro, enquanto observo Felipe se afastando, que não dá nem uma olhada para trás. Em dez minutos, já estou estacionando o carro na garagem. Subimos e Monique toma os remédios para o enjoo. Ontem, eu peguei a Monique olhando a barriga em frente ao espelho. Espero

que ela saiba quem é o pai. Mesmo que seja evidente a sua gravidez, eu não vou falar nada, a decisão de me contar ou não é totalmente dela.

Almoço sem vontade alguma, e a minha tarde vai embora e meus pensamentos permanecem em Felipe. Sinto um desespero, uma vontade de chorar e mais perdida do que antes. Eu confiro as horas e vejo que já são cinco e quarenta e cinco da tarde. Ao me sentar na cama, escuto Monique vomitando novamente, então mando uma mensagem para a minha mãe, perguntando se posso ligar. Em segundos o telefone toca. É ela.

— O que foi meu bem?

— Mãe eu — engulo em seco. — Estou com algumas dúvidas. Posso fazer umas perguntas sobre um assunto delicado?

— Claro, pode falar.

— Uma amiga contraiu HIV e... — ela não me deixa continuar.

— Pelo amor de Deus, Ísis. Não me diga que é você? — Sua voz parece desesperada.

— Calma, mãe. Não sou eu. Eu só queria saber como apoiá-la, entende? Queria saber mais a respeito.

— Ísis, jura pra mim que não é você. Jura agora — altera o tom.

— Mãe, não sou eu, juro. Eu só...

Eu a ouço suspirar, aliviada.

— Amor, a primeira coisa que ela deve fazer é ir a um especialista. Deve iniciar o tratamento imediatamente. Meu Deus, Ísis, estou tão nervosa. Não é você mesmo?

— Pare com isso, mãe. Eu já disse que não sou eu. Só quero estar informada. Posso continuar?

Ela respira fundo.

— Pode.

— Então, ela gosta de um cara e ele não é soropositivo, então ela pediu um conselho. O que acha que ela deve fazer?

— Fazer o tratamento, Ísis. Não era nem para estar pensando em um cara. Ela tem que se concentrar na sua saúde, primeiro. Iniciar os medicamentos antes que possa contrair uma doença oportunista.

— Mas ela tem uma vida...

— Uma vida que pode acabar se ela não se cuidar.

— Mãe, eu entendi, mas, e isso de o cara não ter HIV. Acha que é um problema?

— Amor, não estou querendo bancar a preconceituosa aqui, mas,

provavelmente, esse garoto não vai querer se relacionar com ela de forma alguma depois que souber a verdade.

E lá se vai toda a minha esperança.

— Por que pensa isso, mãe? — Insisto.

— A maioria pensa assim, mas não tem coragem de falar — ela suspira. — Ísis, gostaria de poder ajudar, no entanto, todas as informações são passadas através de um especialista. Nunca tive entre os meus pacientes regulares uma criança com HIV, apenas no plantão, e estando nele, não acompanho todo o histórico, só do ato da internação até a alta.

— Entendi. E não se importa de sermos amigas?

— Não, Ísis. É um ato admirável da sua parte, desde que tome cuidados. Entendeu?

— Quais cuidados? — Pergunto, sentindo toda tensão da minha mãe.

— Não se expor ao sangue, observar se ela tem alguma ferida ao tocá-la, essas coisas. Entendeu?

— Sim.

— Ísis, entendeu mesmo?

— Mãe, eu entendi. Calma!

— Você é um desastre para se lembrar dessas coisas. Não estou dizendo para se afastar dela, mas isso é sério. Se ela se cortar ou algo do tipo, lembre-se de nunca tocar no sangue dela. Entendeu?

Respiro frustrada.

— Entendi...

— Provavelmente, ela irá ser encaminhada para grupos de apoio a soropositivos, e olha que legal, lá sua amiga irá conhecer pessoas que têm HIV, talvez até consiga um namorado soropositivo como ela. Assim fica tudo mais fácil. Legal, não é? — Tenta parecer despreocupada.

— Ela quem tem que decidir — demonstro todo o meu desapontamento.

— Amor, não fique preocupada com isso. Sua amiga irá sobreviver se seguir o tratamento. Ah, e não comente isso com o seu pai. Sabe como ele fica de cabeça quente quando se trata da sua segurança. Se falar, é bem capaz de ele ir buscá-la e fazê-la terminar os estudos aqui.

— Tudo bem — digo com pesar.

— Princesa, estou dirigindo. Assim que chegar em casa eu ligo novamente. Fora isso, está tudo bem com você?

— Tudo. Não precisa ligar, amanhã a gente se fala.

— Certo, mas está tudo bem mesmo?

— Tudo, mãe.

— Que bom, eu te amo.

— Também te amo, obrigada.

— Beijo — ela desliga.

Se a minha mãe, que é a mais compreensível agiu assim, não quero nem imaginar a reação do meu pai. Talvez esse seja o momento ideal para desistir, mas eu não consigo, mesmo não tendo chance alguma de eles aceitarem Felipe, que é uma pessoa maravilhosa. Tudo que eles enxergarão é que ele tem HIV.

Eu perco todo o ânimo e sinto uma tristeza enorme, mas não quero contar isso para ele. Felipe já deve ter passado por tantos problemas e vendo o lado bom da coisa, ainda temos mais quatro anos juntos, uma vez que faltam apenas quatro meses para esse ano terminar.

— O que foi? — A voz da Monique ecoa pelo quarto e eu enxugo as lágrimas que eu nem havia notado.

— Nada, saudades de casa — invento uma desculpa qualquer.

Ela se aproxima e se senta na minha cama.

— Ísis, tenho que te contar uma coisa.

Sei que é sobre a gravidez, mas não interrompo. Preciso pensar em algo que não seja o Felipe.

— Estou grávida — ela começa a chorar, então eu me levanto e a abraço. A minha atitude é tão instintiva, que surpreende até a mim.

— Monique, eu... — ela faz sinal para mim. — O pai já sabe? — Pergunto.

— Sabe. Nós conversamos por telefone, mas ele já deixou claro que quer que eu faça um aborto.

Engulo em seco com a notícia.

— Canalha! Mas você quer abortar?

— Eu estou perdida. Não quero abortar, mas sei que meus pais não vão me aceitar grávida.

— Eles podem levar um susto agora, mas se a amam, vão amar o seu bebê também.

— Não é tão fácil assim. Você sabe.

— Sei que não é, mas não faça nada de cabeça quente. Talvez o pai do bebê esteja assustado também. Vocês precisam conversar pessoalmente.

— Pode ser. Sábado nós vamos conversar, só te contei porque

precisava desabafar — seguro as suas mãos.

— Pode contar comigo para o que precisar. E pense bem, minha mãe sempre diz que um bebê é como uma luz. Vem quando é necessário enxergamos com mais clareza a vida — ela sorri entre as lágrimas. — Mas eu conheço o pai? — A pergunta a deixa tensa e Monique desvia o olhar.

— Sua mãe é pediatra, Ísis, por isso diz assim. E não, você não o conhece.

— Realmente não havia pensado por esse lado. Futuros pacientes. Por isso ela diz isso — brinco. — Mas pense bem antes de tomar qualquer decisão, Monique, para não se arrepender depois.

— Vou pensar, e Ísis, pode me emprestar seu carro? Meus remédios para enjoo acabaram, na verdade, eram seus.

— Pode pegar.

Ela se levanta, troca a blusa e em segundos deixa o quarto. Escuto seus passos, e depois o barulho do elevador. Tenho pena da Monique. O pai dela é tão osso duro quanto o meu, então não sei se realmente irá aceitar.

Confiro as horas, quase sete da noite, então tomo um banho e visto um pijama de verão. Tento não pensar na minha vida, mas é inútil, estou presa aos nossos momentos. E talvez Felipe esteja certo, talvez devêssemos lutar contra esse desejo, tentar retomar o controle sem precisar colocar um fim.

Após o jantar, volto para o quarto e me perco no tempo, até que ouço Monique chegando. Logo em seguida, recebo uma mensagem de Felipe.

Chego em dez minutos.

Como um anestésico, sua mensagem traz alívio para a minha dor. Levo o meu colchão para sala e quando o interfone toca, tudo está arrumado, até Monique já se trancou no quarto.

Eu abro o portão, e tudo parece passar em câmera lenta. Sinto cada pulsar do meu coração, e ao escutar o elevador, eu vou até a porta e vejo Felipe sair ele. Pouco me importo se estou de pijama, eu corro ao encontro dele com o meu coração pulsando com mais intensidade. Ele me abraça, em seguida nos olhamos e a minha boca é atraída para a dele. Ao nos beijarmos, eu sinto como se tivesse acordado para a vida. Ele me guia até o apartamento, então entramos e Felipe fecha a porta atrás de si e volta a me beijar.

E o pensamento mais estúpido que passa pelos meus poucos neurônios que funcionam quando estou em seus braços, é que talvez nós conseguiremos. Porque agora eu sinto como se meus lábios fossem feitos

para serem beijamos por ele, como se meu corpo pertencesse somente a ele. É palpável a nossa conexão.

Felipe apaga as luzes, coloca a mochila no canto e volta a me beijar, me segurando pela cintura. Em um momento de consciência, percebo que não saberei viver sem tê-lo. Até mesmo o meu silêncio pertence a ele. Felipe tem o controle sobre a minha sanidade e loucura. Sinto o meu corpo queimar com o seu toque. A sensação de me perder e me encontrar somente em seu corpo me fascina. Sinto como se fôssemos explodir em êxtase a qualquer momento. Meus olhos encontram com os seus, então dou o meu sorriso mais sincero.

— Existe uma maneira de guardá-la dentro de mim? Porque se tiver, juro que a tranco em mim eternamente — ele diz em um sussurro ofegante, me abraçando com força.

— Se descobrir, saiba que tem a minha permissão para isso — eu sussurro.

Ele fica por segundos olhando em meus olhos, depois volta a me beijar.

— Eu desejo cada pedacinho de você!

— E cada pedacinho meu deseja você!

— Por que está me condenando a isso? Essa loucura ainda irá me matar, sabia?

Eu não digo nada, então ele me pega no colo e segue para o colchão. Essa loucura é tão intensa, esse desespero é tão gostoso. Dois loucos que tentam se ignorar durante o dia, mas se rendem à paixão que os consomem, à noite. Felipe me coloca no colchão e tenta se afastar, mas eu o puxo com desespero.

— Pelo que vejo, sentiu a minha falta — ele brinca e de certa forma, eu me sinto melhor ao ver que a mágoa que provoquei antes não faz sentido nenhum agora.

— Olha quem fala! O cara não conseguiu esperar até sexta-feira — eu brinco, convencida.

— E quem ficou pedindo para eu vir dormir aqui hoje, hein?

— E depois de todas as evidências, vai ficar fazendo ceninha? — Eu debocho e Felipe faz um biquinho lindo. — Parou. Sei muito bem que você sentiu a minha falta na noite passada. Se não sentiu, eu sim. E muita — ele me olha intensamente, mas é a mais pura verdade.

Não sei se estou alimentando mais o meu sentimento por ele, ou se falando essas coisas estou alimentado o dele por mim, mas

independentemente do que o futuro nos reserva, sei que, pelo menos, devo ser sincera.

— Eu também senti a sua falta, bonequinha. Muita.

Ele distribui beijos em meu rosto, e eu me agarro mais a ele, sentindo o seu cheiro inebriante. Tenho certeza que seu perfume não é uma fragrância de grife internacional, como o que eu uso. Felipe não parece ser vaidoso a ponto de gastar mais do que pode, ao contrário de mim, que sempre estouro o cartão de crédito.

— Que perfume você usa? — Ele ri com a minha pergunta enquanto eu passo o nariz em seu pescoço e sinto a sua pele arrepiar.

— Um nacional — gargalha e eu amo o seu sorriso. — Por que quer saber? Não gosta do cheiro?

— Estou perguntando por que acho maravilhoso o seu cheiro.

— Sei que é do *Boticário*, mas não lembro o nome. O seu cheiro também é delicioso, perde apenas para o seu gosto — diz maliciosamente. Felipe inspira em meu pescoço profundamente e eu, como uma louca, faço o mesmo com ele. Na verdade, somos dois loucos sem saber direito o que estamos fazendo, mas cada vez mais sinto que, antes de Felipe entrar em minha vida, ela não tinha sentido.

— Está sozinha? — Ele me pergunta e logo se deita por cima de mim, deixando nossos rostos bem próximos.

— Monique está no quarto.

— Que pena — ele me olha com uma carinha de cachorro abandonado.

— O tempo que você dedicou ao seu cunhado na mudança, poderia ter vindo me ajudar a ajeitar o quarto para nós.

— Podemos fazer isso amanhã, depois do serviço. O que acha?

— Tudo bem, mas não demora muito para vir. Monique anda passando muito mal e não quero ficar mexendo no quarto e tirando a privacidade dela — prefiro não dizer que ela está grávida. Felipe não deve ser a favor do aborto, nem eu, mas a decisão é dela e eu respeito.

— Ela voltou ao médico?

— Acho que não. Mas mudando de assunto, e se um dia você quiser ter filhos, existe a possibilidade de ter biológicos?

— O quê? — Ele me encara, perplexo.

— Não pensa em ser pai? — Ele respira fundo e deita de lado, apoiando a cabeça em seu braço.

— Sinceramente, eu não penso. Mas existem dois métodos, graças ao

desenvolvimento da ciência. Os dois métodos são de reprodução assistida. O primeiro deles, e mais utilizado, é a fertilização *in vitro*. Nesses casos, o médico colhe o sêmen e separa todos os espermatozoides. Além da separação, outro método utilizado no procedimento para evitar a contaminação é a lavagem de esperma.

— Como assim? Tem que lavar?

— Mesmo com a separação, antes da fertilização tem que ser feito a lavagem do sêmen, porque é essa medida que o livra de qualquer vírus que tenha sobrado. Entendeu? — Ele explica. — Após este processo, espermatozoides e óvulos são fecundados em laboratório e, depois, implantados no útero da mulher, que prossegue com uma gestação normal.

— E qual o outro?

— Inseminação artificial. Também é feito a lavagem, porém os óvulos são fecundados dentro do útero. Essa opção não é muito usada por casais soropositivos, mas é uma opção para casais sorodiscordantes. Quando o homem é o portador, ocorre também a lavagem de espermatozoides. Mas nos dois casos, a carga viral tem que estar negativa e precisa fazer exames para o médico estar ciente do quadro clínico.

— Mas se dá certo, por que não quer ser pai?

— Porque eu sou um cara pé no chão. Os dois procedimentos são muito caros, e a despesa de uma criança é muito alta. Então é um investimento que não pretendo fazer.

Ouvi-lo me faz pensar em Monique.

— Quer mudar de assunto? — Pergunto.

— Qual, por exemplo? — Ele me olha de forma maliciosa.

— Matar a saudade do meu namorado. O que acha?

Eu o puxo pelo pescoço, e nos beijamos entre risos. Felipe fica entre as minhas pernas, e toda a saudade que eu estava sentindo, junto com as incertezas, acabam com esse beijo. Nossas línguas se encontram e ambos gememos, o beijo se torna mais urgente, e percebo que a forma como os nossos lábios se toca, deixa claro a necessidade de sentirmos a presença um do outro. O que começou de forma carnal, ganha vida. Felipe desce os beijos para o meu pescoço, provocando, fazendo com que o meu corpo fique em chamas sem sequer precisar me tocar de forma íntima. Eu puxo o seu cabelo e o beijo novamente de forma lenta, mordendo o seu lábio inferior, e sinto um gosto diferente na boca. Lembro-me do que a minha mãe me disse, então por impulso interrompo o beijo e o afasto.

— O que foi? — Ele pergunta ao perceber que eu o olho fixamente.

Não vejo sinal algum de sangue, então passo o meu polegar em seus lábios e ele o beija. Felipe me olha com tanto desejo, que me arrependo por fazer isso a ele.

— Você é maravilhoso. Mesmo que a vida tente mostrar o contrário, nunca se esqueça disso — eu sinto uma lágrima silenciosa descer dos meus olhos assim que me lembro do jeito que a minha mãe reagiu quando eu disse a palavra HIV. Felipe é mais do que um vírus que faz parte do seu corpo. Ele é maravilhoso e tem o coração mais puro que já conheci. Estou cada vez mais conectada a ele, e sinto que não quero e não posso perdê-lo.

— Por que está chorando, bonequinha? — Ele seca a minha lágrima e me olha com carinho.

— Só me faz esquecer esse dia, por favor? — Ele sorri da forma mais linda possível e meu coração dispara quando eu chego à conclusão de que eu o amo.

Pela primeira vez, eu sei o que significa amar alguém de uma maneira tão intensa, verdadeira, e essa confissão silenciosa me arranca lágrimas. Eu o puxo novamente e o beijo com todo o meu amor e Felipe retribuiu da mesma forma, com as mãos deslizando para baixo da minha blusa e a levantando aos poucos, deixando meus seios à mostra. Seus olhos demonstram desejo, mas logo tiro a sua camisa. Felipe senta no colchão comigo em seu colo, um de frente o outro.

Ele me abraça pela cintura e me levanta um pouco apenas para tirar o meu short, já que estou sem calcinha. Ele também fica nu, mas fazendo o máximo para não nos separar desse abraço. Meus braços vão para o seu pescoço e sinto que estou tão pronta quanto ele para tê-lo dentro de mim de uma forma que só ele sabe fazer. Não sei como é possível se excitar só com um olhar, mas eu me sinto assim. Ele me afasta um pouco para o lado, coloca rapidamente a camisinha e antes mesmo de ele me colocar de volta em seu colo, eu o coloco dentro de mim. Soltando um gemido, Felipe suspira e em seus olhos vejo o desejo, que não desviam dos meus enquanto nos mantemos conectados. Sei que em meus olhos estão transbordando as palavras que imploram para serem ditas, mas abrir meu coração é a mesma coisa que admitir que esteja trilhando cada vez mais um caminho sem volta. E quando penso em tudo que iremos enfrentar se meus pais souberem, meus lábios covardemente se calam.

Começo a me movimentar em seu colo, enquanto seguro com força o

seu cabelo. Felipe me olha fixamente com a respiração ofegante, e sei que ele está se segurando, mas por ser tão maravilhoso, ele deixa que eu continue conduzindo. Ficamos com os olhares fixos, nos amando até chegarmos ao ápice do prazer e Felipe cair para trás, no colchão, me mantendo em seus braços. Seu cheiro próprio misturado com o perfume serve como analgésico que alivia a minha dor. Mas a dor da incerteza é a pior, e é justamente essa que eu desejaria esquecer apenas por um momento.

— O que foi, bonequinha? O que está te incomodando?

— Não é nada, eu só... — as palavras da minha mãe giram em minha mente.

— Por favor — ele toca o meu rosto e nem mesmo a minha língua ferida seria capaz de dizê-las. — Eu só fico bem se você estiver bem, então me diz o que eu posso fazer para aliviar o que você está sentindo.

— Você já está fazendo. Está aqui e isso alivia qualquer dor.

— Ainda está chateada por causa da roupa?

— Não — engulo o choro. — Estou perto de menstruar, e fico assim mesmo — eu minto.

Felipe deita e me puxa, fazendo com que eu me deite em seus braços, depois nos cobre e beija a minha cabeça.

— Vai ficar tudo bem. Quer que eu pegue um remédio para você?

— Não precisa.

Ele leva a mão ao meu ventre e começa a massagear lentamente.

— Eu sinto muito por ter dito aquilo na sua casa, eu... — falo com voz embargada.

Ele toca o meu rosto, me fazendo encará-lo.

— Bonequinha, está tudo bem. Eu fiquei chateado ontem, mas não estou mais. Esqueça isso, eu já esqueci.

— Como consegue esquecer uma mágoa tão fácil?

— A vida me ensinou cedo que as mágoas seriam constantes. Então, ao invés de guardá-las, eu aprendi que deveria esquecer para dar espaço às novas que viriam — ele brinca e acho isso tão triste.

— Terminou a mudança do seu cunhado? — Eu mudo de assunto.

— Graças a Deus, terminamos hoje. Eu não tenho sorte. Ninguém me chama para um churrasco, agora para ajudar em mudanças, já perdi a conta.

— Eu vou te chamar para um churrasco, que tal? — Sorrio.

— Depois de fazer a mudança do quarto, imagino eu — ele sorri e me faz sorrir.

— Felipe...

— Oi...

— Independentemente de quanto dure, quero que tenha certeza que nunca vivi nada melhor do que estar em seus braços. Você estará sempre no meu coração e alma.

Ele sorri e me beija ternamente, então deito em seus braços novamente e deixamos o silêncio junto com as suas carícias trazerem o sono...

Capítulo 18

Acordo antes do despertador e ainda sonolenta, sinto o corpo do Felipe junto ao meu. Felipe me manteve durante toda a noite em seus braços, e agora estamos de conchinha. Eu me viro para observá-lo e me deparo com os seus lábios, o formato másculo do seu rosto, a pintinha que tem próxima aos lábios e seu cabelo castanho desalinhado caído sobre o seu rosto. Continuo gravando cada detalhe em mim e sinto que me perco no tempo estando em seus braços.

Toco seus lábios e ele se mantém imóvel. Eu faria qualquer coisa para eternizar esse momento, mas um novo dia está à nossa porta, nos obrigando a deixar o nosso paraíso.

Escuto seu telefone vibrar, então eu me levanto sem fazer barulho, vou até a sua mochila e pego o telefone para verificar as horas, já que o meu está no quarto. Apesar da escuridão, sei que já amanheceu.

Eu toco a tela e sorrio ao ver a minha foto que coloquei no meu perfil do *WhatsApp* como plano de fundo. Vejo que ainda são quatro e quarenta da manhã, então sei que ainda temos tempo. Volto a me deitar ao seu lado, mas deixo o telefone perto, me aconchegando em seus braços e, instintivamente, Felipe me puxa, fazendo com que não seja possível nem mesmo o ar ficar entre nós. Seu telefone volta a vibrar, e mesmo sabendo que não é certo, eu o pego para ver quem está enviando mensagens a essa hora. E para a minha decepção, é a Flávia dando um bom-dia. Como eu visualizei, ela continua dizendo que perdeu o sono.

A curiosidade me vence e eu subo as conversar para saber o nível de intimidade deles. Pelo que posso ver, eles são amigos há um bom tempo, e ela é aquele tipo de garota que se faz de amiga porque está a fim do cara, mas não diz diretamente. Vou relendo e pulando algumas coisas, então paro nas últimas trocas de mensagens. Primeiro ela o convida para a tal festa de aniversário que será no próximo feriado, e ele responde que irá confirmar depois, mas não fala nada sobre me levar ou um toco “vou ver com a Ísis”.

Vejo a conversa seguinte e meu coração acelera. Flávia sabe que ele tem HIV e ao contrário de mim, não vê problema nisso. A biscate ainda diz descaradamente que transaria com ele sem camisinha porque a carga viral

dele é indetectável. Ela parece entender sobre o assunto, provavelmente por causa da tal de Karina. Flávia joga tão sujo que diz que é até mais seguro transar com quem tem HIV e faz tratamento, do que alguém que não conhece o diagnóstico. Lógico que ela fala isso só para fazê-lo cair na dela. Apesar de Felipe se safar bem, eu fico pensando, e se fosse o contrário? Por acaso ele aceitaria se eu fosse tão íntima de um cara?

Fico puta da vida com isso. E o pior é que Felipe continuou conversando normalmente com ela depois disso.

Flávia é uma safada, eu já percebi, mas, e se por acaso ele continua conversando com ela para ter uma segunda opção? E se ele quiser transar sem camisinha, já que comigo não transa? Eu olho para Felipe e ele continua dormindo como se fosse um santo. E pelo jeito, eles gostam de conversar de madrugada.

Droga! Ele nunca conversou de madrugada comigo, pelo contrário, visualizava e me deixava no vácuo. Essa Flávia também pega pesado. É mensagem de bom-dia, que ele retribui, de boa tarde, que ele retribui e papinho sobre sexo à noite.

O certo seria esperar até ele acordar, mas como me conheço, sei que não vou conseguir dormir novamente até que o despertador toque e ele acorde sozinho.

Eu me aproximo e o balanço para que ele acorde. Felipe se mexe, mas como não acorda, eu o balanço com mais força. Sei que não deveria ter invadido a privacidade dele, mas acho que, como a sua namorada, não preciso de sua autorização, certo?

— Felipe, acorda! — Insisto. — Felipe, acorda — ele respira fundo, balbucia algo e abre os olhos preguiçosamente, parecendo desorientado.

— O que foi, bonequinha? Aconteceu alguma coisa? — Ele olha para mim com preocupação, seu rosto amassado, e nem mesmo isso atrapalha a sua beleza. Sinto raiva de mim por estar pensando em como ele fica lindo ao acordar, ao invés de focar na raiva por ele ter essa carinha de santo, mas de santo não ter nada. Eu me esforço para voltar ao foco.

— Aconteceu que eu acordei com o meu telefone vibrando a essa hora da manhã com uma mensagem de bom-dia da sua amiguinha. Para alguém mandar uma mensagem a essa hora, tem que ter muita intimidade — eu disparo, ríspida, e ele me olha como se eu fosse louca.

— Espera. Deixe-me ver se entendi. Você me acordou por isso?

— É errado — rebato.

— Se você acha errado alguém que eu nem imagino quem seja me mandar bom dia a essa hora da manhã, por que fez o mesmo ao me acordar?

— O quê? Por que está incomodado por eu ter te acordado agora, se não diz nada para a sua amiguinha que faz o mesmo diariamente?

— Ísis, por favor. Eu mal acordei. Na verdade, você me acordou, e quem me mandou mensagem? — Ele pergunta, impaciente.

— A sonsinha da Flávia que, pelo jeito, manda mensagens diariamente e até já fez amizade com a sua irmã e com certeza, como as duas são amiguinhas, ela já deve saber sobre tudo o que aconteceu entre mim e a sua família quando descobri que você...

— Está preocupada com isso? Esquece. Mari jamais faria isso. Agora eu posso voltar a dormir?

— Não pode! Você deve ter ficado bem satisfeito ao ver que ao contrário de mim, ela reagiu muito bem ao descobrir sobre você, a ponto de até perguntar se você transaria com ela sem camisinha.

— Se você entendeu isso, deve fazer umas aulas de interpretação de texto. Ela só usou isso como exemplo.

— Ah, sério? Então me diz o que leva uma pessoa perguntar algo assim se não tiver interesse no outro? Não vai me dizer que é apenas por ser amiguinha da sua irmã? — Tento controlar a minha voz para não acordar Monique, mas estou a ponto de explodir de tanta raiva.

— Ísis, para começar, nem sei o que a minha irmã e ela são direito e não procuro saber, mas como você invadiu a minha privacidade ao ler as minhas conversas, algo absolutamente desrespeitoso e que nunca passou pela minha cabeça fazer com você, acho que deu para perceber que é ela quem sempre vem falar comigo e não o contrário. E nós estudamos na mesma sala, então não vejo nada de anormal nesse tipo de interação entre nós.

— É mesmo? Então a sua amiga de turma perguntar se o que temos é sério, faz parte das atividades do grupo? Ou o fato de ela apenas convidar você para o aniversário e não falar nada para você me levar, sabendo que estou com você. Também é normal, certo?

— Só porque namoramos, ela não tem que se sentir na obrigação de te convidar. Vocês nem conversam — sua voz ainda está sonolenta.

— Tem razão. Ela não tem obrigação, mas acho engraçado o fato do meu namorado não ter se incomodado nem um pouco pelo convite ter sido direcionado apenas a ele, mesmo que ela saiba que ele é comprometido.

Ele bufa e revira os olhos.

— Pelo amor de Deus, Ísis. Precisa mesmo de tudo isso a essa hora da manhã? Se você leu a conversa, percebeu que eu não estava nem um pouco interessado em ir nessa festa.

— Felipe, não se faça de santo. Primeiro ela dorme na sua casa por ser amiguinha da sua irmã, depois, ela dá uma de amiga compreensiva que não se importa nem um pouco com o que descobriu sobre você. Não percebe que ela está se revelando aos poucos e deixando claro que tem interesse em você? E o pior é que você aceita tudo isso — quase grito.

— Você vai acordar a sua amiga se continuar gritando. E chega, eu não estou com disposição para isso — ele se vira, afundando a cabeça no travesseiro.

— O próximo passo dela deve ser se tornar amiguinha da sua mãe para depois as três se juntarem para falar mal de mim. Já que, provavelmente, ela é a nora e cunhada compreensível que a sua mãe e sua irmã pediram a Deus — eu digo de forma irônica e Felipe se vira para me encarar.

— Não sei como você foi criada, mas falar mal das pessoas não é comum na minha família. Agora me diz uma coisa, toda essa irritação se deve ao fato de ela não ter reagido como você quando soube que sou soropositivo? Ou pelas mensagens?

— Ela está sendo falsa. Você não percebe isso?

— Ísis, ainda que seja uma minoria, nem todos costumam agir de forma preconceituosa e ignorante como você quando soube que sou soropositivo — ele diz um pouco mais alto, e eu temo que Monique tenha ouvido.

— Por favor, fale mais baixo.

— Ah, claro. Agora eu tenho que falar baixo, ninguém pode descobrir o meu segredo enquanto estivermos juntos, certo?

— Felipe, não é por isso que estou... — ele me corta.

— Eu nunca percebi ou dei a entender que a Flávia e eu temos mais que amizade, nem antes e nem depois de você fazer parte da minha vida. Mas ao contrário de você, ela parece ver que por trás do vírus existe um Felipe. Já você, continua comigo, mas não vejo nenhuma evolução no que nós temos aqui. Na verdade, deixa claro que não irá contra os seus pais para defender o temos. E sinceramente, eu não quero que faça como eu fiz com a minha família. Não vale a pena — desabafa e sinto uma dor enorme ao ouvi-lo.

— Está dizendo que nós não valemos a pena?

— Estou dizendo e posso afirmar que nem sempre as pessoas fazem por mim o que eu posso ter feito por elas — ele se levanta e começa a se vestir,

então eu faço o mesmo.

— Está querendo dizer que se arrependeu por ter enfrentado a sua família por minha causa? — Cruzo os braços e sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Droga, nunca fui de chorar. Na verdade, nunca chorei tanto durante o meu namoro com Marcos como chorei nesse pouco tempo que estou com o Felipe.

— Estou dizendo que eu quis continuar com você, e fui contra a minha família mesmo depois de reprimir a sua atitude ao saber que tenho HIV e estar convicto que seria uma barra levar isso adiante porque você não enxerga nada além do seu umbigo.

— Você está exagerando.

— Eu estou exagerando? Olha para você, Ísis. Tem medo até mesmo que a sua amiga de quarto saiba que eu sou soropositivo, então tenho certeza que seus pais nem sabem da minha existência como namorado. Você me cobra como uma namorada e não se comporta como uma. Quer dizer, só quando é conveniente para você.

— Eu terminei um namoro de cinco anos porque disse que não queria compromisso. Não posso simplesmente chegar para os meus pais e dizer que estou namorando. E a propósito, quando eu não me comporto como uma namorada?

— Entendi o seu ponto de vista. Está tudo bem assumir um compromisso comigo desde que ninguém saiba sobre o HIV. Está tudo bem eu ser seu namorado, desde que seja apenas aqui. A verdade é que você nem se importa comigo. Eu contei para você todos os efeitos colaterais, inclusive como é horrível acordar de manhã, e você ignora tudo. Porque o importante aqui é você.

— Eu me importo com você sim, está sendo injusto comigo. Eu me arrisco cada vez que faço sexo com você. Isso não conta?

— O quê? Percebe como é absurdo o que você diz? Se acha que se arrisca tanto assim, seus pais então têm por obrigação de saber, não acha? Mas essa é a questão. Eles não precisam, ninguém precisa saber o que acontece entre nós dois, não é?

— Por que acha isso?

— Você deixou claro que não irá contra os seus pais por minha causa. Já percebeu que nessa relação só quem é o compreensível sou eu? Eu tenho que aceitar que você vista as roupas que deseja e ver os outros caras virarem

o pescoço para olhar para a sua bunda. Eu tenho que ser compreensível por saber que seus pais não irão me aceitar. Eu tenho que fazer as suas vontades, mesmo se estiver passando mal.

— Você nem sabe como meus pais irão reagir.

— Eu posso afirmar, porque filhos são reflexos dos pais. Você é um produto da criação deles. Eu sei como você reagiu, então o que posso esperar deles? Eu não sei o quão iludida você está, Ísis. Esse aqui é o mundo real, e sinto dizer isso, mas você não é o centro do universo.

— Do universo com certeza não, mas achava que era do seu... — eu sussurro.

Felipe está decepcionado, vejo a dor em seus olhos.

— Eu tenho pensado sobre isso. E acho que se eles souberem que eu toquei em você, será motivo para te colocarem em uma cúpula. E sabe o que me faz ter mais certeza disso? Pela forma que você reage com essa pequena possibilidade de eles descobrirem que tenho HIV — Felipe conclui e pega a mochila.

— Felipe, por favor. Eu não quero me afastar de você.

— Não agora, eu sei que não. Mas vai querer, cedo ou tarde.

— Não, eu só não sei como lidar com isso — eu me aproximo e toco o seu rosto.

— E talvez nunca saiba — ele tira a minha mão do seu rosto. — Isso ficou claro para mim desde o dia em que contei sobre o HIV, mas mesmo assim eu continuei aqui. Não estou colocando um fim, mas estou com sono, irritado e só quero ir para a minha casa agora. Eu não disse isso para fazê-la se sentir mal, e pode ter certeza que quando chegar o momento, ainda que eu não queira, eu a deixarei ir — ele se afasta.

— Felipe, eu... — as palavras ficam presas em mim, porque eu sei que será assim, mas ouvir Felipe falando tudo isso, me faz desmoronar.

— Está tudo bem, nós vamos ficar bem. Ainda é cedo, volte a dormir. Estou indo.

— Felipe, por favor...

Ele sai e fecha a porta, enquanto o dia amanhece lá fora. Será que se eu tivesse implorado e chorado, se tivesse dito que, pela primeira vez, eu sinto que ele foi feito para mim, assim como eu para ele, isso teria mudado alguma coisa? Provavelmente não, e agora eu fico aqui, me sentindo sozinha. Eu fecho os olhos e consigo ver o seu rosto, escutar a sua voz.

Eu dependo financeiramente dos meus pais, nunca trabalhei, e quando

penso nisso tudo, em todas as possibilidades, vejo Felipe desaparecendo da minha vida.

Os minutos se vão e eu fico me perguntando se ligo ou devo esperar que ele me ligue. Mas o que eu vou dizer? Que ele tem razão, que meus pais nunca irão aceitá-lo, que realmente não quero que ninguém saiba que ele tem HIV, porque não quero ter o meu nome associado a isso? Ou devo admitir que eu quero ficar com ele, mas sinto todo esse preconceito em mim?

Estou perdendo o controle e está claro que ele não vai tolerar isso. Cedo ou tarde eu vou ter que tomar a minha decisão. Como eu pude deixar o meu coração afundar nesse sentimento dessa forma? E por que nos apaixonamos tão fácil? Queria encontrar uma solução, mas ela não existe. Meu coração me diz que devo me levantar e lutar, mas a minha razão anula todas as minhas chances. Não sei até onde meu pai é capaz de chegar quando souber do Felipe.

Escuto o meu despertador no quarto, então dobro as roupas de cama e guardo o colchão no quarto. Eu queria ignorar o medo que sinto de Monique ter escutado, mas ele está aqui, vivo em mim. Mas o alívio me inunda quando eu a vejo dormindo profundamente, só com o barulho do ar condicionado zumbindo no quarto. Eu arrumo a minha cama e com a mente quase explodindo, tento me preparar para a aula.

Quando eu entro, Felipe está com a cabeça apoiada sobre a mesa e permanece assim, então nem mesmo sei se ele notou a minha presença. Como o professor é linha dura, ninguém se atreve a colar. Eu fico tensa, tentando manter o foco, mas falhando miseravelmente. Quando finalmente termino, faltam cinco minutos para o horário acabar, então confiro novamente as respostas e entrego. Mesmo não olhando diretamente, sinto os olhos de Felipe em mim, e ao me virar eu o encaro e dou um sorriso forçado, mas não sou correspondida. No intervalo ele se aproxima e senta ao meu lado, mas não está realmente aqui.

Voltamos para a sala e quando a aula finalmente termina, eu me sinto aliviada.

— Felipe, eu decidi ir para a casa dos meus pais hoje — eu sussurro assim que ele se aproxima.

— Tudo bem. Boa viagem e quando voltar, você me liga — ele sorri e segue para o seu carro.

— Tá — engulo em seco.

Chego ao meu apartamento e vou arrumar a minha mala. Eu sinto um

nó na garganta que parece aumentar rapidamente, mas seguro a vontade de chorar. Monique parece melhor, então me lembro que o pai do filho dela irá vê-la no sábado para conversarem sobre a gravidez.

— Vai mesmo para a casa dos seus pais hoje?

— Vou. Se você puder me levar ao aeroporto, deixo o meu carro com você.

— Okay. Podemos almoçar antes?

— Estou sem fome, mas pode almoçar.

Eu entro no site da companhia que costumo viajar e por sorte tem uma passagem para às três da tarde. Termino de arrumar as minhas coisas com tanto desespero, que sinto como se estivesse fugindo de algo, e acho que realmente estou.

Às duas da tarde, seguimos para o aeroporto, e o caminho todo eu tento engolir a vontade de chorar. Eu posso matar esse sentimento, eu posso retomar o controle. Felipe não mede as palavras para falar comigo, mesmo que ele tenha razão. Ele fala como se conhecesse os meus pais, mas não conhece, não faz ideia do que eu posso enfrentar. Eu faço o *check-in* e após despachar a minha mala, vou para área de embarque.

É estranho sentir esse peso, essa dúvida, e a insegurança do amanhã começa a me assombrar. Por que ele tem tanta necessidade de levar isso adiante? Por que não pode ficar apenas entre nós?

“Na verdade, deixa claro que não irá contra os seus pais para defender o temos.” Sua voz ecoa em minha cabeça.

Eu quero ter o controle do meu coração novamente, estou cansada de me sentir assim. Mas Felipe o roubou e eu o quero de volta. Eu não posso escolher entre ele e o meus pais, ele tem razão nisso, mas...

Escuto a chamada para o meu voo, então sigo vou para a fila. Vejo um casal aos beijos, trocando juras de amor, e para o meu azar, eles se sentam bem ao meu lado no voo.

Durante toda a viagem, eu escuto estalos de beijos e penso em Felipe. É como se a sua respiração corresse em minhas veias, e isso está me deixando louca.

Eu começo a chorar, e quando o casalzinho nota, param os beijos.

— Está tudo bem? — A garota que está ao meu lado pergunta.

— Vocês estão aí dizendo que é amor, mas como têm certeza disso? Como sabe que ele te ama como você o ama? Como sabe que vale a pena? — Eu falo e o rapaz me olha, surpreso.

— Você apenas sente que é amor, não existem garantias — ele a olha com ternura. — Mas no dia em que eu a conheci, sabia que havia encontrado o meu lugar — ele recebe um beijo da garota.

— Eu o amo como gostaria e quero ser amada. A reciprocidade é essencial para o amor não morrer.

“*Só eu tenho que ceder aqui, Ísis.*” Novamente consigo escutar Felipe. Eu não digo nada ao casal e fico pensando nisso. Eu sinto a falta dele, e dói admitir, mas não vou conseguir recuperar o meu coração, porque eu sei que ele estava procurando o seu dono, e o encontrou. Ele apenas bombeia o meu sangue, mas bate exclusivamente pelo Felipe.

Quando chego à minha casa, eu me deparo com papai estacionando o seu carro. Ele desce vestindo o seu tradicional terno e gravata, então vou ao seu encontro, e sou recebida de braços aberto e ganho um delicado beijo. Fico alguns segundos assim, e isso me faz lembrar que quando era uma criança e estava com medo, eu o chamava para ir ao meu quarto e ele permanecia ao meu lado até que eu dormisse. Sempre me dizia para não ter medo, pois ele estaria ali para me proteger. Olho nos olhos do meu pai e um desejo de poder dizer que agora estou como aquela menininha, que descobri o amor e temo isso uma vez que ele não parece ser um caminho de plena felicidade, me invade.

— Por que não me disse que viria hoje? Eu teria te buscado no aeroporto, princesinha.

— Eu só vim. Queria fazer uma surpresa — eu sorrio.

Papai pega a minha mala de mão e de mãos dadas, seguimos para a entrada da casa. Assim que entramos na sala, eu solto a sua mão e pego a minha mala, me dirigindo ao quarto, mas paro uma vez que eu o ouço me chamar.

— Sua mãe falou a respeito da viagem?

— Qual viagem?

— A que fazemos todo ano com os seus padrinhos.

— Com os pais do Marcos, o que o inclui — resalto

— Ora, ora, porque deu um tempo no relacionamento, eles deixaram de ser seus padrinhos?

— Não foi um tempo, nós terminamos. Acabou e não voltaremos, pai — falo sem querer prolongar o assunto.

— Ainda assim, não vamos quebrar a tradição. Fazemos isso desde o seu nascimento.

— Eu sei, só que, sinceramente, eu não sou obrigada a ir — falo de maneira ríspida.

— Qual o problema, Ísis? Por que está tão irritada? O que eu fiz para ser tratado assim?

— Isso não é com você, pai. Mas acho patético ter que ir viajar com os meus ex sogros.

— Antes disso, eles eram os seus padrinhos.

— Tudo isso é para me fazer voltar para ele? Precisam mesmo disso?

— Ísis, você está confundindo as coisas. Já fazíamos essa viagem antes de namorarem. E agora me diga por que está tão irritada. Tem algo a ver com o dono daquela blusa que você vestia outro dia?

— Era de um amigo, apenas isso.

— E pode me falar o nome do amigo?

— Por que quer saber?

— Porque eu sou seu pai e quero saber com quem anda. Marcos chegou a comentar que o conheceu no seu apartamento — diz em tom sério. Droga!

— Por que ele contou isso?

— Ele está trabalhando na nossa empresa, e está se saindo muito bem. Eu até comentei isso com o Marcelo. Não me surpreende se, daqui dez anos, ele estiver entre os melhores advogados do país.

— Fico feliz por ele, mas isso não lhe dá o direito de se meter na minha vida.

— Vai dizer isso para mim também?

— Você é o meu pai, é diferente.

— Ísis, mas se você não quer se casar com Marcos e muito menos fazer Direito, como pretende assumir a sua parte na empresa?

— Já falamos sobre isso, e você deixou que eu escolhesse que profissão seguir.

— E o que pretende fazer depois que concluir o curso? Porque essa profissão continua como sempre no mercado de trabalho. É ótimo executar ideia, Ísis, mas é difícil vendê-las.

— Eu sei. Também já falamos sobre isso.

— Florzinha, eu não quero te pressionar, mas já que visa a sua independência, começou a olhar como anda o mercado de trabalho nessa área? Bem, além disso, o arquiteto é um profissional liberal e tem a tendência de já sair da faculdade e abrir o seu próprio escritório. Não que eu veja problema nisso, desde que você aproveite o tempo de faculdade para não só

estudar, mas também fazer estágios e começar a analisar o mercado onde vai atuar.

— Eu estou no segundo período, pai.

— Eu sei. Mas olha o Marcos, ele irá se formar no próximo ano e já é uma grande promessa como advogado. Ele tem se saído muito bem, diria que até excepcional. Quero um futuro brilhante para você também, Ísis. Ninguém na faculdade vai dizer isso a você, tampouco orientá-la no modo como fazer isso. Mas o ideal é escolher uma área no mercado, se especializar, explorar ao máximo e trabalhar muito.

— Pai, eu detesto comparações.

— Não estou fazendo comparações. Estou te aconselhando, e mesmo fazendo isso, não se iluda, o trabalho vem antes do sucesso, como em qualquer outra profissão, e demora um tempo até que chegue. E quando chegar, é importante não ficar sentado sobre ele, mas aproveitá-lo para crescer mais, como profissional e como pessoa.

— Por que está dizendo tudo isso? Qual o verdadeiro problema?

— O tal do Felipe também estuda Arquitetura, não é? — Ele diz e meu coração gela.

— É.

— Será que ele está se preparando para o mercado? Apesar que, provavelmente, se ele tiver sorte e continuar sendo um bom aluno, talvez consiga uma vaga em uma empresa de engenharia. Mas isso se a sorte estiver ao lado dele.

— Ele tem um ótimo caráter — falo e meu pai sorri de forma pretensiosa.

— Pelo currículo escolar dele, sei que sim, mas caráter não garante um sucesso profissional. Princesinha, eu não quero bancar o destruidor de sonhos aqui, mas papai precisa mesmo te acordar para a realidade. Você já fez os cálculos, Ísis? Quanto ganha um arquiteto, um que está iniciando a carreira. Já se perguntou?

— Aonde você quer chegar?

— Entendo que jovens precisam de orientação, o futuro nem sempre está claro para eles. Quero mostrar o que é melhor para você, e sinceramente, mesmo fazendo vários cálculos, não sei se ele conseguiria comprar cada coleção nova que surge da *Chanel* ou *Dior*. Então pense bem, meu anjo, sabe que o papai sempre visa o melhor para você. E é por isso que Marcos tem o meu apoio.

— Então é isso. Apenas pela estabilidade financeira?

— Manter o seu estilo é muito caro. Eu entendo que nos apaixonamos na época de faculdade, mas espero mesmo que seja apenas isso. Dizem que dinheiro não traz felicidade, mas a falta dele também não.

— Você nunca conversou sobre isso comigo. Por que está falando agora?

— Sua mãe anda preocupada com você, e eu também. Você anda distante, eu até cheguei a perguntar para o Marcos se ele a tinha visto ou se conversavam com frequência, mas ele disse que isso raramente acontecia. Ísis, eu que pergunto o que anda acontecendo com você? Quando era criança, você me dizia que seria advogada como o papai, só se sentia segura perto de nós e agora está arrumando pretextos para não ir para a nossa viagem em família?

— A família do Marcos não é a minha família! — Eu altero o tom e logo me arrependo ao receber o olhar severo do meu pai.

— Era até você conhecer esse tal de Felipe. Mesmo de longe, nós seguimos os seus passos, e espero que pense no que está fazendo, Ísis.

— Tudo isso é pela viagem?

— Tudo isso é para abrir os seus olhos. Eu e a sua mãe sempre demos nosso melhor a você e queremos ver isso ser retribuído.

— Mas a questão é que a vida é minha. Tenho direito de fazer as minhas escolhas.

— Chegou exatamente onde eu queria. Se quiser fazer suas próprias escolhas, tem que estar disposta a começar a vivê-las. Você se lembra que eu e a sua mãe dizíamos que vivíamos em um ninho? Mas nesse ninho tem regras, e se não quiser segui-las, você tem que alçar voo.

— Agora estou entendendo. Me sustentar passou a ser um problema para vocês?

— Não, e nunca será. Mas quando me casei com a sua mãe, eu tinha consciência que poderia dar a ela o dobro do que o seu avô dava. E com você não será exceção.

— Não estou me casando, pai, é apenas... — ele levanta a mão e faz com que eu me cale.

— Você desperdiçou duas oportunidades, Ísis. A primeira era fazer Direito, a segunda era se casar com Marcos e juntos darem continuidade nos negócios da família. Já que não quis nenhuma das duas, que fique bem claro que, estando sobre as minhas regras, não existe mais nenhuma chance. Dia

vinte e nove de novembro você completa vinte e um anos. E cuidado com as suas escolhas, porque tudo tem consequência.

— Está tentando me amedrontar, pai?

— Não, coração. Mas estou mostrando a realidade para você. Não é esse rapaz que irá se adequar à sua realidade e sim você a dele. Ficou claro agora? — Eu não respondo. — Agora suba, você deve estar cansada. Tome um banho e desça para jantar conosco, eu sinto falta disso todos os dias. E, princesinha, não pense que estou contra você, isso é só um cuidado de pai. Te amo muito e sabe que quero o melhor para você.

Eu me viro para as escadas, e sigo para o meu quarto. Entrando no quarto, eu encontro um presente em cima da penteadeira, juntamente com um cartão com a letra do meu pai.

Com amor, papai.

Eu abro o embrulho e vejo um par de sapatos da *Dior* junto com uma bolsa da mesma marca. Ao ver os produtos ainda com a etiqueta, sei bem qual o recado ele quis dar. Felipe nunca poderá manter os meus caprichos. Apesar de ter certeza que meu pai investigou a vida de Felipe, sei que não descobriu sobre o HIV, caso contrário, a reação seria outra.

Capítulo 19

Eu entro no meu closet e olho para os meus vários pares de sapatos, bolsas, roupas, joias, perfumes. Vou ao banheiro e enquanto encho a banheira, percebo que o lugar é maior que o quarto de Felipe.

Estou tão desesperada, porque apesar de amar essa vida, ela não me traz o mesmo conforto que sinto quando estou em seus braços. Eu o amo e queria acreditar que meu destino é junto a ele, mas tenho medo do que pode vir a seguir. Eu me levanto e sigo para o quarto, onde pego o meu telefone e vejo que Felipe não me ligou, nem mesmo enviou uma mensagem. Já passa das sete da noite, e sem ter tempo de pensar, eu sigo o meu instinto e ligo para ele, mas chama até cair na caixa postal.

Eu entro na banheira, sem rumo, sentindo tanta falta dele e tentando loucamente manter a calma. Escuto a porta se abrir e logo vejo a minha mãe entrar, e ao notar as minhas lágrimas, ela se aproxima e senta na beirada da banheira.

— Está muito apaixonada por ele?

— Acho que eu o amo, mãe — sussurro com a voz embargada.

— Você está apenas confusa, querida.

Ela suspira e acaricia o meu rosto.

— Contou ao meu pai?

— contei. Antes eu liguei para a Monique e ela falou muito bem dele, mas sabe como seu pai é. Foi bem além de só procurar saber.

— Imagino que sim. Você pensa como ele, mãe? Essa questão do dinheiro importa tanto assim?

— A minha opinião não importa. É você quem deve se perguntar sobre isso. O fato de ele não ter o mesmo nível social que você importa? — Ela não me deixa responder. — Estão envolvidos até que ponto?

— Nós...

— Fizeram sexo?

Confirmo e volto a ficar emotiva.

— Tem mais alguma coisa que eu precise saber?

Olho em seus olhos, mas sei que ela não está pronta para saber sobre o HIV.

— Não.

— Ísis, sabe que o seu pai é osso duro de roer, e como pai, ele quer o melhor para você. Sinceramente, é normal que ele queira alguém que possa te oferecer muito mais do que nós te oferecemos. Mas se realmente é isso que você quer, lute. Só não deixe de ir para a nossa viagem, sabe que é importante para ele. E não se afaste de nós, tente passar confiança, mostrar que amadureceu e quem sabe, no Natal, você traz o Felipe para conhecermos?

— No Natal? Está tão longe.

— É o tempo de trabalharmos isso com o seu pai. Ele ainda tem esperança de ver o Marcos e você juntos. E se você for a essa viagem, prometo que converso com ele sobre o Felipe vir aqui no Natal. Combinado?

— Tudo bem. Combinado.

Ela sorri.

— Vou deixá-la terminar o banho. Depois desça para jantar conosco.

— Vou descer — ela sai do quarto.

Assim que saio do banho, meu telefone toca. Felipe.

— Oi — sussurro.

— Fez uma boa viagem? — Escutar a sua voz me faz querer ir ao seu encontro.

— Fiz, mas me arrependi de ter vindo hoje. Eu poderia ter ficado com você. Eu... — suspiro pesarosa.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele parece preocupado.

— Meus pais já sabem sobre você e...

— Ísis, eu acabei de chegar em casa, melhor conversamos pessoalmente. Você volta domingo?

— Sim. Vou tentar ir bem cedo.

— Eu irei pegá-la no aeroporto. Assim que souber a que horas você volta, me envia uma mensagem.

— Tudo bem. Eu vou descer para jantar com os meus pais. Pode me ligar depois das dez?

— Tudo bem, eu ligo.

— Eu... — respiro fundo. — Vou ficar esperando.

— Eu vou ligar.

— Um beijo.

— Outro. Juízo — ele desliga e parece não estar mais chateado.

Eu visto o meu pijama e desço para jantar. Durante todo o tempo, meus pais não tocam no assunto, então termino rapidamente e peço licença.

Entrando no meu quarto, eu sigo para o banheiro e escovo os dentes, em seguida me deito e ligo para o Felipe. Depois do terceiro toque ele me atende.

— Oi — sua voz está sonolenta.

— Eu liguei antes porque...

— Por quê?

— Estou tão confusa. Meu pai me deu tantos conselhos, mas sua voz me faz esquecer todos — Felipe ri.

— Ísis, você é tão indecisa.

— Felipe, por favor. Não está sendo fácil para mim.

— Nunca é fácil, isso se chama vida. Mas me diz, qual é a dúvida agora?

— Na verdade, só tenho uma certeza. Eu quero você.

— Por completo?

— Por completo — ficamos em silêncio. — Queria que você estivesse aqui — tento quebrar o clima.

— Que contradição. Quer ficar comigo e vai um dia antes para a casa dos pais?

— Você não se importou com isso.

— Se eu tivesse pedido, você ficaria?

— Ficaria — minha resposta o surpreende. — Felipe, eu não sei muito sobre o amor, mas tenho um sentimento forte por você.

— Nós nos tornamos escravos dos sentimentos confessos. E acho que não precisamos falar sobre isso agora — sua resposta me desanima. Ele parece não se importar.

— Penso o contrário. Não nos tornamos escravos quando os confessamos, mas a partir do momento que passamos a senti-los, e eu sinto estando ou não ao seu lado.

— Se tem certeza do que sente e acredita que é real, por que não quer lutar por isso?

— Porque eu tenho medo.

— A vida passa muito rápido para nos prendermos ao medo. Viver o novo é assustador, eu sei, mas se conformar com o seguro e nunca dar um passo adiante por ter medo de arriscar, o faz correr o risco de olhar para trás com arrependimento, e a meu ver, isso é ainda mais assustador. No entanto, que fique claro que falo sobre a vida e não sobre nós — sua voz soa tão séria.

— Então me diz se vale a pena, diz que me ama? — Seu silêncio faz

meu coração gelar.

Um silêncio constrangedor permanece entre nós, e posso escutar claramente a sua respiração. Eu sei que as palavras a seguir não serão as que eu quero ouvir.

— Quando você voltar, podemos conversar sobre isso — ele finalmente diz.

— Tudo bem. Acho que vou ter que esperar de qualquer jeito — por que estou sentindo como se isso fosse o fim? Por que essa dor no peito?

— Vou desligar agora, Ísis. Estou quase dormindo, então nos vemos no domingo, e até lá, eu desejo que fique tudo bem com você. E pare de pensar nisso, aproveite bem o tempo com seus pais, que provavelmente sentem a sua falta.

— Não vai me ligar amanhã? — Escuto um longo suspiro. — Felipe, você está fugindo, é isso?

— Eu estou aqui, onde sempre estive. Não estou fugindo.

— Você está distante, sabia? O problema é que ao invés de me tocar disso, fico feito idiota tentando levar essa conversa adiante como se eu precisasse implorar por algo.

— Você não precisa, e provavelmente nunca irá precisar. Estou apenas cansado, meu dia foi cheio.

Voltamos ao silêncio.

— Então me fale sobre ele. Quero dormir escutando a sua voz.

Novamente ele suspira e sinto um pesar por tudo isso.

— Tudo bem. Se quer prolongar essa conversa, me diz por que você afirma sentir algo por mim que faz mal a você.

— Eu não disse que faz mal. É a intensidade que me deixa louca. Estou aqui, na casa onde nasci e vivi por toda a minha vida, meus pais estão lá embaixo e mesmo cercada das pessoas que amo, eu me sinto sozinha e não consigo parar de pensar em você. Eu até mesmo sonho com você. E isso me assusta.

— Ísis — ele respira com pesar. — Na minha vida, eu já tive decepções e conheço bem a dor de ter que deixar alguém se afastar. Eu sei o que eu sinto por você, mas não sei se quero encarar toda a dor que isso irá me trazer. Na verdade, eu não sei se consigo encarar isso de novo. Você veio como um furacão, derrubando todos os planos que eu fiz para mim. Sempre estive ciente que qualquer relação que eu tivesse, não seria duradoura e sendo sincero, não estava em meus planos viver isso agora. Mas você chegou e eu

fui honesto com você, mesmo sabendo que tinha chance de te perder. Sinceramente, depois da sua reação naquela sorveteria, não esperava que você voltasse. Mas indo contra todas as possibilidades, você voltou. Você me surpreendeu querendo ficar comigo mesmo depois de saber a verdade, e você ficou — ele diz com pesar e não consigo entender. Parece que isso é algo ruim. — Mas olha para nós, será que vale mesmo a pena levar isso adiante?

Sinto um aperto tão grande no peito, que parece que meu coração não irá aguentar. Não acredito que ele quer colocar um fim.

— Felipe, eu sei que às vezes eu perco a cabeça, mas quero saber o que é o amor, quero saber o que eu sinto por você e quero também saber o que você sente por mim. É novo, mas sinto que apesar de tentar evitar, eu encontrei o amor. Nós encontramos, mas você tem que me dar a chance de mostrar a você que é real para mim — eu começo a soluçar, e ele percebe que estou chorando.

— Pare de chorar, por favor. Eu fico chateado com o jeito que você age, como se estivesse fazendo um grande esforço em estar comigo. É complicado.

— Eu não quis dizer isso, eu...

Ele continua: — Quando insinua que faz um grande esforço em continuar comigo pelo fato de eu ser soropositivo chega a ser cruel. Você tenta o tempo todo me mostrar isso, que está me fazendo um grande favor, mas não é bem assim, entende?

— Eu juro que nunca tive essa intenção, Felipe.

— Tudo bem, talvez não tenha sido a sua intenção. Mas você tem noção de como doeu ouvir de você que se arrisca ao transar comigo?

— Mas eu... — tento me defender, mas ele continua.

— Ísis, antes da minha proteção, vem a sua. Existem muitos homens que mesmo sabendo que tem HIV não pensariam duas vezes em ter aceitado sua proposta de transar sem preservativo como naquela ocasião que disse que tomava anticoncepcional. Como se só isso bastasse para te proteger de qualquer doença.

— Felipe, eu sei que às vezes me expresso mal, e que acabo falando o que vem em minha mente sem pensar direito. Sei que você não colocaria minha saúde em risco, mas isso é novo para mim. Sei que muitos iriam achar que estou fazendo um grande drama, mas eu não sabia nada sobre HIV antes de estar com você.

— Está aí outra questão chata de falar. Mas a verdade é que nem depois

de saber você mostrou interesse em se aprofundar mais no assunto.

— Tudo bem, admito que errei nesse ponto. E me envergonho pela forma que como o tratei quando você me disse a verdade. Mas eu também tenho medo. Por mais inteligentes que meus pais sejam, sei que eles não saberão como lidar com o fato de eu estar namorando um soropositivo.

— Mas isso também a incomoda. Não incomoda? — Eu não respondo.
— Incomoda namorar um soropositivo e você sabe disso, só não quer admitir. Então me diz por que quer ficar comigo, se a minha realidade nunca vai mudar? Você não pode continuar ignorando isso, muito menos me ofendendo por achar que sou culpado.

— Nunca achei que você fosse culpado.

— O primeiro passo para saber lidar com isso é você admitir que tem preconceito. Como vai se libertar dele se nem admite que tem?

— Tudo bem, você tem razão.

— Eu não vou odiá-la por isso, Ísis, até porque odiar e amar são palavras muito fortes e não devem ser ditas sem realmente sentirmos isso.

— Agora você está me fazendo sentir idiota por ter dito que...

— Se tem certeza de que é real o que sente, não deve se sentir idiota por confessar.

— Eu não tenho como provar se o que eu sinto é realmente amor, Felipe, mas tudo indica que eu o amo, e mesmo confessando isso, você parece pouco se importar.

— Eu nunca disse que não me importo, mas não se abandona quem se ama. O amor faz você querer o melhor para a pessoa, não diminuí-la ou fazê-la sofrer. E pode ter certeza de que quando você ouvir isso de mim, nada, nem mesmo as suas crises de infantilidade, me farão desistir de você.

— Então o que eu faço? Você exerce um poder enorme sobre mim, e se não fosse isso, eu não estaria falando com você, já que sou eu quem precisava ouvir a sua voz, mesmo que ainda não faça nem vinte e quatro horas que nos falamos. Mas o fato de saber que não estamos bem, me deixa agoniada, me desconcentra e isso me amedronta. Quando o sentimento é recíproco, é diferente, mas parece não ser... — ele se mantém em silêncio. — Quero encontrar uma solução, mas sei que o que eu sinto por você só tende a aumentar. Eu não sei o que vem depois do amor, mas independentemente do que seja, é algo que me deixa vulnerável ao saber que pode doer mais do que essa incerteza se um dia eu serei ou não amada por você.

— Eu realmente não sei o que dizer, Ísis. Eu me sinto confuso e a nossa

visão sobre o amor é oposta. Você diz sentir algo assim por mim, mas na maioria das vezes demonstra o contrário.

— Você está sendo cruel comigo, e com a bagagem que faz parte de nós dois. A sua indiferença me deixa desesperada ao pensar que posso te perder.

— Vai me perder se permitir que isso aconteça, está em suas mãos. Não quero que lute contra os seus pais, mas se quiser continuar comigo, você tem que ter autonomia e fazer as suas escolhas, porque as minhas em relação a você dependem exclusivamente de mim.

— Não são apenas os meus pais que me preocupam. Eu tenho medo de que você veja que estar comigo não será tão fácil.

— Eu não tenho essa ilusão. Sei que é difícil e a tendência é piorar.

— Você está me magoando ao falar dessa maneira. Eu já me sinto insegura, ainda mais sabendo que existe uma garota que combina com você em tudo, enquanto eu sou o oposto — tento conter as lágrimas, mas é inevitável. Na verdade, não me importo se conseguimos conversar melhor pelo telefone do que cara a cara, eu prefiro dizer tudo o que sinto.

— Eu também me sinto inseguro. Eu namoro uma garota que todos os caras que eu conheço quererem comer. Mas vai, além disso. Eu tenho HIV e por mais que quisesse mudar isso, por mais que implorasse a Deus para que essa não fosse a verdade, vou continuar tendo. Ainda assim, eu tento não deixar isso me abater, apesar de todo o preconceito que eu enfrento e sei que vou enfrentar com cada pessoa que possa descobrir. Mas eu me sinto ligado a ela e quero continuar com essa garota, apesar de ela já ter deixado claro que eu não sou o cara ideal porque tenho HIV. Eu tento agradá-la, tento ser para ela o que eu gostaria que ela fosse para mim, mas nunca é o suficiente. E parece que a qualquer momento ela irá me deixar e eu não posso fazer nada para impedir, porque, aos seus olhos, o fato de ser soropositivo me faz inferior aos outros caras. Mas essa é a minha realidade, Ísis, esse sou eu. Você me disse que se sente insegura, então pode me falar agora como a sua insegurança a afeta, porque tudo o que você disser, eu vou provar o contrário. Cada vez que me disser que se sente inferior, vou mostrar que está errada, assim como gostaria que você fizesse comigo. Mas você não pode, porque eu tenho HIV e esse é um problema para você.

— Sinto muito por fazê-lo se sentir assim. Desculpe-me.

— Ísis, eu quero alguém ao meu lado que me aceite como eu sou, que me ajude a curar todas as minhas feridas, que esteja pronta para me abraçar

quando eu precisar. Não alguém que me faça sentir pior. Uma vez, quando eu tinha uns dezessete anos, eu dei uma palestra para soropositivos e no final eu disse que era possível viver normalmente com o HIV. Eu percebi que todos ali se encheram de esperanças ao me ouvir, porque não é fácil viver em um mundo onde as pessoas o reduzem a apenas um vírus e o julgam inferior a elas por isso. Mas além de dizer isso para elas, eu disse para mim, porque eu também preciso acreditar nisso dia após dia. E se você me disser que precisa de um tempo para se decidir, ou mesmo que precisa de um tempo para ser alguém assim, eu juro que vou ter paciência. Mas, sinceramente, eu não quero continuar com alguém que acha que está fazendo um favor para mim e que se arrisca toda vez que faz sexo comigo. Eu vou dar um tempo para você. Um tempo para olhar para si mesma e ter certeza do que realmente quer. Agora eu preciso dormir, estou casando e amanhã tenho que acordar cedo para trabalhar. Durma bem. Nós dois precisamos disso. Boa noite.

— Boa noite — sussurro.

Ele desliga e eu já tenho a resposta do que eu quero. Está claro para mim que eu quero Felipe, mas como o meu pai disse, eu preciso aceitar as consequências das minhas escolhas, e esse é o meu maior desafio...

Capítulo 20

Monique

Levo Ísis para o aeroporto e sinto toda a tensão que essa conversa com Marcos poderá trazer. Ele é completamente louco, parece estúpido pensar assim, mas tivemos momentos bons ou foi apenas na minha cabeça?

As horas passam e a minha sexta-feira se resume apenas em esperar, chorar e voltar a esperar. A verdade é que ele nunca se importou, nunca esteve aqui de verdade. Talvez eu tenha me apaixonado pela dor que ele provoca em mim. Eu não sei por que mantenho uma tosca esperança, se já sei onde isso vai dar.

Sábado pela manhã eu ligo para ele, mas Marcos não me atende. Desde que ele soube da gravidez, não mandou nenhuma mensagem. Conforme as horas vão passando, toda a minha esperança vai sumindo. Está claro que estou sozinha nessa, mas acho que sempre estive, só não queria enxergar isso. Eu sempre soube da má fama do Marcos e não me afastei. Acho que ele viu em mim alguém fácil de manipular, nunca conseguiu enxergar a garota por trás, nunca quis enxergar a minha dor. Mas para ser sincera, eu nunca consegui entendê-lo, seu caminho ou aonde ele pretendia chegar. Ele viajava com a Ísis na companhia dos seus pais pelo mundo, mas sempre voltava para mim. Eu estava bem antes de me afundar nesse relacionamento, mas naquela festa eu fiquei tão chapada, e não apenas de bebidas. Marcos me deixou chapada e eu nunca consegui me libertar dessa merda de droga barata que é ele.

Agora eu entendo que tem que ter um controle. Dois loucos não podem pegar a mesma estrada. Eu toco o meu ventre e fico pensando o que será desse bebê. Eu não irei tirá-lo, sinto vontade de chorar só de pensar nessa possibilidade, mas quem emprega uma grávida? Meu pai não vai me aceitar, estou cada vez mais distante dele, e não tenho coragem de aparecer grávida na porta de casa.

Estou tensa, encurralada e não sei o que fazer. As horas passam, o dia se faz noite e eu não sei como mudar isso. Quando sinto meu estômago roncar, eu me lembro que não comi nada durante todo o dia, já devo ter perdido uns três quilos. Eu ando me alimentando mal, não tomo as vitaminas

e me sinto culpada por fazer isso ao meu bebê.

Você acredita nessa merda de amor e acha que tudo é válido, até se afundar a ponto de não se reconhecer mais. Penso em ir embora, em pegar o dinheiro que o meu pai depositou na minha conta para arcar com os gastos da faculdade no próximo mês e...

Merda! Daria só para alguns meses, mas talvez eu consiga me virar até o bebê nascer, então eu poderia dá-lo para a adoção. Não sei o que faço, mas se eu desaparecer, como vou me virar? O mundo lá fora não é o mesmo que eu conheço.

Depois de jantar e vomitar tudo, eu tento dormir, mas não consigo, então escuto o interfone tocar e vou correndo atender.

— Abre logo — Marcos diz com a voz estranha.

— Agora que você aparece? — Eu digo com raiva.

— Vá se foder, Monique! Não peguei a porra de um avião, cansado pra caralho, para ter que aturar essa merda de draminha. Não quer abrir, então que se foda, só não venha me encher mais o saco.

Eu abro o portão porque precisamos conversar. Tento controlar a raiva, mas estou tão nervosa que começo a roer as unhas. Depois do que pareceu um século, eu ouço o elevador parar no meu andar, então abro a porta antes mesmo do Marcos tocar a campainha. Ele vem ao meu encontro, sorrindo, e entra como se nada tivesse acontecido.

— Você está horrível — ele diz e eu sei que estou mesmo.

— Foda-se — digo de maneira grosseira.

Ele sorri novamente, depois segue para a cozinha, onde se serve de uma xícara de café, mas ao tomar um gole, cospe tudo no chão.

— Que merda é essa? Quantos dias isso está aqui?

— Não te ofereci nada, então foda-se.

— Qual é Monique? Está bravinha assim por quê? Já vamos resolver isso, olhei duas clínicas e... — eu o corto.

— Marcos, eu não vou fazer isso — sua expressão muda totalmente, me encarando com raiva, então começa a caminhar em minha direção, mas eu me mantenho firme, não recuo. Mesmo que eu tema o que ele possa fazer, não vou abaixar a cabeça para ele, não dessa vez.

— Que porra é essa? Por que está fazendo isso? Acha que vai me prender, é isso?

Eu solto uma gargalhada.

— Prender um lixo como você? Demorei para enxergar, mas você é um

merda, Marcos.

Ele não retruca, somente vai para sala, e eu o sigo novamente. Marcos se senta no sofá e fica me encarando.

— Qual é a jogada? É pelo dinheiro?

— Não é, eu só não consigo fazer isso. Não sou tão filha da puta como você.

Ele volta a gargalhar, se levanta e caminha em minha direção até me prender contra a parede. Marcos percebe o meu medo e antes que eu possa reagir, já está com a mão no meu pescoço, tentando me enforcar e só então, quase sem fôlego, vejo que ele está chapado. Ele sorri ao me ver debater tentando afastá-lo, mas é inútil. Quando acho que vou apagar, ele me solta e aproxima o seu rosto, encostando seus lábios nos meus.

— Não pensou que eu fosse te matar, pensou?

Ainda tentando recuperar o fôlego, eu sussurro.

— Filho da puta imbecil.

— Um filho da puta imbecil que você ama. Tem que acreditar mais no seu amor, Monique — ele debocha. — Não sabe que fazemos algumas coisas por amor? Vê-la menosprezar o nosso amor assim me deprime, sabia?

— Não vai me convencer a tirar o bebê. Não adianta ir por esse lado.

— Então faça a sua escolha. Eu ou ele. Não quero ter um filho agora e não vou ter.

— Vai me deixar nessa sozinha?

— Você quer ser mãe, eu não...

Eu começo a chorar e tenho a impressão que Marcos ama me ver tão vulnerável. Ele não consegue esconder a satisfação.

— Um dia você me disse que eu era a única que você amava. Eu acreditei em cada palavra, eu te perdoei por todas as suas merdas, mas agora estou me libertando disso. Eu escolho o bebê, até porque o que tivemos nunca foi real.

Ele desvia o olhar.

— Você está falando sério? Vai escolher o bebê e me deixar?

— Você nunca me escolheu, Marcos.

— Que merda é essa? Eu passei uma semana do caralho pensando nessa porra o tempo todo, cheguei de viagem e vim direto para cá. Acha que isso não é escolher você? Monique, você tem que entender que dói em mim ser chutado como você está fazendo agora. Nós nos amamos, estamos juntos, não pode me deixar agora — ouvir Marcos dizer isso me faz gargalhar.

— Acha que eu sou tão idiota assim? Que vou cair nessa?

— Você não pode me abandonar agora, não pode simplesmente pular fora. Não sabe que a regra é afundar com o navio?

Marcos se aproxima e começamos a nos beijar, mas quando o beijo se torna intenso, eu o afasto.

— Acabou, não me convence mais. E querendo ou não, é o seu filho e não vou estar sozinha nessa.

Ele novamente fica puto, pega o telefone e joga no chão, espatifando o aparelho.

— Não vai me obrigar a encarar isso.

— Se fizer graça, eu conto para todo mundo. Eu falei para a Ísis que o pai do bebê viria aqui e tem câmeras na portaria, Marcos. Se você fizer alguma coisa comigo, eles vão saber quem foi.

— Sua vadia, você armou pra mim. A lei nessa droga de país funciona só para os menos favorecidos, e eu nunca estive entre eles, já você... se liga, vagabunda.

— Não disse que a lei irá puni-lo, mas vão saber a verdade. E isso muda tudo.

Ele vem com tudo para cima de mim, mas antes de me tocar, eu o ameaço.

— Se encostar em mim de novo, vai ter que me matar, porque se não o fizer, eu te mato.

— Sua puta, você quer só o dinheiro. Acha que sou imbecil?

— Vai à merda. Você não me controla mais, Marcos. Como acha que seus pais irão reagir quando eu jogar todas as merdas que você esconde? Como acha que Ísis vai passar a vê-lo?

Ele me olha indignado.

— Vá embora — eu digo.

— Vamos fazer um acordo?

— Não tem acordo.

— Caralho, me escuta! Eu banco tanto você como esse bebê, mas não vou assumir e você nunca vai poder dizer que eu sou o pai — eu não respondo. — Qual é, Monique? Como vai criar esse bebê? Sabe que não tem saída, que essa é a sua melhor opção.

Droga, eu queria dizer que tenho, mas não tenho.

— Como tenho certeza que vai cumprir isso?

— Que merda é essa? Quando eu deixei de cumprir algo com você? O

seu problema é se comportar como se eu a obrigasse a fazer as coisas. Eu nunca a obriguei a nada, sempre joguei às claras com você. Você sempre teve o direito de escolha, Monique.

— Eu fui iludida.

— Ah, legal. Eu também fui, toda vez que estava debaixo das suas pernas.

— Quero uma garantia.

— A garantia é o seu silêncio. Se ficar calada, tem tudo, se abrir a boca, já era. A partir de agora não tem mais mensagens, conversas ao telefone. Acabou. O único contato que teremos será através da sua conta bancária. E então?

— Não vai nem querer conhecê-lo depois que nascer? — Eu pergunto, me sentindo idiota.

— Eu mando um cartão de felicitações quando o bebê nascer.

— Você não merece esse bebê — eu choro. — Ísis se livrou de uma e, graças a Deus, estou me livrando também.

— Você não é boa com promessas, Monique. Eu vim aqui com a melhor das intenções. Não sou um cara que traz flores, mas tinha a intenção de dormir ao seu lado, estava até disposto a foder você bem gostoso. Mas olha que triste, você sempre estragou meus planos, garota burra. E o foda é que eu te amo e odeio na mesma proporção, e mesmo me irritando sempre, algo sempre me fez voltar. Você não é linda, não tem um corpo tão atraente, mas eu gostava dele, gostava de como éramos juntos. De...

— Vá embora. Não consigo mais ouvir a sua voz.

— A minha voz nunca vai sair da sua cabeça, assim como a sua voz irritante sempre implorando atenção nunca saiu da minha.

— Talvez um dia sinta falta dela.

— O dia que sentir, eu sei onde encontrá-la. Eu não faço drama como você. Se por acaso sentir, o que acho difícil, eu venho até aqui nem que seja para escutar que eu sou um filho da puta — ele ri. — Você disse que estava disposta, que pularia comigo e está saindo fora agora. Estou decepcionado com você.

— Marcos, eu acordei e desejo que um dia o mesmo aconteça com você. Que deixe de ser pilantra e possa realmente amar alguém.

— Meu amor é só seu — ele toca o meu rosto e o levanta, provavelmente ele tenha deixado marcas no meu pescoço e está olhando isso. — Desejo que vá para o inferno e queime nele, e quando eu for também,

vamos nos amar lá, queimando juntos.

— Imbecil. Isso nunca foi amor.

— Vai mesmo ser idiota e dizer que o que eu sinto é amor ou não? Isso é amor eterno, Monique, nosso amor é eterno. Vamos juntos nisso — ele me dá um beijo na testa. — Vou me mandar agora e amanhã faço o primeiro depósito para você. Espero que saiba o que significa o preço do seu silêncio — ele beija os meus lábios. — Eu amo você. E se cuida, porque está parecendo um esqueleto ambulante. Eu não quero que vá para o inferno antes da hora, porque assim me obriga a ir junto e eu ainda tenho planos aqui — ele pisca.

— Vai à merda!

— Nós dois vamos um dia, eu prometo — ele diz de um jeito tão sério que eu me assusto. Marcos é louco, e estou grata por ter colocado um fim.

Ele sai levando uma parte minha que sempre foi dele, mas pela primeira vez, deixa algo de si, algo que eu vou amar por toda a minha vida. É a minha chance e quero vivê-la pelo meu filho.

Capítulo 21

Felipe

Depois de toda essa conversa com Ísis ao telefone, eu sei que será impossível conseguir dormir. Estou sozinho, sentindo a falta dela, e sei que é estúpido tentar ir contra o que se sente, mas eu não quero colocar um fim. E mesmo que coloque, meu coração não se moverá contra esse sentimento.

Queria que houvesse um jeito de fazê-la entender como estou me sentindo agora, como ela tem me machucado. Depois que Ísis apareceu na minha vida, eu passei a questionar tudo, e acho que no fundo o que ela sente por mim é um capricho. Ela queria um cara e conseguiu, mas agora precisa mantê-lo sempre disponível para ela.

Por que ela faz isso? Por que simplesmente não sai da minha vida?

Ela gosta de jogar e faz isso bem, sabe me seduzir e me deixar louco. E eu, um cara maduro, passo a me sentir uma criança em suas mãos.

No fundo, ela tem razão. A Ísis não é o centro do universo, mas desde que eu a conheci, passou a ser o meu. Porém, eu não quero me iludir se ela não está disposta a lutar por nós. Eu penso nessa garota mais do que as horas permitem e isso está me enlouquecendo.

Fico um bom tempo olhando para o teto do meu quarto com a voz de Ísis em minha cabeça e um aperto em meu coração. Eu não sei se tenho saída, mas não quero participar de um jogo onde eu serei o único a perder.

Eu me levanto em busca de um café e como passa da meia-noite, tento não fazer barulho, mas sou surpreendido ao ver Mari fazendo o mesmo, então nos sentamos à mesa com as nossas xícaras nas mãos.

— Pode falar. Você só arrisca um café de madrugada quando se sente incomodado — ela inicia.

— São suas deduções, anjo. Eu posso apenas querer um café — brinco e ela sorri.

— Antes de te escutar, eu posso dizer que te avisei sobre a Ísis? — Ela arqueia a sobrancelha e eu dou um gole no café. — Estou brincando. Desembucha. Fala logo por que está chateado.

— Quanto tempo levou para o Léo dizer que a amava? — Eu mudo o foco.

— Depois de duas semanas, mas eu ri muito da cara dele porque estávamos bêbados. Desde então, eu venho escutando, mas passei a amar ouvir isso — ela sorri.

— E tem certeza desse amor?

Mari fica pensativa.

— Quando eu disse para a mamãe que achava que amava o Léo e fiz essa mesma pergunta, ela me disse que já sabia porque eu o olhava do mesmo jeito que ela olhava para o papai. Depois de ouvi-la, eu passei a ter medo. Felipe, ela encontrou o amor da vida dela, depois namoraram por dois anos e se casaram. Em seguida, ela engravidou de você, pouco tempo depois eu nasci e seis anos depois o perdeu. Eu... eles nem tiveram a chance de viver o amor, entende?

— Tem medo que aconteça com você? Por isso não quer se casar? — Eu pergunto, já sabendo a resposta.

— Isso parece ridículo. Não parece?

— Não queira disputar comigo de como o amor nos torna ridículos, porque acho que ganho de você — ela sorri ao me escutar.

— Você sempre faz essa coisa de sair do foco, e eu caio feito boba. Sei que isso tem a ver com a Ísis. Pode falar, não quero que exista segredos entre nós.

— Não tem segredo. Ela diz que é amor, mas no minuto seguinte demonstra o contrário. Eu queria acreditar, mas acho que é o ego dela por ter me conquistado.

— Você está amando essa garota, não está? — Eu coço a cabeça, prendo os lábios, mas não quero dizer isso em voz alta.

— Você fica incomodado de falar sobre ela?

— Não somos crianças, Mari, mas às vezes ela se comporta como uma e isso é algo que eu gostaria de mudar. E mesmo não tendo paciência para as brincadeiras dela, eu sinto muita falta, estou me apegando a ela como nunca aconteceu. O estranho é que eu não tenho esperanças, uma parte minha gostaria que ela ficasse, mas a outra já espera que ela se vá. Não há segredos, apenas verdades amargas.

— Está claro que ela não sabe lidar com o fato de você ser soropositivo. Mas ela o menospreza ou algo assim?

— Não. Acho que o erro é meu por esperar reciprocidade.

— Então você a ama, é isso? — Novamente eu a ignoro. — Como chegaram a isso, Felipe?

— Eu nunca quis me aproximar, nunca me esforcei para chegarmos onde estamos, mas nunca impedi. O engraçado que, mesmo sem muito esforço, ela me trouxe até aqui. Nesse jogo patético.

— Felipe, eu sei que não é fácil, mas também sei que existem relacionamentos sorodiscordantes abusivos. Formas muito cruéis e profundas de relação de poder. Portanto, o respeito mútuo é essencial. Pode ser novo para ela, mas...

— A questão não é essa, Mari.

— Qual é a questão, então? Você está deprimido e pode estar caminhando para um relacionamento sem notar por estar iludido.

— Não estou iludido, Mari, eu...

— Tudo bem, então vamos por partes. Em brigas, ela usa algum termo pejorativo por ser soropositivo?

— Não, ela evita falar sobre o assunto.

— Mas de alguma maneira ela tenta culpá-lo pela infecção? — Eu não respondo. — Felipe, você tem que se lembrar que vocês estão em uma relação sexual consensual, mesmo que para você o peso da infecção seja mais do que para ela, a partir do momento que ela soube e quis continuar, ser soropositivo não deve nem mesmo entrar em questão.

— Eu sei que não. Não estou chateado por isso — ela não acredita em mim.

— Só mais uma coisa. Nunca pense que não haverá outra pessoa que o aceitará por sua condição. E jamais se submeta às ofensas e ataques, ou aceite que Ísis o diminua ou o reduza por sua sorologia. Você é maravilhoso e dói ver que ela não enxerga isso.

— Mari, você está colocando coisas na cabeça. É...

— Espero que sim. Felipe, em todo relacionamento existem condições distintas, mas nunca pode haver hierarquia na relação.

— Mari, eu entendo e concordo com você, mas não quero falar sobre isso. Não agora.

— Tudo bem, sei que está recente, mas já conheceu a família dela? — Sua pergunta me surpreende.

— Também não sei se ela quer chegar a isso.

— Como assim? Eu não acredito que essa garota está fazendo você se sentir inferior — altera o tom. — Você tem andado cabisbaixo, sinceramente, precisa do que mais para colocar um fim?

— Não sei se é ela ou se sou eu — ela se levanta e sai, mas de repente

para e volta para a cozinha.

— Eu sei quem são seus pais, quer ver?

Sua pergunta não me surpreende. Mari vai para o seu quarto e eu vou atrás.

— Qual o nome dela completo — diz de maneira autoritária.

— O que isso tem a ver?

— Ísis de?

— Ísis Fernandes.

— Não, o último nome é estrangeiro.

— Como sabe?

— Meu sogro já organizou um cruzeiro para a Itália e conheceu os pais dela lá. Estavam em viagem. Ao conversarem, eles disseram que a filha estudava aqui, na Federal, e ele mencionou que Léo dava aulas na faculdade, então eles passaram a se falar todos os dias. Ele se lembrou porque achou engraçado o fato de o pai se referir a Ísis como “a princesinha”. Quando o pai do Léo nos contou, no mesmo momento eu me lembrei da Ísis, já que ela vai quase todos os fins de semana para a casa de avião. E hoje eu tive a certeza disso, pois pesquisei na internet. O nome do pai dela é Charles Brückner.

— E daí? É só um nome. O meu é Felipe Lopes Santos — eu brinco, mas pela cara da Mari, sei que virá bomba.

Ela me ignora e digita o nome no *Google* em seu notebook. Advocacias Medeiros Brückner é o primeiro da lista a surgir na pesquisa. O próximo é um evento beneficente promovido pela associação de advogados. Mari clica nesse, segue a matéria e minha pouca esperança começa a cometer suicídio. O pai de Ísis é alemão e pertence a uma família de classe alta tradicional. Mari continua lendo a reportagem e logo começa a clicar nas fotos de vários casais. Apesar da tristeza inicial, a foto de Ísis abraçada com o cara que eu vi no apartamento só deixa claro para mim que ela não me pertence.

— Uau, que vestido — Mari fica boquiaberta ao ampliar a foto.

Ísis está linda usando um vestido longo sereia perolado, com um exuberante decote nos seios. Sinto a droga do ciúme crescer ao ver como o cara está a abraçando de forma possessiva e ambos estão sorrindo. — Quem é esse? — Mari finge entusiasmo ao ver o cara.

— Ex-namorado dela — sussurro.

— Marcos Medeiros e Ísis Brückner — ela lê em voz alta a legenda da foto. — Namorados e herdeiros das advocacias Medeiros Brückner. Você

sabe por que eles terminaram? — Ela pergunta. — Na verdade, o que leva uma louca a terminar com um cara desses? — Eu reviro os olhos ao ouvi-la.

— Pode perguntar para ela a próxima vez que a ver — eu respondo sentindo a decepção crescer em mim.

Agora tenho certeza que deveria ter corrido da Ísis. Ouvir os elogios da minha irmã, realmente faz o cara parecer o máximo.

— Ah qual é? Você é lindinho também — ela brinca ao notar o meu desânimo.

Sei que Mari quer apenas me irritar. Ele não é o tipo dela. Ao vê-los juntos, eu me sinto mal. Mari continua vendo as fotos, para em um casal e não precisa me dizer quem é. Os pais de Ísis. A mãe é negra, tão linda quanto a Ísis, poderia até se passar por irmã. E seu pai, apesar de ter a pele translúcida, tem as mesmas feições da filha. Ele parece um cara durão, alto e forte. Ísis saiu uma perfeita mistura de ambos.

Mari continua olhando as fotos, e cada vez mais sinto a minha autoestima afundar. Por que ela quis se envolver se somos de mundos tão diferentes?

Sabe quando você se sente um Zé Ninguém? É assim que eu me sinto. O brinquedinho da garota rica.

Sei lá por qual motivo Mari copia o nome do cara e joga no *Google*. Provavelmente ela acha que eu preciso de mais. Novamente aparece a página da empresa de advocacia, mas também sua conta no *Facebook* e *Instagram*. Ela abre o *Facebook* e a foto de capa dele é com a Ísis, apesar de não ser atualizado há um bom tempo, dá a impressão de que ainda estão juntos.

— Vou mandar uma solicitação de amizade. Vai que eu precise de um *advogado* desses? — Ela brinca e eu não vejo graça. — Lipe, estou brincando. Ele tem dinheiro, mas não é tão lindo como você.

— Vou fingir que acredito — eu falo de maneira indiferente.

Cansado, eu me deito em sua cama e encaro o teto.

— Antes de mostrar isso, eu queria ter ouvido de você “eu não a amo, é só sexo”. Mas, uma vez que eu não escutei essas palavras, senti que precisava mostrar tudo a você. Eu não quero vê-lo sofrer mais, Felipe. Vocês são muito diferentes e...

— Eu tenho HIV, certo? — Eu completo a frase.

— Eu não ia dizer isso. Você, melhor do que ninguém, sabe que eu nunca o menosprezei e odeio quem faz isso — ela respira fundo.

— Mari, eu entrei de cabeça nisso. Ísis pegou pesado comigo, eu... eu

acho que a amo, e agora estou me sentindo um idiota. Por que ela fez isso? Por que me fez amá-la? Isso está machucando tanto — meus olhos se enchem de lágrimas.

— Lipe, não fique assim. Eu detesto essa garota, depois que ela entrou na sua vida, você perdeu todo o ânimo — eu não digo nada. — Eu sinto muito se causei mais dor ao mostrar tudo isso, mas você precisava saber onde está se metendo. É um mundo oposto ao nosso. Se acha que não tem chance, por que continuar em uma batalha que sabe que irá perder?

Eu fico alguns segundos sentindo essa confusão dentro de mim, depois respiro fundo, buscando a força que eu sei que não tenho.

— Você tem razão. Eu vou dormir, obrigado por me mostrar.

Mari não insiste, então eu saio do seu quarto e volto para o meu, pegando o telefone e observando foto de Ísis.

Garota, você bagunçou a minha vida, e agora, o que eu faço com o caos que você deixou? Como faço para trazer a estabilidade que você tirou? Como eu faço para aprender a te esquecer? Você não precisou se esforçar muito, não é? Eu tentei colocar um fim nisso, Ísis, tentei não me apegar, mas tudo é patético, porque mesmo não querendo, cada pensamento está direcionado a você. E agora, como pode dizer que me ama se nem mesmo sabe o que é o amor? E aonde esse amor irá nos levar? Acho que nem mesmo você se atreve a apostar, porque tudo o que eu enxergo é algo impossível. Acho que eu fui tão cego, que não quis ver as evidências. Eu me sinto idiota por amar algo que não pode ser meu. Eu não posso mais deixar meu coração controlar a minha cabeça, porque essa droga não vai ter fim. Você vai continuar me atormentando sempre. Tudo porque eu a deixei entrar, e não sei como faço para tirá-la de mim.

Eu coloco o telefone de lado e queria ter a chance de me render ao sono, ao cansaço, mas só consigo me render a essa agonia e medo.

Fecho os olhos e me esquivo de cada pensamento, e em meio a essa loucura, eu acabo adormecendo. Quando o alarme do telefone toca, eu sinto o peso de uma noite mal dormida. A dor de cabeça volta a me assombrar, só que desta vez não sei se é culpa dos medicamentos, e antes de me levantar, a porta do quarto se abre.

— Amor, eu já preparei o seu café — não consigo responder, somente sinto os meus pés tocarem o chão frio, então vou direto ao banheiro e vomito tanto que o meu estômago chega a doer.

— Felipe, você está bem? — Minha mãe se aproxima e toca as minhas

costas.

— Estou, mãe. Está tudo bem, não se preocupe — volto a vomitar.

Ela sai e volta com um copo de água e remédio para o enjoo. Então eu peço um para dor de cabeça e vejo o seu olhar de preocupação.

— Quando é a próxima consulta?

— Sexta-feira que vem. Eu vou falar com o doutor Glender, não se preocupe.

— Talvez tenha que trocar os medicamentos.

— Tomara que não, mãe, o anterior me deu muita diarreia. Deus me livre pegar outro assim. Eu prefiro continuar com a dor de cabeça — ela me olha com pesar.

— Amor, eu... — ela respira fundo e eu já sei o que vai falar. — Você sabe que o emocional influencia o nosso corpo, não sabe?

— Mãe, por favor. Eu tive uma noite péssima depois que a Mari me mostrou a família da Ísis.

— Mas não é porque eles são de uma classe social elevada que isso o torna inferior. Está se sentindo mal por isso?

— Não, só acho que estou amando a mulher de outro cara. Eu vejo isso, ele provavelmente vê, só a Ísis que não se tocou ainda. E quando se tocar, já era pra mim.

— Felipe, eu não sei como posso aliviar isso para você.

— Não tem como, mãe. Estou sem rumo.

— Quer que eu diga para a Mari que não está passando bem?

— Não, eu vou trabalhar. Se ficar nesse quarto, vou enlouquecer. Eu preciso parar de pensar nela, porque a saudade já está começando a me incomodar.

Eu olho em seus olhos e sei que a minha mãe está magoada por me ver assim. A escolha foi minha. Eu deveria ter corrido enquanto ainda tinha tempo, mas não fiz isso e não sei como aliviar o que sinto agora.

Após o café, eu me preparo e desço para o trabalho. Hoje, a Mari irá dar vacinas em domicílio, então será só isso, dirigir por aí. Meu sábado inicia e já consigo perceber que será lento. O amor faz isso, ao lado da pessoa, você vive o paraíso, longe, o inferno. Mas com a Ísis eu vivo os dois ao mesmo tempo. Enquanto Mari faz as visitas agendadas, quando não estou ajudando, tento me distrair, mas no fundo eu conto as horas para ela voltar e começo a questionar como vou conseguir seguir quando ela decidir não voltar mais. Se a minha ausência doesse nela como dói em mim, Ísis estaria aqui, mas não

está.

As horas passam e às duas da tarde Mari fecha o *pet shop*, não sei se isso me anima ou deprime. Penso em ir ao cinema, qualquer distração que me faça esquecê-la por minutos ou horas, mas estou desanimado, porém, ao falar com a minha mãe, ela me encoraja a ir. Vejo que Ísis não mandou nenhuma mensagem, talvez ela não tenha coragem de dizer que eu não sou o cara que ela procura, que não tem como continuar. Sei que isso irá doer, mas é preciso.

Ou talvez Ísis tenha tido o dia cheio de coisas que ama fazer e não esteja pensando em mim.

Para tentar me distrair um pouco, eu ajudo a Mari e a minha mãe com a faxina da casa. Quando acabamos, aproveito e lavo o meu carro, por fim, a noite chega e vejo que a minha estratégia funcionou bem.

Depois de tomar um banho e apesar de estar um pouco frio, acabo vestindo uma blusa de meia estação preta, jeans e tênis, decidido a dar uma volta no shopping.

— Vai com Deus — minha mãe se despede de mim assim que digo que vou sair.

— Volto logo, mãe.

— Não se preocupe. Divirta-se.

Sorrio ao ouvi-la, então sigo para o shopping procurando uma distração barata. Vou caminhando, já que a noite está linda, uma contradição com o meu humor, que fica sombrio ao ver que Ísis não me mandou nenhuma mensagem.

Chego e vou direto para o cinema, onde vejo que nenhum filme em cartaz me atrai. Juro que até penso em jogar uma moeda para cima para decidir que filme ver.

— Felipe — escuto alguém me chamando, e reconheço a voz imediatamente. Ao me virar, eu me deparo com a Flávia junto com outra garota. — Nem acredito que o encontrei aqui — ela diz, empolgada. — Essa é a Karina — fala e logo associa a garota do grupo Positivos pela Vida. A Karina tem cabelo castanho cacheado, usa óculos e parece ser muito simpática.

— Oi, eu sou o Felipe do grupo. Prazer — estendo a mão para cumprimentá-la.

— Prazer. Queria dizer que eu o admiro muito — ela diz timidamente ao me cumprimentar.

— Não me deixe sem graça. Não tem nada para admirar aqui — eu

brinco.

— Jura? — Flávia diz e ambas riem.

Flávia se aproxima e me cumprimenta com um abraço. Ela está bem diferente com o cabelo solto, maquiada e com um vestido que, acredito eu, um movimento mais brusco pode deixar seus seios à mostra.

— E então, que filme você vai ver? — Ela pergunta, empolgada.

— Sinceramente, não me interessei por nenhum.

— O que acha de comermos alguma coisa e bater um papo? — Sugere.

Eu nem penso muito. Estou me sentindo um lixo e me perguntando por que sai de casa. Quando estou prestes a dispensar, Flávia novamente interpõe.

— Karina é sua fã. Dê a ela um minuto com o seu ídolo, por favor — ela brinca.

— Flávia, para com isso. Você já conseguiu nos deixar constrangidos. Certo, Karina? Podemos comer um hambúrguer ou uma porção, o que sugerem?

— Qual é, Felipe? É tudo verdade. Mas se quiserem comer uma porção, ficamos por aqui mesmo, mas se preferem o hambúrguer, conheço o melhor da região. E fica aqui pertinho, em um trailer.

— Eu prefiro hambúrguer — Karina opina.

— Tudo bem. Mas é perto mesmo? Estou sem carro.

— É sim, mas estou de carro e depois eu o deixo em casa — antes de confirmar, eu verifico as horas. Sete e quarenta da noite.

Assim que coloco o telefone novamente no bolso, eu o sinto vibrar, então pego imediatamente e leio uma mensagem da Ísis dizendo que chegará amanhã às cinco da manhã. Sério isso? Domingo é o único dia que eu posso acordar tarde, e terei que me levantar antes das cinco para ir buscá-la? Envio um Ok de volta, uma vez que tenho certeza que ela já comprou a passagem.

Flávia dirige até um pequeno trailer não muito longe do shopping. Ele parece acolhedor com um espaço a céu aberto onde ficam as mesas, e está bem cheio. Acabamos tendo que nos sentar mais ao fundo, afinal, quase todas as mesas estão ocupadas. Pouco tempo depois de nos acomodarmos, um atendente vem até nós.

— O melhor lanche daqui é X-Tudo com maionese caseira — Flávia diz, animada.

— Então vou aceitar a sua sugestão — eu falo e Karina, que estava olhando o cardápio, acaba fazendo o mesmo pedido.

— E para acompanhar, eu quero uma cerveja. Karina, você irá dirigir

— ela pisca para a amiga. — Felipe, você me acompanha?

— Acompanho com um suco, pode ser?

— Sério? Você não bebe?

— Não.

— Eu não bebo com frequência, mas hoje me deu vontade — ela diz meio sem graça. — Você se incomoda com isso? Eu posso tomar um suco ou algo assim.

— Por que eu iria me incomodar, Flávia? Se você quer beber, fique à vontade — eu me viro para o atendente. — Um suco de laranja, por favor — ele anota os nossos pedidos e segue para o balcão.

— Não bebe por causa da medicação? — Karina pergunta discretamente. Talvez ela tenha dúvidas sobre o que pode ou que não fazer, e apesar da minha falta de ânimo, acho que posso ajudá-la com isso.

— Ingerir bebida alcoólica enquanto se está tomando medicamentos nunca é uma boa ideia, Karina. O álcool interfere nos efeitos dos medicamentos em geral, então de forma alguma é aconselhável alguém que faz uso de antirretrovirais se alcoolizar. E para ser sincero, eu já provei cerveja e não gostei, mas isso é com você, entende? Estou apenas dizendo o que me foi passado, conheço outras pessoas que são soropositivos e bebem, então acho que, com consentimento médico, a escolha é sua.

— Mas, e os medicamentos? O álcool pode cortar o efeito, é isso?

— Alguns cortam, outros amplificam. Alguma alteração terá, mas a única pessoa que poderá responder com precisão é o seu médico. Eu não acho que seja algo que me faça falta, no entanto, se você tem o costume e quer realmente se inteirar do assunto, pergunte ao seu médico. Talvez as nossas opiniões possam se divergir em alguns aspectos — o olhar dela é de tanta admiração que começa a me constranger.

— Você fala com tanta propriedade — ela sorri.

— Eu disse que ele é o *cara* — Flávia sorri e toca a minha mão.

— Que exagero, Flávia. E não falo com propriedade, quer dizer, nunca tive essa impressão. Na verdade, eu desisto fácil quando me deparo com uma opinião oposta.

— Como aquela vez com a Ísis, né? — Flávia pondera e sorri com malícia.

O simples fato de escutar o seu nome, faz com que Ísis volte aos meus pensamentos, e isso me faz lembrar das nossas últimas discussões.

— Eu sou um cara muito tranquilo e entendo que o respeito deve vir

antes de qualquer coisa, até gosto de debates, mas se eu notar que não vou tirar proveito algum, prefiro desistir — sorrio e Flávia me olha de uma maneira intensa. Consigo perceber que tem algo diferente nela, só não sei exatamente o que é.

— Você é o máximo. Sério, não sei como pode estar com... — ela sorri e não completa a frase.

— Sinceramente, acho melhor você não beber, Flávia.

As duas gargalham ao me escutar.

— Pode ficar tranquilo, que você não será assediado aqui — ela brinca. — A não ser que queira — provoca.

— O quê? — Eu digo e ela muda de assunto.

— A Ka é meio insegura em muitas coisas. Mesmo que digam que pode, ela fica com medo de no final não poder, entende? Então vai ser bom para ela tirar algumas dúvidas com você — as bebidas chegam junto com os hambúrgueres.

— Karina, eu não sou perito no assunto, e entendo perfeitamente que é algo delicado e nem todos estão abertos a falar, mas eu a ajudo no que puder.

— Mas a Flávia disse que você...

— A Flávia nem bebeu e já está alterada, porque, até então, ela era bem tímida — eu brinco e ela morde os lábios ao me encarar. — Mas se quiser perguntar e eu souber a resposta, irei responder com o maior prazer, no entanto, a melhor pessoa para tirar as suas dúvidas é o seu médico. É de extrema importância estabelecer uma relação saudável com ele.

— Eu sei, mas tenho vergonha. As pessoas julgam muito.

— Entendo, mas você tem que expor e buscar as respostas para as suas dúvidas. Viver no casulo a impede de voar, e se você se privar tanto, nunca vai entender que podemos viver nossa vida normalmente, como qualquer pessoa. A única coisa que não devemos deixar de fazer é seguir o tratamento, fora isso, eu levo a minha vida o mais normal possível.

— Falando assim, faz parecer que a vida de quem tem HIV é fácil — ela suspira.

— Karina, a vida não é fácil para ninguém, independentemente de ter ou não HIV. Nós só não devemos nos tornar vítimas do vírus. Infelizmente é uma realidade que eu não posso mudar, não estou dizendo que não mudaria se não tivesse a chance, isso qualquer soropositivo faria, mas ser não nos torna reclusos ou anormais. Temos que encarar os obstáculos que irão aparecer à nossa frente.

— Não que eu queira ser uma vítima, mas você conseguiu driblar isso de uma maneira surpreendente.

— Você está enganada. É uma luta diária e não é fácil, mas também não é impossível. Tudo é questão de perspectiva. Eu deixei de acreditar no que as pessoas diziam sobre mim, e passei a viver o que eu realmente sou. Karina, a maioria das pessoas que fala de você com o intuito de diminuí-la, não faz a mínima ideia de quem você seja. E viver em prol do que elas falam a impede realmente viver.

— Eu sempre falo de você para ela, Felipe. Até disse que você está saindo com uma garota que não é soropositivo — Flávia diz, mas eu nunca disse a ela se Ísis é ou não.

— E essa garota sabe que você tem HIV?

— Sabe. Todo relacionamento tem que ser baseado em confiança e sinceridade, e o nosso não é diferente.

— Como ela descobriu? — A última coisa que eu queria era passar a noite falando da Ísis.

— Eu disse antes de nos envolvermos sexualmente — percebo que Flávia fica desconfortável com isso e toma um grande gole da sua cerveja, enquanto olha para o nada.

— E como ela reagiu? — Flávia pergunta. — Ísis não parece ser uma pessoa muito compreensiva.

— Ela reagiu como qualquer pessoa que não tem conhecimento do assunto. Mas depois compreendeu que podemos ter uma vida sexual como qualquer outro casal, com proteção acima de tudo.

— Eu queria tanto que comigo fosse assim. Acho que para mulheres é bem mais complicado.

— Karina, complicado não é sinônimo de impossível. A questão é que se a pessoa a ama pelo que você é, ser soropositivo não será empecilho.

— A verdade é que eu gosto de um cara, e gosto muito, mas tenho certeza que ele não vai entender quando eu disser que tenho HIV. Nós, mulheres, somos mais compreensíveis, mas para os homens é difícil. Muitos homens são machistas demais.

— Eu sou homem e entendo o que você está dizendo. Mas, novamente, é aquela velha questão. Se ele não aceitá-la como você é, significa que ele não gosta de você. Mas você não pode viver supondo as coisas, deve ser honesta com ele. A verdade é sempre a melhor opção.

— Ai, amiga, essa história de amor é muito complicada. Às vezes você

gosta do cara e ele finge não perceber — Flávia diz enquanto olha para mim, fazendo com que eu desvie o olhar.

— É complicado mesmo. E o hambúrguer daqui é muito bom. Obrigado pela indicação — eu mudo de assunto antes de dar uma boa mordida no meu lanche.

— E você faz algum tratamento com psicólogo? — Karina pergunta.

— Claro, ajuda muito. Caso queira, depois eu passo para você o contato da minha psicóloga. Ela é ótima.

— Obrigada.

Finalmente termino o meu hambúrguer, e espero que elas façam o mesmo, então pergunto se querem mais, porém, uma vez que ambas recusam, eu peço a conta. Apesar da Flávia protestar, eu pago a conta e acabamos combinando que, da próxima vez, elas pagam.

Eu falo o endereço para Karina, que está dirigindo o carro da Flávia. Quando chegamos, a Flávia desce e eu nem sei o que dizer.

— Obrigado pela noite — eu falo, tentando finalizar o assunto antes que ele comece.

— Felipe eu — ela desvia o olhar. — Só queria agradecer pela Karina.

— Não tem o que agradecer. Pode ficar tranquila.

— Posso te dar um abraço? — Sua pergunta me deixa sem graça.

— Claro — ela me dá um abraço um pouco demorado, e eu fico sem jeito.

— Boa noite — Flávia se afasta. — Sabe, tenho que confessar que tenho inveja da Ísis — ela sorri, sem graça.

— Não precisa ter. Você é uma mulher incrível.

— Mas ela tem uma coisa que eu queria muito — ela diz olhando nos meus olhos, e isso me faz desviar o olhar.

— Flávia, se em algum momento eu fiz algo para confundir as coisas, eu peço desculpas. A Ísis não é fácil, mas estou com ela e não sou esse tipo de cara. Desculpe-me se...

— Eu sei que não, mas quem sabe um dia?

— Agora eu preciso entrar. Já são dez horas e eu tenho que tomar o meu medicamento. Boa noite.

— Desculpe-me, eu só acho que ela não te merece.

— Eu não sou um prêmio, Flávia. Hoje, nós estamos juntos, tentando nos acertar, mas não sei o que pode acontecer amanhã. Eu tenho alguém e respeito muito isso. Somos amigos e não vou levar em consideração as coisas

que você está dizendo. Você bebeu um pouco mais do que deveria, creio eu — dou um sorriso forçado.

— Obrigada e boa noite.

— Boa noite.

Eu entro e escuto o barulho do carro se distanciando, então subo a escada às pressas. Eu sigo para o meu quarto para tomar o medicamento, depois vou para o quarto da minha mãe e me deito ao seu lado. Apesar de a televisão estar ligada, ela está vendo fotos antigas, e pela milésima vez, eu escuto as mesmas histórias de quando meu pai era vivo.

— Ele se preocupava muito com você, Felipe. Antes de viajar, ele sempre dizia “Eliane, fique atenta ao Felipe”.

— Sinal de que eu era muito bagunceiro — eu brinco. — Se pudesse voltar no tempo, sabendo por tudo que iria passar, teria desistido de se casar, mãe?

— Nunca. Pelo menos eu tive o seu pai por um tempo, e vocês foram a minha força para seguir em frente. Meus melhores presentes — ela me beija e sorri.

Meu telefone toca com a chegada de uma mensagem da Ísis. Eu me levanto e sigo para o meu quarto após desejar uma boa noite para a minha mãe. Olho para a mensagem e sorriso feito idiota. Então é isso, uma mensagem com um eu te amo para me devolver a esperança.

Amanhã, às cinco, não se esqueça.

Sonhe comigo. Eu te amo.

Rapidamente eu mando uma resposta.

Ok, até amanhã, bonequinha.

Minha mãe aparece no meu quarto, sorrindo ao me ver olhando para a foto da Ísis.

— Ísis?

— Sim. Ela chega às cinco da manhã.

Minha mãe se espanta com o horário e diz: — Então vou deixá-lo dormir.

Ela me beija e sai do quarto. Estou ansioso, novamente Ísis me desestabiliza, me tira o foco e preenche cada pensamento. Estou ficando louco.

Quando, finalmente, consigo dormir, já está quase na hora de ir buscar a Ísis.

O telefone desperta e antes das cinco da manhã, estou no aeroporto. Os minutos passam e cada um deles faz aumentar a minha ansiedade. Sinto como se não a visse há mais de um ano, e quando o seu voo finalmente é anunciado, eu me aproximo do desembarque, sentindo cada batida do meu coração. As pessoas começam a sair enquanto estou à procura de Ísis, mas quando eu a vejo, nada mais importa. Assim que ela me vê, corre em minha direção e me abraça. Eu olho em seus olhos e a beijo com tanto desejo, que quando percebo que estamos chamando muita atenção, eu me afasto um pouco.

— Pensou em tudo o que eu disse? — Pergunto, segurando a vontade louca de beijá-la.

— Não precisei. A resposta sempre esteve aqui, eu quero você.

Ela me beija e seguimos entre beijos até o meu carro. Ísis entra no carro e depois de colocar as suas coisas no porta-malas, eu entro também e sou atacado por ela, que volta a me beijar.

— Podemos ir para a minha casa? — Eu pergunto e ela sorri com malícia.

— Primeiro você tem que dizer se me ama — eu a puxo para o meu colo, e fecho os olhos, tentando ser racional.

— Ísis, eu acho que talvez não seja o momento...

Ela segura o meu rosto entre suas mãos.

— Felipe, eu preciso disso, preciso ter certeza. Só vou com você se tiver certeza que vale a pena — eu olho em seus olhos, sei bem que Ísis é chantageira e sabe como me manipular. — Eu não quero lutar, se não tiver certeza que você me ama.

— Mas, e quando seus pais souberem sobre o HIV?

— É justamente por isso que quero que você me diga o que sente. Eu preciso disso — sussurra.

— E depois que ouvir o que acontece? — Eu pergunto, ofegante, louco para voltar a beijá-la.

— Nós fazemos amor — ordinária. Ouvi-la quase me enlouquece, então volto a beijá-la e já era qualquer racionalidade. Após corresponder, ela se afasta, ainda mantendo as mãos em meu rosto, mas eu sei o que ela espera ouvir.

— Ísis, eu...

— Apenas diga... — sussurra olhando em meus olhos.
— Eu amo você e quero continuar amando por toda a minha vida — eu sussurro e sou presenteado com um lindo sorriso.
— Você jura?
— Juro — ela volta a me beijar.
— E nós teremos a vida toda. Apenas nós, eu prometo — ela me beija e eu gostaria de poder acreditar em suas promessas, mas não acredito...

Capítulo 22

Felipe fica me encarando por um tempo, e não sei se as minhas palavras provocam o mesmo efeito que as dele em mim, então volto a beijá-lo.

— É melhor irmos — Felipe se afasta e diz, em seguida se endireita no banco e espera que eu volte ao meu lugar, então partimos para a sua casa.

Felipe está diferente, apesar de quase obrigá-lo a dizer que me ama, sei que ele não mentiria sobre isso. E mesmo sabendo o quanto ele está se esforçando para manter o controle, e por mais que eu tente me controlar também, não consigo deixar as minhas mãos longe dele. Eu não sei como uma mulher se sente quando encontra seu amado assim que ele volta são e salvo da guerra, mas imagino que eu esteja nesse mesmo nível de felicidade por estarmos bem novamente.

Como dizem, depois da tempestade, o sol brilha novamente, e isso aconteceu da melhor maneira possível. Nós nos amamos, e eu quero acreditar que esse amor basta. É engraçado como uma frase tão pequena produz um enorme feito, a ponto de transformar lágrimas em sorrisos. Indo além, de repente eu me sinto como uma boba, desesperada para que ele saiba como eu o amo, como o quero, e como estar ao seu lado me deixa vulnerável a esse sentimento. Era apenas um capricho, algo que não passaria de sexo, e agora nós estamos aqui, sentindo nossos corações arderem. Chego ao ponto de estar ao seu lado e sentir que ainda não estou perto o suficiente.

— Qual o motivo desse sorriso? — Felipe desvia o olhar da estrada e me olha descontraído.

— Porque você me ama como eu te amo — sorrio.

Felipe desvia o olhar e isso me faz pensar que talvez ele não se sinta confortável em falar sobre os seus sentimentos, mas não quero deixar que os seus medos ocupem algum espaço em sua mente, então instintivamente passo a minha mão em sua perna, bem próximo ao seu sexo.

— Ísis, por favor, sei que você está feliz, mas não tire a minha atenção da estrada — ele tenta afastar a minha mão, mas eu aperto mais a sua coxa.

— Que péssimo motorista você é — eu provoco. — Com um simples toque, você já é capaz de perder a atenção da estrada? — Sorrio. — Eu sou uma boa menina. Relaxa! — Pisco de forma maliciosa.

— O único foco que consigo manter estando ao seu lado é em você. Estou tentando prestar atenção, mas é quase impossível. Pode me ajudar nisso? — Eu sorrio e ele sabe bem qual ajuda terá. Felipe morde os lábios, em seguida passa a mão na parte interna da minha coxa, próximo ao meu sexo, e isso me faz ofegar em expectativa.

— Ainda estamos tão longe da sua casa — eu digo de maneira provocante, enquanto tiro o casaco, revelando a minha blusa decotada.

— O que pretendia ao usar uma blusa como essa? — Eu sorrio ao notar o seu evidente ciúme.

— Foi especialmente para você.

Felipe me encara por segundos e não sei por que ele mantém essa muralha, voltando a sua atenção à estrada que está praticamente deserta.

— Você é linda, Ísis, mas é difícil não chamar a atenção de outros homens vestida assim. Isso aumenta, e muito, a minha concorrência.

— Felipe, você tem que entender que muitos podem olhar, mas eu não me importo nem um pouco com eles. Eu só me importo com você — eu pego a sua mão e a levo aos meus lábios, dando um beijo nela. — Antes, quando eu me arrumava, era para chamar a atenção de todos ao meu redor, mas desde que eu o vi pela primeira vez, passei a me arrumar apenas com o intuito de chamar a sua atenção. E admito que foi difícil, mas valeu todo o esforço — eu sorrio, percebendo que o Felipe, aos poucos, se dirige para o acostamento, onde para e desliga o carro.

— Por que paramos aqui?

— Porque eu não estou conseguindo pensar direito. O seu cheiro toma conta de todo o carro, e você, toda gostosa ao meu lado, dizendo essas coisas. Percebe como me enlouquece? — Felipe empurra seu banco para trás e solta o seu cinto de segurança e o meu. Rapidamente, entendo o que ele quer, então me sento em seu colo, ficando de frente para ele com as coxas ao seu redor.

— Então você realmente me ama? — Sua pergunta me deixa confusa.

— Já disse que sim. Você não acredita? — Pergunto em um sussurro.

— O que sabe sobre o amor, Ísis?

Eu não consigo pensar direito, ele me deixa perdida. Olho o seu rosto, os seus lábios e uma vontade louca de beijá-lo me invade.

— Não sei nada sobre o amor — eu digo.

— E como pode dizer que me ama se não sabe nada sobre isso?

— Não há um manual que nos diz que só depois de sabermos sobre o amor é que podemos amar. Eu o amo. Isso soa ridículo, mas o amor é bem

isso. Essa urgência que eu sinto de estar com você, esse desespero que me torna impotente quando estou longe, e acima de tudo, essa chama que me queima toda a vez que penso em desistir.

— E você pensou nisso? Que talvez o amor possa estar conduzindo-a ao inferno e não ao paraíso?

— Felipe, você quer me fazer desistir, é isso? — Eu questiono, frustrada.

— E se isso machucar? E se isso for levá-la para outra realidade? E principalmente, se isso a colocar contra os seus pais? Ísis, já se perguntou se me ter ao seu lado será o suficiente para embarcarmos juntos? — Sua voz soa depressiva.

— Você não entendeu ainda? Eu escolhi você no momento em que disse que o amava, quando confessei abertamente, escolhi você e nada vai me fazer voltar atrás.

Olho em seus olhos e Felipe segura o meu rosto em suas mãos, me beijando de forma eloquente. Meu corpo no mesmo instante sente a necessidade de tê-lo com urgência, da mesma forma quando nos beijamos no aeroporto. Felipe puxa a alça da minha blusa deixando exposto o meu sutiã meia-taça.

Sinto como se o meu corpo precisasse ser dele. Cada célula sente isso. Depois de abaixar a minha blusa, ele me olha e solta um gemido baixo. Minha pele queima só de ter o seu olhar sobre o meu corpo. Felipe começa a distribuir beijos pelo meu ombro ao mesmo tempo em que inspira o meu perfume como se eu fosse uma rosa. Sua respiração em minha pele me provoca arrepios.

— Tire a blusa — eu o afasto um pouco para tentar puxar a sua blusa, mas ele segura as minhas mãos.

— Não temos tempo, bonequinha, mas eu quero você. Agora — no mesmo instante, Felipe abre o fecho do meu sutiã, e assim que meus seios ficam expostos, ele abocanha um deles enquanto massageia o outro, me levando à loucura, fazendo com que eu gema descontroladamente. Talvez seja apenas na minha cabeça, mas sinto tudo mais intenso.

— Eu quero você... — seguro a sua cabeça mais perto do meu seio para que ele chupe com mais força. Estou cada vez mais molhada, e ao sentir a ereção de Felipe, eu remexo em seu colo, provocando.

— Bonequinha, se continuar me provocando assim, vou gozar antes de abrir a sua calça — ele diz enquanto abre o botão da minha calça e tenta

abaixá-la. Seu desespero me faz sorrir. — Me ajuda, por favor. Não podemos demorar muito, estamos no acostamento.

Eu sorrio, levanto o quadril para que ele puxe a minha calça e, em segundos, nos livramos dela junto com a calcinha. Felipe, ao mesmo tempo em que tenta olhar para o meu corpo completamente nu, abaixa a calça e tenta colocar a camisinha. Eu amo ver o seu desespero para me ter.

— Não me canso de olhar para você, Ísis. Seu corpo parece ter sido desenhado — ele diz enquanto me puxa para o seu colo, fazendo com que os nossos sexos se encontrem de uma única vez. Ao senti-lo completamente dentro de mim, gememos juntos.

Eu começo a subir e descer em seu colo, enquanto ele estoca de volta, fazendo com que o barulho dos nossos corpos se chocando fique cada vez mais alto. Nossos gemidos aumentam e eu sinto que estou cada vez mais perto do orgasmo. Felipe é sempre carinhoso, mas ver o seu lado bruto está me levando à loucura. Começo a sentir que estou cada vez mais perto de gozar, então eu contraio ao redor do seu sexo e ele começa a gemer com a cabeça encostada no banco, permitindo que eu fique no controle dos nossos corpos. Eu subo e desço em seu colo cada vez mais rápido, gemendo alto, então chego ao orgasmo, mas Felipe segura os meus quadris, fazendo com que eu continue o movimento por alguns minutos mais, e isso quase me mata.

— Por favor, bonequinha, continua — ele sussurra.

E após mais alguns movimentos, Felipe finalmente goza.

— Acho melhor ficarmos aqui mesmo — eu me aconchego mais ao seu corpo e logo sinto as minhas pálpebras pesadas. Não tenho dormido direito esses dias por não estar bem com o Felipe, e como eu não via a hora de chegar aqui para encontrá-lo, não consegui dormir antes viajar. Tudo somado com esse orgasmo arrebatador, fez meu corpo chegar ao limite.

— Minha cama nos espera, e eu ainda quero matar a saudade desse corpinho delicioso — ele passa as mãos pelas minhas costas, causando arrepio.

— Só do meu corpo, é? — Consigo dizer em meio ao sono.

— Dele e da minha bonequinha malvada — ele me tira do seu colo e me coloca no banco do passageiro novamente.

— Está aí uma coisa que nunca pensei que faria. Sexo em um Fox — brinco enquanto visto a minha roupa. Felipe tira a camisinha, dá um nó e deixa no chão do carro, abotoando a calça em seguida.

— Também não estava nos meus planos. Não até dez minutos atrás,

mas você é sem juízo e me deixa sem juízo também — sorri. — Estou começando a acreditar que é contagioso — ele diz, brincando, e ambos rimos. Felipe liga o carro e seguimos para a sua casa.

Chegamos e somos recepcionados por sua mãe, que nos oferece café.

— Por que levantou tão cedo, mãe?

— Quis fazer um café — ela me encara. — Como foi a viagem, Ísis?

— Bem, obrigada — eu sussurro, sem graça. Tudo que consigo me lembrar ao olhar para ela, é o seu aviso para me manter longe do seu filho.

Felipe me oferece café, mas eu dispenso, então ele toma uma xícara com um silêncio constrangedor ao nosso redor.

— Vou me deitar novamente, e se precisar de mim, meu amor, é só me chamar. Fique à vontade, Ísis — diz, tentando ser simpática.

— Obrigado, mãe.

— Obrigada.

Ele termina, lava a xícara e vamos para o seu quarto.

— O que os seus pais falaram? — Ele pergunta enquanto segue para o banheiro, voltando em seguida já vestindo o pijama.

— Eles acham que não é amor. Que estou confusa e querem me convencer disso.

— Isso é bom, ao menos concordamos em alguma coisa — ouvir Felipe me dizer isso acaba me magoando, e ele parece notar. — Ei, bonequinha, está tudo bem. Eu não sou um menino, ainda que ache loucura, estou consciente dos meus atos, das minhas escolhas.

— Por que não consegue acreditar em mim?

— Porque talvez seja conveniente para mim pensar desse jeito — ele se deita na cama.

Eu tiro o meu casaco e me deito ao seu lado. Estou com sono, magoada e ainda tenho que falar sobre a viagem.

— Tem planos para o feriado? — Pergunto sentindo um nó no peito.

— Você tem?

— Vou viajar com os meus pais. Uma viagem em família. Mas, no Natal, eu quero te levar para conhecê-los — eu falo e vejo o seu sorriso irônico. Felipe acaricia o meu rosto, beija a minha testa, fazendo o clima de desejo sumir com um vento gélido. — Felipe, você tem que ser mais compreensivo, não vai ser fácil para mim e...

— Bonequinha, eu não disse nada. Nunca é fácil, eu sei bem disso — ele volta a me beijar, mas parece distante, inalcançável. — Vai viajar com os

seus pais, eu entendo, é uma coisa de família. Quando voltar, ficaremos juntos novamente — ouvir as palavras de Felipe faz um nó se formar na minha garganta. Eu olho em seus olhos e sei que deveria dizer que não será apenas a minha família, mas não consigo.

— Eu... — ele volta a me beijar, e sinto que sou uma covarde por não dizer que a família de Marcos também irá.

Nosso domingo passa e cada minuto escondendo a verdade sobre a viagem me consome. Quando Felipe me deixa no meu apartamento, eu pergunto para a Monique como foi com o pai do bebê. Ela conta sobre o acordo ridículo, e fico sem saber como ela pôde aceitar isso. Porém, como o Felipe já me disse, não cabe a mim julgar as pessoas pela minha realidade, e aos poucos estou aprendendo isso.

— Talvez ele só precise de um tempo, ele pode estar assustado. Não é fácil receber uma notícia dessas — eu tento animá-la.

— O problema é que ele já me fez perder muito tempo. Não sei o que fazer com o bebê quando ele nascer, não sei se ele vai cumprir o acordo, mas...

— Não se preocupe com o aluguel, eu converso com o meu pai e...

— Seus pais já sabem sobre o seu namoro. Eles me ligaram e a sua mãe...

— A minha mãe me falou, mas você sabe como é complicado.

— É por que a família dele não tem o mesmo poder aquisitivo? — Ela pergunta.

— Esse é só o princípio do problema — desabafo.

— E qual o verdadeiro problema? — Ela me questiona.

Eu olho em seus olhos, mas não confio em Monique a esse ponto, sem contar que não tenho o direito de falar sobre a vida de Felipe.

— O problema é o Marcos? — Ela insiste.

— Não, quer dizer, é e não é. Todo ano viajamos juntos, com a família dele, e eu aceitei ir com eles em troca de levar o Felipe para passar o Natal em casa.

— Você aceitou viajar com o Marcos? — Percebo o desconforto em sua voz. — Nossa! — Sua expressão muda. — Mas o Felipe aceitou numa boa?

— Para, Monique. Do jeito que você fala, parece que estou indo em um cruzeiro romântico. E não é bem com o Marcos, nossos pais estarão juntos, e...

— Tudo bem, Ísis. Não precisa me explicar nada e boa viagem para vocês — ela diz, impaciente, e sai do quarto, me deixando pensativa.

No decorrer da semana, eu sinto como se estivesse em um sonho. Ele manda mensagens quando não estamos juntos e me liga quando não vem dormir comigo. Eu noto que Flávia fica sem graça quando está perto do Felipe, e esse fato só demonstra que algo mais aconteceu, mas só o que ocupa a minha mente no momento é o meu problema com o Felipe.

Minha mãe me liga e diz que irá entrar em contato com um amigo infectologista. Eu fico perdida até me lembrar da história que inventei sobre a “amiga soropositivo”. Ela explica que eles estudaram juntos, e apesar de não terem contato há um tempo, ela soube que ele atende em algum local próximo à faculdade. Agradeço a sua ajuda e confirmo mais uma vez que irei para essa droga de viagem.

Mais uma semana se vai, o mês termina e a bendita viagem chega. Dormimos segunda e terça-feira juntos, e na quarta-feira o Felipe me leva ao aeroporto. Serão longos dias, uma vez que voltaremos a nos ver apenas na segunda-feira.

— É uma droga você ter que ir — ele diz e eu engulo a vontade de chorar.

— Sabe, eu — respiro fundo. — Não queria ir, foi um acordo. Se aceitasse ir para essa viagem, poderei levá-lo para a minha casa no Natal — ele sorri.

Eu me sinto péssima, no fundo, quero que todos aceitem uma justificativa que é difícil até para mim.

— Bonequinha, eu imaginei que tivesse algo por trás disso, e é uma pena que só poderei conhecer os seus pais através de uma troca de favores. Se tivesse me perguntado, eu nunca teria concordado, mas isso não vem ao caso. Quero apenas que aproveite, que curta esse tempo — ele me beija. — Amo você — sussurra.

Eu desvio o olhar e respiro com pesar, enquanto ele acaricia o meu rosto.

— Eu te amo. Prometo que será a última vez.

— Divirta-se — ele volta a me beijar e me abraça com força. — Vou sentir saudade.

— Também vou.

Meu voo é anunciado, e como o tempo é o nosso inimigo, ele começa a passar lentamente...

Capítulo 23

Embarco ainda me sentindo péssima, e somente no voo eu me lembro que Felipe foi ao médico na sexta-feira. E como sou uma merda de namorada, me esqueci completamente e nem sequer perguntei como foi.

Droga! É decepcionante porque eu quero convencer a mim mesma de que estou dando o meu melhor, que estou tentando por nós, porém sinto que nunca será o suficiente. Fico por um bom tempo pensando em como fazer meus pais aceitarem o nosso namoro. Por mais que eu queira ser forte, queira lutar, a verdade é que mal consigo confrontar os meus pais. Talvez eu não precise falar sobre o HIV, não até sabermos que caminho seguir, ou como revelar essa verdade. Minha mãe conhece um especialista e através dele ela pode desmistificar seus próprios preconceitos quando souber, ou aumentá-los.

Tudo isso é tão patético, não deveria ser um problema. Estou amando pela primeira vez e tudo que isso provoca é culpa e um enorme aperto no peito, porque está claro que Felipe não merece passar por isso. Eu sinto que falho tanto com ele, e mesmo querendo acertar, sei que estou errando a cada passo dado. Toda vez que olho em seus olhos, eu vejo a verdade estampada. Não se luta por uma causa perdida e a aceitação dos meus pais é uma causa perdida, e pelo visto, está claro não só para mim como também para o Felipe.

Tudo está preso na garganta e a pergunta que resta é o que estou fazendo aqui? Por que aceitei ir, se estou perdendo o meu tempo? E o tempo parece que se tornou algo precioso, depois do Felipe, ele passou a ser contado.

Quando finalmente chego ao meu destino, ao desembargar, o único rosto familiar que vejo me esperando é do Marcos. Ele cortou o cabelo, está com uma blusa preta, bermuda e tênis. Marcos sempre teve um apelo sexual, talvez por isso receba tantos olhares. É frustrante, porque só agora me dou conta de que cai em uma armadilha. O combinado seria que o meu pai viesse me buscar, mas quem está aqui é o cara que ele quer como genro. Tento disfarçar a frustração, e assim que Marcos me vê, sorri, e eu tento retribuir. Ele não tem culpa, isso é coisa do meu pai. Espero que essa seja a sua última tentativa.

Eu me aproximo, notando os olhares que Marcos recebe. Ele me olha de cima a baixo, provavelmente para as minhas pernas, já que estou de short, depois abre os braços. Mesmo estando muito sem graça, eu retribuo o abraço, mas me afasto rapidamente.

— Fez uma boa viagem?

— Sim, obrigada por perguntar, mas meu pai... — antes que eu possa concluir a pergunta, Marcos se adianta.

— Já foram — ele pega a minha mala e começa a caminhar.

— Como assim, já foram? — Eu pergunto sem entender.

— Nossos pais viajaram ontem — ele se vira para me encarar. — Você não sabia que eles viajariam ontem? — Ele questiona e parece surpreso, mas mantém o sorrisinho debochado. É o único que ele tem e admito que me acostumei, mas tem algo diferente nele. Eu não sei o que é, ele não parece o mesmo cara que eu estava habituada.

— Não — respondo me sentindo uma idiota.

— Como eu tinha algumas pendências para resolver, e consequentemente poderia ir apenas hoje, eles me pediram para dar uma carona a você. E aqui estou eu, ao seu dispor e caso queira ir comigo, estou indo agora — ele pisca e confere as horas. — Precisa passar em algum lugar antes? Quero ir direto, você sabe, só tem como ir para aquele mato de carro — brinca e logo lança um sorriso safado. Foi lá que ele tirou a minha virgindade e lembrar é constrangedor. — Não vai ter problemas ir comigo, ou vai? — Ele arqueia a sobrancelha.

— Não é isso, eu...

— Não vai me dizer que não tem boas lembranças de lá? — Ele sorri maliciosamente.

— Marcos, jura que vai fazer isso?

Ele se aproxima, toca a ponta do meu nariz como fazia quando eu ficava com raiva e sussurra em meu ouvido.

— É meu lugar favorito — sorri e tenho certeza que muitas derreteriam ao receber esse sorriso. — Fico magoado por não ser o seu — diz com sarcasmo.

— Marcos, tenho certeza que você supera isso fácil — eu o afasto.

— Relaxa, somos amigos, eu entendo. Mas parece que o seu pai precisa entender — ele volta a caminhar e sua resposta me deixa sem graça.

Ao chegarmos ao seu carro, uma *Land Rover*, ele guarda a minha mala no porta-malas, então seguimos viagem em silêncio. Depois de algum tempo,

o meu celular vibra na bolsa avisando a chegada das mensagens de Felipe.

Chegou bem?

Sim. Desculpe-me, eu disse que iria ao médico com você e me esqueci completamente. Sou uma péssima namorada. Como foi a consulta? Era rotina?

Sim, era. Ele pediu exames, que fiz no mesmo dia. Depois do feriado, eu tenho retorno, e se você quiser pode ir comigo.

Vou querer sim, mas você tem que me lembrar.

Vou lembrar. Quando puder, me liga. Estou com saudade.

Meu coração derrete ao ler a mensagem, mas não quero ligar para ele com Marcos ao meu lado. Não imaginei que fosse fácil fazer essa viagem, mas está pior do que eu imaginava.

*Você ficaria chateada se eu levasse a minha mãe para a festa da Flávia?
Eu não quero ficar aqui sozinho.*

Merda! Eu não queria sentir ciúme, mas essa é a vida me mostrando que escolhas têm consequências. É óbvio que eu gostaria de poder dizer para ele não ir, mas como estou seguindo viagem com Marcos, não tenho moral para isso. Apesar de querer Felipe longe dela, não me sinto no direito de dizer não, e assim como eu, ele estará com a sua família.

Se prometer se comportar, pode ir.

Eu odeio ter que escrever isso, mas não tem outro jeito.

Eu só não me comporto quando estou

com você, bonequinha.

*Eu te amo e quando chegar, eu te ligo.
Beijos e pense sempre em mim.*

Eu envio, sentindo uma dor no peito.

*Não existe a possibilidade de não
pensar, beijos.*

— Está amando, Ísis?

Eu olho para Marcos e vejo o seu olhar e sorriso debochados.

— Tem algum problema com isso? — Respondo e ele percebe que não achei graça.

— Seu pai andou perguntando sobre ele e pediu que eu descobrisse mais — ele me encara.

— E você, como um bom fofoqueiro, foi correndo contar. Certo?

O sorriso de Marcos desaparece.

— Na verdade, eu descobri algo que cabe somente a você contar. E para que ele não descobrisse por conta própria, eu o distraí mostrando apenas a parte financeira e ocultei todo o resto. Você deveria ficar agradecida por isso — ele me lança um olhar enigmático, fazendo com que eu engula em seco.

— O que descobriu, Marcos? — Eu pergunto, já sabendo a resposta

— Algo que irá separar vocês — ele me olha de relance, procurando ver o efeito que a sua revelação causa em mim. — Ou você tem a ilusão de que irão aceitar o... como é o nome dele mesmo? Lopes. Felipe Lopes Santos. Sério, o nome dele é bem classe baixa — ele sorri e como eu não retribuo, seu sorriso se desfaz. — Relaxa, foi apenas uma brincadeira. Mas o nome dele ou a falta de um sobrenome decente é a sua última preocupação, não acha?

— Aonde você quer chegar? Deveria ter vergonha, Marcos. Como você pôde investigar a vida de uma pessoa assim? Isso é crime.

— Um crime cometido pelo seu pai. Ísis, se tem algo que sobe à cabeça das pessoas é o dinheiro e nossos pais fizeram fortuna. E uma vez que deram duro e até jogaram sujo várias vezes para chegar onde estão, não querem dividir a fortuna. E adivinha qual é a solução? — Ele não espera que eu responda. — Nos casarmos. E, cara, eles colocaram tanta fé nessa porra de

casamento que tiravam você dos negócios. Você pôde escolher a sua profissão e quando ir para a faculdade, já eu, a única escolha que tive foi qual faculdade queria frequentar. Eles estão tão desesperados para que esse casamento aconteça, que me fizeram estar aqui, agora, fazendo essa cena patética.

— O quê?

— Já está ficando chato essa pressão deles. Eu tentei ser o príncipe que, segundo eles, você merecia. E olha onde essa merda deu?

— Qual o seu problema, Marcos? Eu o conheço bem e sei que pode estar magoado por eu estar com o Felipe, mas você nunca foi grosseiro dessa maneira.

— Juro que não estou chateado por isso. Não mesmo, mas eu tenho que seguir as regras desse jogo onde não somos nós que decidimos. Bem, voltando ao assunto Felipe, vou te contar uma coisa. Um dia, eu fui entregar alguns relatórios para o padrinho, que tinha uma reunião importante e quando eu entrei na sua sala, ele estava atrás de informações sobre o Felipe. Mas como ele não podia adiar a reunião, me deu acesso a tudo e pediu que eu o investigasse — Marcos sorri. — Eu tive acesso a tudo, tudo mesmo. E existe tanta coisa podre ali, Ísis, que até mesmo eu fiquei assustado. Eles não chegaram ao topo por merecimento e para ser sincero, com tanta informação importante, eu não estava nem um pouco interessado em saber da vida desse garoto. Mas ao me aprofundar nas finanças da empresa, eu descobri um fato que me fez ficar interessado no Felipe.

— Qual fato?

— O seu pai tem 10% a mais dos negócios. Foi então que eu entendi porque os meus pais queriam tanto o nosso casamento. Eu não tive escolha a não ser saber quem era a porra do Lopes. Mas para ser sincero, eu não infringi nenhuma lei. O seu namoradinho deu uma palestra, na verdade, eu demorei para reconhecê-lo. Ele deveria ter uns dezesseis anos na época e nessa “palestra”, o cara falava que é possível viver com HIV — eu sinto minha visão escurecer. — Essa palestra está em um documentário amador sobre AIDS. Não tenho certeza se houve consentimento da parte dele, até porque várias pessoas aparecem no vídeo.

— E como chegou a ele?

— Ele participa de muitos grupos no *Facebook* que promovem causas sociais, e muitos deles são voltados para a prevenção e tratamento de HIV. Fiz um pequeno tour na conta dele, e adivinha só? Bingo! A maior parte das

postagens do Felipe é sobre preconceito, um mundo melhor, e todo esse mimimi, deixando óbvio a sua soropositividade.

Eu começo a suar frio, as palavras somem da minha mente e meus olhos enchem de lágrimas.

— Marcos, ele é uma pessoa maravilhosa e...

— Não tenho dúvidas disso. Ele é o típico cara que acredita e age como se pudéssemos tornar o mundo melhor. Mas, infelizmente, eu sou o cara que está pouco se lixando para o mundo melhor que ele quer construir — ele sorri e para o carro no acostamento da rodovia, que está praticamente vazia. Marcos me lança um olhar frio e, pela primeira vez, eu sinto medo. — Ísis, relaxa. Eu descobri isso há um tempo e não contei para ninguém, nós somos amigos, certo? — Ele se aproxima e toca o meu rosto, me obrigando a encará-lo. — E para provar que somos amigos, vou guardar esse segredo se me prometer que posso contar com você quando eu precisar.

— O quê? — Eu pergunto, chocada. — Como assim, precisar?

— Os nossos pais querem que reatemos e...

— Mas eu não amo você e está claro que você não me ama também. Isso é loucura!

— Loucura é você transar com um cara que tem HIV e achar que seus pais irão aceitar. Qual é? Além do cara ser pobre, tem AIDS. Acha mesmo que o seu pai vai aprovar isso? — Ele percebe que fico balançada com as suas palavras.

— A escolha é minha, não dele.

— Você é muito egoísta, Ísis. Eu tenho que aguentar dos meus pais essa merda de ladainha do nosso casamento há anos. Infelizmente, eles planejaram isso e se você for olhar como deram duro para construir o nosso futuro naquela empresa, é justo quererem o casamento.

— Não vou me casar com você!

— Só temos que fazer os nossos pais acreditarem que estamos juntos, o Felipe pode continuar na jogada. A minha vida melhora e a sua também. Não haverá mais cobranças e ninguém saberá sobre o seu namorado, resumindo, ninguém sai perdendo. Será perfeito, não acha?

— Você está louco! Está na cara que não nos amamos, então devemos nos unir para mostrar a eles que erraram ao planejar o nosso casamento — ele me olha, intrigado.

— Caramba. Ele a contaminou, não foi? E quando você descobriu, continuou com ele por isso. Eu pensei muito a respeito e esse é o único

motivo de você estar com um cara que tem Aids, porque ninguém, em sã consciência, iria correr esse risco.

— Você está enganado, Marcos. Felipe e eu nos protegemos — ele gargalha ao me ouvir.

— Ísis, não sei em qual mundo você vive, transar com um cara que tem HIV é a mesma coisa que brincar de roleta russa.

— Que comparação mais idiota! — Sinto o meu corpo todo tremer de raiva pela forma que Marcos está se referindo ao Felipe.

— Idiota? Desculpe-me, Ísis, mas a única idiota aqui é você por fingir que não está correndo risco algum. Pense bem. Se você brinca de roleta russa, pode ter sorte na primeira, segunda e até, talvez, na terceira tentativa, mas chega uma hora que você vai encontrar a bala, porque ela está lá.

— Você é tão patético. Ninguém morre de HIV hoje em dia.

Ele desvia o olhar.

— Vou ser mais claro. Você transa com um cara que tem HIV. Tendo ou não, quando essa verdade vier à tona, todos irão te associar com a doença, e mesmo que você não a tenha, será como se tivesse.

— Isso porque as pessoas estão mal informadas. Marcos, hoje em dia, com prevenção, sorodiscordantes podem se relacionar e também existe um medicamento para tomar caso eu seja exposta ao vírus, assim as chances de contrair o HIV são anuladas.

— E você acredita mesmo nisso?

— Acredito porque é a verdade.

Ele liga o carro.

— É iludida mesmo.

— Não é ilusão, é a verdade.

— Ísis, não vamos continuar discutindo. A única coisa que eu quero é que os nossos pais pensem que reatamos. No fundo, você já sabe que seus pais não irão aceitar o seu namorado, mesmo que o cara seja esse anjo de candura. Outra coisa, eu já deixo claro que podemos até dar uns pegadas de vez em quando, mas não vai rolar sexo, pois do jeito que você está iludida é capaz de já ter se contaminado.

A raiva que estou sentindo de Marcos faz com que lágrimas rolem pelo meu rosto. Eu sempre achei que ele fosse um homem decente, mas vejo que me enganei.

— Estou pouco me importando com o que você quer, Marcos. E não existe nenhuma possibilidade de voltarmos, com ou sem Felipe. Não sei se

você se lembra, mas quando terminamos, eu nem o conhecia, e mesmo assim eu quis colocar um fim no nosso relacionamento.

— Você não terminou, apenas pediu um tempo.

— Eu pedi um tempo para saber o que sentia por você. E acabo de agradecer aos céus por não sentir mais nada. No momento, só nojo, além de preconceituoso, você é chantagista.

— Ísis, apenas estou dizendo o que acho. Nós sabemos que, tanto você quanto eu, sempre seremos pressionados pelos nossos pais. Desculpe-me se estou sendo rude com você, mas alguém tem que abrir os seus olhos, já que você está indo por um caminho sem volta.

— Já disse que pouco me importo com a sua opinião. E ao contrário de você, Felipe foi honesto comigo e disse o que tinha antes mesmo de chegarmos a transar, e me informou bem sobre o assunto — Marcos volta a rir.

— Muito conveniente ele te passar as informações.

— Não foi apenas ele, eu procurei um médico. E se você quer saber, ele foi mais responsável do que você na nossa primeira vez, porque, pelo que me lembro, eu sugeri o uso da camisinha e você não quis. Já com ele, em hipótese alguma, rola algo sem proteção.

— Você é tão ingênua. Só não rola sem camisinha porque ele tem AIDS, caso contrário, ele já teria te comido há muito tempo sem usar.

— Marcos, mude o tom para falar comigo. Você acha que está falando com quem?

— Ah, me desculpa por ofendê-la, senhorita santinha. Mas já parou para pensar o que é ter o nome associado com essa doença? Imagina quando isso vier a público. Está preparada para isso, Ísis? É muito mais que uma doença que pode tirar a sua vida, ela carrega um preconceito enorme da sociedade. Já se imaginou enfrentando tudo isso?

— Eu não tenho HIV — eu grito e lágrimas voltam a descer pelo meu rosto.

— Pode não ter, mas namora um cara que tem. Eu já consigo até imaginar os nossos amigos comentando “coitada, não merecia isso”. Quando eles souberem, vai perder a maioria dos amigos e seus pais também, e por acaso pensou neles? Pensou se merecem passar por isso?

— Você está sendo cruel.

— Estou sendo realista. No fim, você ainda irá me agradecer por isso.

— Mas eu amo o Felipe. Amo muito — eu sussurro e Marcos desvia o

olhar.

— Antes de namorar com você, eu amei alguém. Estava tão iludido como você, mas assim que o meu pai soube, foi uma merda só. Eu aprendi do pior jeito que negócios e amor não combinam, Ísis, e o seu pai é como o meu, capaz de fazer tudo para conseguir o que quer. Eu temo que você tenha que aprender do mesmo jeito que eu.

— Meu pai não seria...

— Você é ingênua demais. Escute o que estou falando e termine com esse cara. Tenho certeza que você ainda vai me agradecer por isso.

— Isso nunca vai acontecer, e se você não foi homem o suficiente para lutar por alguém que amou, não era digno dela. Antes, eu até poderia pensar assim, mas depois de conhecer o amor, de conhecer o Felipe, estou disposta a pagar o preço.

Marcos não diz nada, somente fica encarando a paisagem, me dando tempo para me acalmar.

— Que droga, Ísis. Pare de chorar e não me coloque como o vilão nessa merda toda. Se houvesse outra maneira, eu juro que tentaria, mas não tem. E outra, quando o seu pai souber, ele vai fazer a vida desse cara um inferno. Vai por mim.

— Ele não precisa saber. Você pode continuar controlando as informações, podemos fazer um acordo.

— E o que eu vou ganhar com isso?

— Quando eu assumir a minha parte, eu passo esses 10% para você.

Marcos fica pensativo.

— Estaria disposta a isso por esse cara?

— Se esse é o preço do seu silêncio, sim.

— E como vou ter essa garantia? Não que eu não queira me casar com você, mas amo essa vida de solteiro — ele debocha.

— Você é o advogado aqui, Marcos. Faça um documento, eu assino e você o registra em cartório — Marcos me encara e tenta colocar a mão na minha, mas eu o afasto.

— Tudo bem, temos um acordo. Eu só espero que você o cumpra. Seu pai não saberá de nada, enquanto isso estiver ao meu alcance — eu encaro o seu olhar e vejo a verdade estampada nele.

— Você nunca me amou. Era tudo pelo dinheiro, não era?

— Do jeito que você fala, parece que o pé rapado sou eu e não o seu namoradinho. Com 10% menos ou mais, eu tenho grana, mas não quero ser

subordinado a você, nem a ninguém — ele pisca. — Sabe, não vou dizer que eu não a entendo, porque entendo. O amor nos tira a razão, faz mais efeito que qualquer droga, nos deixa loucos.

— Você me dá nojo, e por favor, não fale mais comigo a não ser que se seja realmente necessário.

— Cansei de jogar pelas suas regras, agora faremos do meu jeito. E sim, iremos continuar conversando, principalmente na frente dos nossos pais, caso contrário, eu conto sobre o seu namoradinho aidético, lá mesmo. Estou falando sério, entendeu? — Ele ameaça.

Pela primeira vez, eu me sinto entre a cruz e a espada, e o que mais me deprime é que Marcos disse verdades que não sei como encarar. E como fantasmas, elas começam a me atormentar. Ele dirige por horas, e acabamos chegando à noite.

Eu observo a casa que tem três andares, uma área de churrasco com deque e piscina, e um enorme lago ao longe. É um verdadeiro paraíso, mas não o meu. Sentindo o cheiro de churrasco, eu decido sair do carro.

Assim que pego a minha mala, eu subo para o quarto que costumo ficar, mas ao ver Marcos entrando, eu me lembro que é o quarto dele.

— Melhora essa cara, Ísis, ninguém merece te ver assim. E lembre-se que temos um acordo, e é só por isso que vou ceder esse quarto para você. Estamos do mesmo lado, nunca se esqueça disso.

— Não vou te agradecer por isso — eu rebato.

— Não quero agradecimento, você só precisa cumprir a sua promessa e seguir sem levantar suspeitas — ele vai ao closet, pega alguns pertences e sai do quarto.

Queria poder gritar tudo o que está entalado, mas nunca vi Marcos assim, então não quero pagar para ver o que ele é capaz de fazer.

Eu vou direto ao banheiro com uma dor de cabeça horrível, então decido tomar um banho para ver se melhora. Não dá para acreditar que vou passar esse tempo longe do Felipe. A saudade me pega de jeito e me sinto péssima por tudo que estou passando, e culpada por terem invadido a intimidade de Felipe somente por ter se envolvido comigo. Assim que saio do banho, eu ligo para ele, mas ele não atende, então eu visto uma roupa qualquer e vou para a área de churrasco.

Mamãe vem ao meu encontro querendo saber como foi a viagem, e assim que digo que foi tudo bem, seguimos para que eu cumprimente os meus padrinhos e papai. Eu me sento mais afastada e logo Marcos se junta a

mim, e eu sou obrigada a suportá-lo ao meu lado. Não tem como as coisas piorarem, ou melhor, só se tiver que encarar a verdade. Mesmo estando um pouco afastada, consigo ver o sorriso de vitória do meu pai aparecer.

— Eu não queria estar na sua pele, Ísis — Marcos diz ao notar os nossos pais cochichando. Ele levanta o copo que está bebendo em cumprimento, e ambos retribuem. E como já era esperado, ninguém se aproxima com o intuito de dar privacidade ao casal.

— Você tem razão, eles nunca irão aceitar. Mas se tratando de amor, cabe somente dois aceitarem. E isso já aconteceu — eu sussurro e Marcos se mantém calado, mas estou ciente que acabei de travar um jogo no qual ele dará as cartas. Só não sei se haverá vencedores.

No decorrer da noite, mesmo tentando puxar assunto com os meus pais, eles não dão brecha para falar do Felipe. Eles acreditam que sabem o que é o melhor para mim e isso me deixa magoada, eu me sinto usada. Sei que o meu desconforto é visível e cada vez que eles ignoram isso, eu sinto o desespero crescer, uma vez que não consigo ver um final feliz para a minha vida. Para eles, a minha vida é ao lado de Marcos, e mesmo sabendo da existência de Felipe, eles ignoram o fato, como se isso fosse me fazer esquecê-lo.

Meu coração não mente, ele sabe que o que sinto por Felipe é real, que nos amamos. Felipe pode não existir para eles, mas existe em mim. E a dor da sua ausência me confirma isso a cada segundo, e mesmo estando entre a minha família, eu me sinto entre estranhos. Todo o acalento que eu costumava encontrar na minha família, não existe mais. Felipe se tornou uma parte minha, e já que eles não o aceitam, eu sinto que não existe mais um lugar para mim.

Talvez eles nunca o aceitem, porque estão cegos e não podem ver que o Felipe é o meu paraíso. E cada vez que eu me distancio dele, tenho mais certeza que preciso dele tanto quanto ele precisa de mim. E vamos ficar juntos com ou sem consentimento...

Capítulo 24

Felipe

Vejo Ísis partir e sou consumido pelo vazio. O problema não está no que ela diz, mas no que não diz. Está tão claro que não vejo saída ou uma pequena possibilidade de dar certo. Novamente, estamos seguindo direções opostas, tentando controlar o que perdeu o controle. Ela vai e eu fico. Eu fico sentindo sua falta, fico querendo sentir seu gosto, querendo senti-la aqui.

Volto para a casa sentindo falta dela ao meu lado, e quando chego, tudo que tenho é um lugar vazio à minha espera. Mari foi com o Léo para festa da Flávia e a minha mãe está no trabalho, que dobrou o plantão e deve chegar às quatro da tarde.

Antes, estar sozinho não causava nenhum incômodo, mas agora eu mal me suporto. Era fácil controlar os meus pensamentos, agora sou consumido por lembranças que começam fazendo bem, mas se tornam ruins e eu adoraria esquecê-las. Ao fechar os olhos, o sorriso de Ísis aparece, e eu começo a questionar para onde esse sentimento irá nos levar. Eu não quero prejudicá-la, muito menos colocá-la contra a família. E é justamente por isso que os nossos laços deveriam ser desfeitos, mas eles permanecem mesmo com a distância.

É estranho se sentir tão conectado com a pessoa, que nada passa despercebido. Nesses últimos dias, ela estava agitada, preocupada. Eu queria que ela tivesse ido ao médico comigo, mas eu não quis me tornar mais um peso. Estava estampado em seus olhos que o ex-namorado iria nessa viagem, mas ela tentava esconder isso a todo custo. Eu me esforcei para controlar a mágoa e não a confrontar, mas eu sabia que ela foi forçada a fazer essa viagem pelo desconforto que estava sentindo. Ísis aceitou a chantagem dos seus pais, mas tudo não passa de mentira, não existe diálogo com chantagistas. E uma vez que seus pais impuseram essa viagem, eu sei que querem tentar uma aproximação dela com o ex. Ísis não quis confessar isso, mas o seu desconforto aumentava a cada dia.

Ela olhou em meus olhos e não teve coragem de dizer a verdade, mesmo estando estampada em seus olhos, e eu fingi não ver. Agora começo a odiar esse sentimento, a falta de controle, o medo de ser a última vez. Ela

acredita nas palavras, eu sempre preferi as atitudes. E graças as atitudes dela, agora Ísis está lá e eu continuo aqui. Sei que ao invés de engolir tudo isso, eu deveria colocar um fim, mas não consigo. Machuca toda a vez que essa possibilidade parece perto demais, porque no fundo eu sei o quanto preciso tê-la ao meu lado.

Quando o amor se torna uma necessidade, ele faz bem ou mal? Talvez esse seja o lado do amor que ninguém ousa contar, que escritores não se atrevem a colocar nos romances. O amor não traz liberdade, ele o aprisiona. E sim, ele é egoísta, não aceita partilhar e muito menos estar em segundo plano.

Mas eu sou o segundo plano dela e mesmo achando errado, me contento com isso. Inutilmente, eu quero me forçar a não pensar em nós, então me concentro nos exames, no olhar preocupado do médico quando eu relatei as constantes dores de cabeça, a bateria de exames que tive que fazer, ou em como ele me achou abatido. O sensato seria colocar a minha saúde em primeiro plano, mas eu não consigo colocar nada e nem ninguém acima da Ísis.

Eu preparo um café e fico alguns minutos olhando a fumaça subindo da xícara, distrações patéticas que não me levam a lugar algum. Logo após o café, que eu não consegui sentir o gosto, vou para o meu quarto e me deito. A cama ainda tem o seu perfume, e bastou dormir com ela uma única vez para querê-la sempre aqui.

Ísis colocou as mãos em meu rosto, olhou em meus olhos e confessou o amor que acredita sentir, e esse gesto fez com que todas as minhas dúvidas se calassem.

Minha mãe nunca teve um bom relacionamento com o meu avô, que sempre a repreendia por tudo, e um dia eu questionei porque ela não revidava se, na maioria das vezes, ela estava com a razão. Ela me disse que o seu pai não ficaria ao seu lado para sempre, então teria que sacrificar muitas coisas para que boas lembranças restassem. Agora eu passei a compreender isso melhor, já que ando fazendo a mesma coisa.

Essa é outra verdade sobre amar alguém. Sacrificar nem sempre irá trazer recompensas. Às vezes, serão apenas sacrifícios.

Deitado na cama, eu fico me lembrando do tempo que passamos juntos, e me pergunto se ela sente a minha falta como eu sinto a dela? Eu sinto falta da sua boca pressionando a minha, seu corpo pressionado ao meu.

Ísis vive em um faz de conta, achando que o fato de dizer “eu te amo” fará com que, como um passe mágica, todos os problemas se resolvam. E

mesmo que eu saiba que isso só complica tudo, eu o faço somente para ver o sorriso que surge em seu rosto depois de ouvi-las.

Engraçado que, depois da Ísis, estou sempre cansado e me esforçando para estar lá no horário que ela deseja, e ainda que me sinta cansado de tudo, estar ao seu lado supre a minha necessidade e a carência incômoda que o amor nos faz sentir.

Depois de algumas horas, escuto a minha mãe chegando e logo em seguida, batendo à porta do quarto.

— Está tudo bem? — Ela pergunta, como sempre faz.

Nada está bem, mas ela precisa de uma confirmação para que se sinta bem, então eu acabo mentindo.

— Sim. Não vai à festa da Flávia, mãe? — Ela sorri e sei o que virá a seguir.

— Ísis foi para a casa dos pais?

— Sim.

— Então, por que não vai comigo?

— Mãe, estou tão desanimado.

— É só se animar, simples assim. Há tanto tempo que não fazemos isso.

Ela não espera uma resposta, somente se vira e sai do quarto, fechando novamente a porta.

Envio uma mensagem para Ísis perguntando como foi a viagem, mas ela não parece muito interessada em conversar. Então falo a respeito da festa da Flávia, e surpreendentemente, Ísis não se opõe. Ironicamente, pela primeira vez, eu gostaria que ela tivesse feito isso. Como está claro a sua falta de interesse em ficar trocando mensagem comigo, eu finalizo a conversa e digo para a minha mãe que irei também. Eu me arrumo e coloco algumas roupas e itens indispensáveis na mochila.

Quando você não tem interesse em alguma coisa, acaba agindo no automático, e é exatamente assim que eu me vejo agora. Eu coloco o endereço no GPS, serão seis horas de viagem, depois coloco a nossa bagagem no porta-malas, então pegamos a estrada ouvindo as músicas antigas que a minha mãe teima em colocar para tocar. *A volta*, de *Roberto Carlos*, começa a tocar e a música parece fazê-la voltar no tempo, e, entre uma faixa e outra, ela me lança sorrisos e vai cantarolando.

Eu faço duas paradas para abastecer e na última, a minha mãe assume a direção. Já são quase dez horas da noite, e como tem pouco trânsito,

chegaremos em uma hora. Meu telefone está sem bateria, e prefiro deixá-lo assim, por enquanto. O alarme do meu relógio toca, avisando que está na hora de tomar o meu medicamento, e depois de fazer isso, acabo cochilando e só acordo ao chegarmos.

Caminhamos por dentro do sítio que, aliás, é um belo lugar. Eu vejo muitos rostos desconhecidos que parecem nem perceber a nossa presença, já que estão curtindo bastante a festa. Eu não gosto de lugar muito cheio, mas eu sei que se não viesse, a minha mãe também não viria. E ela merece curtir um lugar como esse, uma vez que passa a maior parte do tempo dentro de um hospital.

— A Flávia está ali — a minha mãe diz, apontando para o seu lado direito, e ao me virar eu fico surpreso com o que vejo.

Sempre achei a Flávia bonita, mas hoje ela se superou, está espetacular. Nós nos aproximamos de onde ela está com a Mari e o Léo, que aparentemente estão bêbados.

— Uau, como você está linda, querida — minha mãe é a primeira a cumprimentá-la.

Flávia se aproxima de nós, dá um abraço nela e agradece o elogio. O seu vestido justo de estampa de *animal print* realça as suas curvas, e por estar de salto alto, chama mais a atenção. Seu cabelo parece um pouco mais curto, mas continua bonito, assim como seus olhos que estão mais verdes, acredito que seja a maquiagem que esteja dando destaque.

— Finalmente vocês chegaram — Flávia diz de forma animada, demonstrando que realmente está feliz com a nossa presença na festa.

— Eu tive que resolver algumas pendências antes de vir, caso contrário, já estaria aqui. Mas o bom é que consegui convencer um “certo alguém” a vir comigo — a minha mãe diz e o sorriso da Flávia morre na hora.

— Você não ia vir, Felipe? — Seu tom de voz muda para repreensão, e até a minha mãe percebe, já que franze a testa de um jeito que só faz quando está curiosa.

— Estava desanimado, mas eu vim, certo?

— Não queria ser você se não tivesse vindo — ela ameaça. — Felipe, eu quero apresentá-lo a minha família. Vem comigo.

Ela nem mesmo me dá tempo de responder, simplesmente pega a minha mão e sai me puxando. Apesar do desânimo, eu a sigo, já que é a aniversariante e eu não quero bancar o cara chato.

— Vamos, mãe — eu olho para a minha mãe, que apenas ri da situação

enquanto deixa que Flávia me arraste pelo jardim.

— Eu vou ficar com a sua irmã — ela responde e logo Léo puxa a cadeira para que ela se sente.

Cada passo que damos, alguém nos para e a parabeniza pelo aniversário, o que me faz lembrar que eu não dei os parabéns a ela. Porém, estou incomodado com o fato de ela não soltar a minha mão, e muitos convidados são da faculdade. Como a Ísis não veio comigo, eu não quero dar motivos para falsas especulações sobre a Flávia e eu estarmos juntos.

Atravessamos o jardim e paramos em frente a um casal que acredito que sejam os seus pais.

— Mãe e pai, esse é o Felipe.

Vejo os olhos dela se arregalarem ao ouvir o meu nome ser dito pela Flávia de um jeito muito empolgado.

— Finalmente conheci o famoso Felipe. E você é ainda mais bonito do que a minha filha diz — ela me abraça e eu retribuo um pouco sem jeito.

— Prazer e obrigado. Espero que seja uma fama boa — eu brinco olhando diretamente para a Flávia, que abaixa a cabeça sorrindo de maneira tímida.

— Sempre escutamos falar bem de você, aliás, muito bem. Escutamos tanto o seu nome, que parece que nos conhecemos há séculos — o pai dela diz de maneira bem-humorada, demonstrando que, além de serem pessoas agradáveis, parecem estar alterados pelo consumo de álcool.

— É verdade, Felipe. Desculpe-me se eu o assustei com o com o meu jeito, mas estou feliz por conhecer a pessoa que a minha filha tanto admira — ela diz e sorri olhando para a Flávia.

— Assim vocês irão assustar o Felipe — Flávia diz para a mãe, em seguida, olha para mim. — Dá um desconto que eles já estão alterados — ela pisca.

— Não por isso, Flávia.

— Felipe, fique à vontade. Realmente estamos felizes por você está aqui. Sua irmã e cunhado são uma comédia, já brigaram e fizeram as pazes. Eu ri horrores com eles.

— Eu não acredito que ela já deu vexame aqui.

— Ela é a pessoa mais incrível e louca que conhecemos. Sua família é excepcional.

— Obrigado — eu digo, já imaginando a cena dos dois caras de pau. — Vou ficar com a minha mãe — eu sussurro para a Flávia.

— Posso te levar a um lugar antes?

— Claro — falo sem jeito.

Caminhamos lado a lado, mas dessa vez sem as mãos dadas, por uma trilha que leva para um lago mais afastado.

— Uau! Aqui deve ser incrível durante o dia — eu falo, admirando o lugar apesar da pouca claridade.

— É sim. Podemos pescar aqui amanhã, se você quiser, claro — ela se senta em um banco de madeira em frente ao lago e eu me sento ao seu lado. A pouca claridade produz um espetáculo sobre a água que reflete o céu estrelado e a lua, que está linda. — Você realmente não queria vir? Foi por causa daquela noite?

— Não, eu só estou cansado. Aqui é muito longe — eu brinco.

— Teve problemas com a Ísis? — Ela pergunta diretamente.

— Não, estamos bem — o silêncio permanece.

— Sabe, eu... — ela respira fundo, sua voz soando embargada.

— Flávia, é o seu aniversário e você tem que curtir...

— Por favor, me deixe falar algo que está preso aqui? — Ela se vira para mim, mas eu mantenho a cabeça baixa com os olhos fixos no reflexo da água. — Felipe, você poderia olhar para mim, por favor? — Eu me viro, me sentindo desconfortável.

— Pode falar — eu encaro o seu olhar. Ela parece estar a ponto de chorar e eu me sinto culpado por isso. — Flávia, sinceramente me desculpe por... — ela sorri.

— Por ser gentil? Por ser atencioso e educado? Ninguém pede desculpas por isso. Você nunca me iludiu, e na verdade, sua sinceridade é tocante. Isso não é um jeito de fazê-lo sentir culpado. Eu quero apenas desabafar — ela pega as minhas mãos. — Desde o primeiro dia, eu quis me aproximar de você, mas acabei fazendo isso da maneira errada. Eu passei a mandar mensagens e sentia aquela empolgação idiota quando você respondia — ela sorri. — Eu achava que nós estávamos construindo algo, mas isso era coisa da minha cabeça. Eu queria fingir que você era apenas tímido, mas não, agora eu sei que se você estivesse a fim de mim, teria feito algo. Então a Ísis apareceu e eu não achei que poderia rolar algo entre vocês. Pelo amor de Deus, vocês são muito diferentes. Ela é fútil e acha que o mundo gira ao redor dela.

— Flávia, eu não quero parecer grosseiro, mas você está falando da minha namorada. E se você tem algum problema com ela...

— Eu sei que não. Eu não tenho nenhum problema com ela, eu só a acho fútil, mas muitos são. Porém, tudo desmoronou quando eu vi como você olhava para ela. Não sei se já havia rolado algo entre vocês, mas você olha para ela como se ela fosse a única garota que você já viu.

— Flávia...

— Não, me deixe falar. Eu percebi que você não dá a mínima para mim ou qualquer outra garota. E o que me deixa mais indignada, é que ela ganhou o grande prêmio, mas não se dá conta disso. Caso contrário, estaria com você, aqui.

— Flávia, você está alterada, e isso a faz ver as coisas como elas não são. Eu não sou esse cara que você acredita. Além de não ter onde cair morto, eu tenho HIV, então...

— Ela o faz sentir assim?

— Essa é a verdade.

— Não é a verdade, Felipe. Um vírus não me torna pior ou melhor que ninguém. Meu pai tem epilepsia, toma remédios controlados e na falta deles, ele perde o controle sobre o próprio corpo, e isso não o faz melhor ou pior que ninguém. Hoje, você é um estudante, amanhã poderá e tenho certeza que será, um grande arquiteto. E falando nisso, apareceu uma vaga no banco onde meu pai trabalha e é por indicação. Eu trabalho lá também, sou assistente bancária, e caso você queira, posso pedir para ele te indicar. Mas não é sobre isso que eu quero falar. Se vale mesmo a pena o que sente por Ísis, se é recíproco, por que você está aqui? Por que vai passar todos esses dias longe dela?

— Eu não quero ser rude, e espero mesmo que não pareça dessa forma, mas todos os relacionamentos têm problemas. Não é justificativa, mas não posso julgar a Ísis com base na minha vida. A realidade dela é outra, ela vive um outro mundo, são duas realidades opostas que se chocaram. Eu não sei o que será de nós amanhã, mas só posso discutir a minha relação com ela, entende? Não faz sentido algum falar com você sobre isso. Eu sinto muito se em algum momento eu a fiz pensar o contrário, e não vou dizer que nunca irá acontecer, o amanhã é incerto. Mas posso garantir que não irá acontecer enquanto eu estiver com ela, porque eu não sou assim — eu respiro fundo. — Feliz aniversário — eu me levanto e ofereço a mão para ajudá-la a se levantar.

Flávia tenta se recompor, então voltamos para a mesa. Obviamente eu noto os olhares curiosos dos meus colegas de turma e um sorriso malicioso da

Carol. Agora que eu a vi, imagino o que ela deve estar especulando. Eu chego à mesa e me sento com a minha mãe. Flávia conversa por alguns minutos e me apresenta o seu irmão e a sua cunhada, que estão à mesa também. Após algumas brincadeiras, ela segue para a próxima mesa, e eu agradeço mentalmente por se afastar. Mari se levanta para dançar com Léo, me lançando olhares maliciosos, e eu acabo convidando a minha mãe para dançar comigo.

A festa termina tarde e eu não fico para presenciar o fim. No sítio tem vários quartos e colchões espalhados pelos cômodos da casa, eu acabo dividindo um quarto com a minha mãe e quando acordo, são mais de onze da manhã e só então coloco o meu telefone para carregar. Quando ele liga, eu vejo mais de dez chamadas perdidas da Ísis, então retorno rapidamente, percebendo a tristeza em sua voz, e apesar de insistir muito, ela não diz o porquê. Ela fala que me ama, que sente saudade e avisa que vai embora no domingo, e acabamos combinando de nos encontrarmos cedo.

Eu tento me distrair durante o dia e Flávia volta a falar da vaga no banco. O salário é bem melhor do que a Mari me paga, então decido enviar um currículo para o e-mail dela para que possa repassar ao seu pai.

No decorrer dos dias, eu pesco com o pai dela e acabamos conversando sobre a vaga, e acabo descobrindo que terei que mudar para o turno da noite, caso consiga o emprego. Ele me diz também que a vaga ainda não está aberta, mas para surgir, mesmo assim vou enviar o meu currículo.

Eu ligo para Ísis três vezes ao dia, no fim, acho que me faz mais mal do que bem. Ouvir a sua voz me faz querer correr ao seu encontro e nem mesmo sei que lugar ela está. A sua voz está distante, percebo que ela não quer falar muito, somente ouvir, e isso se confirma quando ela diz que precisa ouvir a minha voz, que quer saber como está sendo o meu dia. Ela me pede para contar cada detalhe, e mesmo sem querer eu acabo contando tudo e ouço uma risada, mas a tristeza em sua voz me deprime.

Quando o sábado chega, eu acordo bem mais disposto por ser o último dia. Converso com a minha mãe e falo que quero ir embora, e uma vez que ela está se divertindo, vai ficar para ir com Léo e Mari no domingo à noite. Pelo menos a minha mãe e irmã se divertiram, já o meu cunhado passou mais tempo bebendo. Depois de colocar as minhas coisas no carro, eu me despeço dos pais da Flávia, que me fazem prometer que um dia irei fazer uma visita a eles.

Mesmo dizendo que não precisa, Flávia me acompanha até o carro.

— Desculpe-me se eu estraguei o seu... — eu me aproximo e coloco as mãos em seus ombros.

— Olha, eu me diverti muito. Só tenho que agradecer a sua família e a você. Eles são o máximo — ela sorri e volta a se desculpar.

Eu me despeço novamente, e em minutos estou na estrada, mas dessa vez acompanhado da solidão, que vai me deixar assim que Ísis estiver ao meu lado...

Capítulo 25

Depois de praticamente me isolar durante as tardes, no sábado pela manhã, por insistência da minha mãe, eu entro com elas na piscina. Após sair e não ver o meu pai e meu padrinho, pergunto por ele enquanto mamãe passa protetor solar nas minhas costas.

— Foram comprar mais bebidas com o Marcos. Devem estar chegando.

— Não acha que estão exagerando?

— Amor, é feriado, estão aproveitando. Mas, e você e o Marcos? Só amigos mesmo? — Ela fala como se não soubesse da existência do Felipe.

— Claro — eu desvio o olhar.

— Ísis, uma hora ele vai acabar encontrando alguém.

— E eu vou desejar todo o meu amor a ela e felicidades aos dois — eu falo em tom rude.

Ela não diz mais nada e a minha madrinha se aproxima, passando a falar sobre tudo, menos o relacionamento inexistente com Marcos.

Não demora muito para saber que estão chegando, já que o som está alto demais. Ao prestar atenção na música, sei que foi o Marcos que escolheu. Se eu me atrever a ouvir a mesma música nesse volume, eles me repreendem, mas não Marcos. Ele pode tudo. O mais desanimador é ver como ele se dá bem com os meus pais, parece que ele é o filho, e não eu.

Marcos tentou uma aproximação durante esses dias, mas eu o ignorei, mantendo a farsa somente na frente dos nossos pais. Escuto as risadas dos três no andar de baixo e não demora para virem para o deque. Provavelmente, Carla, a mulher do caseiro, está preparando os acompanhamentos para o churrasco de hoje. Marcos aparece sem camiseta e isso me faz lembrar de como as minhas colegas de classe babavam no seu corpo e nas tatuagens. Na época, eu ficava louca, mas hoje não faz diferença alguma para mim. Ele coloca uma música sertaneja e chama a minha mãe para dançar, que aceita com um enorme sorriso.

Meu padrinho se aproxima com um cheiro forte de bebida, e insiste para que eu dance com ele. Deixando claro o meu desânimo, eu aceito, mas a música acaba logo, então eu me sento perto do meu pai, que está preparando o churrasco. Ninguém fala abertamente, mas se comportam como se eu e Marcos estivéssemos juntos. Eu me sinto péssima com a situação, e como se

não bastasse, aos poucos a saudade de Felipe vai aumentando.

Peço a Deus para que ele não me esqueça ou me troque pela Flávia, que deve estar fazendo marcação cerrada. Sem aguentar mais ficar longe dele, eu saio pensando em uma desculpa para conseguir ir embora. Toda a vez que ele me liga, eu desmorono por estar longe. Fico isolada por um bom tempo no jardim da casa, mas sou interrompida por Marcos que se aproxima e se senta ao meu lado.

— Estou a fim de ir embora hoje à noite, quer ir comigo? — Ele pergunta como se estivéssemos bem.

— Por que deveria ir? — Eu falo, mostrando o meu desconforto.

Ele me ignora, acende um *beck*, mas antes de dar o primeiro trago, verifica se alguém está olhando.

— Pela sua cara de velório, achei que queria ir. Mas se não quer é só negar, simples assim — ele sorri.

— E você, mostrando como é um bom amigo, veio me livrar do meu martírio, não é?

Ele me encara e odeio a forma irônica de superioridade com que ele me olha.

— Ísis, caso você não tenha percebido, a tendência da situação é piorar para o seu lado. No seu lugar, eu seria grata por ter a minha amizade, mas considerando que nunca foi boa com isso, vou relevar o que disse e manter o convite em pé.

Eu penso a respeito e vejo que essa é a minha chance de sair daqui. E para ver o Felipe, posso tolerar ir com esse falso.

— Se eu aceitar, me diz por que você quer ir hoje? Parece estar se divertindo — eu questiono, irônica.

— Qual é, Ísis? Seus pais, meus pais, cara. Somos família, a base de tudo, pode achar que não, mas gosto de estar com eles. Mas já deu, não acha? — Como não digo nada, ele continua. — Tenho uma festa para ir e quero dar as caras por lá. É perto da sua universidade.

Eu desvio o olhar, descaradamente ele oferece a maconha e sorri com a minha careta ao negar.

— Tudo bem. Admito que peguei pesado com você e o tal do Santos — ele começa a gargalhar. — Puta que pariu. Você já pensou em como vai estragar o seu nome se você casar com esse cara? Ísis Fernandes Brückner Santos. Se me permite um conselho, tire o Brückner — ele gargalha e eu não vejo graça em suas palavras.

— Corta essa, Marcos. Você já deixou claro que só está interessado no...

— Não! — Ele me corta. — Não tem que ser dessa forma. Eu realmente quero os 10% porque ralo mais naquela porra, do que um dia você chegará a ralar lá. Mas quero comprar essa merda, não quero nada dado. E pode ficar sossegada, mesmo que eu quisesse, eu não tenho coragem de contar isso aos seus pais.

— Você fala como se fosse a pior coisa que fiz na vida.

— Se não é, então liga o foda-se e arque com as consequências.

— Você está enganado sobre mim e Felipe. Ele foi a melhor coisa que me aconteceu.

— Ísis, guarde todo o seu poder de persuasão para os seus pais, porque, para ser bem sincero, para mim não faz diferença, eu não o conheço. Sou seu ex, sem chance de Felipe e eu sermos amigos. Mas nós dois podemos e seremos — ele sorri.

— Ser o cara mau não funcionou e agora quer voltar a bancar o bonzinho, é isso?

— Vê se entende uma coisa. Eu sou um filho da puta que tem sentimentos, e amo os seus pais. Você pode não acreditar, mas amo você, não como irmã, porque já fizemos sexo, mas como uma amiga e eu não queria vê-la arriscando a vida assim. Eu não consigo imaginá-la em um caixão — ele me encara e como mantenho o ar sério, ele desvia o olhar. — Admito que fiquei puto com você e acho que está se arriscando, mas sei como é excitante viver no limite, então o problema é seu. Eu não vou me meter nisso.

— Não vou cair na sua conversa.

— Também não me importo. Aquele dia eu estava estressado, mas hoje estou relaxado e venho pensando sobre isso. Já vai ser uma barra quando eles souberem, não vou ficar no seu caminho. Deixei claro que não estamos juntos.

— Porque é conveniente para você, já que acha que eu tenho HIV.

O seu telefone vibra, então ele me ignora ao ler a mensagem, respondendo rapidamente com um áudio.

Em seguida, o meu telefone toca. Monique. Não conversamos muito, ela somente pede o carro emprestado para ir ao hospital pois está passando mal e diz que contou aos pais e eles rejeitaram a gravidez. Tenho certeza que contará os detalhes quando eu voltar, então não insisto, só peço para me dar notícias.

— Ela deveria ter um carro, ficar pegando o seu é uma merda! — Marcos diz enquanto termina de fumar. — Está passando mal?

— Sim — eu respondo e pelo jeito ele escutou toda a conversa.

— Mas é só a gravidez ou acha que tem outra coisa? — Ele parece surpreso com a própria pergunta, mas tenta disfarçar. Será que eu disse a ele que ela está grávida? — Monique me contou da gravidez — ele tenta reverter o quadro, depois se levanta e o seu humor parecer mudar. — Se quiser ir embora, decida agora que eu compro as passagens.

— E o que vai dizer para os nossos pais?

— Isso não é problema seu. Vai querer ir embora?

Assim que eu confirmo, ele joga o toco de maconha fora e segue para a casa. Rapidamente, eu ligo para o Felipe e digo que vou embora hoje à noite, então combinamos de nos encontrarmos pela manhã, no aeroporto.

As horas passam, e ansiosamente eu me despeço de todos. Não sei qual foi a desculpa que Marcos deu para os nossos pais aceitarem a nossa partida um dia antes do combinado, mas isso não importa, já que não suporto mais a saudade que sinto do Felipe.

Já com tudo pronto, pegamos a estrada à meia-noite apenas com o som do carro tocando.

Às vezes, eu olho de relance para ele, já que está correndo cada vez mais. Estive cinco anos com esse cara e é decepcionante pensar que mal o conheço. Depois do seu telefone tocar várias vezes, ele o atende, irritado.

— Alô? — Fala sem paciência. — Antes de tudo, me diz quem foi o filho da puta que te passou o meu número? E outra, eu já não disse que quando chegar irei ligar? Não me interessa, já estou dando satisfações demais para você.

Ele encerra a ligação antes mesmo de a outra pessoa do outro lado da linha, que parece ser uma mulher, ter a chance de responder. A cada minuto que passo ao lado de Marcos, penso que a melhor decisão que tomei na minha vida foi ter terminado o meu namoro, que não passava de uma mentira.

— Como você conseguiu fingir durante todo esse tempo ser uma pessoa que não era?

— O quê? Como assim?

— Você não era assim — eu olho para ele de relance.

— Eu sei que você só consegue me ver como uma pessoa horrível, Ísis, mas eu nunca menti para você enquanto estivemos juntos — dou uma risada sarcástica.

— Você acha que eu vou acreditar em você? Marcos, eu não conheço a pessoa que acabou de atender a essa ligação. Eu não entendo. Você sempre teve tudo, meus padrinhos sempre deram tudo o que você queria, então não sei o porquê de ter se rebelado dessa forma.

— Eu me rebelei? Em que mundo você vive? Ísis, tudo tem um preço, e meus pais sempre deixaram isso bem claro desde que eu me entendo por gente. Você, melhor do que ninguém, sabe que o nosso casamento foi arranjado antes mesmo de aprendermos a andar. E para os meus pais, esse casamento é bem mais importante do que para os seus, já que você tem a parte maior das ações.

— Você quer dizer que tudo foi apenas pensando nas minhas ações?

— Claro que não e você sabe disso. Meus pais te adoram, mas eles são movidos por dinheiro e tanto eu como você fomos criados da mesma forma. Mas a pressão em cima de mim sempre foi maior. Eu sou obrigado a trabalhar e levar aquilo para a frente, eu não posso errar nunca. Eles colocaram muita expectativa em mim. Você tem noção de como isso é um saco? Os tempos mudaram, mas para o meu pai não importa o tempo e sim o legado da família. Eu tenho que ser o filho perfeito só porque eles optaram em ter um filho só. Eu fui projetado para ser um advogado, e não qualquer advogado, o melhor que eles conhecem. Eu nunca tive certeza se queria fazer Direito e no dia que eu disse isso para o meu pai, ele reagiu como se eu tivesse dito que estava traficando. Ele é controlador ao extremo e comigo parece ser pior. E antes que você continue com esse julgamento sobre eu fingir ser quem não sou, eu nunca tive a oportunidade de ser a pessoa que sempre quis ser. E se você acha que o meu pai é um crápula, se prepare, pois o seu é ainda pior. Você vai passar por tudo o que eu passei ou até mais. Só depois disso, você vem me perguntar por que me rebelei, ok? Nunca se esqueça de que sempre terá um ombro para chorar aqui — ele zomba.

— Vai à merda! — Disparo e isso o faz sorrir.

— Minha linda, os planos dos nossos pais eram que nos casássemos, para unir as nossas ações, e segundo eles, nós teríamos pelo menos um filho para manter o legado da família. Às vezes eu viajo nisso, nem sei o que seria se eu só tivesse filhas. Acho que o velho morreria. Mas aí é que está, você terminou comigo e agora tem esse cara. Uma hora, a verdade virá e quando isso acontecer, estarei livre de todo esse sermão, porque a sua bomba vai fazer mais estrago que a minha.

Ele termina de falar com uma risada fria.

— Sabe, um dia uma garota me disse algo assim. “Marcos, você é um filho da puta e só me procura quando está na pior.” O que ela não sabia era que se a pessoa te procura quando está na pior, é porque ela te vê como força, como porto seguro, alguém que você pode mostrar as feridas e espera que possa aliviar. E se essa idiota entendesse isso, seríamos nós até hoje — ele fica pensativo.

Por mais que eu saiba como são os meus padrinhos e que Marcos sempre foi pressionado para ser um advogado bem-sucedido, ele não precisa continuar sendo alguém que não quer.

— Você ainda pode viver a sua vida como quiser, Marcos. Basta abrir mão da vida de luxo e trabalhar para não precisar ser controlado pelo seu pai — ele me lança um olhar debochado.

— Uau! Olha quem fala! A garotinha do papai que adora *Prada* e *Valentino*. Ísis, caia na real. Tanto você quanto eu adoramos o conforto e a vida boa que o dinheiro dos nossos pais nos proporciona. Desde que começamos a namorar, você nunca deixou de viajar um ano sequer para outro país, e agora está me dando conselho para ir trabalhar? Querida, eu trabalho, quem não trabalha é você. Vamos parar com a hipocrisia, por favor!

— Não estou sendo hipócrita, apenas dizendo que existe uma forma de você mudar a sua vida se não está satisfeito com ela — respondo, irritada.

— Acho que entendi o que quis dizer. E como somos amigos, vou repassar a pergunta. Você terá coragem de abrir mão do conforto que seus pais lhe proporcionam quando eles descobrirem que você está transando com um cara que tem AIDS? — Ele diz, debochando.

Eu fico em silêncio, e Marcos não insiste. Eu queria poder conversar com alguém sobre tudo isso. Eu não confio na Monique, meus pais não podem saber e Felipe não merece ouvir essa verdade suja.

— Não sei se conseguiria ter outro estilo de vida, mas tenho certeza que não estou disposta a abrir mão do meu amor por Felipe.

— Amém! Que Deus abençoe o amor de vocês!

Ele não me dá chance de responder o seu sarcasmo, somente aumenta o som, e assim acabo pegando no sono. Sou acordada por Marcos me dizendo que já são quase quatro horas e que chegamos ao aeroporto. Agora falta pouco para estar de novo nos braços do Felipe. Fazemos o *check-in* e após despachar a minha mala, somos guiados pela fome e paramos para tomar café, depois seguimos para o portão de embarque. Dez para às cinco da manhã, o nosso voo é anunciado, então embarcamos. Marcos se senta na

janela e eu ao seu lado.

Com o coração acelerado, eu mando uma mensagem para Felipe dizendo que já estou no avião. Deus, parece que faz mais de um ano que eu não o vejo.

Marcos guarda o telefone, que está sem bateria, depois inclina a sua poltrona e fecha os olhos.

— Não me esqueça aqui, amiguinha — ele sussurra.

Nem perco o meu tempo em formular uma resposta e passo a viagem olhando fotos do Felipe.

Será que ele me ama como eu o amo? Sinto tanto a falta dele. Em uma viagem que eu fiz para a Austrália, descobri que lá é normal os casais morarem juntos após dois meses de namoro, e que casamento é um grande passo, geralmente depois de três ou quatro anos morando juntos. Na época, achei isso bem estranho, mas depois de me envolver com o Felipe, eu toparia fazer isso.

Eu sorrio com o pensamento enquanto admiro a sua foto.

O amor nos torna dependentes, e amá-lo me faz pensar em todas as possibilidades, em cada simples gesto. Em como éramos nos primeiros beijos e como nossos corpos sentem a necessidade um do outro agora. São coisas bobas que ocupam o meu tempo por horas.

Eu olho para Marcos, que está dormindo ao meu lado, e penso que se não fosse por ele, eu não estaria aqui.

Finalmente aterrissarmos e eu recebo uma mensagem do Felipe dizendo que já está me esperando. Eu acordo Marcos, que pede o meu telefone emprestado e saí atrás de mim do avião já falando ao telefone. Eu sigo para a área de desembarque e não escuto mais a sua voz, vou para a esteira pegar a minha mala. De repente, sinto o meu coração palpitar, e ao ver Felipe ao longe, nada mais me importa. Eu esqueço da mala e corro até ele, que me recebe em seus braços. Nem sei quem começou o beijo, sei apenas que a necessidade é maior que tudo e estar em seus braços novamente faz com que as minhas forças se renovem. Ele se afasta um pouco, olha carinhosamente para mim, em seguida acaricia o meu rosto e volta a me beijar.

— Não quero atrapalhar o casal, mas o meu tempo vale ouro — Felipe e eu nos viramos, então engulo em seco ao ver o Marcos. Além do telefone, ele me entrega a minha mala e sorri descaradamente para nós. — Lembra-se de mim? Eu o vi no apartamento da Ísis aquele dia. Estive fazendo companhia para ela esses dias, mas não se preocupe, somos só amigos. E

falando de amigos, o seu celular está aqui. Obrigado — ele se aproxima e me dá um beijo no rosto, me deixando sem reação alguma.

Uma garota se aproxima e o abraça por trás, então eles se beijam.

— Vamos, Marcos?

— Claro. Até a próxima, amiga, e boa sorte para você e o Lopes — ele dá um sorrisinho cínico e se vira para o Felipe. — Eu e a Ísis somos mais íntimos — ele pisca. — Cuidem-se — ele diz e se vira, caminhando de mãos dadas com a garota.

Eu pego as minhas coisas, encaro o Felipe e no mesmo instante, toda a excitação morre. Ele fica segundos me encarando de uma forma que até então não havia feito. Parece tão indignado com a cena, que mal consegue se mover.

— Sério, mesmo? Você viajou com o seu ex e não tinha a intenção de me falar? — Ele diz ainda me encarando e parecendo fora de si.

— Na verdade, foi uma viagem em família — eu sussurro.

— Acho que já ouvi essa história. Foi em troca de me levar lá no Natal, não é? Justificável. Quer dizer, não precisa se justificar, não foi nada de mais. É só uma paranoia minha, certo? — Ele diz grosseiramente.

— Felipe, eu...

— Vamos. Não estou a fim de conversar agora — ele se vira e seguimos para o estacionamento.

Felipe sempre abre a porta do carro para mim, mas dessa vez não, somente abre o porta-malas para que eu coloque as minhas coisas e entra no carro, e assim que eu entro no carro, ele o coloca em movimento.

Não sei o que fazer para mudar essa situação. Está claro que ele não entenderá que eu omiti esse fato para não machucá-lo. Acho que só um pedido de desculpas não vai resolver, ele parece bem irritado.

Assim que chegamos à sua casa, Felipe sai do carro e mais uma vez não abre a porta para mim, então eu saio, pego a minha mala e o sigo sem esperar um convite. Espero que a sua mãe e a irmã não estejam em casa, essa situação seria mais um prato cheio para elas. Ele sobe a escada sem nem mesmo olhar para trás. Uma vez dentro da sua casa, eu percebo que estamos sozinhos, então coloco a mala na sala e sigo até a cozinha, onde eu o vejo tomando uma xícara de café.

— Amor, por favor, não aconteceu nada.

Felipe dá um sorriso torto, segue para o quarto e fica de frente para a janela, encarando a rua. Eu me aproximo e o abraço por trás enquanto ele

tenta tirar o seu casaco. Passo a mão em seu peito e ao sentir a sua respiração pesada, sei que está vibrando de raiva. — Pare de me ignorar, por favor.

— O que você quer eu diga? Que é normal você passar todo esse tempo viajando com o seu ex e com a família dele que, com certeza, tentaram te convencer a voltar com ele? Isso, se não conseguiram — ele tenta afastar as minhas mãos do seu peito, mas eu as pressiono com mais força e desço para a sua barriga por baixo da blusa, ouvindo o seu suspiro pesado. Depois beijo o seu pescoço de um jeito provocante, enquanto inspiro o seu perfume que sempre me leva à loucura.

— Se eles estivessem conseguido, eu não estaria aqui — desço uma das minhas mãos por cima da roupa até o seu sexo que aos poucos ganha vida, enquanto continuo acariciando sua barriga, mas, novamente, ele tenta afastar as minhas mãos.

— Ísis, não é com sexo que eu vou esquecer que você mentiu para mim.

— Eu não menti, eu omiti. Mas nada aconteceu, amor. Eu amo você mais do que tudo — aos poucos, eu abro a sua calça, encontro o seu sexo e começo a estimulá-lo, que enrijece rapidamente com o meu toque.

— Por favor, pare. Se não tivesse nada de mais, você teria falado para mim. O pior foi ver como ele a tratou com tanta intimidade.

— Esquece isso, não faz diferença para mim — ele se vira, e mesmo estando excitado, o jeito irritado de me olhar não muda.

— Você sempre faz isso — ele diz e eu me assusto quando ele me joga na cama.

Felipe puxa a minha calça junto com a calcinha de uma única vez, olhando nos meus olhos. O brilho que aparece nos dele é algo totalmente selvagem, uma mistura de raiva e tesão. Ele tira toda a roupa e pega a camisinha no criado-mudo ao lado da cama, colocando-a rapidamente. Eu tiro a minha blusa e sutiã, e não consigo ver nenhum olhar de adoração por parte dele.

Felipe sobe na cama e me puxa de uma forma um pouco bruta para que eu me encaixe nele, mas estou tão excitada e o desejando da mesma forma, que fico insana.

Ele se posiciona entre as minhas pernas e enquanto olha nos meus olhos, ele me invade de uma única vez fazendo com que um gemido alto saía da minha boca. Eu passo os braços por seu pescoço e beijo os lábios de Felipe, que retribui com mais voracidade que o normal. Seus lábios estão

urgentes nos meus, enquanto ele dá estocadas fortes dentro de mim. Eu começo a gemer loucamente, mas dessa vez ele se mostra indiferente aos meus gemidos e quando eu abro os olhos, eu o encontro me encarando, mas ao contrário das outras vezes, não é com um olhar de veneração. Eu o deixo continuar ditando o ritmo cada vez mais forte, mesmo querendo pedir para ir mais devagar. Sua boca vai para um dos meus mamilos que é sugado com tanta força que causa incômodo, enquanto sua mão aperta o outro, fazendo com que eu sinta dor.

— Felipe, você está me machucando — eu falo, ofegante, mas ele não parece se importar ou sequer me ouvir, já que continua me possuindo do mesmo jeito bruto. — Felipe, por favor, se você continuar assim, eu vou ficar toda dolorida.

Toda a minha excitação foge do meu corpo ao sentir uma mordida em meu seio, mas as palavras que vêm logo que Felipe goza, me destrói.

— Que foda deliciosa! — Felipe me surpreende ao sair de dentro de mim, tirar a camisinha e se jogar ao meu lado na cama.

— Foda? Por que está dizendo isso? — Eu cubro o meu corpo com o lençol, enquanto me sento na cama. Não sei descrever como me sinto decepcionada ao ser tratada dessa forma. Felipe nunca agiu assim comigo.

— Você acha que os problemas se resolvem sempre com sexo. Então? Aconteceu e sinto te informar que não é bem assim, porque apesar de ter gozado bem gostoso, eu ainda continuo puto com você.

— Aonde você quer chegar? — Eu questiono, irritada.

— Ísis, acho que não dá mais — eu o encaro, perplexa, não acreditando nas suas palavras.

— O quê? Você está terminando comigo, é isso?

— Somos diferentes demais. Pode achar que eu sou um cara paciente, mas não sou. Esse namoro não irá nos levar a lugar algum. E agora tenho certeza disso — ele diz calmamente, e eu sinto o sangue fugir do meu corpo.

— Você não pode estar falando sério. É uma brincadeira idiota, você não pode fazer amor comigo e logo em seguida terminar. Pessoas sem caráter fazem isso e você não é assim — eu começo a chorar e nem mesmo isso parece atingi-lo.

Ele se levanta, vai ao banheiro e volta vestindo uma bermuda. Ainda estou perplexa, esperando que ele diga que é mentira, mas Felipe se mantém afastado, evitando me encarar.

— Ísis, eu não sou o cara certo para você. Eu tentei e sei que a seu

modo você tentou também, mas não foi o suficiente. Eu não tenho muita paciência e infelizmente ela se esgotou.

— Felipe, como você teve coragem de fazer isso comigo? Por que foi grosseiro e egoísta? Por que me usou assim?

— Você disse que fizemos amor há segundos atrás. E agora está dizendo que foi usada? Foi você quem quis e insistiu, ainda por cima.

— Você está sendo ridículo.

— Sabe qual é o seu problema? É que sempre usa o sexo a seu favor. Todas as nossas brigas nunca são resolvidas porque você sempre consegue fazer com que tudo se acerte na cama. Mas não adianta, Ísis. Sempre ficam assuntos pendentes. O que você pensa? Acha mesmo que sexo funciona como um apagador de memórias?

— Não acredito que você está querendo terminar comigo por uma bobagem dessas. Felipe, eu viajei para convencer o meu pai a deixar você ir passar o Natal conosco.

— Mas o seu grande sacrifício foi inútil, sabe por quê? Teria evitado tudo isso se tivesse me perguntando se eu queria ir, e a resposta seria não. Eu a pouparia e me pouparia também. Mas como sempre, você acha que responde por mim.

— Eu não acredito que estou escutando isso. Você tem ideia do que eu tive que aturar? Além dos meus padrinhos, os meus pais ficaram todos esses dias tentando me empurrar para cima do Marcos de novo, mas nem ele e nem eu queremos mais isso. E, sinceramente, acho que ele deixou claro, ou você não viu no aeroporto? Ele estava acompanhado e ainda me chamou de amiga — Felipe gargalha ao me ouvir. — Por que isso agora, Felipe? — Eu sinto meus olhos se encherem de lágrimas ao ver Felipe ficar de costas para mim, encarando a rua mais uma vez. — Se tem um motivo de verdade, fale. Não me venha com essa ceninha patética — eu grito.

— A questão é que eu não preciso da aprovação dos seus pais para nada, Ísis. Eu só precisava da sua aprovação e de mais ninguém. Mas você sempre será controlada por eles, e percebo a sua frustração nisso. Uma vez que você não tem controle sobre a sua vida, quis tentar controlar a minha. Eu sempre tenho que aceitar tudo, estar sempre à disposição e no horário que você quer. Se eu tivesse esquecido a sua consulta, seria um motivo para tempestade. Eu venho pensando sobre isso há um tempo. Sempre as suas vontades, sempre você. E, infelizmente, eu não posso continuar aceitando tudo só por que você abre as pernas e eu amo estar entre elas.

— Ah meu Deus! Não acredito que você está dizendo isso. Você está sendo um idiota comigo, Felipe. Eu não mereço ouvir isso — lágrimas grossas rolam pelo meu rosto, enquanto o meu coração dói com as suas palavras duras.

— Não era a minha intenção, mas é a verdade. Eu só omiti — ele joga as palavras que eu disse um pouco antes na minha cara. — Chegamos a isso graças a você. Se realmente não houvesse problema, teria me dito quem estaria na viagem, mas você só diz o que te convém. É sempre assim, tudo tem que girar de acordo com o seu próprio benefício, e sabe o que é pior? Se o cara não tivesse vindo até nós, tenho certeza que você não teria me contado.

— Você está agindo como seu eu fosse uma vagabunda, e isso eu não aceito!

— Eu não quis dizer isso, mas também não posso negar que você sabe usar o seu corpo tanto quanto uma.

— Você está me machucando e perdeu a noção disso.

— E você acha que eu não estou machucado desde que percebi que você passou o fim de semana com “o homem perfeito para a filhinha do papai”, enquanto o trouxa aqui ficou contando as horas para você voltar? — Sua voz sai mais alta que o normal. — É louco o jeito que você vê a vida, Ísis. Se você me machuca, acha que é só dar uma de idiota que eu esqueço tudo. Eu tenho HIV e ninguém me quer mesmo, certo? Mas se eu ofendo a princesinha, nossa, como o Felipe é um pilantra! A Flávia deixou bem claro que quer ficar comigo, e sabe o que eu fiz? Deixei claro que tenho um compromisso com você e dormi no mesmo quarto que a minha mãe lá no sítio para não dar brecha para conversinha fiada. Depois voltei antes do previsto e passei a noite toda dirigindo. E pra quê? Pra buscá-la no aeroporto e ter que vê-la com o seu ex. Desculpe-me, mas eu não vou me sujeitar mais a isso. Foi horrível.

— Eu só vim com o Marcos porque foi graças a ele que pude vir antes. Ele disse que queria ir para uma festa e eu queria te ver, Felipe. Foi só por isso. Acredite em mim.

— Poxa! Que cara bacana. Quer que eu envie um cartão de agradecimento? Ísis, acabou e você não vai me convencer do contrário. Eu desejo toda a felicidade do mundo a você e que encontre a pessoa ideal e que possa ser muito feliz com a aprovação da sua família.

— Você está de cabeça quente, e quando perceber como foi idiota, vai querer voltar atrás e...

Ele nega com a cabeça e vai em direção ao banheiro, quando percebe que eu irei segui-lo, ele fecha a porta do banheiro na minha cara, mas não sem antes dizer:

— Quando sair, feche a porta, por favor. Boa sorte.

Eu começo a vestir a minha roupa e me sinto humilhada pela forma como ele me tratou. Começo a soluçar sentindo como se algo estivesse apertando o meu peito e me deixando com falta de ar. Dói tanto que me sinto sem forças até para argumentar

Mas, e o amor? Como faz para acabar?

Capítulo 26

Felipe

Eu ligo o chuveiro, ainda em choque com o que fiz. Enquanto a água cai sobre o meu corpo, eu sinto o meu orgulho ferido e as lágrimas descem. Eu perdi a cabeça, não deveria ter agido dessa maneira. O ciúme me dominou e eu deixei a raiva me guiar. Cada segundo que passa, mais confusa fica a minha mente e agora estou com um nó na garganta e uma dor escrota no peito. Quando se ama é isso, você machuca quem ama e se machuca também. A dor que causa a pessoa reflete diretamente em você. E sei que é só o começo, que ainda vai doer mais, que ainda vou perder noites pensando nela. E nessas mesmas noites vou chorar lamentando a sua ausência. Outra verdade sobre o amor, ele dói muito. Uma dor latejante na alma, nada alivia e a cada minuto ela se enraíza mais.

Existe alguém capaz de amenizar todas as feridas que eu tenho agora? E o que vem depois?

Não vem nada, depois dela não existe nada.

Eu agi estupidamente e lá se vai mais um erro. Tudo foi uma sequência de erros, mas em um deles o amor surgiu, pouco se importando se éramos as pessoas erradas.

Eu tentei e cheguei no limite, tinha que ter um fim. Por que tem que ser dessa forma?

Isso não vai me deixar em paz, mas tenho que tentar e seguir em frente.

Respiro fundo, termino o meu banho e desligo o chuveiro. Não escutei a porta se fechar, e fico tenso com a possibilidade de ter que encará-la. Não quero ter que lidar com isso agora. Talvez a vida se resuma a cair, machucar, levantar, dar mais alguns passos e ir novamente ao chão, apenas sobrevivendo um dia de cada vez.

Saio do banheiro e não há nenhum vestígio da sua presença no meu quarto. Ela se foi e pela forma como a tratei, sei que não vai mais voltar.

E não há porque mentir, mas não foi planejado, e a prova disso é essa dor que eu sinto e tento ignorar.

A casa está completamente vazia, mas eu estou preenchido pela dor. Todas as palavras ditas giram pela minha cabeça. Mas, por que persistir em

algo que não tem a mínima chance? Eu sinto a pressão dos meus erros e palavras me sufocando, e com tanta intensidade que quase imploro por uma válvula de escape.

Nosso amor é abstrato, já estava previsto que seria assim. Estou preso entre quatro paredes, buscando a solução que não existe e talvez esse seja o jeito mais cruel de enlouquecer.

Não sou idiota de achar que a minha mãe é contra por simples despeito, ela tem uma visão mais clara e sempre me aconselhava a pôr um fim. Ísis é totalmente dependente dos pais e sei que eu não posso dar a ela o que eles proporcionam, então, obviamente, ela joga de acordo com as regras deles. E quando descobrirem sobre o HIV, não haverá mais chances para nós.

Tudo está tão confuso, que eu não sei se estou me libertando ou se acabo de perder a mulher da minha vida.

Eu me deito na cama, revejo toda a cena na minha cabeça e tento entender como fui capaz de chegar a isso. O cheiro de Ísis está no lençol que ela usou para se cobrir, e dessa vez eu não quero que desapareça, eu o quero em mim, então inalo o seu perfume como se fosse uma droga, tentando novamente sobreviver a esse caos.

As horas passam e eu continuo preso na minha cama, por fim, acabo dormindo. Desperto quando o sol já se pôs, e ao conferir as horas, percebo que dormi o dia todo. Eu me levanto sentindo o chão frio sob os meus pés, então saio do quarto e me dou conta que a minha família já voltou de viagem ao escutar as vozes da mamãe conversando com a Mari. Rapidamente, volto ao meu quarto ainda sentindo o caos dentro de mim. Eu me sinto culpado pela forma que tratei a Ísis, e sei que enquanto não pedir desculpas, esse erro vai continuar a me perseguir. Fico sentando em minha cama por um tempo até que a minha mãe bate à porta e entra.

— Chegaram agora? — Pergunto.

— Não, já faz um tempo, mas como estava tudo quieto, achei que você e Ísis estivessem dormindo.

Ouvir o nome dela faz o desespero crescer em mim.

— Aconteceu alguma coisa? Ela não pôde vir?

— Ela veio e nós terminamos.

Minha mãe se aproxima e se senta ao meu lado.

— O que aconteceu para terminarem?

— Nós brigamos, eu perdi a cabeça e...

— Felipe, o que você fez? — Seu tom muda no mesmo instante.

Eu mantenho o olhar fixo no chão, tentando segurar o choro. Falar sobre sexo com a minha mãe nunca foi problema, até porque ela sempre nos orientou, mas não consigo falar. Respiro fundo e começo contando o que aconteceu desde o aeroporto até o nosso término. Eu não omito nada, conto como cada palavra foi dita, e ela ouve tudo com o olhar perplexo com a minha confissão.

— Eu estou me sentindo péssimo, mãe.

— Você tem noção da gravidade do seu erro, Felipe?

— Mãe, eu... — acabo caindo no choro. — Eu me senti tão machucado que queria que ela se sentisse da mesma maneira. Eu perdi a cabeça, agi sem pensar e...

— Quantas vezes eu disse a você que, independentemente do quando você queira, quando uma mulher diz não, é não!

— O ato em si foi consensual, eu não forcei Ísis a nada...

— Você parou para pensar se fosse comigo ou com a sua irmã?

— Eu agi sem pensar, o ciúme... vê-la chegar com o ex e a forma como ele a tratou e me tratou, me fez sentir tão idiota.

— Não estou dizendo que você não deveria ficar magoado, mas não tente justificar um ato tão inconsequente. Você poderia ter agido diferente. O mínimo que você deve fazer é pedir desculpas a ela. E, sinceramente, esse relacionamento chegou a ponto de não fazer bem a nenhum dos dois. Felipe, estou muito decepcionada. Não se trata de gostar ou não da Ísis, mas em me colocar no lugar dela como mulher. Eu não esperava isso de você e imagino como ela deve estar decepcionada, se sentindo humilhada. Eu queria que o relacionamento de vocês tivesse um fim porque sempre temi que isso pudesse te machucar muito e eu não quero vê-lo sofrer. Mas você cometeu um erro em cima de um erro dela, tirando toda e qualquer razão que você pudesse ter. Você deve um pedido de desculpas pela forma que a tratou, tem que assumir que errou e principalmente, deixar claro que mulher nenhuma deve ser tratada dessa forma.

— Eu vou pedir desculpas a ela, e tem razão, isso saiu do controle. Eu não quero ser esse cara idiota. Estou magoado com ela, mas muito mais comigo pela forma que a tratei. Estou muito arrependido — ela me abraça.

— Eu o conheço e sei que está arrependido. Mas que esse seja realmente o fim. Felipe, já pensou na possibilidade de trocar de turno? Flávia chegou a comentar sobre a vaga que está para surgir no banco.

— Acha que eu tenho alguma chance?

— Não só tem, como vai conseguir. O pai dela irá indicá-lo, é só mudar o horário da sua faculdade. Será uma boa oportunidade para conhecer outras pessoas e deixar o seu coração se acalmar. Jamais irei apoiar a forma como acabou, mas veja isso como uma chance de ter uma mudança.

— Acha que tem perdão? Que ela pode me perdoar?

— Perdoar acredito que sim, até porque eu o conheço e sei que agiu estupidamente. E que isso sirva de lição e você aprenda com o seu erro.

— Obrigado, mãe. E não conta nada para a Mari, você sabe como ela vai reagir e começar com o discurso de como os machos são escrotos — minha mãe acaba rindo do meu comentário.

— Não vou contar. Eu já preparei o jantar, venha comer um pouco, porque já está quase na hora dos medicamentos. Está dormindo desde que horas?

— Estava tão esgotado que dormi o dia todo.

— Pelo menos você descansou. Eu vou tomar um banho e depois se você quiser, podemos assistir a um filme juntos ou apenas conversar. Sei como é doloroso ficar apenas com os nossos pensamentos em momentos como esse. Não deixe passar muito tempo, peça desculpas a ela o mais rápido possível. Assuma o seu erro e demonstre o quanto está arrependido.

— É horrível ter que esperar até amanhã. Assim que eu tiver a oportunidade, vou falar com ela, se ela permitir, claro.

Ela me dá um beijo e sai o quarto. Eu me obrigo a jantar, já que não sinto fome alguma, em seguida volto ao meu quarto e tomo o meu medicamento. Fico deitado na cama, rolando de um lado para o outro, sem conseguir dormir, pensando em como seguir em frente sem ter Ísis ao meu lado. Quando são quase quatro horas da manhã, eu envio o meu currículo para a Flavia. Mesmo que eu tenha alguns cursos técnicos que fiz no decorrer dos anos e uns poucos empregos, estou confiante que posso conseguir essa vaga.

Meus pensamentos se voltam novamente para Ísis e em como ela deve estar se sentindo, e com uma dor enorme em meu peito, eu acabo adormecendo.

O relógio desperta às seis e meio sonolento, eu acabo levantando. Depois de me arrumar e tomar o café da manhã, eu sigo para a faculdade. Para a minha decepção, Ísis não aparece na faculdade, então decido procurar a Monique e acabo descobrindo que ela também faltou. Paro para conversar com Flávia, que me avisa que recebeu o e-mail, e ao longe noto que Carol

fica me olhando de um jeito malicioso e dando risadinhas, mas eu a ignoro.

Depois que saio da faculdade, eu passo em frente ao seu prédio, mas não tenho coragem de parar, então sigo direto para a minha casa e tento seguir com a minha rotina, mas é inútil, a minha consciência está quase me matando. Assim que saio do trabalho, precisamente às seis e meia, vou para casa e tomo um banho. Esperançoso, checo o meu celular e vejo que não recebi mensagem alguma de Ísis, que nem mesmo está on-line. Sem dar satisfações para a Mari para onde estou indo, eu sigo para o apartamento de Ísis. Eu estaciono do outro lado da rua e nem mesmo me atrevo a ligar, desço do carro e toco o interfone. Depois da quarta tentativa, escuto a voz chorosa dela perguntando quem é.

— Ísis, é o Felipe.

Ela fica em silêncio, mas abre o portão. Eu subo as escadas o mais rápido que posso e sentindo o coração acelerado, eu paro em frente ao seu apartamento e toco a campainha. Ísis abre a porta vestindo um pijama, com o cabelo todo bagunçado e os olhos inchados. Ela está péssima.

— Oi — ela diz sem me encarar.

— Ísis, eu... — eu quero abraçá-la, pedir desculpas e dizer que fui estúpido, mas estou envergonhado e não sei por onde começar.

— Estou de pijama, é melhor você entrar — ela diz, mas não se atreve a olhar diretamente para mim.

— Não precisa. Eu só queria dizer que eu não deveria ter agido daquela maneira com você e... — Ao ouvir as minhas palavras, ela começa a chorar e se afasta da porta. Eu acabo entrando, uma vez que não me resta outra coisa a fazer. Ver Ísis tão machucada me faz sentir um monstro.

— Eu estou péssima. Sabe, eu estava tentando ser uma pessoa melhor e tudo acabou tão...

— Eu assumo a culpa por ter acabado dessa forma. Nunca deveria ter feito aquilo e vim aqui pedir o seu perdão.

— Veio só pedir perdão? — Ela finalmente olha para mim e vejo a dor em seus olhos. — Eu estou me sentindo tão usada, mas ao invés de te odiar, eu sinto a sua falta. Eu entendo que terminamos, mas eu não consigo me acostumar com isso. Eu te amo e me sinto uma idiota por ainda ter esse sentimento dentro de mim depois de tudo o que você me fez passar ontem.

— Eu cometi um erro, nenhuma mulher deveria passar por aquilo. Foi um erro que eu vou carregar para o resto da minha vida. Ísis, o melhor para nós dois é cada um seguir o seu caminho, e se não quiser mais nenhum

contato comigo, eu entendo. Mas antes eu queria dizer que estou arrependido por tudo, e se pudesse me perdoar e esquecer...

— Eu sei que vou te perdoar, mas, esquecer...

— Eu entendo — engulo em seco. — Eu vou deixá-la em paz.

— E o que eu faço? Como parar essa dor? Como conseguir dormir?

— Eu não tenho a resposta.

— Felipe, até ontem você dizia que me amava, e hoje aparece aqui para me dizer adeus mais uma vez? Não tenho muita experiência com amor, mas agora eu tenho certeza que o que eu sinto por você é muito diferente do que você dizia sentir por mim.

— Não fale besteira, Ísis. O que tivemos foi especial e mesmo tendo durado pouco, foi amor. Mas, por mais que doa em mim agora, eu preciso deixá-la ir. Independentemente do motivo, isso iria acontecer cedo ou tarde. Tudo saiu do controle, não era para chegarmos tão longe.

— O que você sentia por mim não era amor, é só tesão, como você mesmo disse ontem — ela enxuga as lágrimas.

— Ísis, por favor...

— Se me amasse de verdade, iria querer ficar comigo como eu quero ficar com você. Mas ao invés disso, você simplesmente revela que não deveria ter ido tão longe, deixando claro que o que tivemos foi uma curtição, e não um namoro com sentimentos sinceros como eu achava que era — ela diz isso com rancor e lágrimas deslizando em seu rosto, fazendo com que eu me sinta cada vez pior.

— Eu sempre fui honesto com você. Não queria que tivesse acabado dessa forma, mas fui leal e tentei, mesmo quando deveria ter recuado. Não sei onde eu estava com a cabeça para ter deixado isso chegar a esse ponto.

— Ouvi-lo me machuca, sabia?

— Infelizmente, o amor nos deixa cegos. Eu só pensei em nós e ignorei todas as evidências. Eu soube que poderia tê-la perdido quando contei sobre o HIV, e Deus sabe como eu desejei que você não fosse embora. Você foi, mas voltou, no entanto, agora estamos sofrendo mais do que daquela vez, provando que esse sentimento não nos faz bem.

— Por favor, pare de dizer que o nosso amor deveria ter sido algo temporário. Eu sou uma idiota, mesmo. Quando ouvi a sua voz no interfone, imaginei que estava aqui para dizer que estava arrependido, que queria voltar, mas você veio só para tirar um peso da sua consciência e deixar claro, mais uma vez, que acabou — ela volta a chorar com as mãos no rosto para

esconder as lágrimas. Meu coração dói ao vê-la tão diferente da Ísis que eu amo.

— Ísis, eu também estou vivendo um inferno, mas tenho medo por mim, tenho medo por você. Olha a que ponto chegamos, que ponto eu cheguei, e pode ter certeza que a tendência era piorar. A qualquer momento, seus pais vão exigir que você se case com o seu ex e eu sei que isso vai acabar acontecendo. Vocês cresceram juntos, têm o mesmo estilo de vida e com certeza muita coisa em comum. Pode parecer cruel me ouvir dizendo isso, mas talvez seja melhor...

— Eu te amo a ponto de não me importar com a opinião dos meus pais, a ponto de ir contra tudo e todos, a ponto de viver de qualquer forma desde que ela me permita estar com você.

— Você me disse que eles já sabem sobre nós, mas não disse mais nada e depois foi viajar com eles. O que aconteceu?

— Eu queria te poupar. Você não merece saber o que eu ouvi...

— Mas aí é que está o problema. Se não confia em mim para ser sincera, não há motivos para ficarmos juntos.

— Eu só não queria te machucar.

— Você já faz isso, mas se não conta, como eu posso te entender? Como posso saber o que você está sentindo se você não fala? — Eu ressalto e ela respira fundo.

— Na mesma ocasião em que conversamos sobre você, o meu pai falou muito sobre a nossa diferença social e deixou claro que você nunca poderá me proporcionar a vida que eu tenho agora, e que com Marcos eu terei tudo isso. Por fim, tentou me persuadir com presentes muito caros. Para eles, você não existe, mas para mim, sim.

— Ele não mentiu sobre isso, Ísis. Eu realmente não tenho, gostaria de ter, mas não tenho como dar a você tudo isso.

— Mas essa é a questão. Eu não me importo.

— Não se importa agora, Ísis. Você sempre teve de tudo e o que acha essencial, para mim não passa de supérfluo. Na maioria das vezes, meu salário dá apenas para as contas. Depois que comecei a faculdade, eu evito até mesmo sair e sempre tiro cópia dos livros, não tenho dinheiro para isso. O combustível do meu carro é contado e em casa, nós dividimos as despesas, Ísis. Não passamos necessidade, mas estamos muito longe de poder esbanjar. Algumas vezes, eu atraso o pagamento de uma conta ou outra, e sinceramente, eu não a vejo vivendo dessa maneira.

— Mas é você que está deduzindo isso, Felipe. Eu posso ser fútil, às vezes, mas estou disposta a encarar a vida com você, mesmo que ela me transporte para outra realidade. E provavelmente é o que irá acontecer quando meus pais souberem de tudo. Eu estou aqui, me derramando em lágrimas, e você fala como se estivesse se despedindo de um amigo em seu último dia de trabalho. Felipe, eu não vou conseguir te ver todos os dias e não poder te tocar, não vou conseguir ver a Flávia se aproveitando para dar em cima de você. Se nós não podemos ficar juntos, eu vou embora daqui.

— As coisas não funcionam assim. Você não pode fazer chantagem, nem ser tão precipitada — o desespero me invade ao pensar que nunca mais a verei.

— Não estou sendo precipitada. Se realmente acabou, então vamos colocar um fim em tudo, e eu vou me mudar. É impossível continuar vivendo aqui tendo que fingir que estou bem — eu me sinto entre a cruz e a espada. Nem mesmo sei se vou conseguir viver longe dela, quanto mais vê-la indo embora para sempre.

— Ísis, não tome decisões baseadas em momentos. Você gosta de Arquitetura...

— Não, eu não gosto. Achava que sim, mas não. Eu só continuei por você.

Merda! Ela continua me encarando, esperando ouvir uma resposta minha. Por que tem que ser tão complicado?

— Eu não sei o que será de mim, de você ou de nós. No momento, eu sei que preciso ficar sozinho, e se o que temos for verdadeiro, ele vai permanecer. Não quero que isso lhe dê esperanças, Ísis, mas se o que sentimos pelo outro for tão verdadeiro quanto parece, nada e nem ninguém irá nos separar. Agora, por favor, pare de chorar, isso está acabando comigo.

— Felipe, me dê mais uma chance. Deixe-me mostrar que nada me importa a não ser você. Eu te amo muito, e isso dói pra caramba. Eu não consigo aceitar que esse seja o nosso fim. Eu não quero aceitar.

— Eu vim aqui porque não consegui dormir por ter agido daquela maneira. Era só para pedir desculpas, mas eu... Droga. Eu não sei...

Ela me encara, chorando, e não consigo mais aguentar, então a puxo para os meus braços, confortando-a e me confortando, sentindo o perfume que mexe tanto com os meus sentidos. Ela coloca a cabeça no meu peito e me abraça com força, como se não quisesse me soltar mais. E para piorar a situação, eu não quero que ela me solte.

— Não me afasta mais, Felipe — ela sussurra.

Não sei se vou conseguir ficar longe dela, já que dói tanto, mas eu preciso ser forte, estou muito dependente desse sentimento e isso me deixa cada vez mais vulnerável.

— Bonequinha, olha para mim — ela se afasta, ainda chorando e posso sentir a minha camisa molhada pelas suas lágrimas. — Eu também te amo, muito. Faz um dia e meio que estamos separado e já estamos despedaçados. Isso só mostra como estamos dependentes do outro, e com isso ficamos vulneráveis. Isso faz mal a mim e a você.

— Se voltarmos...

— A tendência é piorar. Olha a que ponto cheguei ontem com você, como fui idiota.

— Você perdeu a cabeça e falou sem pensar. E sei que dei motivos também.

— Mas um erro não justifica o outro. Isso não é bom para ninguém, Ísis. O melhor que temos que fazer é esperar para ver o que o destino nos reserva. O que acha? Seja amanhã, ou depois, se tivermos que voltar, isso vai acontecer.

— E se a Flávia tentar uma aproximação?

Eu sorrio para a sua cara de cachorrinho abandonado.

— Ísis, você ainda não percebeu que eu só tenho olhos para você e mais ninguém. Nem perca o seu tempo imaginando coisas desse tipo. Eu quero um tempo para mim e quero que você aproveite esse tempo também. Se for para ficarmos juntos, nós voltaremos, mas, hoje, eu vejo que o melhor é nos afastarmos — eu beijo a sua testa e dou um passo para trás.

— Mas é tão ruim não poder beijá-lo, abraçá-lo. Eu te amo tanto — ela se aproxima e coloca as mãos em volta do meu pescoço.

— Por favor, não complica ainda mais as coisas.

— Então vamos ser amigos, é isso? — Eu vejo seus lábios mexerem e sinto vontade de beijá-la.

— Por favor, não faz isso.

— Felipe, não estou tentando usar o meu corpo, mas se você estivesse tão desesperado como eu estou agora, faria o mesmo. Eu o conheço e sei que se for embora, não vai mais voltar. Consigo ver isso em seus olhos.

Eu fico destruído ao ver os seus olhos cheios de lágrimas, então tento desviar, mas não consigo. Sigo o coração e a beijo com desejo, Ísis corresponde com a mesma intensidade. Cada beijo me faz ignorar tudo que

até então eu queria e passo a querer apenas ela. Ísis levanta a minha blusa e a tira, depois volta a me beijar. Sem pensar, eu faço o mesmo com ela, e aos beijos, seguimos para o sofá, onde ela me empurra para que eu me deite com ela cobrindo o meu corpo. Continuamos nessa loucura até a porta se abrir, fazendo com que nós voltemos para a realidade. Monique congela na porta e fica sem graça com a situação. Ísis se levanta e veste a blusa, entregando a minha em seguida. Monique mal me cumprimenta e segue para o quarto com um sorriso forçado.

— Achei que ela estivesse trancada no quarto — eu digo enquanto visto a blusa.

Ísis se aproxima e volta a me beijar, e eu acabo correspondendo, mas antes de ganhar intensidade, eu a afasto.

— Eu tenho que ir agora. Desculpe-me.

— Está desculpado.

— Quero vê-la amanhã na faculdade. Não falte — eu falo e Ísis me dá um lindo sorriso.

— Tudo bem — ela me beija. — Amor, eu pesquisei algumas coisas relacionadas ao...

— HIV? — Eu pergunto, surpreso, e ela confirma com a cabeça.

— Sim. Que dia é a sua próxima consulta? Quero tirar algumas dúvidas.

— Quinta-feira, às oito da manhã. Mas não tem que ir, não agora...

— Mas eu quero ir com você. Como amigos — ela sussurra.

— Eu realmente preciso focar mais em mim, entende? Você não tem obriga...

— Entendo, mas eu quero ir. Esse não é o nosso fim, Felipe, não hoje.

Eu não digo nada, somente caminho até a porta e nos beijamos mais uma vez. Sinto que Ísis quer me perguntar como estamos, mas ela não se atreve. Mesmo que eu não diga nada, nós sabemos que continuamos como sempre estivemos, tentando amar onde não deveria haver amor.

Chegando ao carro, fico surpreso ao ver dez chamadas perdidas da Mari. Quando retorno à ligação, ela solta uma bomba. Minha mãe foi atropelada e fraturou o braço. Meu mundo desaba e eu sigo feito um louco para o hospital...

Capítulo 27

Felipe

Chegando ao hospital, encontro Mari e ouço, ou melhor, finjo ouvir um sermão por não ter atendido o telefone antes de falar com a minha mãe. Depois do sermão, Mari explica que, apesar do susto, o motorista do carro freou em cima da nossa mãe e não foi uma batida brusca porque ele estava em baixa velocidade. Ela sofreu uma queda e fraturou a ulna do antebraço direito, consequência mais da queda do que propriamente da batida.

O braço dela já está engessado e ela passou pelo neurologista, mesmo não tendo batido a cabeça. Ela acabou de receber alta do médico que a atendeu e receitou anti-inflamatório e analgésicos. O retorno terá que ser feito em quinze dias, e ela está com um atestado médico para trinta dias.

Quando a Mari finalmente se cala, a minha mãe me explica como foi e que o rapaz que a atropelou prestou socorro. A errada nessa história toda foi ela, que atravessou a rua sem prestar atenção que o sinal estava aberto para ele. Depois que saímos do hospital, nós passamos na farmácia para comprar os medicamentos. Assim que chegamos em casa, enquanto Mari vai preparar o jantar, eu ajudo a minha mãe a se acomodar em seu quarto.

— Amor, está tudo bem. Não se preocupe — diz ao tocar o meu braço, uma vez que é nítida a minha tensão.

— Desculpe não ter atendido o telefone, realmente esqueci e...

— Felipe, às vezes esquecemos, é normal. O acidente foi perto do hospital e fui atendida rapidamente. Só depois de tirar a radiografia é que liguei para você e como não atendeu, liguei para a Mari. Mas eu estou bem, foi apenas um susto. Você conhece bem a sua irmã, por isso liguei primeiro para você, mas está tudo bem.

— Tudo bem. Agora você precisa repousar. Depois eu combino com a Mari para revezarmos para que você sempre tenha companhia.

— Amor, não precisa.

— Lógico que precisa, mãe. É o mínimo que podemos fazer — eu me aproximo e dou um beijo nela.

Minha mãe sorri e olha nos meus olhos, procurando o que eu tanto

quero esconder.

— Tudo bem. E você? Chegou a conversar com a Ísis? — Ela diz enquanto acaricia o meu rosto.

Mesmo agora, quando não deveria pensar nela, Ísis está bem aqui, dentro de mim.

— Eu estava no apartamento dela quando você me ligou. Nós conversamos, eu acho que...

— E como ficaram depois da conversa? — Minha mãe é mestre em me fazer abrir a boca mesmo quando eu não quero falar.

Devo dizer que terminamos de verdade? Eu mordo os lábios, me contendo nos segundos antes que as próximas palavras saiam tão cortantes como faca.

— Terminamos. Eu preciso de um tempo, e ela também. Eu quero voltar para a minha rotina antes de conhecer a Ísis. Não se preocupe, ficou claro para nós dois — eu falo com o intuito de finalizar o assunto, mesmo não estando convencido disso.

— É o melhor. Mas você se desculpou?

Eu não quero ser rude, mas falar sofre isso me sufoca.

— Sim, eu me desculpei — eu suspiro. — Mãe, sinto que não sou eu mesmo por me forçar a ir contra os meus sentimentos. Mas, depois de tudo o que aconteceu, eu não quero cometer os mesmos erros. Nós erramos, eu sei, falamos o que não devíamos. Eu perdi a cabeça e quero me lembrar disso como um sinal de alerta do cara que eu não quero ser. Ainda estou magoado com ela e comigo, mas eu quero e vou seguir em frente. Não sei como, mas eu vou. Mas agora nós temos outras preocupações, certo? Estou tentando tirar a Ísis do foco e seria bem legal se pudesse me ajudar nisso — eu sorrio e ela retribui. Acho que tudo foi esclarecido. — De madrugada, eu volto aqui para dar os seus remédios. Daqui a pouco a Mari traz o seu jantar, e se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

— Obrigada, amor. Mas eu posso tomar os meus remédios, sozinha.

— Olha quem fala! Eu dizia a mesma coisa, e você sempre me ignorava — nós dois rimos, e eu saio do quarto, seguindo para a cozinha.

Mari, que está com tudo pronto, passa por mim parecendo estar com raiva, com o jantar da minha mãe. Eu me sento à mesa e janto sem vontade alguma, depois vou para o meu quarto e ligo o computador. Os resultados dos meus exames saíram hoje e eu quero dar uma olhada para não ter surpresas.

Desde que eu entendi o que era HIV e que, uma vez no meu sangue,

não seria eliminado até que se descobrisse a cura, eu passei a pesquisar e ler muito sobre HIV/AIDS. As pessoas geralmente acham que é a mesma coisa, mas não é. Ser soropositivo é ter o vírus em seu organismo, AIDS é o estado avançado da doença causada pelo vírus HIV, ou sendo mais objetivo, a síndrome de deficiência do sistema imunológico.

Ao entrar em contato com o sangue, o HIV busca principalmente os linfócitos T-CD4, que são células que atuam na defesa do nosso organismo contra as doenças. Utilizando uma enzima chamada transcriptase reversa, o vírus entra nas células CD4 e se multiplica com uma velocidade imensa. O CD4 praticamente deixa de ser uma célula de defesa para ser uma fábrica de vírus HIV. Com a reprodução, milhares de novos vírus saem de um CD4 já infectado utilizando outra enzima, a protease, e partem em busca de novas células CD4. Ou seja, no mesmo tempo em que ele ataca outras células não infectadas, ele também se reproduz, te enchendo de novos vírus.

Em contrapartida, nosso organismo também produz bilhões de outras células CD4, e assim como o HIV, essas células saudáveis se multiplicam em nossa corrente sanguínea. Devido a esse constante processo, durante os primeiros anos após a contaminação pelo HIV, a destruição causada pelo vírus não é suficiente para fazer com que o sistema imunológico da pessoa soropositiva perca a função.

Para que a defesa do organismo fique seriamente comprometida é preciso que muitas células de CD4 sejam destruídas, e isso leva alguns anos. E quando o sistema imunológico perde sua capacidade de defender o organismo de doenças, é necessário começar imediatamente o tratamento anti-HIV. É aí que os medicamentos antirretrovirais são os grandes aliados. Eles defendem o CD4 do ataque do HIV, e existem em dois grupos, os que inibem a transcriptase reversa, que é a enzima que o HIV utiliza para entrar no CD4, e os que inibem a protease, enzima que os novos vírus HIV usam para sair da célula, prontos para infectar novas células.

Parece loucura saber de tudo isso, e tem mais, depois de várias consultas e pesquisas, além de saber de todo o processo, fiquei familiarizado com várias palavras, tais como: *carga viral*, essa é a que indica a quantidade de HIV presente no sangue. Inclusive, nos meus últimos exames, a minha carga viral estava indetectável, e só se obtém esse resultado quando os exames normalmente utilizados para medir a carga viral no sangue não conseguem detectar a presença do HIV.

A próxima é *sistema imunológico*, o grande responsável por defender o

organismo de doenças e justamente o que sofre ataque diretamente do HIV. Outra da lista são as *doenças oportunistas*, elas surgem em consequência da deficiência do sistema imunológico, criando assim a oportunidade de microrganismos comuns proliferarem e se tornarem agressivos. Sim, é um saco ter que assumir isso, mas se o seu sistema imunológico estiver fraco, uma simples gripe pode ser o inferno.

E ainda que o seu sistema de defesa esteja forte, a ignorância das pessoas em relação ao tratamento de HIV é tamanha, que ao pegar uma infecção de garganta e ir a um clínico, que não acompanha o seu quadro, você corre o risco de ter o seu diagnóstico relacionado ao HIV, basta revelar que é soropositivo e o médico pouco vai querer saber como está a sua carga viral, mal vai te examinar, e como se ele fosse o dono da verdade, vai associar ao HIV e fim de papo. Mesmo você tendo certeza que não é. Isso é um saco e me tira do sério.

Eu abro a página inicial e vou direto ao site do laboratório. Para saber ler os resultados, você tem que ter noção das referências. Por exemplo, geralmente a contagem de células CD4 varia entre 500 e 1200, que é normal em pessoas soronegativas para a infecção pelo -HIV. Já em soropositivo, costuma ser abaixo de 500, mas estando acima de 350, o tratamento antirretroviral não é, normalmente, recomendado. Estando abaixo de 350, recomendam o tratamento antirretroviral.

E estando abaixo de 200, resultado do meu primeiro exame de CD4 quando descobri ser soropositivo, é onde há um risco agravado de doenças e infecções, e nesse caso não tem outra saída, você tem que começar a fazer imediatamente o tratamento antirretroviral. Porém, hoje no Brasil, assim que se descobre ser soropositivo, o paciente, independentemente do resultado do CD4, é quem decide quando iniciar o tratamento.

O médico também pode dar o resultado da contagem em percentagens. Acima de 29% é semelhante a uma contagem de células CD4 acima de 500. Abaixo de 14%, semelhante a uma contagem de células CD4 abaixo de 200.

Outro ponto extremamente importante é a carga viral, estando entre 100.000 e 1 milhão de cópias está muito alto. Abaixo de 10.000, para as pessoas que vivem com HIV sem tratamento é considerado um valor baixo. E abaixo de 50 é o resultado conhecido por carga viral “indetectável”. Esse é um dos objetivos do tratamento.

Resumindo, quando o CD4 está baixo, significa que a imunidade está baixa e a carga viral está alta. E quanto mais baixo, mais propenso se fica

para contrair doenças oportunistas. O principal papel da medicação é deixar o CD4 alto e quando isso não ocorre, a opção é uma nova combinação de medicamentos.

E as minhas últimas experiências de troca de medicamentos foram um caos, sinceramente, eu fico deprimido só de pensar na possibilidade.

Abro os resultados sentindo toda tensão que meu cérebro permite e lá vou eu conferir o meu CD4.

Está abaixo de 14%, conseqüentemente, a minha carga viral deixou de ser indetectável. Um buraco se abre sob os meus pés. Eu respiro com tanto pesar que fico segundos tentando entender. A frustração me pega de jeito e eu não sei como reagir a isso. Mecanicamente, imprimo os resultados. O meu estado emocional, que já variava entre duvidoso e péssimo, agora acaba de afundar. Eu me sinto desintegrado, mas existe outra opção a não ser começar tudo novamente?

Tudo bem, Felipe, você já passou por isso e não é o fim da linha.

Eu olho novamente para os números à minha frente. Eu poderia perder a cabeça, ficar inconsciente, apenas esquecer esses números. Eu vivia através de contagem de números. De exames, de medicamentos e referências. De repente, eu me sinto cansado de tudo isso. Cansado dessa luta, das pessoas, então eu percebo que também estou cansado do meu HIV, que luta constantemente contra a minha vida. E apesar de tudo isso, dessa carga que carrego, do meu desânimo, das minhas frustrações, não existe trégua, a medicina está a nosso favor, mas pessoas preconceituosas pouco se importam com a nossa luta. Elas preferem se manter ignorantes a desmistificar seus próprios preconceitos. E tudo isso torna a luta mais difícil.

Inevitavelmente, eu penso em questões que não deveria. Queria poder gritar todas as palavras presas, gritar o meu medo, a minha fragilidade, mas não é o melhor momento. Talvez ele nunca chegue. E, ao contrário da tempestade dentro de mim, eu calmamente me tranco no quarto sentindo as lágrimas descenderem, apago a luz e me deito na cama.

Durante toda a minha luta contra o HIV, confesso que algumas vezes eu já pensei em desistir, mas isso nunca veio com tanta força como agora. É frustrante você seguir todas as recomendações médicas, tomar seus medicamentos e ainda assim ter que encarar isso. Você se acha tão vulnerável, e sem pedir permissão, o meu coração ignora todas as tentativas de não pensar em Ísis. Eu olho a sua foto e penso a respeito. Ísis não merece passar por isso. Por que condená-la a viver esse preconceito? Ela, que mal

sabe o que é viver tendo que se controlar, fingindo não ver como as pessoas te olham quando descobrem o seu diagnóstico, que nunca teve que encarar o preconceito que o HIV agrega à minha vida. Ela, que nunca teve medo de ter que receber nãos em entrevista de empregos, mesmo eles não falando diretamente que o motivo é ser soropositivo.

Então, por que ainda sonho com isso? Quando a confiança é perdida, só resta seguir em frente. Mas agora eu queria ligar para ela, contar sobre a minha carga viral e como a minha merda de CD4 está baixa, mas ela mal sabe o que é isso. E talvez a verdade possa assustá-la.

A questão é: *O amor ultrapassa o preconceito?* Talvez sim, mas, e o medo? Como ela pode superar o medo, se as pessoas dizem que é justamente ele que nos mantém vivos?

Eu estou com medo agora, e não tenho nada além disso aqui comigo, mas ele não me mantém vivo, e sim a minha perseverança.

Eu estou tão cansado dessa luta, me sinto desgastado por amar Ísis. E agora, mesmo magoado por ela achar que é aceitável essa viagem com o ex, mesmo tendo perdido o controle e prometido ficar distante, eu quase imploro para tê-la aqui comigo. Ainda que ela não saiba nada sobre CD4, carga viral ou os vários microrganismos oportunistas que agora querem se aproveitar da minha condição, ainda que ela pouco se importe com isso, queria que ela estivesse aqui. Queria ouvir algo banal, um assunto fútil ou mesmo a sua respiração. Mas essa não é a nossa realidade.

Eu estou perdido em tantas perguntas e só o que me resta fazer é chorar em silêncio. O relógio desperta, me lembrando que eu devo tomar os meus medicamentos. É, eu sei, a vida é irônica e um pouco hipócrita também.

Pego os medicamentos e encontro a Mari no corredor depois de ir à cozinha buscar água.

— Felipe, está tudo bem? — Ela me encara, preocupada, provavelmente estou com os olhos vermelhos. — Desculpe-me pelo modo como falei, eu estava nervosa e você não teve culpa...

— Está tudo bem — eu toco o seu ombro na tentativa de silenciá-la.

— Você está passando mal?

Eu nego.

— Deve ser cansaço. Pode ir dormir, eu levo os remédios para a mamãe.

— Tudo bem. Boa noite.

— Boa noite.

Volto ao quarto com todos os meus fantasmas e tomo um banho na tentativa de relaxar. É inútil. Eu visto uma blusa e bermuda, e me deito. Depois de alguns minutos, meu telefone vibra com a chegada de uma mensagem. Ísis. Eu não penso em mais nada, somente na falta que ela me faz, então ligo para ela sem nem mesmo ler a mensagem.

— Oi — ela atende no primeiro toque e eu quase choro ao ouvir a sua voz.

— Oi — a minha voz sai em um sussurro.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — eu minto. — Quer dizer, a minha mãe foi atropelada e...

— Ah meu Deus! Como ela está? Você está no hospital com ela? Quer que eu vá até aí? — Seu tom de voz se torna preocupado.

— Não, ela está bem. Foi apenas uma fratura no braço e já estamos em casa. Eu só queria escutar a sua voz, me distrair um pouco.

— Se ela está bem, por que você parece tão mal?

— Acho que é o susto...

— Imagino. Posso ir aí, se você quiser, claro. Companhia é bom em momentos assim.

— É o que você quer? — Eu pergunto.

— Apenas como amigos? — Escuto a sua risadinha maliciosa.

— Está tarde, Ísis. Não quero te dar trabalho, nos vemos amanhã. Eu vou ficar bem, não se preocupe.

— Tudo bem, boa noite. Melhoras para a sua mãe.

— Obrigado. Boa noite.

Eu encerro a ligação e me levanto novamente para reler os resultados e verificar todos os dados. Não há erros. É isso, agora terei que tentar outra combinação de antirretroviral. Esgotado, eu me deito na cama novamente e o tempo passa enquanto penso na Ísis, no HIV, nos resultados dos exames, novos medicamentos, novos efeitos colaterais.

Meu celular vibra novamente, e como coloquei todos os grupos no silencioso, só pode ser a Flávia, uma hora dessas. Como não estou bem para falar com ela, eu ignoro, então ele passa a tocar. Dou uma olhada na tela e me surpreendo ao constatar que é a Ísis.

— Estou no portão da sua casa. Podemos conversar?

Suas palavras me fazem rir como um bobo e apesar de estar me sentindo um lixo, eu visto uma blusa de frio e sigo ao seu encontro, tentando não fazer barulho. Eu abro o portão e sou recebido por uma Ísis sorrindo e

vestindo um pijama de frio. Eu me aproximo, e ela abre os braços, onde eu me aninho rapidamente. Sinceramente, nunca precisei tanto estar em seus braços como agora. Ao sentir o seu perfume, os meus olhos se enchem de lágrimas.

— Felipe, o que está acontecendo? — Ela segura o meu rosto delicadamente entre as mãos frias.

— Nada. Aqui está ventando muito, quer entrar?

— Sua mãe não irá se importar?

— Ela já deve estar dormindo. Quer guardar o seu carro na garagem?

— Aqui é perigoso?

— Não, mas se quiser...

— Não precisa. A sua família pode acabar acordando com o barulho.

— Tudo bem.

Ela tranca o carro, então subimos a escada silenciosamente, depois entramos e seguimos direto para o meu quarto. Enquanto eu fecho a porta, Ísis se senta na cama parecendo envergonhada.

— Eu fiz mal em ter vindo aqui? — Ela pergunta baixinho, como se estivesse com medo da resposta.

— Se a resposta que você quer for baseada na conversa que tivemos no seu apartamento, sim. Mas se for pensando no quanto estou precisando de você agora, então não.

Ela me dá um sorriso tão doce, que me faz sentir muito melhor. Ter Ísis aqui é como um anestésico. Eu me aproximo da cama e me deito, enquanto ela se levanta, apaga a luz e se deita ao meu lado com o silêncio nos envolvendo.

— Felipe, você está diferente, um pouco distante. Algo me diz que é mais do que o acidente da sua mãe — eu não quero mentir, mas também não quero ter que conversar sobre isso.

— Não é nada — dou um sorriso forçado enquanto olho em seus olhos.

— Se não quer falar agora, promete que me conta amanhã?

— Prometo. Mas o que deu em você para vir a essa hora?

— Eu não consegui dormir, e como achei a sua voz estranha, imaginei que você estivesse com algum problema. Isso foi o suficiente para me fazer vir.

— Eu adorei — eu beijo a sua testa e sussurro.

— Eu não gosto de dormir de calça — ela se justifica enquanto tira a calça, ficando somente de calcinha, blusa e meia. Novamente se deita ao meu

lado e eu a abraço por trás, ficando de conchinha com ela.

— Eu já disse que amo o seu perfume? — Eu sussurro.

Passo o nariz no seu pescoço, inalando o seu perfume delicioso enquanto sinto a pele de Ísis se arrepiar. Sei que não deveria fazer isso, mas não consigo resistir a essa mulher.

Ísis tenta se virar de frente para mim, mas eu a impeço, fazendo com que ela continue na mesma posição.

— Estou sentindo tanto a sua falta. Sinto tanta falta de fazer amor com você que chega a doer — ela diz entre gemidos, enquanto eu a puxo para mais perto.

— Podemos só dormir, não estou bem.

— Por que não está bem? Fale, por favor — ela pede, manhosa.

— Ísis, quando você pensa em mim, ainda pensa no HIV? — Eu pergunto.

— Não. Antes eu pensava, não sei exatamente quando foi, mas não penso mais.

— E quando me vê, quando olha para mim ou me beija, pensa nisso?

— Não.

Ísis vem para cima de mim e eu a seguro, então nossos olhos se encontram e nossas respirações se misturam.

— Eu amo você, e a partir do momento que passei a ter consciência desse amor, o vírus deixou de ter importância para mim.

— Então o amor nos cega? É isso?

— Não, o amor não nos cega, ele só nos faz enxergar o que realmente importa.

— E se as pessoas te associarem ao vírus? Se elas...

— Se elas pudessem suprir toda a necessidade que eu sinto de você e se pudessem calar a dor da sua ausência, eu me importaria com a opinião delas. Mas elas não podem. Só você pode fazer isso, então a única opinião que me importa é a sua.

— Minha carga viral está alta e meu CD4 está baixo. Sabe o que significa?

— Não, eu não sei.

— Que vou ter que tentar outra combinação de medicamentos.

— Mas você vai ficar bem, não vai? Isso não é preocupante, é? Você troca o medicamento e fica bem, certo? — Seus olhos preocupados esperam uma resposta.

— Eu vou ficar bem. Mas isso não a assusta?

— Desde que isso não o tire de mim — ela sorri e eu sinto as minhas lágrimas descenderem.

— Por que eu, Ísis — eu pego as suas mãos, levo aos lábios e beijo.

— Eu cresci escutando histórias de príncipes encantados — ambos sorrimos. — E talvez eu tenha criado essa ilusão, como muitas meninas. Então você chegou, com defeitos e erros como qualquer pessoa. Mas eu senti algo em você, em nós, e não consegui ignorar. Era real. Foi então que eu descobri a mentira por trás dos príncipes encantados, não que não sejam reais, eles são reais — sorrio ao escutá-la. — Mas o verdadeiro encanto está no amor que você me proporciona. Felipe, eu te amo, e não sei nada sobre carga viral, CD4 ou HIV, sei apenas que depois de você nada mais importa e isso me faz ter a convicção de que vou para onde você for. Você pode achar que é o fim porque eu errei ou você errou, mas não é.

— Você me perdoou?

— Eu o perdoei antes mesmo de você errar. E você também pode fazer isso, pode nos dar outra oportunidade.

Eu vejo a sinceridade vívida em seus olhos.

— Eu te amo muito — eu sussurro.

— Precisamos apenas do nosso amor, e você, mais do que todos, merece ser feliz. E eu quero te fazer feliz.

— Eu também quero te fazer feliz, bonequinha.

Ela se aproxima e me beija delicadamente.

— Promete nunca me deixar? — Eu sussurro entre beijos.

— Não poderia. Você faz parte de mim.

Eu volto a beijá-la com desejo, perdendo os sentidos, e qualquer linha de pensamento parece impossível. Tudo está conectado a ela, até a minha respiração. Quando recobro a consciência, eu me afasto e fico de costas para ela.

— Felipe, você não vai me deixar desse jeito.

Eu tento disfarçar uma gargalhada pelo jeito invocado que ela falou. Assim que percebo que ela se senta na cama e começa a tirar o restante da roupa, eu paro de rir.

— Ísis, eu acho melhor você parar por aí.

Ela ignora o meu pedido e se senta no meu colo, fazendo com que os nossos sexos, mesmo através do meu short, se encontrem.

— Você sabe que eu dependo de você, Felipe, então, por favor, não me

deixe mais um dia sem que eu te ame.

Ela se abaixa e me beija docemente, mas eu retribuo com um pouco mais de urgência. Nossas línguas se encontram, enquanto Ísis agarra o meu cabelo com força para intensificar o beijo ao mesmo tempo em que as minhas mãos deslizam em seu lindo corpo, então eu me lembro que deixei a camisinha no carro.

— Bonequinha, eu não tenho camisinha aqui, só no carro.

— Isso é um pretexto, e no estado em que eu estou, nem ligo para ele — ela volta a me beijar.

— Você é louca.

— Uma louca que ignora conselhos e razões. Uma louca que quer só você e pouco se importa com a opinião dos outros.

Ísis volta a me beijar com tanto desejo, que, do mesmo jeito inesperado que o medo surgiu, ele desaparece. E novamente eu me agarro à esperança. Nosso amor não permite conselhos e razões, ele se mantém cego, surdo e mudo a todas as diversidades que queiram separá-lo.

— Juntos para sempre? — Eu pergunto.

— O sempre é só o início. Com você, eu preciso de muito mais do que o sempre.

Ficamos abraçados por um bom tempo, e quando ela percebe que não irá passar de beijos, Ísis se entrega ao sono.

— Boa noite, bonequinha — eu sussurro e sei que independentemente de conseguir dormir ou não, eu terei uma boa noite...

Capítulo 28

Durante a madrugada, eu acabo acordando ao ouvir o barulho da chuva. Eu sinto o vento gélido em minha pele, e apesar de estar totalmente descoberto, Felipe está quente. Nada alarmante, porém, mais do que eu. Eu o observo dormir, sua respiração oscila um pouco, acabo decidindo que o melhor é fechar a janela.

Sem coragem para ir buscar um copo de água, eu pego a coberta que está no chão e volto para a cama, nos cobrindo. Eu penso nele, em nós e em como o meu coração está aflito. Monique me contou o quanto os pais dela foram cruéis, e que ela não pode mais voltar para a casa deles. Eles nem mesmo continuarão a pagar as despesas da faculdade. Parece que a única salvação dela está sendo o acordo que fez com o pai do bebê, e agora vai depender totalmente dele, uma vez que está grávida e não vai conseguir emprego algum nesse estado. E, para piorar tudo, ela disse que não sabe se irá continuar estudando. Ao pensar nisso, percebo como a carga pesa bem mais para a mulher, e se esse cara tivesse abandonado Monique por completo, não sei como ela iria se virar.

Eu olho para o Felipe e de acordo com as previsões do Marcos, meus pais irão reagir muito pior que os da Monique. Mas, ao contrário dela, eu terei Felipe ao meu lado e posso conseguir um emprego. Se ficarmos juntos, nós conseguiremos.

Tudo isso me faz pensar em uma aula de história que tive há tempos, onde o meu professor disse que o preconceito era a denúncia explícita de que não evoluímos como sociedade. E hoje posso comprovar a sua frase. Não sei o que os meus pais farão, mas a tempestade virá em minha direção. Não que o amanhã me cause medo, mas a incerteza do que me espera, sim. Eu sei que não menti quando disse que não penso mais no HIV ao olhar para Felipe, não que eu ignore esse fato, mas o amor tem voz e quando ele fala, não há mais espaço para dúvidas, não há espaço para preconceitos. E tudo o que eu quero ver quando olho nos olhos dele é o nosso amor.

Penso no que ele me disse sobre os exames, e começo a achar que eu devo me preocupar. Eu toco o seu rosto, afasto seu cabelo e a sua respiração sai mais forte com o meu contato. Ele está suando. Eu coloco a mão em seu

peito e percebo que está muito quente. Felipe está ardendo em febre.

— Felipe — eu sussurro e o balanço levemente. — Felipe, por favor, acorde — após insistir mais algumas vezes, ele acorda. — Acho que você está com febre.

— Ah?

— Você está quente. Onde encontro um termômetro ou remédio para febre?

Ele parece não me entender, então se vira para o lado e volta a dormir. Achando que isso significa que ele está bem, eu me deito ao seu lado, mas a temperatura dele me preocupa. Eu me levanto, coloco a minha calça, e mesmo estando envergonhada, eu vou até a cozinha pegar um copo de água e tentar achar a caixinha de medicamentos que toda família tem.

Sei que não tenho liberdade para mexer nas coisas da Eliane, mas nesse caso, eu me atrevo a fazer isso. Eu abro os armários em busca da droga da caixa, tentando não fazer barulho. O relógio da cozinha está marcando quase quatro da manhã, e como não encontro nada, eu volto para o quarto e continuo a busca ali, abrindo gavetas. Em uma delas eu encontro vários medicamentos, mas a maioria está sem a bula, e só pelo nome eu não sei se serve para baixar a febre.

Novamente, eu tento acordá-lo, mas é inútil. Ele está com o sono muito pesado. Eu sei que banho abaixa a febre, mas acho quase impossível fazê-lo levantar, e procurar a mãe dele não é uma boa opção, uma vez que ela está com o braço engessado. Eu me encho de coragem e vou até a porta que acredito ser da sua irmã.

Após quatro batidas, eu escuto Mari falando para esperar um pouco. Assim que a porta se abre, ela arregala os olhos ao me ver.

— O que aconteceu? — Apesar do rosto amassado e da evidente irritação, ela está surpresa por me ver.

— Eu... é o Felipe. Acho que ele está com febre e como ele me disse que os resultados de exames não foram bons, eu achei que...

— Ele disse o quê? — Mari pergunta, assustada.

— Alguma coisa sobre CD4 e carga viral alta. E agora parece que ele está com febre. Isso é grave? — Eu devo parecer uma idiota, porque Mari não fala nada, só segue para o quarto do Felipe sem se preocupar com a minha presença.

Mari vai até a cama e coloca a mão na testa de Felipe.

— Felipe — ela tenta acordá-lo sem delicadeza alguma, e como ele não

acorda, ela começa a chamá-lo cada vez mais alto.

De repente, sinto uma mão no meu ombro, e me assusto ao ver a mãe dele atrás de mim.

— O que foi, Mari? — Ela pergunta, preocupada.

— Ele está com febre.

— O que foi? — Felipe finalmente abre os olhos e diz sussurrando, logo em seguida começa a tossir.

— O que você está sentindo? — A mãe dele pergunta, mas antes que ele possa responder, ela sai do quarto, voltando em seguida com um medicamento e um copo de água.

Felipe se senta na cama e parece confuso. Mari o ajuda a tomar o comprimido, e logo o silêncio se apodera do ambiente.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Após alguns minutos, ele pergunta olhando diretamente para a sua mãe.

— Você pegou os resultados dos seus exames, Felipe? — Mari pergunta.

— Peguei.

— E está tudo bem? — A pergunta me deixa tensa.

Será que ele não contou para elas?

A mãe dele vai até a mesa do computador e desajeitadamente pega os papéis que estão sobre ela. Mari se levanta e vai até ela, pegando os exames e lendo, em seguida mostra para a sua mãe e ambas ficam tensas.

— Por que não nos contou, Felipe? — A mãe dele questiona e parece magoada.

— Eu não queria preocupá-la — ele sussurra.

— Como assim, não me preocupar? Quando foi que passou a pensar dessa forma? Aqui, nessa casa, não funciona assim e você, melhor do que ninguém, sabe disso. Se tratando da sua saúde, não existe isso de não querer me preocupar — ela o repreende.

— Mãe, está tudo bem. Eu vou ao médico na quinta-feira e só ia contar depois de trocar os medicamentos.

— Por acaso as regras mudaram e eu ainda não sei, Felipe? — Ele não retruca. — Você sabia disso, Mariana?

— Não, mãe.

— Felipe, as dores de cabeça eram um indício que isso estava acontecendo. Por que você está agindo como um menino ao invés de um homem?

— Desculpe-me. Foi um choque para mim. Eu tinha que me preparar para contar a vocês. E só vi os resultados dos exames quando vim para o meu quarto, depois que chegamos do hospital.

— E o que você está sentindo agora?

— Eu dormi bem. Só estava um pouco cansado, mas agora sinto a minha garganta arranhar — a mãe de Felipe se aproxima e pede para que ele abra a boca.

— Sua garganta está com placas, Felipe. Está inflamada. Só senti agora?

— Estava arranhando um pouco, mas nada além disso. Eu vou ao médico na quinta-feira e...

— Você vai assim que o dia amanhecer. Ou melhor, nós vamos — ela diz de maneira autoritária.

— Mãe, você não precisa ir comigo.

— Não preciso, mas eu vou — ela olha para mim. — Eu não me lembro de vê-la quando cheguei do hospital. Que horas você chegou, Ísis?

— Ah, é... acho que às dez... — se tivesse um buraco, juro que me enfiaria nele.

— Entendi. Vocês voltaram? Ou melhor, chegaram a terminar?

Eu olho para Felipe, mas como ele não diz nada, eu respondo.

— Voltamos — digo.

— E depois a bipolar sou eu, Felipe? A indecisa, que não sabe o que quer — Mari diz com cinismo.

— Mariana, não começa — Elaine a repreende. — Ísis — ela volta a me encarar. — Apesar de querer que esse relacionamento acabe, e mesmo que o Felipe minta para mim dizendo que acabou e...

— Mãe, eu não menti — ele a interrompe.

— Felipe, eu estou falando — ela diz, fazendo o sinal de silêncio com o dedo. — Do mesmo jeito que eu falei com o Léo e com a Mari, deixando claro que não aceito esse vai e vem, também não vou admitir isso de vocês. Seus pais sabem sobre o Felipe, Ísis?

— Sabem — eu sussurro, já imaginando a próxima pergunta.

— Sabem sobre o diagnóstico dele?

Eu me sinto encurralada com o olhar dela e de Mari em minha direção.

— Não.

— E como acha que eles irão reagir?

— Imagino que será péssimo.

— E você está disposta a encarar isso?

— Estou.

— E você, Felipe, está disposto a encarar isso?

— Estou — ouvi-lo dizer isso me faz sorrir.

— Então passem a agir como adultos e saibam resolver os seus problemas como tal. Eu entendo que brigas são normais, mas parem de querer terminar, ou melhor, de terminarem a cada briguinha. Dialoguem mais. Felipe, você, mais do que ninguém, está consciente de que o mundo dela é diferente, então não venha reclamar disso futuramente. O mesmo serve para você, Ísis, já sabe como ele é ciumento e um pouco machista também — Felipe revira os olhos ao ouvi-la. — E outra coisa. Se os pais dela não sabem sobre o HIV, assim que souberem, independentemente de quais sejam as consequências, vocês terão que enfrentá-las juntos. É isso que vocês querem? Porque outro Léo e Mari nessa casa eu não aceito. E ao contrário do que eu pensei, vocês estão indo pelo mesmo caminho.

— Ah, mãe, não começa — Mari resmunga, nos fazendo rir.

— Agora, sobre os seus resultados, nós conversaremos amanhã e aproveite para explicar para a Ísis. Se ela quer continuar com você, precisa estar por dentro do assunto.

— Tudo bem, vou explicar — ele diz, querendo finalizar o assunto.

— Ísis, agora eu os deixarei dormir. Se precisar, pode me chamar. Tenha uma boa noite — ela finaliza e sai do quarto com a Mari a acompanhando.

Eu me aproximo dele e Felipe sorri gentilmente, parecendo um pouco melhor.

— A sua mãe é sempre direta assim?

— Sempre — ele sorri, sem jeito. — Bonequinha, eu sei que você ficou preocupada, mas da próxima vez, me acorde ao invés de chamá-las?

Eu olho para ele, incrédula. Não acredito que acabei de escutar isso. Mas ao ver a sua carinha de anjo, eu não me atrevo a protestar. Como perdi o sono, eu pego os resultados dos exames e Felipe, ainda sonolento, me explica como ler as referências e os resultados, e diz o significado de cada palavra e como o HIV age no organismo.

— Mas tem outras opções de medicamentos, não tem? — Eu pergunto, preocupada.

— Tem sim, vamos tentar outra.

— É por isso que você está passando mal?

— Bonequinha, acredito que seja, mas vamos voltar a dormir agora — ele tosse novamente. — Estou com sono.

— Tudo bem — eu beijo a sua testa, desejando que tudo fique bem.

Eu me pego pensando nos resultados e não demora muito para o sono chegar novamente.

Cedo demais, ouço o despertador tocar e a vontade de arremessá-lo na parede é enorme. Eu não quero ir à faculdade, mas preciso. Checo a temperatura do Felipe e vejo que está normal. Decidida a começar o dia, eu me levanto sem acordar o Felipe, saio do quarto e acabo encontrando a Mari no corredor, que apenas me cumprimenta e segue para o banheiro.

Saio da casa e vou direto para o meu carro, então dirijo rapidamente até o meu apartamento, me arrumo e sigo para a faculdade.

Várias pessoas me perguntam do Felipe, e eu digo somente que ele precisou faltar, e a minha manhã passa entre uma aula e outra, onde anoto tudo que é importante para levar a ele. Na hora do almoço, Monique fala pouco. Ela está deprimida e as minhas tentativas em animá-la não surtem muito efeito, eu até chego a sugerir para comprarmos roupas de bebê, mas ela diz que irá fazer um ultrassom na próxima semana e prefere saber o sexo antes.

Durante a manhã, mandei várias mensagens para o Felipe, mas como ele não respondeu nenhuma, decido ligar depois do almoço. No terceiro toque, ele atende e me diz que está no hospital com a mãe e irmã, então pergunto se foi ao infectologista e ele me diz que não, mas que a mãe dele conseguiu adiantar a consulta para amanhã. Hoje ele irá passar pelo clínico, então eu peço para me mandar notícias assim que a consulta tiver terminado.

À tarde, a minha mãe me liga e conversamos pouco sobre as minhas decisões. Ela apenas pergunta como estou e logo em seguida passa para o meu pai, que faz as mesmas perguntas. Eu os amo muito e acabo me questionando se ter Felipe em minha vida poderá romper esse laço.

Eu não quero pensar sobre isso, é sofrer antes do momento certo, e talvez, por um milagre, isso não aconteça. Já são quase sete horas da noite, e como Felipe ainda não entrou em contato, eu decido ligar. A mãe dele atende e confirma que ele está com a garganta infeccionada e que está dormindo. Eliane diz que quando ele acordar irá dizer que eu liguei e que também conseguiu adiantar a consulta dele para quarta-feira às oito da manhã. Eu agradeço e peço para ela dizer a ele que não precisa me ligar e que amanhã, às sete horas, eu o pego para irmos à consulta, então nos despedimos e

desligamos. Com a minha sogra não existe enrolação, ela é direta seja em uma conversa séria ou em um simples telefonema.

Confusa, eu não consigo dormir, querendo entender tudo o que está acontecendo. Será que de certa forma eu posso ter piorado a saúde dele? Eu queria estar ao lado dele, agora sinto a minha cama fria, precisando escutar a sua voz me dizendo boa-noite. Agora eu sei como preciso dele aqui comigo e como tudo parece em ordem quando estou com ele.

Querendo que amanheça logo para ouvir o médico dizendo que tudo vai ficar bem, eu me forço a relaxar, permitindo que o sono chegue.

Às seis da manhã, já estou de banho tomado, ansiosa para encontrar o Felipe. As perguntas que eu queria fazer ao médico sobre sexo oral, agora parecem irrelevantes, uma vez que a saúde dele é muito mais importante. Eu quero cuidar dele, mas não sei como.

Eu chego em frente ao portão da casa de Felipe às sete horas da manhã e mando uma mensagem avisando que estou à sua espera. Acabo esperando por quase meia hora enquanto ele termina de tomar café, e assim que ele surge, eu dou o meu melhor sorriso para ele. Ele retribui, apesar de parecer um pouco debilitado.

— A sua mãe não vai?

— Eu implorei para ela não ir. A minha mãe é tão apavorada, que praticamente obrigou a secretária do meu médico a me encaixar nesse horário, não custava nada esperar até amanhã. Eu não aguento esse desespero dela, a minha sorte é que faço tratamento há tanto tempo com ele, que todos sabem como ela é. Está tudo bem com você?

— Acho que eu deveria fazer essa pergunta a você — ambos sorrimos.
— Estou com saudade — eu toco o seu rosto e Felipe leva as minhas mãos aos lábios e beija delicadamente.

— Eu também — ele acaricia o meu rosto. — Vamos?

— Vamos.

Felipe me passa o endereço do consultório do seu médico, que não é muito distante do hospital, duas ruas antes. Chegamos em cima da hora, então não demora muito para sermos chamados. Assim que eu vejo que o médico é o mesmo que me atendeu no hospital quando estive lá, a minha cara cai no chão. Eu rezo para que ele não me reconheça, e por incrível que pareça, isso parece funcionar.

Após nos cumprimentar, o doutor Glender confere os resultados dos exames que Felipe trouxe.

Os minutos seguintes em silêncio são torturantes. Ele acessa a ficha médica do Felipe em seu computador e parece tenso. Enquanto confere os exames, ele vai falando nome por nome em um tom engraçado, eu diria até bem espontâneo.

— Hemograma completo, ok. Fezes, ok. Urina, ok. Hepatite, deu negativo também. Dosagem de açúcar está normal. Glicemia, colesterol e triglicerídeos, também. Funcionamento do fígado e rins, estão bem demais — ele diz, descontraído. — E o raio X do tórax também está ok. Quando falo que esse garoto é forte, ele não acredita — nós sorrimos. — Felipe, você já deve ter notado que houve alteração no T CD4+ que é o teste de CD4, e no TIP que é o teste de carga viral. Nós iniciamos o tratamento com essa combinação de antirretrovirais há oito meses, nos primeiros exames o CD4, se manteve estável. Porém, agora houve uma queda considerável. E você sabe que tenho algumas considerações antes de decidir trocar a medicação de um paciente. O aumento da carga viral é uma delas. Foi o que ocorreu com você. Mas não somente o aumento da carga viral, levo em conta o CD4 do paciente e a velocidade com que ele aumenta em resposta ao tratamento, mas no seu caso houve queda.

Eu seguro a mão de Felipe, que apenas confirma. Eu sei que ele está tão tenso quanto eu.

— Posso fazer uma pergunta? — Eu falo.

— Claro. Aqui é o lugar onde as suas dúvidas são sanadas — ele tenta sorrir. — Qual o seu nome?

— Ísis — eu sussurro.

— Ísis?

— Fernandes.

O médico me encara por trás dos óculos, parecendo me examinar.

— Seu rosto não me é estranho. Você parece com uma amiga da época da faculdade. Mas, me diga, qual a dúvida?

— Quanto mais alto o CD4, mais protegido o Felipe fica?

— Bom, Ísis, é fato que quanto mais alto o nível de CD4, maior é a proteção contra doenças, mas não dá para generalizar e dizer que o nível de CD4 determina se a pessoa está ou não sujeita a contrair uma doença oportunista. Isso varia de paciente para paciente. Outro fator a ser considerado é o estado clínico do paciente. Esclareci a sua dúvida?

Eu confirmo com a cabeça e ele continua atento à tela do computador.

— Felipe, como já falamos, você sabe que não são muitas as

combinações disponíveis para quem não é virgem de tratamento. E você faz uso de antirretrovirais há anos, e como já houve um número de trocas considerável e o vírus se mostrou resistente a alguns, vamos iniciar agora com antirretrovirais pertencentes à segunda linha de tratamento, que são os inibidores da protease.

Enquanto prescreve a receita, o médico continua explicando. Felipe se abate ao ouvi-lo e isso me preocupa, apesar de prestar atenção no médico, percebo como ele continua tenso e eu me sinto mal por vê-lo assim.

— Lembrando que eu não quero que você fique pensando sobre dar certo ou não. O nosso organismo reage às nossas emoções. O principal você faz e sei que faz. Dona Eliane fica atenta a essa parte para mim — ele brinca. — Que mulher brava, certo, Felipe? Quando ela me chama no corredor, eu fico até meio arisco — ele diz, nos fazendo rir.

— Doutor Glender, não que eu queira focar nisso, mas e se não der certo essa nova combinação? — Ele pergunta e eu posso ver a preocupação em seus olhos.

— Não vejo por que não dar. Mas caso isso aconteça, porque nós trabalhamos com fatos e não possibilidades, tentaremos outro. Mas eu tenho certeza que irá dar certo. No mais, mantenha o pensamento positivo. Você está bem, é forte e vai se adaptar a essa nova combinação. Vamos seguir o mesmo procedimento. Já está habituado e sabe que é de extrema importância respeitar os horários, ter uma boa alimentação e fazer atividades físicas. Mas não quero que fique preocupado, evite o estresse. Já foi receitado antibióticos para a infecção de garganta? A sua mãe me ligou ontem.

— Ontem eu fui ao clínico e ele receitou sim.

— *Amoxicilina*? — Felipe confirma. — Ótimo. Vamos manter o pensamento positivo, que rapidinho a sua carga viral irá voltar a ser indetectável e teremos melhoras no seu quadro clínico. Agora me diga, vocês são namorados? — Ele sorri para mim, parecendo querer deixar o clima mais leve. Felipe confirma que sim.

— Sexualmente ativos?

— Sim — confirmo.

— E vocês tem alguma dúvida em relação a esse assunto? Transmissão, prevenção?

Ele diz tão naturalmente, que não consigo ficar envergonhada.

— Você tem? — Felipe sussurra para mim.

— Ísis, você tem total liberdade, e como eu disse, o melhor lugar para

sanar as suas dúvidas é aqui. Mesmo que você ache que seja algo irrelevante, eu estou aqui para responder. Vamos lá, sei que tem perguntas na sua cabecinha — ele brinca e me faz rir.

— Qual a importância de uma carga viral indetectável?

— Primeiramente, para responder isso eu tenho que falar o que é carga viral indetectável. Um paciente com HIV só se torna “indetectável” quando a terapia antirretroviral suprime o vírus a um nível tão baixo no sangue, que este não pode mais ser detectado. Certo? — Confirmo com a cabeça. — Importantes estudos na área comprovaram que uma pessoa com carga indetectável não é capaz de transmitir HIV — ouvir isso me deixa boquiaberta. — No início, obviamente essa afirmação foi muito criticada, mas hoje uma crescente onda de estudos científicos, inclusive uma coalizão internacional de médicos e autoridades de políticas de saúde, assinou a primeira declaração de consenso que reconhece que os estudos que mostram que os medicamentos antirretrovirais tornam o risco de transmissão “insignificante”, ou seja, tão baixo que não vale a pena ser considerado. Sei que está surpresa, mas é normal a sua reação. Quase 61% das pessoas não sabem que o vírus pode ser suprimido a um nível tão baixo, que a transmissão é praticamente impossível. E vale ressaltar que o risco real de transmissão está entre as pessoas não testadas que podem espalhar o vírus sem saber que são portadoras. Não os que estão em tratamento, contrariando justamente o que a maioria das pessoas pensa, por isso, a importância do tratamento. Você é tão indetectável quanto a sua adesão ao medicamento.

— Então, se uma pessoa com carga viral indetectável não pode transmitir o vírus, quer dizer que ela está curada? — Eu pergunto e Felipe não nos interrompe, apenas me observa, atento.

— Não exatamente curada, porque, mesmo que a pessoa mantenha o tratamento com antirretrovirais e a carga se mantenha indetectável durante o tratamento, o HIV persiste no organismo porque há células de HIV latentemente infectadas que não são mortas pelos antirretrovirais, os chamados “reservatórios” de HIV. Há estudos que mostram que essas células podem durar de 70 até 75 anos. O vírus não se reproduz, mas ainda está no organismo.

— É impressionante saber disso — eu falo, surpresa.

— E mesmo com tantos avanços e com a medicina a nosso favor, as pessoas ainda mantêm muito preconceito em relação a soropositivos — Felipe desabafa.

— Infelizmente, o preconceito se dá pela falta de informação. O que é triste, porque a informação está aí, mas depende do próprio indivíduo buscar para desmistificar os seus conceitos. E vocês sabem que o preconceito “*emburrece*” as pessoas. Quando eu escuto uma informação errônea e preconceituosa, olho para o sujeito e penso “coitado, em pleno século vinte um e com uma mente atrasada dessas”. Dá até pena — ele sorri. — E falando em mente, como está a sua cabecinha, Felipe? Sei que mulher bonita mexe com o nosso cérebro — ele brinca. — Eu estou te achando muito calado. Está tudo bem? Sabe que não pode ficar se aborrecendo muito, né? Isso afeta diretamente a sua imunidade — Felipe força um sorriso e sei que não tenho ajudado nisso.

— Estou sim, só preocupado com essa troca de medicamentos.

— Mas não há motivos para preocupação, não vamos sofrer pensando no pior. Foque em outras áreas. Como estão lidando com a situação? Como você lida com o fato de namorar um soropositivo, Ísis?

— Estou aprendendo sobre o assunto — eu sussurro e encaro Felipe.

— Ísis, é muito importante que o casal tente não trazer para a relação o peso que o HIV pode ter, tanto de cunho social como individual. E nisso eu ressalto a importância do acompanhamento, principalmente psicoterápico. Já foram ao psicólogo?

— Não — respondemos juntos.

— Pois é, mas sabem que é essencial o acompanhamento psicológico. Assim como aqui, lá também podem conversar, tirar dúvidas, abrir o jogo em relação à doença de um modo simples e que tenha como intuito resolver os questionamentos. Dialogar em uma conversa comum, como de fato é ou deveria ser, ajuda muito a naturalizar a doença, sem banalizá-la, claro. Como eu sempre falo para o Felipe, não dá para viver com medo o tempo todo. E também é importante que esse diálogo parta dos dois lados. E não unicamente de uma das partes.

— Entendo...

— Não quero dizer que isso acontece com vocês, mas eu sempre ressalto aos meus pacientes que possuem relacionamentos sorodiscordantes que se mantenham atentos com o jogo de poder, porque, infelizmente, existem muitos relacionamentos sorodiscordantes abusivos, e alguns usam formas cruéis e profundas de relação de poder. Portanto, o respeito mútuo é essencial. Jamais, Ísis, você deve usar em brigas e discussões, termos pejorativos contra o Felipe.

— Ela não faria isso — Felipe contrapõe e ao mesmo tempo acaricia a minha mão.

Será que eu já fiz isso, ainda que inconscientemente?

— Ótimo. Lembrando também que jamais se deve culpabilizar o outro pela infecção. É sempre bom ter em mente que vocês estão em uma relação sexual consensual. Ou seja, querem estar juntos e nenhum fator determina superioridade a nenhum de vocês. E outra coisa, falo na frente da Ísis porque você sabe, Felipe, que temos uma relação de transparência e bem, além disso, eu o conheço, sei que é uma excelente pessoa — Felipe sorri, sem graça. — Felipe, nunca se submeta às ofensas, e jamais aceite que ela ou qualquer outra pessoa o reduza a sua sorologia. E, Ísis, jamais pense que você está em privilégio em relação ao Felipe por ser soronegativa. São condições distintas e não existe hierarquia na relação, apenas cuidados distintos que precisam ser tomados, tanto do ponto de vista individual, como social e na própria relação. Eu, por exemplo, sou casado há quinze anos e posso afirmar que toda relação precisa de cuidados. O amor e respeito andam de mãos dadas e um não consegue caminhar sem o outro. Ficou claro? — Nós confirmamos.

— E quanto ao sexo oral, há um grau elevado de transmissão? — Eu tento soar natural, mas estou tensa.

— Historicamente tem sido muito difícil estabelecer qual a participação do sexo oral na transmissão do HIV, uma vez que poucas pessoas praticam somente o sexo oral. A maioria também pratica sexo anal e ou vaginal, que são reconhecidamente formas de infecção quando se há relação sexual desprotegida. Lembrando aqui a importância da proteção. Mas, apesar do sexo oral demonstrar ser uma atividade menos arriscada, não é de tudo isenta de riscos. Há vários fatores a serem considerados, como saúde bucal de quem faz o sexo oral e a carga viral do soropositivo — ele levanta o dedo. — E lá vou eu voltar ao assunto da importância da carga viral indetectável — ele sorri e faz Felipe sorrir também. — Eu pareço um chato, né, Felipe? Ísis, eu sempre bato na mesma tecla com os meus pacientes sobre a importância de seguir o tratamento para chegarmos até a carga viral indetectável. Mas você percebe como este fato muda todo o quadro? O Felipe sabe disso — ele sorri. — Porém, voltando ao assunto da sua pergunta, o risco de ter contágio por HIV durante sessões de sexo oral pode complicar se houver fluidos que normalmente carregam o HIV, como sêmen, fluido vaginal e sangue, e o caminho que o vírus tem para chegar até a corrente sanguínea de uma pessoa HIV negativa é através da boca ou da garganta. O que é mais provável se

houver uma inflamação, cortes, feridas presentes, cáries ou gengivite. Lembrando que o HIV não é transmitido através da exposição à saliva, portanto, uma pessoa com HIV positivo fazendo sexo oral em alguém que é HIV negativo tem um risco considerado muito baixo. A decisão é sua, depende de qual grau de risco que você considera aceitável. Você pode, por exemplo, considerar que os riscos do sexo oral são baixos o suficiente para continuar o seu comportamento normal. Como também pode preferir não fazer sexo oral porque não quer correr nem mesmo um baixo risco de transmissão do HIV. Pode optar por ter sexo oral com proteção, sendo elas o uso de preservativos para homens ou barreiras dentais para as mulheres. Ou também optar por apenas receber sexo oral, e ao fazer, se vai aceitar ou não a ejaculação na sua boca. Eu, como médico, recomendo sempre a proteção. Mas tudo isso deve ser conversado entre o casal. São vocês que impõem as regras e até que grau de risco é aceitável na relação. Mais alguma dúvida?

— Não, nenhuma.

— Alguma dúvida, Felipe?

— Não, obrigado.

— Então é isso. Nada de ficar abatido. Eu quero vê-lo com bons resultados na próxima consulta. Já deixe marcado com a Eva. Eu já fiz os pedidos dos próximos exames e daqui a três meses nos encontramos novamente, qualquer dúvida ou problema pode me ligar, você tem o meu telefone. E, Felipe, as escolhas de hoje refletem no resultado de amanhã. Mantenha a confiança e faça a sua parte que vai dar tudo certo.

Nós nos despedimos do médico, que entrega os pedidos dos exames e a receita. Saindo do consultório, seguimos para a recepção onde Felipe marca a próxima consulta, então, de mãos dadas, retornamos para o carro.

Pensando nas palavras do médico, eu percebo que ele tem razão em tudo o que disse. As escolhas de hoje refletem no amanhã. E como o meu pai disse, eu quero e estou vivendo as minhas, independentemente dos preconceitos, eu escolhi o amor...

Capítulo 29

Já com a seta ligada e antes de sair com o carro, Felipe segura o meu braço.

— Vamos à praia? — Seu timbre de voz se mostra distante.

— Claro, só temos que esperar um dia de sol — eu falo atenta ao trânsito, esperando que uma boa alma me dê passagem.

— Não. Eu quis dizer agora, só nós.

Eu me viro para encará-lo.

— Está frio e perto do almoço, talvez não seja uma boa ideia.

— É uma ideia, ser boa ou não depende de nós. E por mim será — ele tenta se mostrar animado.

— Você não vai ter problemas com a sua mãe? Fora que tem que tomar os remédios, e... — eu começo a questionar, mas ele me interrompe colocando o dedo delicadamente nos meus lábios.

— Ísis, eu só quero um tempo, por favor.

— Tudo bem. Você conhece um caminho mais curto?

— Não tem, mas prometo ser uma boa companhia no percurso — ele sorri e eu retribuo.

Sigo na direção oposta à sua casa, e durante todo o trajeto o silêncio domina o interior do veículo de tal forma, que os minutos se perdem na melancolia onde só é interrompida pelas tosses do Felipe. Ele está com infecção e acho que com esse clima não é uma boa ideia estar ao ar livre, mas não me atrevo a questionar outra vez.

Eu estaciono próximo à praia, e como previsto, está deserta, com o céu nublado e o mar agitado. Ele é o primeiro a sair do carro e somente quando faço o mesmo é que sinto o vento soprando forte e gélido. Felipe caminha à minha frente, seguindo direito para um lugar mais isolado perto de algumas pedras. Eu tiro as sandálias e caminho, descalça, sentindo a areia molhada e fria sob os meus pés. Já passei por aqui antes, mas nunca parei nessa praia. Ele sobe nas pedras, senta em uma e me ajuda a subir. Quando estou me sentando ao seu lado, Felipe me puxa, fazendo com que eu fique entre as suas pernas e de frente ao mar. Eu sinto um beijo no meu ombro enquanto observo

as ondas se chocarem contra as pedras.

— Aqui é lindo — eu falo, em seguida ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Obrigado por ter ido à consulta comigo — ele diz próximo ao meu ouvido. — Isso foi importante para mim, mesmo que ela não tenha sido...

— Não precisa me agradecer por isso. Eu queria estar lá com você e aproveitei e tirei as minhas dúvidas — Felipe passa as mãos em meus braços.

— É a primeira pessoa a fazer isso, além, claro, da Mari e da minha mãe.

— Sinto muito por elas, mas, agora, o posto me pertence — eu me viro e ele sorri.

— Às vezes eu penso que não tenho muita coisa para te oferecer, mesmo que você mereça. É desanimador, porque, nem se eu me esforçar muito, vou conseguir oferecer a vida que você leva agora. Eu sei que não deveria sentir isso, Ísis, mas eu a quero muito.

— E você me tem. Felipe, você me dá o seu melhor, e estou tentando te dar o meu melhor também — ele me beija novamente, e enquanto escuto o mar, penso em como me senti sem lugar na viagem com os meus pais. — Até então eu vivia outra realidade, mas estando ao seu lado, eu pude comprovar que passar o tempo com pessoas que apenas fingem te ouvir, faz a gente valorizar as pessoas que realmente nos ouvem — ficamos novamente ouvindo o som das ondas do mar agitado. Talvez, tão agitado quanto os meus pensamentos.

— Sabe — ele começa. — Eu me lembro pouco do meu pai, pouquíssimo mesmo, e acho estranho a minha mãe falar como nós dois éramos ligados. Ouvi-la sempre me falando isso, me faz sentir falho, eu deveria ter mais lembranças.

— Você só tinha seis anos, era tão pequeno.

— Eu sei, mas, em contrapartida, eu me lembro das internações. Depois de algumas pneumonias consecutivas, eles descobriram o que era e eu me lembro quando a minha mãe me falou que eu tinha HIV. Eu não tinha muita noção do que era a morte, mas sabia que o meu pai havia morrido e eu não o veria mais. Tenho uma vaga lembrança de que nesse dia eu me dei conta de que não queria morrer. Eu queria continuar a ver a minha mãe, a brincar com a minha irmã. Foi então que eu perguntei a ela se iria morrer — escutar Felipe dizendo isso me faz sentir calafrio.

— E o que ela disse? — Eu pergunto, tentando esconder a tristeza que

sinto por ter ouvido isso.

— Ela me disse que somente as pessoas que são esquecidas é que morrem, e seria impossível eu morrer, porque ela jamais me esqueceria. Eu fiquei tão aliviado. Eu nem sabia direito o que era a morte ou AIDS, mas me senti seguro. Engraçado é que depois disso, todas as vezes que eu tinha alguma recaída, eu perguntava se ela estava me esquecendo — nós dois sorrimos.

— Você passou a achar que se estava mal era por que ela não estava se lembrando de você?

— Sim. Eu achava que ela havia esquecido o meu pai, mas que se eu a lembrasse de não me esquecer, estaria seguro — ele diz, descontraído. — Tempos depois eu entendi que ela nunca havia esquecido o meu pai, ela estava apenas me poupando de saber a verdade sobre a morte. Foi então que o medo surgiu novamente — ele beija o meu ombro outra vez. — Algumas pessoas tentam romantizar a morte, mas ela é muito cruel, fria e covarde. Pouco se importa em nos separar de quem amamos, simplesmente chega sorrateiramente, deixando o vazio e a dor em seu lugar. Eu também acho a vida injusta, ela não se importa com quem zela por ela e geralmente atribui sorte a quem não quer estar vivo — ouvir Felipe falar isso me faz refletir.

— Por que está com tanto medo? O médico disse que... — eu paro de falar ao notar que a pergunta saiu da minha boca sem nem mesmo me dar conta do que estava falando.

— Faço uso de antirretrovirais há mais de quinze anos e cada vez que um falha, o vírus se torna mais resistente — ele sussurra olhando para o mar.

— Mas tem outros e... — engulo em seco, sentindo o seu medo começar a crescer em mim e o desespero se faz presente.

— Eu sei, mas não há garantias — ele respira fundo. — Ísis, eu tenho medo que essa nova combinação não funcione, medo de chegar a não ter mais combinações disponíveis. E tenho medo porque toda vez que isso acontece, eu penso que talvez chegue o meu dia de encarar a morte.

— Amor, por favor, isso não vai acontecer. Você é forte, o médico disse isso. E outra, a ciência está a nosso favor, não vão demorar muito para a cura ser descoberta. Eu não tenho garantias, mas sei que vamos vencer. Pare de pensar nisso. Felipe, eu não vou desistir nem que você desista — eu toco as suas mãos quentes.

— Sabe, eu ignorei os sinais. Eu estava sentindo o meu corpo cansado, as dores de cabeça estavam se tornando cada vez mais fortes, mas mantinha a

esperança de que estava tudo bem, de que eu só precisava continuar tentando. Então não me culpe pela minha falta de fé. Não é a primeira vez que acontece, e sei que pode não ser a última, mas isso é muito frustrante. Eu não posso contar tudo o que sinto para a minha mãe ou minha irmã. E não é porque estou contando isso a você, que deve se sentir presa a mim. Não fique comigo por pena, Ísis. Você é jovem, linda e talvez eu seja egoísta por querer que você continue ao meu lado.

— Felipe — eu seguro o seu rosto entre as mãos. — Estou aqui porque eu quero, mas a verdade é que eu preciso de você. Eu sinto sua falta quando estou longe, quando não me deito ao seu lado, até mesmo da maneira como você respira — com as lágrimas rolando em meu rosto, eu deslizo o dedo em seus lábios, querendo beijá-lo.

— Então fique. Mas fique hoje, amanhã, enquanto eu ainda estiver por aqui — eu me aproximo e beijo os seus lábios. — A minha garganta está cheia de placas. Você pode contrair se continuar a me beijar — ele sussurra.

— Que se danem as placas — contraponho.

— E a educação? — Ele diz e sorri discretamente.

— Que se dane também. A sua mãe tinha razão, e no que depender de mim, você vai continuar por aqui, porque eu penso em você mesmo quando não deveria — eu digo entre beijos.

— E se esse caminho te afastar da sua família? — Ele sussurra.

— Quando vim para cá, eu me sentia perdida, faltava algo, não sabia exatamente o que era até te encontrar. Eu encontrei o meu caminho. Se eles realmente me amam, vão acabar aceitando, mesmo que precisem de um tempo. Eu encontrei o meu caminho, mas não posso obrigá-los a caminhar comigo, e se não o aceitarem, eu os deixarei seguir o deles, mesmo que seja oposto ao meu — eu sussurro. — Percebe como eu te amo? — Ele dá um sorriso meigo.

— Meu caminho não é fácil, e muitas vezes eu quis desistir. Mas se eu soubesse que a encontraria uma vez que o atravessasse, eu o teria escolhido mesmo com toda essa dificuldade. A vida não é justa, Ísis, mas o amor é. E é por ele que estamos aqui.

— Então me ame hoje, amanhã, sempre. Tudo o que eu preciso para ficar aqui é do seu amor — Felipe sorri e volta a me beijar.

Eu sinto o seu corpo mais quente, febril, e mesmo que eu veja em seus olhos que ele não quer ir embora, sugiro isso a Felipe, que aceita sem protesto. No caminho, eu pergunto onde ele pega os seus medicamentos,

então ele explica que tem uma Unidade Dispensadora de Medicamentos (UDM) perto da sua casa, mas antes precisa passar na casa dele para tomar o antibiótico e o remédio para febre, e só depois iremos pegar os medicamentos que o governo fornece, mesmo que as suas consultas sejam feitas pelo plano de saúde. Felipe não deixa de ressaltar que, apesar de todos os problemas que temos em nosso país, o Brasil é referência no controle da AIDS, não apenas oferecendo a medicação gratuitamente como também o acompanhamento médico e psicológico.

Assim que chegamos na casa do Felipe, encontramos a sua mãe ao telefone.

— Felipe, eu liguei para você algumas vezes, estava preocupada.

— Está tudo bem, só demos uma passadinha na praia — Felipe se explica e Eliane não diz mais nada.

A Eliane me convida para almoçar, mas eu recuso e agradeço, prometendo voltar à noite. Eu sei que eles precisam de um tempo juntos, e confesso que eu também preciso de um tempo para mim.

Uma vez que entro no carro, eu desabo em lágrimas. Choro porque percebo que é uma luta constante e árdua onde nem sempre se vence, e como se isso não bastasse, os soropositivos, que deveriam receber constante apoio, sofrem preconceito como se o fato de possuírem o vírus no corpo os tornassem pessoas inferiores. Choro porque agora entendo como eu o magoei e como fui estúpida quando soube sobre o HIV. Choro porque consegui tornar a vida dele pior algumas vezes, e o peso da culpa me faz sentir mal. E o que mais acaba comigo é o medo de perdê-lo.

Sentindo o meu coração acelerado, eu dirijo pelas ruas, atormentada pelo medo e a culpa. É em momentos como esse que você percebe que foi falho em um papel que foi lhe incumbido antes de nascer: o de ter humanidade, empatia pela causa. Em momentos assim, você nota como o preconceito realmente cega as pessoas e que apesar de toda evolução científica, estamos longe de sermos evoluídos, porque não temos a capacidade de nos colocarmos no lugar do outro.

Eu chego ao apartamento e percebendo que estou sozinha, tomo um banho para relaxar. Estou exausta, mas não fisicamente, talvez seja toda essa tristeza. Ainda assim, mesmo me sentindo pequena, não deixo de me agarrar a esperança. Quando saio do banho, me sentindo um pouco mais revigorada, escuto o telefone tocar. Achando que é o meu, sigo para o quarto rapidamente, mas assim que vejo que é o da Monique, eu o ignoro. Depois de

tocar pela milésima vez, eu o atendo pensando que talvez seja ela tentando localizá-lo, mesmo achando estranho que a ligação seja de um número privado.

— Qual é, Monique? Jura que vai ficar bancando a difícil comigo? Não se esqueça que eu sou o pai do seu filho, o cara que está bancando tudo.

— Marcos? — Fico chocada ao reconhecer a voz.

Imediatamente ele desliga o telefone, e eu começo a entender o que está acontecendo. Ele é o pai do bebê da Monique? Ainda incrédula, eu coloco o telefone onde estava. Saber desse fato não me deixa com raiva, sinto apenas dó da Monique por ela estar com um cara tão pilantra como ele. A curiosidade de saber quando tudo começou é quase irrelevante. E novamente, agradeço a Deus por ter me livrado desse problema.

O meu telefone toca e ao ver o nome do Marcos na tela, ignoro a ligação. Não estou com paciência para explicações e nem quero ouvir a voz dele nesse momento. Já tenho os meus problemas, não preciso dos dele.

Vou para a cozinha preparar algo para almoçar, e assim que termino volto para o quarto para deixar tudo pronto para a faculdade e ir dormir na casa do Felipe. Monique chega e como eu havia dito que Felipe não estava bem, a primeira coisa que ela pergunta é como ele está. Enquanto eu falo por alto, ela pega o telefone que está sobre a cama e desbloqueia a tela.

— Você atendeu a alguma ligação? — Ela pergunta.

— O pai do seu filho ligou, mas desligou ao ouvir a minha voz — minha resposta a deixa desconfortável.

— Ísis, eu...

— Monique, está tudo bem. Eu sei que o Marcos é um pilantra, ele mesmo me mostrou isso. Para falar a verdade, eu já desconfiava que ele pudesse ser o pai, vocês não disfarçam muito bem e, sinceramente, faz muito tempo que deixei de me importar com o que acontece na vida dele. E quanto a você, tenho pena por ele ser o pai.

— Você mudou.

— Isso é bom, a mudança contribui para nos tornarmos melhores. Eu não sinto raiva ou qualquer coisa assim de vocês. Não me importa se ele é o pai ou não, eu não amava o Marcos e hoje tenho 100% de certeza disso.

— Então estamos bem? — Ela pergunta, sem jeito.

— Claro. Ainda vou estar aqui se precisar de mim, mas não se iluda, ele não vale nada.

— Eu, melhor do que ninguém, sei disso. Obrigada por tudo.

Eu apenas sorrio e mando uma mensagem para o Felipe dizendo que vou para a casa dele depois do jantar. Recebo uma mensagem da Carol avisando que me enviou uma atividade avaliativa que teve na faculdade. Eu abro o arquivo e faço a atividade, em seguida revejo algumas matérias. Se estou certa do que quero na parte amorosa, percebo que na faculdade é o oposto. Eu sempre desenhei bem e acreditava que isso ajudaria, mas Arquitetura é bem mais que desenhos, planejamentos e gráficos. E cada vez que me lembro disso, eu desanimo mais.

Depois do jantar, já com tudo pronto, sigo para a casa do Felipe e durante o trajeto o meu telefone toca.

— Oi, mãe.

— Oi, amor. Está tudo bem?

— Está.

— Estou te achando desanimada. O que foi?

— Não sei, mãe, mas está perguntando por perguntar, ou realmente quer ouvir? — Eu falo um pouco rude.

— Amor, eu sempre te escuto.

— Às vezes não parece. Ah, mamãe, esquece, vocês têm coisas mais importantes.

— Você é importante, Ísis. Quer me contar alguma coisa?

— Não tenho nada para contar, mãe. Depois nos falamos, pode ser? Eu te amo.

— Tudo bem, Ísis. Eu também te amo. Boa noite.

— Boa noite, mãe.

Não vou mentir dizendo que me sinto à vontade na casa da mãe do Felipe, pelo contrário, eu me sinto muito mal, mas tudo é válido para estar ao seu lado. E como até o momento ele não visualizou a mensagem que mandei, eu toco o interfone ao invés de ligar. Do outro lado, eu ouço a voz da Mari.

— Oi.

— Sou eu, a Ísis.

— Só um minuto — é tudo o que ela diz antes de abrir o portão automático da garagem.

— Coloca o carro aí — ela grita da janela.

Como não quero ser indelicada e recusar a sua oferta, lá vou eu colocar o carro na garagem.

Eu subo as escadas e encontro a porta aberta, e ao entrar na sala, eu me deparo com o Léo sentado confortavelmente no sofá.

— Oi — eu falo sem jeito.

— Oi, Ísis, tudo bem? — Nem tenho tempo para responder antes de Mari surgir na sala e Deus, que pijama é esse? Não achava que existia um mais cafona que o de bolas, mas esse com estampa de panda ganha.

— Oi. O Lipe está deitado, pode ir lá se quiser. Ou ficar aqui.

— Tudo bem, com licença — eu digo e sigo para o quarto dele.

A luz está apagada e a iluminação do quarto vem da televisão que está ligada no noticiário. Eu fecho a porta, coloco a bolsa sobre a mesa do computador, onde estão várias caixas de medicamentos, e imagino que seja a nova combinação. Eu me aproximo de Felipe silenciosamente, que está deitado na cama com os olhos fechados e lhe dou um beijo.

— Adivinha quem é? — Eu brinco, cobrindo seus olhos.

— A outra — ele responde e eu me afasto, fazendo Felipe sorrir ao ver a minha cara de desagrado.

— Tem outra, é? — Eu arqueio a sobrancelha e finjo que vou sair da cama, mas ele segura o meu braço e se afasta para que eu me deite ao seu lado.

— Estou brincando. A única louca que me quis foi você — ele diz.

— Bobo. Conheço “*umazinha*” aí, que perguntou sobre você no grupo do *WhatsApp* da faculdade, e sei que ela é louca para ocupar o meu lugar — eu me deito e ele me vira de frente para ele. — Sua mãe não reclamou de você ter ido à praia? Não me achou irresponsável ou...

— Não, por que acharia? Foi ideia minha.

— E vocês conversaram?

— Sim. Falei que vou iniciar outra combinação hoje e insisti que tudo vai dar certo. Ela precisa ouvir isso para ficar bem, entende?

— Eu também preciso — eu sussurro.

— Você está aqui comigo. Não tem como ficar melhor, tem? — Ele me dá um beijo.

— E as placas — eu brinco.

— O que você tinha dito mesmo? Que se danem?

Ele volta a me beijar e em cada beijo eu sinto como o nosso amor é perfeito. Depois de algum tempo, Felipe se afasta para tomar fôlego e tosse, em seguida volta a me beijar. Tão grande quanto o meu amor por ele é o meu desejo. Assim que eu abro os olhos e mordo os lábios, Felipe percebe o que estou pensando.

— Quando a sua carga viral voltar a ser indetectável, o que acha de

dispensarmos a camisinha? — Eu sugiro achando que seus olhos vão brilhar, mas acontece o oposto.

— É a primeira vez que escuta sobre isso e já quer dispensar a camisinha? — Ele diz, incrédulo, e logo dá um sorrisinho debochado.

— A maneira como você fala me faz sentir uma idiota, sabia?

— Desculpa, não fiz por mal, mas eu nunca faria isso. Se você me ama como eu te amo, sabe que eu não conseguiria lidar com o fato de existir a possibilidade de passar HIV para você.

— Mas o médico disse que quando se é indetectável, o nível de transmissão é tão baixo que praticamente é impossível.

— Eu sei e acredito nisso, mas enquanto existir o praticamente antes do impossível, não vai acontecer.

— Mas sou quem decide o grau de risco que estou disposta a correr.

— Você não sabe como me alegra ouvir que me ama a ponto de considerar essa possibilidade, mas eu não faria isso, Ísis. Eu só deixo de usar camisinha quando não existir mais risco algum. Fim de papo.

— Achei que tinha ouvido o médico dizer que deveria haver muito diálogo — eu provoço e Felipe nem se dá o trabalho de retrucar.

Como quem não quer nada, ele se aproxima e volta a me beijar. Em segundos já estou sem blusa e ele sorri ao olhar os meus seios.

— Você é uma magnífica obra de arte feita pelos seus pais. E coloca arte nisso — ele sorri maliciosamente.

— Você está muito safado para quem estava mal até pouco tempo atrás — eu sussurro e Felipe me dá um sorriso lindo. Mesmo estando um pouco abatido, a sua temperatura está normal.

— Isso significa que você é um bom remédio.

Eu aproximo o meu seio da sua boca, e ele suga gostoso, em seguida dá a mesma atenção ao outro. Não vamos passar disso, eu sei, mas sentir a sua ereção, seus beijos quentes e seu toque safado em cada parte do meu corpo, já é o suficiente para me levar à loucura. Quando já estou sentindo meus seios doloridos, Felipe para e volta a beijar a minha boca, e assim como eu, ele está ofegante. Ao ouvir a porta se abrir, eu me deito e me cubro com o cobertor rapidamente. A televisão ligada chama a atenção da sua mãe antes que ela se vire para nós.

— Com a roubalheira desses políticos, só Deus para ter misericórdia de nós — ela diz ainda prestando atenção ao noticiário que passa na televisão. Em seguida, acende a luz e se aproxima do Felipe.

— Oi, Ísis.

— Oi.

— Está se sentindo melhor, meu bem? — Ela diz de um jeito meigo para o Felipe. — Está na hora de tomar o remédio para a febre — ela coloca o copo com água no criado-mudo ao lado da cama. Até passa pela minha cabeça me levantar para pegar o medicamento para o Felipe, mas uma vez que estou sem blusa, desisto rapidamente. Ela segue até a mesa ainda prestando atenção na notícia, enquanto Felipe pega o copo com água. — Nós lutamos tanto para ganhar o nosso dinheiro honestamente e esses políticos sem-vergonha fazem isso — ela entrega o remédio para o Felipe, que o engole junto com a água.

— Mãe, os políticos são eleitos pelo povo. Antes de os colocarmos no poder, deveríamos ser mais conscientes e investigar se realmente são honestos — ele diz pausadamente, ainda um pouco ofegante.

— Você parece cansado. Está sentindo falta de ar? — Ela pergunta, preocupada, e se aproxima dele para aferir a sua temperatura.

— Não, estou bem. É que bebi a água rápido demais.

Eu me seguro para não rir da sua resposta sem noção.

— Já jantou, Ísis?

— Sim, obrigada.

— Então fique à vontade. Felipe, você vai manter os mesmos horários do medicamento?

— Vou, mas não precisa vir aqui. Eu programei o alarme do meu telefone.

— Tudo bem. Eu vou me deitar agora, se precisar de alguma coisa, podem me chamar. Ísis, você me chama, por favor.

— Chamo sim.

— Porque se depender do Felipe...

— Eu vou chamar, mãe. Não se preocupe e boa noite — ele diz e ela entende o recado.

Assim que Eliane sai do quarto voltamos a nos beijar, e ficamos assim até o alarme do celular do Felipe tocar, indicando que está na hora dos medicamentos.

Na primeira noite, Felipe sente a boca mais seca, náuseas e logo em seguida dor de cabeça. E como os sintomas persistem nos dias seguintes, ele toma um comprimido para dor de cabeça e outro para o enjoo.

Já na semana seguinte, Felipe passa a sentir dores constantes no

estômago. A sonolência passou, na verdade, o efeito foi o contrário e graças as náuseas ele tem problemas para dormir. Mesmo passando por tudo isso, eu não ouço uma reclamação sequer sair da sua boca. O fato de presenciar Felipe passando por tudo isso, me faz desabar nas noites que eu não o vejo. Mas quando estamos juntos, eu tento ser forte por nós dois. Às vezes, eu passo a noite acordada com ele, outras eu acordo no meio da noite para ver como ele está. Felipe me explica que quando o seu organismo se acostumar, os sintomas irão aliviar. Eu só não sei se ele diz isso para me animar ou se realmente é verdade.

Felipe volta para a faculdade na sexta-feira da semana seguinte, graças aos céus já recuperado da infecção.

Já deitada na cama de Felipe, eu ligo o meu *notebook* e entro no chat de um site que explica os efeitos e combinações. Felipe explica o seu caso e logo em seguida pergunta se alguém toma a mesma combinação. Alguns respondem imediatamente que não é a mesma. Felipe vai ao banheiro e eu vejo que um cara está digitando algo, então aguardo, ansiosa, pensando que talvez ele tome a mesma combinação. Mas fico chocada com a resposta que chega.

Não consigo entendê-lo. Você sabe que este vírus elimina as defesas do corpo, o deixando vulnerável para vários vírus oportunistas. Mas o bombardeio que esses tais remédios antirretrovirais fazem a você, me parece ser pior do que se expor para as doenças. Não sou pessimista, estou apenas tentando ajudá-lo. No seu caso, que toma há tanto tempo, sou mais a favor da eutanásia do que se submeter à prolongação de uma subvida de martírio e sofrimento provocado pelas reações destes medicamentos que somente vai retardar o que está por vir. A morte. Não se torture assim, esse é o caminho. Não sou preconceituoso é apenas a minha opinião. Boa sorte, amigo.

Antes que eu tenha a chance de responder, Felipe aparece ao meu lado, então rapidamente eu fecho o *notebook*.

— O que foi?

— Nada — eu digo, mas Felipe abre o *notebook*. — É só um idiota. Ele me ignora e lê a resposta.

— Às vezes isso acontece. É só ignorar — ele diz, fecha o *notebook* e o coloca no chão.

— Eu amo você, muito — eu sussurro.

Felipe me beija e se deita ao meu lado, e assim acabamos dormindo,

abraçados.

Mais uma semana passa e Felipe continua sentindo os mesmos sintomas. Ele voltou ao doutor Glender apenas para pegar as receitas dos medicamentos contra as náuseas, dores do estômago e dor de cabeça. Ele já estava tomando um, mas como não estava surtindo efeito, ele teve que trocar. As náuseas diminuíram se comparadas aos primeiros dias e isso significa que ele está se adaptando. Os medicamentos aliviam um pouco os sintomas, ajudando Felipe a voltar para a sua rotina.

Eu e Monique não conversamos mais sobre o Marcos, mas do jeito que ele é bom de lábia, não duvido que ela possa cair na dele de novo. Às vezes ela sai do apartamento para atender a uma ligação, e como não tenho nada com isso, fico na minha. O cara de pau me mandou uma mensagem dizendo que agora eu sei o seu segredo e que isso só confirma a nossa amizade. Eu nem me dei ao trabalho de responder, simplesmente excluí.

Na quinta-feira, depois de chegar da faculdade, Felipe me liga e avisa que foi indicado pelo pai da Flávia no banco em que trabalha. Além do banco ficar perto da sua casa, o salário é melhor do que recebe atualmente da Mari. Quando ele diz todo animado que vai ganhar dois mil e novecentos reais, me vem à mente que esse valor não é nem metade do meu gasto no cartão de crédito no mês passado, mas, pensando bem, eu praticamente parei de usá-lo. Radiante, Felipe diz que já marcaram a entrevista para o emprego e antes de desligarmos, combinamos de nos encontrarmos no dia seguinte no meu apartamento.

Deixo o telefone no quarto e sigo para a cozinha pensando na entrevista que ele vai encarar e que terá que mudar de horário na faculdade. Ele até mesmo já verificou na secretaria. Estou feliz por ele e triste por mim, que o verei menos, apenas depois do horário do seu trabalho. Mas, apesar de tudo, a sua força de vontade me faz sentir vergonha por desanimar às vezes. Ele trabalha, estuda, faz academia e ajuda o Léo a entregar as doações aos que necessitam. E tudo isso sentindo os efeitos colaterais diariamente, em alguns dias mais brandos, em outros persistem durante todo o dia. Eu tento amenizar tudo isso que ele sente, mas não acho que faço muito, queria poder fazer mais, porém, eu sou limitada. Após o almoço eu tento me distrair enquanto arrumo o apartamento, então ouço o meu telefone tocar e me surpreendo ao ver o nome da minha mãe na tela. São duas da tarde e ela nunca me liga do trabalho.

— Oi, mãe.

— Ísis, qual o nome da sua amiga que tem AIDS? — Ela pergunta diretamente e eu levo um susto.

— A... Aline, por quê? — Eu minto.

— Desde o dia em que você me disse que eu não me importo, eu quis mostrar para você que isso não é verdade — ela respira fundo. — Então entrei em contato com o Glender — ouvi-la me faz perder o chão. — Nós fizemos faculdade juntos, e fiquei conversando com ele por um bom tempo, eu não queria que ele te associasse ao HIV, então preparei o terreno falando sobre alguns casos de pacientes meus na área da pediatria e dando espaço para que ele fizesse o mesmo na sua área. Quando ele se mostrou mais receptivo, lá fui eu bancar a idiota. Finalmente falamos sobre HIV e tive a oportunidade de entrar no assunto sem ser invasiva. Eu disse a ele o quanto me orgulhava de você, até mesmo falei que você tem algumas dúvidas e que o procuraria, junto com uma amiga. Assim que eu disse o seu nome, ele confirmou que você já o havia procurado e que tirou as suas dúvidas. Inclusive, ele me informou que o seu amigo é paciente dele há anos. Não precisei de muito para ligar as coisas, e já prevendo que você havia mentido, confirmei o nome do tal do Felipe. Foi então que ele começou a elogiá-lo e eu tive certeza — ela começa a chorar. — Ísis, pelo amor que você tem a Deus, me diz que está havendo um engano e que o tal do Felipe não é o cara com quem você está se relacionando? — Ela grita ao telefone e eu vejo o meu mundo desabar...

Capítulo 30

- Mãe, eu ia te contar, só estava... — ela não me deixa terminar.
- Ia contar? Você ia contar? — Diz, alterada. — Ísis, você perdeu a noção da vida?
- Você está entendendo errado. Hoje em dia, sorodiscordantes se rela...
- Você tem noção do que o seu pai será capaz de fazer se souber?
- Não é escolha dele ou sua, é minha — ressalto.
- Enquanto pagarmos as suas contas é nossa escolha. E não me venha com essa rebeldia. Você vai fazer a sua mala agora mesmo e voltar para a casa — ordena.
- Não, eu não vou. E a senhora como médica deveria saber que... — ela novamente me interrompe, me deixando frustrada.
- Antes de ser médica eu sou a sua mãe. Mas se quer ir por esse lado, vamos lá! — Diz com ironia. — Esse rapaz te falou que o vírus dele é resistente e que se você for contaminada todo o tratamento que ele já fez e não funcionou também não serve para você?
- O quê? — Pergunto, confusa.
- Ele, por acaso, disse isso? Ele disse que os efeitos colaterais dos medicamentos são tão fortes e que variam muito de pessoa para pessoa?
- Eu estou com ele porque eu o amo. Isso não é empecilho...
- Você nem sabe o que é amor. Está iludida e não vou permitir que se arrisque por uma paixão idiota. Ou você vem embora agora ou eu mesmo vou buscá-la! — Diz, ríspida.
- Você não pode fazer isso, é a minha vida!
- Isso mesmo, e como mãe estou zelando por ela, já que você perdeu o juízo.
- Mãe, você só está assustada. Eu também fiquei no início, mas nós nos prevenimos. Felipe... — tento explicar, mas ela não quer ouvir.
- Ísis, entenda uma coisa. Eu não criei a minha filha para namorar um aidético. Pouco me importa se ele é ou não um bom rapaz. Seu pai não pode nem sonhar com isso, então facilite as coisas e venha embora. Eu invento uma desculpa para o seu pai quando você chegar aqui — ouvi-la dói tanto.
- Você está sendo cruel, mal o conhece... — ela novamente me

interrompe.

— Ah meu Deus! Você contraiu, não foi? É a explicação mais óbvia para insistir nesse absurdo.

— Está enganada, nós nos cuidamos...

— Como se cuidava com o Marcos? — Ela me lembra com ironia. — Ísis, você esquecia de tomar o anticoncepcional, transavam sem camisinha e depois implorava para que eu te desse a pílula do dia seguinte.

— E você nunca me deu. No fundo, queria que isso acontecesse.

— Se tivesse engravidado dele, estaria evitando essa dor de cabeça agora.

— Você não conhece o Marcos. Estou decepcionada, mãe, pensava que você era mais humana, mas é igual ao meu pai — eu falo com a voz embargada.

— Somos, e é exatamente isso que você precisa entender. Esse rapaz tem que procurar alguém como ele, e esse alguém não é você.

— Está enganada. Eu sou e nós nos amamos...

— Ísis, não existe nós, ele tem HIV. Você já parou para pensar que as pessoas irão achar que você também tem? Imaginou o caos que será?

— As pessoas não sabem do diagnóstico do Felipe.

— Ótimo! Então se afaste dele que continuarão não sabendo!

— O quê? Mãe, você está me ameaçando?

— Sabe, Ísis, eu e o seu pai escolhemos a dedo o nosso círculo de amigos, tudo porque não queríamos que você tivesse que encarar o preconceito, e olha o que você fez? Envolveu-se com um garoto que tem AIDS.

— Ele não tem AIDS, ele é soropositivo — ela ri.

— Você é tão ingênua. A partir do momento em que se inicia o tratamento é porque houve a manifestação da doença.

— Você fala de preconceito, mas é preconceituosa em relação a ele...

— Acorda, Ísis, vivemos em uma sociedade preconceituosa e não é o amor que acha que sente por ele que irá te proteger.

— Engraçado, não foi justamente o amor de vocês que me protegeu?

— Nosso dinheiro te protegeu, não o nosso amor. Chega, Ísis, você vai voltar agora, acabei de comprar a sua passagem. Seu pai enlouquecerá se vir o seu nome associado com a doença. Nós não merecemos isso — eu começo a chorar.

— Eu sinto muito por vocês, mas Felipe foi a melhor coisa que me

aconteceu e eu não vou abrir mão dele.

— O quê? Ele foi a pior coisa que te aconteceu, te fez perder o juízo. Ísis, não estou pedindo, estou mandando. Se não vier, eu conto ao seu pai.

— Não vai nem me dar uma chance de mostrar que nós podemos ficar juntos?

— Vou te dar a chance de deixar o seu pai no escuro quanto a essa loucura. Você vai voltar agora ou hoje mesmo o seu pai irá buscá-la.

— Eu não vou. Eu amo o Felipe e vocês não irão nos separar.

— Você vem sim, e ainda hoje. Pode não entender agora, mas é para o seu bem. Estou evitando uma tragédia maior.

— Não tem esse direito, mãe!

— Sou a sua mãe, não preciso da sua permissão. Faça as malas agora. Ou você vem por bem, ou por mal. Se você vier, prometo que convenço o seu pai a ajudar esse garoto de alguma forma. Podemos melhorar a vida dele sem que ele saiba que é por você.

— Felipe não precisa da ajuda de vocês, ele não é um pobre coitado. Vive normalmente como qualquer pessoa — ressalto, sentindo o meu orgulho ferido.

— Ótimo, mas você precisa! E é justamente por isso que vai voltar hoje mesmo. Chega! E se não voltar, se prepare, seu pai não vai deixar barato. Tenho até medo de onde ele poderá chegar para prejudicar esse garoto. Já pensou como a vida dele poderá se tornar um inferno se o diagnóstico for exposto? Já pensou em como isso irá prejudicá-lo? Está em suas mãos evitar uma desgraça maior na vida dele — ela desliga e é impressionante como até mesmo em situações como essa, meus pais acreditam que podem resolver com dinheiro e ameaças.

Felipe não merece passar por isso, ele tem se esforçado muito nesse processo de adaptação. Eu não posso abandoná-lo, não se desiste do amor da sua vida. E eu não farei isso, nem mesmo pelos meus pais.

Penso a respeito e me sinto muito mal. Felipe está em uma fase complicada e não pode se estressar. O foco é a sua saúde e não os meus problemas.

Estou magoada e se a conversa com a minha mãe foi tensa, não sei como confrontar o meu pai. Não sei como reagir às ameaças dele. Não posso deixar o meu pai prejudicá-lo ou sequer ameaçá-lo. Felipe precisa ficar fora disso. Mas como eu resolvo?

Meu telefone vibra com a chegada de uma mensagem da minha mãe

avisando que enviou a passagem para o meu e-mail. Eu a excluo, sentindo um misto de raiva e dor.

As horas passam e eu não vejo saída. Sei que os meus pais virão e não quero que encontrem ou falem com o Felipe, e como eu só o verei amanhã, preciso resolver isso hoje. Monique percebe a minha tensão, mas não faz perguntas.

— É menino — ela esboça um sorriso tímido ao dizer. — Fiz um ultrassom hoje pela manhã. Quatorze semanas.

— Parabéns. Marcos já sabe? — A pergunta a deixa desconfortável, mas o nome dele me traz a resposta que procuro.

— Não, eu disse a ele que era menina. Não quero que ele tenha interesse, ainda que seja mínimo — ela desvia o olhar.

Não digo mais nada, só espero Monique entrar para o banho para pegar o meu telefone, então ligo para o Marcos, e uma vez que ele é advogado, pode me auxiliar. Após quatro toques, ele me atende.

— Ora, ora, quem é vivo sempre aparece. Ou no seu caso, quem precisa sempre procura — diz com deboche.

— Marcos, preste atenção! Eu não estou com tempo e acho que você pode me ajudar.

— Diga — ele abaixa o som e parece estar no trânsito, porque logo solta um “filho da puta acéfalo”.

— Marcos, a minha mãe descobriu sobre o Felipe ser soropositivo — ao me escutar, ele desliga o som.

— Como?

— É uma história longa. Sei que foi através de um amigo médico e ela me chantageou ameaçando revelar o diagnóstico dele caso eu não termine o relacionamento. E eu não sei o que fazer ou como impedi-la.

— Relaxa, Ísis. Como eu sou seu amigo, vou te dar a solução — ouço a sua risada e já me arrependo por procurá-lo. — Primeiramente, vamos analisar os fatos. Se eles querem que você termine por medo ou preconceito não irão expor o cara, porque ao fazerem isso, eles também irão te expor. E sem chance de o padrinho fazer isso.

— E se fizer?

— Sem chance. É o nome da família que está em jogo. Mas caso isso aconteça, o Santos pode processá-los por crimes contra a honra. Isso está previsto nos artigos 139 e 140 do Código Penal.

— Como assim?

— O Código Penal define esses crimes da seguinte forma: Difamação Art. 139 - Difamar alguém, imputando-lhe fato ofensivo à sua reputação.

Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro. Além de ter que indenizá-los, o seu pai pode receber pena privada.

— Eu não faria isso a ele — digo com pesar. — E ele sabe disso.

— Ele também não fará a você. É um jogo. Um cão late de um lado, o outro revida, mas nunca mordem. Eu conheço bem isso, estou na jogada há mais tempo que você.

— Eu tenho medo, não sei como ele irá reagir.

— Ísis, seu pai zela muito pelo nome, ele não vai se arriscar. Mas você pode ser mais esperta que ele. Se foi através de um médico que a sua mãe soube, obviamente, tanto o médico como a sua mãe violaram o sigilo médico. Divulgação do prontuário de paciente sem autorização ou justa causa é crime, inclusive, você e o Santos podem denunciar ambos, que correm o risco de perderem o CRM. E como consequência devem indenizar o Santos.

— Também não faria isso. Mas daí cai no Código Penal essa indenização?

— Sei que não fará, mas não se trata de quem vai ou não fazer, e sim quem está disposto a latir mais alto. Entra no Código Penal, e ambos imputam a dano moral. Ísis, corta essa de exposição, enquanto você estiver com ele, isso não vai acontecer se o intuito é evitar um escândalo. O padrinho pode até ameaçar, mas não irá fazer. No máximo, irá cortar a grana e te fazer penar para voltar atrás.

— Tem certeza?

— Tanto quanto me chamo Marcos. Mais alguma coisa? Amo ouvir a sua voz, mas estou no trânsito.

— Não, era isso. Obrigada.

— Vou anotar aqui e depois você paga os meus honorários! — Ele brinca e logo desliga.

Quanto mais o tempo passa, mais tensa eu fico. Eu tomo banho, depois Monique e eu jantamos, e quando penso que a minha mãe se arrependeu, o interfone toca. Sinto um gelo percorrer o meu corpo. Monique vai atender e quando volta, sei bem quem é ao ver a sua expressão. Minha mãe cumpriu a promessa.

— Monique, talvez seja bem tenso. É melhor você...

— Tudo isso é por que Felipe é pobre?

— Não apenas isso... — digo.

Ela não retruca, somente vai para o quarto. A campainha toca e eu sinto o meu coração acelerar. Abro a porta e encontro os meus pais à minha frente. Os olhos da minha mãe estão inchados, provavelmente de tanto chorar, já o meu pai, mal me encara.

— Pegue as suas coisas. Agora! — Diz de maneira rude. — Em casa iremos conversar.

— Pai, eu não vou embora!

— Você vai sim. Quem dá as ordens sou eu. Rápido, Ísis!

— Não mais... — ao me ouvir, ele fica sem palavras.

— Você enlouqueceu? Acha mesmo que vou deixar você se enterrar nesse abismo e não fazer nada? — Altera o tom e eu me assusto.

— Abismo ou paraíso, depende do ponto de vista — falo, já sentindo um nó na garganta.

Ele se vira para a minha mãe e antes que eu consiga reagir, empurra a porta, me afastando bruscamente. Eles entram no meu apartamento, e a ira em seus olhos é nítida.

— Por que está tão apaixonada? Transou com esse filho da puta, Ísis? — Sua pergunta me assusta.

Eu encaro a minha mãe e ele fica entre nós, impedindo o nosso contato visual.

— Lógico que não, Charles. É uma paixão boba... — a minha mãe tenta amenizar, mas ele vê a resposta em meus olhos.

Papai leva as mãos à cabeça e a balança, negando.

— Ela contraiu. Transou com ele e contraiu — nunca vi papai tão irritado. Ele se aproxima de mim e meu coração acelera.

— Pai, eu não... — eu tento explicar, mas sou interrompida quando a sua mão bate tão forte em meu rosto, que me derruba no chão, fazendo o sangue escorrer no canto direito dos meus lábios. Estou em choque. Eles nunca fizeram isso comigo. Minha mãe vem até mim e me ajuda a levantar, chocada com a reação do meu pai.

— Charles, você enlouqueceu? — Ela grita e Monique sai do quarto.

— Eu enlouqueci? Sua filha enlouqueceu. Desde que ela terminou com o Marcos, está diferente. Quando eu perguntei a ele o motivo de terem terminado, Marcos garantiu que não era nada de mais, que estavam apenas dando um tempo. E eu, feito um idiota, acreditei que esse romance de dama e vagabundo que ela está vivendo agora fosse acabar e que, em questão de tempo, Marcos e ela reatariam. Porque ele sim é digno de receber o meu bem

mais precioso — Monique fica sem jeito ao escutar o meu pai.

— Você acreditou nessa ilusão, pai. Se nós nos amássemos, estaríamos juntos. Finalmente percebemos que a pressão que vocês exerciam sobre nós era o que nos mantinha juntos.

— Não me venha com essa conversa ridícula! Sempre deixei que você tomasse as suas decisões sem precisar interferir na sua vida, e você sabe disso! Mas eu me arrependo amargamente de ter permitido que você se mudasse. Isso só mostrou como você é irresponsável.

— Eu sou irresponsável? Eu me tornei uma pessoa melhor desde que conheci o Felipe — altero o tom.

— Você é imatura em um nível tão ridículo, que só faz com que eu me arrependa mais. Pensei que esse namoro fosse passageiro. Ultimamente, você andava estranha e eu pedi para a sua sondar para saber o que estava acontecendo. Eu esperava qualquer coisa, mas nunca que você estivesse transando com esse imbecil. O pior é saber que a filha que eu tanto amo e sempre protegi, escolheu esse caminho ridículo.

— Pai, você fala como se o Felipe fosse capaz de me matar a qualquer momento. Como se o fato de namorarmos fosse o pior dos pecados que existe no mundo.

— AIDS mata, e você sabe disso! Ísis, eu não estou disposto a perder a minha única filha para essa doença — seus olhos se enchem de lágrimas.

Monique fica boquiaberta ao escutá-lo.

— Eu não tenho HIV. Nós nos protegemos, o médico garantiu que...

Ele me encara, perplexo, e a minha mãe continua ao meu lado.

— Você foi ao médico? Então fez exame de AIDS? Onde estão os resultados, eu quero ver agora!

— Eu não guardei, mas nós sempre nos prevenimos.

— Olha a que ponto a nossa filha chegou, Sara! Não era nem para você ter aberto as pernas para ele — ele diz, chateado. — Essa palhaçada acaba agora. Vamos embora, Ísis!

— Eu não vou — ele vem até mim novamente, mas antes que me bata, a minha mãe se posiciona entre nós.

— Você não vai bater nela de novo — ela o enfrenta e o meu pai se vira, nos dando as costas.

— Você pode fazer o que quiser, papai, eu não vou mudar de ideia. O meu lugar é aqui.

— Se ele é tão bom assim, sabe por que não encontrou alguém que

segurasse essa bomba antes, Ísis? Porque estava esperando uma idiota como você aparecer. Por esse pobretão, você vai ficar contra nós e descumprir uma ordem nossa?

— Você não passou por cima da ordem dos seus pais quando se apaixonou por uma negra? O senhor está sendo hipócrita ao me fazer escolher entre o Felipe e vocês, quando já estive nessa mesma posição no passado.

— Ísis, a minha história com o seu pai foi diferente — a minha mãe interpõe.

— Não foi diferente coisíssima nenhuma. Meu pai era de família rica e se apaixonou por você, uma negra pobre, e mesmo contra a vontade dos pais, ele lutou pela mulher que ama. Hoje vocês são felizes, essa é a prova de que vale a pena lutar pelo amor. E se vale, como sei que vale, por que comigo e com o Felipe tem que ser diferente?

— Por que ele tem AIDS, sua cabeça de vento. E você está a ponto de ser contaminada a qualquer momento. Como isso pode dar certo quando é a sua vida que está em jogo? — Meu pai grita.

— Felipe tem HIV, pai, mas é um rapaz esforçado e trabalhador. É pobre, mas estuda bastante para ter uma vida melhor. E a minha vida nunca esteve em jogo — ele continua irredutível. — Mãe, a senhora já estive na posição que o Felipe está hoje, mas prefere esquecer e agir da mesma forma como os meus avós agiram com você no passado?

— Ísis, você está cega. Esse Felipe deve ser mais um que contraiu essa doença na promiscuidade e espalha para várias garotas bobas como você. Deve ter usado essa história de menino bonzinho para iludi-la, e não se engane, quando cansar, vai te abandonar.

— Ele não vai...

— Isso só pode ser um pesadelo. Se eu vejo pessoas com o mesmo nível social que nós morrendo dessa doença, imagina quem é pobre e depende da saúde pública?

— O senhor está sendo cruel. Felipe é consciente dos seus atos.

— Sério? E como contraiu? — Ele debocha e me parte o coração vê-lo agir dessa maneira.

— Ele sofreu um acidente quando era criança e precisou de uma transfusão de sangue. O sangue estava contaminado, pai.

— Foi essa história triste que ele inventou para você. Não quer dizer que seja a verdade — ele suspira. — Não vou mais discutir e sim agir. Se

você não voltar para a casa, não vai mais ficar nesse apartamento. Quero ver até quando o seu amor vai durar. Porque, querida, o amor não paga aluguel, nem faturas de cartão de crédito, joias da *Tiffany*, coleções da *Dior* e muito menos carro do ano — ele diz com orgulho. — Eu a criei com tanto amor e dói ter que agir assim, mas você não me deu outra opção. Onde eu errei para você ter virado uma vagabunda disposta a abrir as pernas para o primeiro imbecil que quis te comer? — Ele encara a Monique e ao perceber que ela está grávida, demonstra o seu desprezo. — Agora vejo que foi uma péssima influência — ela desvia o olhar, sem graça.

— Você ainda vai se arrepender de tudo isso, pai — eu digo, chorando.

— No momento, o único arrependimento é de ter confiado em você.

Vamos embora!

— Eu não vou. Não pode me obrigar!

— Ísis, por favor? — Minha mãe insiste.

— Não, mãe. Eu já disse que não vou.

— Tudo bem. Dói ter que fazer isso, mas às vezes temos que deixar os filhos viverem as consequências dos seus erros. Na última vez que estive em casa, você me disse que sabia fazer as suas escolhas. E já que se decidiu por isso, a partir de hoje, você não vê mais um centavo meu. Se não sabe valorizar o que a sua mãe e eu fizemos por você, vai ter que aprender a se virar sozinha. Quero ver até onde o seu amor te leva — ele diz com ironia e sem pedir permissão vai até o meu quarto e de Monique.

— Não pode entrar assim! — Monique protesta.

— Paguei metade do aluguel e, por favor, recolha-se a sua insignificância — enquanto a minha mãe examina o meu rosto, eu escuto barulho de portas se abrindo no quarto.

— Ísis, vamos embora. Se você for com a gente, ele vai perdoá-la — ela sussurra, implorando.

— Não tem o que perdoar e eu escolhi ficar. Vá com ele, por favor — insisto em tom baixo.

Meu pai volta para a sala com a minha caixa de joias, *notebook*, celular e *iPad*. Ele pegou até mesmo a chave do meu carro. Parando na minha frente, ele abre a minha carteira e pega os meus cartões de crédito e débito, quebrando-os em seguida.

— Acabou a mordomia. Talvez isso faça o seu juízo voltar. Vamos! — Ele diz para a minha mãe, que se levanta ainda me encarando. — Eu quero ver essa crista baixar rapidinho sem tudo isso. Dou no máximo uma semana

para voltar implorando perdão — Ele debocha enquanto as minhas lágrimas escorrem.

A minha mãe o segue ainda com receio de me deixar. Assim que fecham a porta, Monique vem até mim e me abraça. Ficamos assim, chorando, por um bom tempo, até que consigo me acalmar um pouco.

— Sinto muito pelo Felipe. Ele é um cara maravilhoso, não merecia ter HIV.

— Ninguém merece, Monique. Mas hoje em dia se vive bem com o tratamento — olho em seus olhos e sei que ela não acredita. Mas essa é a verdade e não me importo com a opinião dos outros. — Desculpe-me pelo modo que o meu pai a tratou — eu sussurro.

— Não tem que se desculpar. Na verdade, quem deve te pedir desculpas sou eu... — ela sussurra. — Desde que você soube da gravidez tem se mostrado uma boa amiga, e eu preciso te pedir desculpas!

— O quê? Não precisa...

— Ísis, eu preciso sim. Não é um bom momento, talvez nunca seja.

— Nem sei o que vou fazer agora.

— Você pode ficar. Marcos está pagando o...

— Não, eu não posso. Vou conversar com o Felipe, ele vai me ajudar. E eu não quero envolver você e o Marcos nisso. Talvez vocês ainda possam se resolver. Eu o conheço bem, e ele pode mudar de...

— Ísis, você acha que conhece. O que nós temos não é algo recente — eu olho para ela, confusa. — Eu já ficava com o Marcos antes de vocês namorarem. E continuamos mesmo depois de... desculpe-me. Eu sinto muito — ela diz e eu me pergunto em quantos pedaços meu coração é capaz de partir.

— Vocês me enganaram durante todo esse tempo? Como você teve coragem?

— Me perdoa. Eu estava apaixonada e... — ela sussurra.

Eu me sinto péssima. Fui humilhada pelo meu pai e enganada pelo Marcos. Não sei dizer o que dói mais, só sei que dói, e muito. Tiro as suas mãos de mim, sentindo as lágrimas voltando.

— Você poderia ter falado, poderia ter me contado antes. No fundo, você é igual a ele — eu engulo em seco.

— Estou tão arrependida. Me perdoe.

Eu não digo nada, apenas vou até o nosso quarto, que será meu somente até o final de semana, e tiro o meu pijama, vestindo um conjunto de moletom

em seguida. Eu não sei o que fazer, mas não quero ficar no mesmo lugar que ela. Não agora. Eu preciso de um tempo.

Saio do apartamento e desço as escadas, então vou caminhando pela rua enquanto os faróis dos carros me iluminam.

O tapa não dói tanto quanto a desilusão. No momento, eu sou tragada pela sombra, que insiste em consumir a minha luz. Eu quero ser forte por ele, por nós. Será que Felipe consegue sentir a nossa conexão?

Os meus sonhos de criança e as minhas lembranças de infância desaparecem. A dor se espalha lentamente, e a cada passo sinto que estou sumindo também. Sentindo-me perdida e distante de qualquer conforto, eu me sento em um ponto de ônibus vazio. Eu sei que preciso ser forte, mas o medo cresce. Eu temo que o nosso alvo de felicidade esteja fora de vista. Temo que as nossas feridas não se curem.

Eu queria poder contar tudo a ele, pedir para vir me buscar, mas quando eu penso em tudo o que ele está passando, a minha dor parece insignificante.

Não sei exatamente quanto tempo passa, mas quando estou voltando para o apartamento, eu vejo o carro do Felipe parado na frente do prédio. Eu começo a ir naquela direção, mas antes que o alcance, sinto alguém me puxar e ao me virar, eu me vejo envolvida pelos braços do Felipe.

— A Monique me ligou e contou o que aconteceu — eu o escuto, mas só consigo chorar. Felipe observa o meu rosto e eu vejo a sua indignação. — Desculpe-me por fazê-la passar por tudo isso, Ísis — ele sussurra e em seguida toca levemente os meus lábios.

— A culpa não é sua. No fundo, eu já esperava por isso — seco as minhas lágrimas e respiro fundo. — Felipe, eu não quero ficar aqui, mas, pela primeira vez, estou sem casa.

— Bonequinha, você nunca vai ficar sem casa. Eu estou aqui para te mostrar o contrário. Provisoriamente, vamos ficar na casa da minha mãe, mas eu vou dar jeito. Eu prometo.

— Eu não quero causar problemas para você.

— Meu único problema é estar longe de você — ele acaricia o meu rosto. — No mais, vamos encontrar uma solução. Você quer pegar as suas coisas agora ou amanhã?

— Não quero voltar lá agora — eu digo e volto a abraçá-lo.

Felipe beija delicadamente os meus lábios. Eu olho em seus olhos e ele me abraça novamente, e é nesse abraço que eu me encontro. Ele me guia novamente para a luz.

— Bonequinha, olhe para mim — Felipe sussurra e eu faço como ele pede. — Eu sei que você está assustada e com um medo enorme do amanhã, mas esse é o nosso caminho. E mesmo agora, quando você está tão frágil, continua sendo o meu mundo. O melhor presente que a vida poderia me dar — eu sorrio ao ouvir as suas palavras.

— Amor, eu já o fiz chorar tanto. Como posso ser melhor para você?

— Ísis, você me aceita exatamente como eu sou. Me ama com todos os meus defeitos. E mesmo sabendo que eu não tenho muito para lhe oferecer, você me escolheu. Eu sei que está magoada com os seus pais e quando uma ferida é aberta, a dor faz a cura parecer impossível. Mas não é. Bonequinha, mesmo que seja difícil, eu prometo que vou continuar te oferecendo o meu melhor todos os dias. Vou lutar por nós. Eu te amo e mesmo que tivesse a chance, não voltaria no tempo.

— Eu também te amo — ele beija as minhas mãos.

— Vamos começar a trilhar o nosso caminho, e eu prometo estar ao seu lado todos os dias. Sendo eles bons ou ruins. Por mais que pareça difícil, precisamos apenas um do outro e juntos vamos construir a nossa felicidade. Eu prometo!

— Obrigada por estar ao meu lado.

— Não poderia estar em outro lugar, eu só me encontro em você! — Felipe volta a me beijar, em seguida entramos no carro.

Eu fiz a minha escolha, e será em cima dela que começaremos a nossa nova vida...

Capítulo 31

Felipe

Tomo a minha nova combinação de antirretrovirais e não demora para que eu sinta enjoo. Ainda estou em fase de adaptação e caso o enjoo persista pela manhã, onde geralmente são mais intensos, tomarei outro medicamento. Eu me deito pensando na entrevista de emprego que farei na segunda-feira. Instintivamente, meus pensamentos vão até a Ísis. Eu penso em nós, em como ela tem mudado e como quero poder retribuir todo o apoio que ela tem me dado. Lembranças vêm e vão, e finalmente, quando consigo pegar no sono, o meu telefone toca. Ainda sonolento, eu olho para a tela e como não conheço o número, acabo ignorando. Volto a fechar os olhos, mas novamente o telefone toca. É quase meia-noite. Acreditando que deva ser algo importante, eu atendo e reconheço imediatamente a voz do outro lado. Monique.

— A Ísis brigou feio com os pais, saiu do apartamento e não sei para onde foi. Ela está sem carro e telefone — ela dispara. Sua voz está diferente, parece que está chorando.

— Como assim, ela saiu do apartamento? Os pais dela estão aí, é isso?

— Não. É melhor ela explicar isso a você.

— Monique, eu não estou conseguindo entender. Conte-me tudo com calma.

Ao invés de me dar uma explicação, Monique diz, nervosa.

— Venha buscá-la! — E simplesmente desliga o telefone.

Tento ligar para a Ísis, mas o seu telefone está desligado. Sem opções ou respostas, não penso muito a respeito, somente sigo para o apartamento dela. Chegando lá, eu toco o interfone, mas como ninguém atende, eu começo a procurá-la na rua do prédio. Eu vejo Ísis vindo em minha direção, mas ela não me vê, simplesmente passa por mim, perdida em lágrimas. Então eu toco em seu ombro, e ao se virar, eu a puxo para os meus braços.

Vendo o seu rosto machucado, não preciso de muito para entender o que houve. A verdade está diante de mim. Seus pais já sabem sobre o HIV e não aceitaram o nosso relacionamento. Tento consolá-la, mas não sei se as minhas palavras surtem efeito. Ela está tão magoada, que parece inalcançável.

— Sabe, eu achei que, uma vez que a minha mãe é médica, ela... — já no carro, ela diz enquanto enxuga as lágrimas.

— Bonequinha, nenhuma profissão está imune ao preconceito. Eu já me deparei com médicos preconceituosos e não me surpreendo mais. Realmente, ela tem acesso mais fácil às informações, porém, acredito que o instinto materno de proteção gritou mais alto.

— Está doendo tanto. Tudo em mim está desmoronando, acho que eu... — ela volta a chorar, soluçando.

Dói vê-la dessa maneira, e eu quero desesperadamente aliviar isso, mas não sei como.

— Ísis, me perdoe. Eu não queria tê-la feito passar por isso — ela leva as mãos ao meu rosto e o acaricia.

— A ignorância me fez passar por isso, não tem nada a ver com você. Não quero que se sinta culpado, porque você não é. Na verdade, mais do que nunca eu preciso de você. Preciso que esteja comigo. Eu não quero acordar amanhã e ver que tudo em que acreditei foi uma mentira, como acabou de acontecer...

Eu a abraço, sentindo as suas lágrimas em minha blusa.

— Não é, e nunca será uma mentira! Eu amo estar ao seu lado. Amo sentir tudo o que você me proporciona e não tinha ideia de como precisava disso, como sentia falta, e só soube quando eu a encontrei. Não vou te deixar, eu prometo! — Eu a beijo ternamente.

Ísis acaba me contando tudo, desde como os seus pais reagiram até a traição de Monique e Marcos.

— Esse é o cara que seus pais admiram?

Ísis confirma, e ver a sua dor me machuca. Quando se perde o chão, a única opção é alçar voo. Não sei se estamos prontos, mas espero que essa nova fase seja o sopro que faltava para finalmente voarmos. É complicado, eu sei que sou o motivo e magoa saber que a Ísis teve que enfrentar sozinha a fúria dos seus pais.

— Por que não me ligou avisando que seus pais viriam? — Eu pergunto antes de dar a partida no carro.

— Foi tudo tão de repente. E eu não queria que você passasse por isso. Você precisa focar na sua saúde, eu não queria que se preocupasse — ela diz e eu imagino como foi barra lidar com eles.

— Bonequinha, eu sei me defender e realmente queria estar ao seu lado quando eles soubessem.

— Amor, está tudo bem — ela força um sorriso. — Eu sabia que eles reagiriam da pior forma, por isso o melhor era enfrentá-los sozinha. E, sinceramente, mesmo esperando por isso, estou muito magoada. Eu não imaginava que meu pai pudesse me tratar desse jeito, como uma qualquer — ela diz baixinho, enquanto seca as lágrimas que insistem em cair.

— Ele fez isso com o seu rosto? — Ela confirma, envergonha. Eu desvio o olhar, sentindo uma raiva crescente, mas sei que ela não precisa ouvir a minha indignação, então tento ser racional e dizer o que eu gostaria de ouvir se estivesse no lugar dela. — Ele estava de cabeça quente, vai se arrepender — ela não diz nada. — Ah, bonequinha, se houvesse uma maneira de aliviar tudo isso, eu faria — acaricio o seu rosto.

— Você já está aliviando estando ao meu lado, e esse é o meu melhor consolo.

Nós nos beijamos, e nesse beijo eu consigo demonstrar o quanto eu a amo.

— Vamos para casa? — Pergunto e ela confirma.

— Felipe, acha que eles irão se arrepender? — Ísis me pergunta assim que a dou partida.

— Com certeza. Eles são seus pais e a amam muito — eu falo e Ísis fica em silêncio.

Penso em minha vida e me pergunto se é justo fazê-la passar por isso. Se é justo fazê-la desistir de tudo por um cara que não tem nada a oferecer, que está levando-a para casa da mãe, porque não tem outra opção.

— Eu não quero te obrigar a... Ísis, se em algum momento você se arrepender e quiser voltar atrás, sabe que...

— Amor, eu não vou voltar, eu escolhi você porque te amo — ouvir isso me traz um alívio enorme.

Ela sorri e voltamos ao silêncio. Eu entro na garagem e desligo o carro, em seguida subimos a escada, e ao abrir a porta de casa, percebo que a minha mãe e a Mari já estão dormindo. Ísis me segue e o clima está totalmente diferente de como costuma ser, e eu não sei como mudar isso.

— Quer comer alguma coisa? — Pergunto em um sussurro.

— Não — ela responde baixinho, enquanto fixa os olhos nas mãos.

— Nem um copo de leite? — Insisto.

— Quero apenas me deitar ao seu lado e dormir ouvindo que vamos ficar bem — sorri.

Eu retribuo o sorriso e novamente aqui estamos, juntando os cacos,

tentando colar as peças quebradas e seguir em frente. O peso da culpa paira sobre mim, me deixando exausto. Seguimos para o meu quarto e ao entrar, eu acendo a luz e tranco a porta. Sigo para o banheiro para trocar de roupa, e assim que volto ao quarto, encontro Ísis vestindo apenas calcinha e regata branca.

Ela se deita na minha cama desfeita, se cobre e permanece com o pensamento distante. Eu apago a luz, me deito ao seu lado e apesar de estarmos juntos fisicamente, cada pensamento meu está direcionado para a nossa nova vida, pelos acontecimentos do dia e a culpa que eu carrego. Ela se aproxima, se aconchegando em meus braços, com a respiração serena. Apesar de estar com uma dor de cabeça insuportável, ela não me incomoda tanto quanto os meus pensamentos.

— Você está se sentindo melhor? — Ela sussurra. — Falo em relação aos efeitos colaterais do medicamento — ela se explica e eu dou um beijo em sua cabeça.

— Estou, não se preocupe — eu digo e sou recompensado ao ver o seu sorriso surgir.

— Amor, eu não quero ser um problema para você. Não quero que se preocupe com os meus pais ou... — ela sussurra.

— Ei! Relaxa. Está tudo bem, eu estou bem.

— Acha que está dando certo essa nova combinação?

— Acho — eu respondo de imediato, uma vez que não quero entrar nesse assunto.

— Tem certeza? — Ela pergunta, desconfiada.

— Sim.

Mais confiante, ela coloca a cabeça em meu peito novamente.

— Felipe, eu te escolhi e você tem que me escolher também.

— Eu já te escolhi, bonequinha — meus pensamentos continuam vagando para a culpa e o cansaço.

— Promete que nunca vai me deixar? Por nada?

— Prometo — eu sussurro e ela levanta a cabeça para me encarar novamente.

— Nada mesmo, não é? Quando eu falo nada, eu incluo tudo.

Seu olhar de preocupação me faz esboçar um sorriso. Eu sei que ela está falando sobre o HIV e juro que gostaria de ter o controle sobre isso. Eu olho em seus olhos, que anseiam pela resposta. Uma vez a minha mãe me disse que, às vezes, é necessário falar o que as pessoas precisam ouvir, ainda

que não seja a verdade. Até então, isso para mim era mentir, agora eu vejo que, em momentos de fraqueza, isso significa dar esperanças. E Ísis precisa disso nesse momento.

— Pode incluir tudo, porque nada vai me tirar de você. Eu juro! — Ela sorri ao me escutar, se aproxima e me beija.

— Se meus pais tivessem me dado a oportunidade, veriam como você é maravilhoso. É uma pena que eles não me deram a chance de mostrar isso.

— Estou feliz por ter você aqui, não que esteja menosprezando os seus pais, mas ser o cara que você ama já é o suficiente — ela fica em silêncio. — Bonequinha, você não perdeu os seus pais. Eles a amam muito, você é a única filha deles e tenho certeza que essa distância irá fazê-los repensar em tudo — começo a beijá-la e ela corresponde com a mesma necessidade.

— E se você se arrepender? E se nós...

Eu coloco o meu dedo sobre os seus lábios ao ver a dúvida em seus olhos.

— O “e se” é tão duvidoso que não devemos dar créditos a ele. Você quer, eu quero, então vamos deixá-lo de fora — eu sorrio e ela me olha como uma criança curiosa. — O conforto do ninho nos faz ter medo da imensidão, mas só quando vencemos esse medo é que descobrimos que na imensidão está a nossa liberdade.

Ela encosta o seu corpo no meu, sem permitir que haja espaço entre nós, e continua falando sobre o seu ex e Monique. Eu não presto atenção, tudo o que eu quero é esquecer. Fingir, pelo menos uma noite, que não temos problemas. Acreditar que o amanhã irá trazer todas as soluções.

— Felipe — ouvir o meu nome faz com que a minha atenção volte para ela. — Eu estou chateada porque, depois de tudo o que eu passei, Monique poderia... sei lá, ter contado em outro momento. Mas não, ela veio e despejou tudo em cima de mim, como se não tivesse errado comigo. Os dois me traíram o tempo todo e a falsa me disse que...

— Sabe qual é a melhor parte nessa história? — Sussurro, tentando finalizar a conversa.

— Existe uma? — Ela pergunta olhando em meus olhos.

— Que toda tensão sobre os seus pais descobrirem acabou. Somos só nós agora — eu sorrio e a beijo docemente. — Demos um salto mortal e espero que vejamos a luz depois da escuridão — ela sorri.

— Eu penso em tudo o que aconteceu e acho que te encontrar foi pura sorte — ela beija a ponta do meu nariz. Eu começo a beijá-la e em segundos

estou louco para tê-la. Quero me perder em seu corpo. — Amor, eu...

— Por favor, bonequinha, estou muito a fim de...

— De? — Ela sussurra.

— De fazer amor com você — Ísis sorri e eu volto a beijá-la. Aos poucos ela começa a retribuir, e estou com tanto tesão que a minha cabeça gira.

— Eu te amo muito.

— Eu também te amo muito — respiro fundo. — Eu sei que você está assustada, mas prometo que farei de tudo para não desapontá-la — eu a coloco sobre o meu corpo, pressionando os nossos sexos, e isso é uma loucura.

— Você já me faz feliz, e muito, Felipe. Amo você e... — eu a interrompo, voltando a beijá-la.

— Eu também — sussurro, ofegante. — Você é maravilhosa, e não quero que mude a percepção sobre si mesma porque outras pessoas erraram com você. O erro pertence a elas, mas a decisão em deixar isso te abater ou não é sua — eu falo, ofegante.

Ísis sorri com o meu desespero, então eu a puxo pelo pescoço e voltamos a nos beijar de maneira mais intensa. Suas mãos vão para o meu cabelo e as minhas por baixo da sua coxa, colocando-a em meu quadril. Estou muito excitado e percebo que ela também, e assim que aperto a sua bunda, ela geme na minha boca.

— Você é tão gostosa!

Eu passo a distribuir beijos em seu pescoço e sinto seus seios se enrijecerem com a excitação, então eu chupo um enquanto aperto o outro. Ísis tenta tirar o meu short, demonstrando que está tão ansiosa quanto eu para sentirmos o outro. Eu me levanto e tiro o restante da minha roupa, observando enquanto ela faz o mesmo. Em seguida, eu coloco a camisinha e ela se abre como uma flor para me receber, então me deito entre as suas pernas e vejo que ela está pronta. Não existe paraíso melhor que estar com ela. Ísis geme baixinho e me puxa para mais um beijo, enquanto encontramos o nosso encaixe perfeito.

Aos poucos, começo com um vai e vem delicioso e a ouço gemer cada vez mais entre os nossos beijos, enquanto puxa o meu cabelo com força. Sei que, assim como eu, ela não vai demorar muito para alcançar o orgasmo. A cada estocada, ela geme mais alto.

— Assim vão nos ouvir, bonequinha — eu digo no seu ouvido entre

gemidos e ela me agarra com mais força.

Eu a beijo novamente para abafar os seus gemidos e logo chegamos ao ápice do nosso prazer. Ísis se deita sobre mim, enquanto faço cafuné em sua cabeça e aos poucos as nossas respirações se normalizam.

— Será sempre bom assim? — Ela pergunta, quebrando o silêncio.

— Se depender de mim, será cada vez melhor. E sabe por quê? — Nós nos encaramos.

— Por quê?

— Porque o meu desejo por você é como uma espiral. Esqueça os outros, esqueça os seus pais e o desgraçado do seu ex. Eles são apenas “os outros”, só você me importa agora — ela sorri timidamente e eu a beijo com carinho.

— Se isso for um sonho, não quero acordar — Ísis sussurra.

— Vamos fazer do nosso sonho uma realidade. Eu prometo.

— É impressionante como você é desesperado antes de fazermos amor e muito romântico depois — ela diz, sorrindo.

— Sério? É que eu sigo o manual para conseguir estar entre suas pernas de novo — eu brinco e ela me dá um tapa, então beijo a sua mão.

— Amor, quando me viu pela primeira vez, imaginava que chegaríamos a isso?

— Não, nem na segunda, terceira ou quarta — ela me lança um olhar de desaprovação. — Mas amo ter chegado onde estamos.

Voltamos a nos beijar e ela me abraça. Juro que não há melhor sensação do que dormir ao seu lado.

Quando sou acordado pelo despertador, eu sinto todo o enjoo que meu estômago permite. Coloco o comprimido na boca antes de me levantar, engulo e o sinto descer pela garganta. Após alguns minutos, meu despertador toca novamente, fazendo Ísis se mexer. Eu sussurro o nome dela, tentando acordá-la, mas ela resmunga que não irá à faculdade. E assim que vejo que o canto da sua boca continua inchado, eu não insisto. Eu gostaria de poder faltar também, mas, uma vez que faltei bastante quando estive doente, não tenho essa opção. Eu me arrumo às pressas e antes de sair, eu pergunto a ela se ficará bem. Assim que ela me confirma que sim, eu lhe dou um beijo, saio e fecho a porta do quarto.

Chegando na cozinha, encontro a minha mãe e Mari, que ficam me observando dar o primeiro gole do meu café. Ambas riem quando eu quase coloco tudo para fora ao sentir o gosto amargo.

— A operação dieta já começou nessa casa? — Elas confirmam. — Credo! Mãe, a Ísis está no meu quarto. Os pais dela descobriram o meu diagnóstico e não reagiram muito bem.

— Eu já esperava por isso — Mari é a primeira a falar.

— Você está atrasado, Felipe. Conversaremos quando vocês chegarem. Ela não vai tomar café? — A minha mãe pergunta.

— Ísis não vai à faculdade, e quando eu chegar nós conversaremos.

— Tudo bem — a minha mãe diz e me beija.

Eu me despeço das duas e sigo para o meu martírio. Entro na sala rapidamente e logo que me sento a Flávia me cutuca.

— Meu pai disse que a sua entrevista será segunda-feira, não é?

— Sim. Obrigado por tudo, mais uma vez.

— Você vai mudar para o turno da noite? — Eu confirmo com a cabeça. — Eu também. Vou aproveitar e pegar essa carona com você — ela brinca.

— Mas estudar de manhã não atrapalha o seu horário, certo?

— Eu trabalhava meio período, agora será em integral, assim como você.

— Ah — eu não digo mais nada e começo a prestar atenção na aula.

No intervalo, eu ligo para a minha mãe e ela diz que Ísis ainda está no quarto e não quis incomodá-la. Depois de desligar, volto para a sala e mal consigo prestar atenção no restante da aula. Assim que a aula termina, eu corro para a minha casa e vou direto para o meu quarto, onde encontro Ísis sentada na cama, que agora está arrumada.

— Está tudo bem? — Eu pergunto, preocupado.

— Sim. Eu estava te esperando, estou com vergonha de sair do quarto.

— Deve estar morrendo de fome. Vamos almoçar?

Ela confirma, então saímos do quarto. Durante o almoço, apesar de Mari tentar puxar papo, Ísis se mantém fechada e eu sei que ela não se sente à vontade aqui. Antes de sair para o trabalho, eu falo para ela não ficar só no quarto. Ela me pergunta se a minha mãe se importa ou se comentou alguma coisa.

— Não, mas deve ser chato ficar no quarto o dia todo. Agora eu tenho que trabalhar, bonequinha.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe.

— Ísis, eu vou comprar um *Chip* para colocar em um celular velhinho que eu tenho guardado, daí eu dou o meu, que é melhor, para você e fico com

o outro.

— Não precisa, eu posso ficar com o velhinho.

— Não. Eu quero que você fique com o meu. Para ser sincero, eu não ligo para celular, e o antigo é simples, eu até prefiro. Você vai querer buscar as suas coisas hoje?

— Sim. Podemos ir assim que você chegar?

— Tudo bem, bonequinha. Agora eu tenho que ir.

Eu lhe dou um beijo e saio. A tarde passa e eu me distraio com o trabalho. Mari me chama para ir comer um hambúrguer à noite, e eu fico de confirmar depois que falar com a Ísis. Vou até uma banca, que fica perto de casa, e compro o *Chip* para ela, e quando volto para a casa, a minha mãe diz que ela não saiu do quarto, nem mesmo quando ela bateu à porta para oferecer um café, que Ísis recusou. Talvez ela só esteja chateada e precise de um tempo.

Depois do jantar, seguimos para o apartamento, que agora é da Monique. Ao entrar, Ísis não a cumprimenta, só diz que veio buscar as suas coisas. Monique oferece ajuda, mas é ignorada. O que Monique me pergunta, eu respondo, e quando me oferece água, eu aceito. Ísis começa a separar as suas coisas, e Deus, eu nunca vi alguém ter tantas roupas, sapatos e bolsas. Se eu reclamei da mudança do Léo, que eram poucas caixas, paguei a língua agora.

Ísis ignora Monique o tempo todo e evita qualquer tentativa de conversa. Para conseguir levar a maioria das coisas de uma vez, fazemos trouxas com alguns lençóis. E mesmo assim, muita coisa fica para trás. Terminamos quase às dez da noite e chegando em casa, a minha mãe, Mari e Léo ficam boquiabertos com a quantidade de coisas. Eu sei que no meu guarda-roupa não tem espaço para nem metade das coisas de Ísis, então sugiro que ela deixe somente o que vai precisar e o restante guardar no quarto da Mari e da minha mãe. Quando finalmente terminamos de guardar as suas roupas, nós vamos para a cama.

— Felipe, eu pensei muito hoje e vou trancar a matrícula.

— Por quê? Você pode mudar de horário, daí vamos juntos à noite.

— Não, amor, eu quero dar um tempo. Eu vou procurar emprego, nunca trabalhei, mas posso começar.

— Se eu conseguir a vaga no banco, posso falar com a Mari, porque ela vai precisar de alguém para colocar no meu lugar. Se você quiser, claro.

— Acha que vai dar certo?

— Ísis, eu sou bem mais complicado do que ela, e damos certo. Vocês precisam dar uma chance para a outra. Mari é chata, mas dá pra descer — eu brinco.

— Tudo bem.

— Outra coisa. O Léo tem um apartamento bem pequeno, onde ele morava. Apesar de bem arquitetado é pequeno, muito mesmo, mas para nós começarmos, está ótimo. E como ainda não foi alugado e tem alguns móveis planejados, acho que é uma vantagem.

— Mas não vai apertar muito para você ter que pagar aluguel?

— Não, quer dizer, vai. Mas nós vamos conseguir, eu vou conseguir. Eu tinha planos de fazer uma viagem pela América do Sul, e faz uns três anos que eu guardo dinheiro na minha poupança, e se tudo der certo, e eu conseguir o emprego, eu pego essa grana e compro uma geladeira, um sofá e um fogão. Daí a gente leva a minha cama e a minha televisão. O que acha? Mas, Ísis, o apartamento é realmente minúsculo.

— Amor, eu não me importo. Quero apenas estar com você — ela me beija. — Não me importo se é pequeno e simples, desde que você esteja comigo — eu olho em seus olhos.

— Ísis, eu tenho tanto medo que você acabe indo embora. Promete para mim que vai ficar para sempre?

— Prometo! — Eu a beijo.

Dizem que quando uma porta se fecha, uma janela se abre. Na semana seguinte, eu vejo a nossa janela se abrir. Passo na entrevista e tenho o prazo de uma semana para arrumar os meus documentos e fazer exame admissional. Quando revelamos os nossos planos para a minha mãe, ela e Mari ficam emocionadas. Mari fala com o Léo sobre alugar o apartamento para mim, que concorda e faz um preço camarada.

Quando levo a Ísis para conhecê-lo, fico receoso, uma vez que o apartamento parece ser ainda menor do que eu me lembrava. Até o momento, seus pais não a procuraram e doí ver como isso a afeta. Ela se isola e fica pensativa, e em momentos assim eu tento mostrar o quanto eu a amo. Nós estamos começando, e o começar não é fácil, principalmente porque sei que o meu tudo é tão pouco perto do que ela tinha com a família.

Ela observa tudo em silêncio, e isso faz o meu coração acelerar com a possibilidade de não ter gostado. O apartamento se resume a um quarto, um banheiro pequeno, e sala e cozinha no mesmo ambiente. O bom desse apartamento é que tem móveis planejados no quarto e cozinha, onde possui

um balcão para as refeições, já que não tem espaço suficiente para uma mesa.

— E então, gostou? — Eu pergunto, receoso.

— Amei! — Ísis se vira e sorri, me fazendo puxá-la para os meus braços.

— Bonequinha, eu sei que isso não era o que você sonhava para uma vida a dois, mas juro que farei o possível para um dia ter condições de lhe dar algo melhor.

— Amor, se um tempo atrás você me perguntasse o que era felicidade, eu diria que era ter a nova coleção da *Dior*, *Chanel*, ou mesmo quinhentos pares de sapatos no *closet*. A minha vida era regada a luxo e extravagância. Eu acreditava que era amada por um cara que nunca me valorizou, e tem razão, ele teria muito mais para me oferecer em se tratando de coisas materiais. Mas eu te conheci e descobri que o amor não é um bem material. É algo mais profundo, que chega sem pedir permissão e bagunça a nossa vida. Ele desfaz os nossos planos e define o próprio caminho. Felipe, você me fez conhecer o amor, o nosso amor, e sinceramente, eu pouco me importo em como é o lugar, só que precisa continuar queimando aqui — ela coloca a mão no peito. — Quando eu digo que você é a melhor coisa que aconteceu para mim, não falo nada além da verdade. O amor verdadeiro traz a liberdade de vivê-lo sem se prender às futilidades. Não vai ser fácil, mas a construção de um sonho requer sacrifícios e comprometimento. E para construí-lo, nós só precisamos um do outro.

— E nós temos um ao outro — eu sussurro.

— Então estamos prontos para começar, e que não nos falte nunca o amor, o resto nós conseguimos.

Sorrio e volto a beijá-la.

— Não vai nos faltar, nunca...

Capítulo 32

Existem várias definições para a palavra felicidade no dicionário, mas a cada manhã, ao olhar para o Felipe, eu descubro uma nova. Como ele irá iniciar no banco e no novo turno da faculdade na segunda-feira, no sábado, ele zera a sua poupança e na companhia da minha cunhada e sogra, compramos um fogão *cooktop*, um sofá, já que é a única coisa que cabe na sala e uma geladeira. Um dia antes da nossa mudança, a minha sogra e a Mari me surpreendem com um enxoval simples, e eu fico muito feliz com isso. Até mesmo o Léo nos presenteia com um jogo de panela, talheres, copos e pratos.

Nós nos mudamos no sábado de manhã e quando terminamos de organizar tudo, já é quase meia-noite. Felipe me traz flores no dia seguinte e juro que sou capaz de me apaixonar por ele a cada novo segundo.

Eu nunca imaginei que as tarefas domésticas fossem tão complexas. Na primeira semana, eu perco as contas de quantas vezes queimo o arroz. Definitivamente, eu tenho aversão a cozinhar. Mas, ao ver a minha frustração, Felipe insiste que não tem problema e que temos duas opções: vou deixar de queimar o arroz, ou ele vai aprender a gostar de arroz queimado. No fundo, ele quer apenas me animar e amo cada detalhe que ele proporciona ao meu dia.

Como agora vai para a faculdade à noite, ele passou a tomar os medicamentos assim que chega em casa, às onze da noite. E toda manhã meu coração parte ao ouvi-lo vomitar tanto. Esse é o único efeito colateral que permanece, e uma vez que ele já sabe que isso sempre acontece, Felipe acorda uma hora mais cedo, toma um comprimido e espera o mal-estar passar.

Os meus pais ainda não tentaram entrar em contato comigo e essa magoa é como um espinho cravado em mim. Eu tranquei a matrícula na faculdade mesmo com Felipe não concordando, mas ele sabe que a decisão é minha. Também não falei mais com a Monique e nem me encontrei com ela, uma vez que não frequento mais a faculdade.

Depois de estar trabalhando duas semanas no banco, Felipe me conta que a Flávia mudou de horário no emprego e na faculdade, então eles passam mais tempo juntos que do que nós dois. Eu sinto um ciúme doentio, mas não quero deixar que a nossa confiança seja abalada por uma coisa tão boba. Eu o

amo e ele me ama, e isso nos basta.

Felipe sai de casa para trabalhar às oito da manhã, e é tão pontual que chega a ser chato. Agora, ele só consegue frequentar a academia no horário de almoço, então saindo de lá, Felipe tem somente quinze minutos para almoçar, e o faz em restaurante próximo ao banco. Pelo menos, ele só tem que encarar o arroz queimado no jantar. Ele chega em casa por volta das seis e meia, toma um banho rapidamente, janta e corre para a faculdade.

Eu converso com a Mari sobre a vaga no *pet shop*, mas ao mencionar que falo fluentemente alemão e inglês, ela se propõe a me ajudar a conseguir algo melhor. Ela me pede para montar um currículo e lhe entregar quando nos vermos. De acordo com ela, Léo conhece muita gente e pode me ajudar a conseguir um emprego na área administrativa. Nós passamos a ter um bom relacionamento, não somos melhores amigas, mas estamos tentando. Já a mãe do Felipe é como uma mãe para mim. Ela nos liga todos os dias para ver como estamos e sempre que pode, passa aqui para nos ver.

Depois de organizar o nosso apartamento, lavar as roupas e tomar um banho relaxante, eu sempre me distraio vasculhando o computador, já que quase não assisto à televisão. Felipe tem uma pasta com muitos arquivos e informações sobre HIV. Ele praticamente salva tudo o que encontra e divide em dois grupos o que acha mais interessante nomeando como “útil” e “não lido”. Meu coração dispara quando vejo que ele tem guardado todas as combinações de remédios, efeitos colaterais e possíveis novas combinações, que já não são muitas. Não querendo continuar a ver essas coisas, eu desligo o computador.

Não sei exatamente quando essa Ísis surgiu. Alguns dizem que o sofrimento traz o amadurecimento, que a dor ensina, e por incrível que pareça, não foi exatamente o meu sofrimento que provocou mudanças em mim, mas sim quando passei a amar o Felipe. Eu sentia que precisava vê-lo bem para estar bem. Ver o sofrimento dele e a sua luta, ter medo de perdê-lo, fez com que o meu querer deixasse de vir em primeiro lugar. O meu amor por Felipe fez com que ele estivesse acima de tudo, até mesmo em meus pensamentos.

Eu sorrio ao me lembrar da nossa primeira vez, em como fui persistente e hoje sei que não foi uma escolha impulsiva. Foi o meu instinto que me levou ao meu primeiro e grande acerto. O que era para ser sexo, se tornou necessidade e com isso veio o amor. E hoje, os nossos corpos viciaram um no outro. Nunca é o suficiente.

No primeiro pagamento de Felipe, ele me surpreende com um jantar em um restaurante do nosso novo bairro, finalizando com uma noite em um motel. Eu escolho um vestido *Red Valentino* de alça e acabamento em renda branca. Sei que virá uma piadinha por parte do Felipe, que insiste em falar que levo sofisticação e alta costura para os trailers e supermercados do nosso bairro.

— Você está linda! — Ele diz ao me observar enquanto termino de me arrumar. — O que temos para hoje? — Brinca, se referindo às minhas roupas.

— *Valentino*, sapatos *Chanel*, perfume *Chanel 5*, e calcinha *Victoria's Secret* — eu pisco e ele gargalha.

Temos uma noite maravilhosa em um restaurante, e ao sairmos de lá, a minha preocupação é com o custo dessa noite.

— Amor, tem certeza que não estamos gastando muito? — Eu pergunto ao entrarmos na garagem do motel.

— Ísis, eu já separei o dinheiro das contas e da compra do mês, então não precisa se preocupar. Acho justo comemorarmos o nosso primeiro mês morando juntos e o meu primeiro mês no novo trabalho.

— Tudo bem, então vamos aproveitar — eu respiro fundo, olhando tudo ao meu redor. — Nunca estive em um motel antes — ele me encara, desconfiado. — Só viajava na companhia dos meus pais ou padrinhos, e dormir fora sem eles não era opção.

— Fico satisfeito ao ouvir isso — ele diz, sorrindo, e como é impossível não sorrir ao vê-lo tão feliz e relaxado, eu retribuo.

— Já você, não parece ser a primeira vez — enfatizo, cruzando os braços e sentindo uma pontada de ciúme.

— Não é, mas é a primeira vez que eu venho com a mulher que eu amo. Além, claro, de ela ser a minha mulher — ele me dá um beijo e entramos na suíte onde vamos passar a nossa noite.

Acho engraçado a banheira ficar no mesmo ambiente que o quarto. Faz tanto tempo que eu não tomo um banho de banheira, coisa que antes era comum.

— Tenho certeza que você deve ter visto fotos de suítes bem mais luxuosas do que essa. Mas prometo que um dia eu a levo em um lugar mais bonito e digno de você e seu *Valentino* — ele me abraça por trás e eu me viro, ficando de frente para ele com meus braços em seu pescoço.

— Está escutando? — Eu pergunto e ele me olha, curioso. — Meu *Valentino* está dizendo que adoraria ser retirado do meu corpo pelas mãos de

um certo alguém — eu brinco.

— E o que a sua calcinha está dizendo?

— Segredo! — Eu pisco. — Você tem que vir até aqui para descobrir — ele sorri, e eu me aproximo do seu ouvido. — Amor, pode ser em um hotel de frente para a Torre Eiffel ou aqui, o que realmente importa é ter você ao meu lado.

Iniciamos um beijo lento, mas como todas as vezes, logo se intensifica. Felipe me levanta pelas coxas e eu passo as pernas ao redor do seu quadril, enquanto continuamos a nos beijar. Eu sinto que Felipe está me levando para algum lugar, e espero ansiosamente que seja para a cama. Mas me surpreendo quando ele me coloca no chão e se afasta, me deixando quente e desejosa por ele.

— Por que parou? — Eu pergunto, emburrada, e ele sorri e começa a tirar a blusa, fazendo com que eu desvie o olhar para o peitoral que adoro beijar.

— Eu quero fazer amor com você na banheira, enquanto tomamos um banho de espuma — ele coloca a banheira para encher e joga sais de banho na água. — Você está linda com esse vestido, mas gosto mais de você sem nada — ele morde os lábios com malícia.

— Safadinho!

Ele se aproxima e volta a me beijar, e eu correspondo cada beijo, sabendo o quanto preciso disso.

— Como se você também não gostasse.

Ele senta na borda da banheira e me puxa para ficar entre as suas pernas e aos poucos abaixa a alça do meu vestido, enquanto beija o meu ombro. Eu me apoio em seus braços enquanto Felipe vai me despindo e beijando cada parte da minha pele que fica exposta. Ao ver os meus seios nus, ele beija cada um deles ao mesmo tempo em que termina de tirar o meu vestido. Assim que fico somente de calcinha e salto alto, Felipe se senta no chão e começa a tirar as minhas sandálias, distribuindo beijos em meus pés e fazendo com que eu me sinta cada vez mais excitada.

Não sei que tipo de conexão temos, mas é algo que às vezes me assusta. Ele beija as minhas coxas enquanto as suas mãos me puxam para perto do seu rosto, então aperta a minha bunda com força. Felipe beija a minha barriga e passa a língua em meu umbigo, me fazendo gemer.

— Você não tem noção de como me deixa louco o tempo todo. Eu sou viciado em você, no seu corpo, no seu beijo, no seu cheiro de mulher — ele

respira fundo o meu sexo por cima da minha calcinha, fazendo com que o meu corpo todo se arrepie.

Ainda com os olhos presos aos meus, ele se afasta um pouco e abaixa a minha calcinha lentamente, aumentando a minha sede por ele. Eu levanto uma perna e depois a outra para que ele termine de tirar a calcinha, e me surpreendo quando Felipe coloca uma das minhas pernas em cima do seu ombro, fazendo com que a sua boca encontre o meu sexo úmido de excitação. Meu corpo treme ao sentir a sua língua acariciando os meus lábios. Fecho os olhos enquanto me apoio em sua cabeça, fazendo com que eu sinta a sua língua mais fundo, me levando à loucura. Eu abro os olhos com dificuldade e vejo que ele continua me olhando ao sugar todo o meu prazer. Nossos olhos gritam o que sentimos cada vez que nos entregamos. Quando estou próxima de chegar ao ápice, Felipe se afasta e lambe os lábios.

— Por que parou? Você está muito malvado hoje — choramingo e ele continua rindo enquanto se levanta e começa a tirar a roupa.

— Por que adoro ver essa sua carinha de brava — ele sorri descaradamente.

Ele desliga a água e tira a cueca, deixando à mostra toda a sua excitação que eu amo ver. Entrando na banheira, ele se senta e me oferece a mão, então eu entro com a sua ajuda. Felipe pega a camisinha que está na borda da banheira e a desliza em seu membro, e como estamos mais do que prontos, ele me puxa para o seu colo, me invadindo de uma única vez.

Nós dois gememos com a nossa conexão, e eu começo a subir e descer em seu colo. Felipe coloca as mãos em minha bunda, tomando o controle do ritmo. Beijamo-nos loucamente, enquanto eu agarro o seu cabelo com força. Eu acelero o movimento, e ele começa a dar estocadas mais rápidas em busca da nossa libertação. A fome que sentimos pelo outro é a coisa mais deliciosa que existe. Gememos loucamente fazendo com que os nossos sons ecoem pelo ambiente. A atmosfera é quente e sensual, tornando tudo mais intenso. Aos poucos, eu sinto o meu corpo tremer avisando que o meu orgasmo está próximo. Felipe aumenta o ritmo, mostrando que o dele também. Logo chego ao ápice, gemendo loucamente com a cabeça jogada para trás e Felipe chega ao dele gemendo contra o meu pescoço.

— Foi maravilhoso — eu quebro o silêncio.

— É maravilhoso, e sabe por quê? — Eu o encaro ao mesmo tempo em que nego com a cabeça, ainda nas nuvens pelo maravilhoso orgasmo. — Porque é com você, a mulher da minha vida. A mulher que eu quero um dia

me casar e passar o resto da minha vida.

— Isso é um pedido de casamento? — Eu digo e sinto as lágrimas se formarem em meus olhos.

Nunca tínhamos falado a respeito de casamento antes e ao ouvir isso, eu vejo que jamais irei me arrepender de tê-lo escolhido.

— Eu serei a mulher mais feliz do mundo quando esse dia acontecer. Felipe, não faz nem um ano que a gente se conhece, mas tenho certeza que você é o homem com quem eu quero passar todos os dias da minha vida. Parece loucura. Com você, o desejo surge naturalmente e sabe por quê? Porque amor de verdade eu só conheci ao seu lado. Eu te amo — eu o beijo.

— Eu também te amo.

— Vou ser a única, sempre, não vou?

— Não existe outra pessoa que possa ocupar esse lugar, nunca vai existir.

Ele volta a me beijar, me abraça forte e passamos a nossa noite fazendo amor entre declarações e planos para o nosso futuro.

A nossa primeira semana do mês de outubro inicia. Na segunda-feira, Felipe volta para a casa com uma tosse seca que persiste durante noite. E perpetua pela semana. Insisto que ele deve ir ao médico, mas ele diz que é por causa do ar condicionado do banco. Porém, na quarta-feira, sou surpreendida com ele voltando cedo para a casa.

— Aconteceu alguma coisa? — Eu pergunto, preocupada.

Felipe está pálido, e ao se aproximar de mim, eu toco o seu rosto e o sinto quente, acho que está com febre.

— Sentindo muita dor nas costas, cansaço — ouvir isso me preocupa muito, mas Felipe insiste que está bem e que deve ser apenas uma gripe, já que, provavelmente, a sua imunidade ainda não normalizou.

— Demora tanto assim?

— Depende. Mas tenho certeza que é o ar condicionado. Ele fica o tempo todo ligado — Felipe justifica, mas promete ir ao médico na manhã seguinte.

Mas ao invés disso, ele vai trabalhar. No horário do almoço, eu ligo para saber como ele está e noto o seu cansaço. No final da tarde, ao chegar em casa, Felipe tosse muito e desiste de ir à faculdade. Depois de jantar, ele decide ir se deitar, e em uma crise de tosse, eu vejo que está escarrando sangue. Imediatamente seguimos para o hospital, e chegando à emergência, eu conheço o lado teimoso do Felipe, onde insiste em dizer que está bem.

Passando pelo clínico, Felipe fala sobre o HIV, inclusive sobre os últimos resultados dos exames e a nova combinação de medicamentos. O médico o examina e pede uma bateria de exames para confirmar as suas suspeitas. Seguimos para a enfermaria e enquanto ele faz os exames, eu ligo para a sua mãe e prometo retornar assim que Felipe passar novamente pelo médico.

Após duas horas, os resultados dos exames ficam prontos, então voltamos para a sala do médico, que confirma as suas suspeitas. Pneumonia.

O médico explica que pacientes soropositivos são mais propensos a contrair pneumonia, e como Felipe trabalha em um ambiente fechado com grande movimentação de pessoas e pouca ventilação, isso deve ter contribuído para a sua contaminação. Apesar de não considerar o caso do Felipe entre os mais graves, ele prefere iniciar o tratamento imediatamente com internação. Ao ouvir o médico, eu entro em pânico e vejo a reação nada animadora do Felipe.

— Tem mesmo necessidade de internação? — Ele diz com dificuldade.

— É o melhor, Felipe. Mas você vai ficar bom logo, já que está iniciando o tratamento rapidamente.

Ele nos entrega a guia de internação, e mesmo passando mal, Felipe vai reclamando, parecendo uma criança birrenta.

— Dá para tratar pneumonia em casa — ele reclama.

— Felipe, pare de fazer showzinho. Se o médico disse que tem que ser aqui, vai ser aqui e ponto final! — Eu bufo e ele não retruca.

É feita a internação de Felipe, e depois de um tempo, já no quarto, uma enfermeira aparece para aplicar a medicação e soro. Ao ver a ficha médica de Felipe, eu noto a tensão em seu rosto. Felipe percebe, eu percebo, e ela está com tanto receio que, ao tentar achar a veia em seu braço direito, acaba fazendo merda. Ela tenta o mesmo procedimento no braço esquerdo e consegue, então o coloca no soro e inicia o tratamento com antibiótico. Quando ele cochila, eu ligo para a sua mãe e conto o que houve.

— Eliane, está tudo bem. Ele vai ficar apenas o tempo necessário, e como já iniciou o tratamento, logo estará novinho em folha.

— Quer que eu vá ficar com ele? — Ela diz, chorando.

— Não precisa. Você irá trabalhar amanhã, eu fico.

Ela pergunta novamente se ele está bem, e só depois que eu digo pela quarta vez que sim, Felipe está bem, é que ela se convence e diz que virá vê-lo pela manhã. Eliane diz que irá avisar a Mari, e que, com certeza, elas virão

juntas visitar o Felipe.

Quando desligamos, eu me sento perto dele e acaricio o seu rosto. Eu o amo tanto, que não me permito pensar na possibilidade de perdê-lo. Eu o observo dormir, e o seu rosto sereno me dá paz.

Pela manhã, Mari e a Eliane vêm visitá-lo, e como estamos em um hospital particular, as visitas são sempre permitidas. Outra enfermeira vem trocar o soro e aplicar mais medicamentos. Eu peço para que elas fiquem com Felipe, enquanto vou ao nosso apartamento tomar um banho e pegar os medicamentos dele.

Volto rapidamente para o hospital, e encontro Felipe um pouco mais abatido, mas me lembro que o clima de hospital deprime qualquer um. Eu sei que tudo isso irá gerar gasto que não contávamos, mas não temos saída. Algo que admiro no Felipe é a sua independência, mesmo que precisasse, ele não recorreria à sua mãe. Depois de passar duas noites com Felipe no hospital, a Mari pede para dormir com ele. Eu fico com receio de deixá-lo, mas como ele insiste muito, eu acabo cedendo.

— Bonequinha, por favor, vai para a casa hoje.

— Você pediu para a Mari, não foi? — Ele confirma com um aceno. — Isso não é justo, não pode fazer isso comigo.

— Não é justo fazê-la dormir em uma cadeira de hospital por mais uma noite. Você está exausta, eu não sou cego.

— Prefiro ficar aqui do que sozinha na nossa cama.

— Amor, é apenas uma noite — ele sorri. — Não é como se não fossemos nos ver nunca mais — ele brinca. Eu me aproximo e o beijo. — Vou receber alta depois de amanhã, então fica em casa hoje e volta amanhã à tarde.

— O médico disse que você vai receber alta no domingo?

— Sim, você estava almoçando. Ele passou por aqui e confirmou.

— Tem certeza?

— Tenho. Mari chegará às sete. Eu quero que descanse, você está exausta.

— Eu acho que não devo ir...

— Bonequinha, eu estou bem. Você volta amanhã, por favor. Não suporto mais acordar e vê-la encolhida nessa cadeira.

— Tudo bem, mas amanhã eu volto.

Às sete da noite, Mari chega e eu vou para o nosso apartamento. Eu me sinto estranha aqui, não é a mesma coisa sem o Felipe. Eu demoro um bom

tempo para pegar no sono, mas quando isso acontece, praticamente desmaio.

Pela manhã, quando acordo, eu vejo uma ligação perdida do Felipe. Rapidamente eu retorno e assim que ele atende, a campainha do apartamento começa a tocar insistentemente. Ainda de pijama e dizendo a ele que estou bem, eu me levanto às pressas e vou correndo até a porta e a abro. Fico surpresa ao me deparar com o meu pai. Sem saber o que fazer, eu digo a Felipe que o amo e que preciso desligar. Ele parece não entender, mas não insiste.

— Oi, Ísis — a voz grave do meu pai ecoa pela sala.

— O que está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Aconteceu que você já brincou de casinha por tempo demais. É hora de voltar para a casa comigo e assumir o seu papel na família.

— Eu estou em casa, pai.

— Não, não está. Vai voltar comigo agora!

— O senhor não pode me obrigar, e não vai.

— Eu não vou obrigar. Você tem duas opções e algo me diz que depois da nossa conversa, irá voltar para a casa comigo — o sorriso frio que ele me dá junto com essas palavras indicam que o meu sonho está para acabar. O meu pai entra sem ser convidado e olha ao redor com deboche. — Eu precisei de apenas um mês para descobrir em qual banco Felipe trabalha, abrir uma conta, me tornar amigo do gerente e logo em seguida, íntimo do diretor. Enquanto isso, eu abri uma filial da nossa empresa aqui, coloquei o Marcos para tomar conta de tudo, e adivinha só, antes de fechar um grande acordo com o banco, eu almocei com o diretor Rodrigues e falei do meu descontentamento com um certo funcionário. Sabe quem é? — Ele pergunta.

— Pai, por favor, não faça isso.

— Eu não vou fazer nada, já disse. A escolha é sua, minha princesa. O diretor quer o nome desse tal funcionário para dispensá-lo. Ah, acho que você conhece uma enfermeirazinha que se chama Eliane Santos, certo? É uma pena uma pessoa na idade dela ser demitida.

— Você não tem esse poder...

— Eu tenho dinheiro e ele compra tudo. Tudo tem um preço e você, mais do que ninguém, deveria ter aprendido isso. Mas tem mais coisa, Ísis. Eu conheci também um tal de Wagner, um *hacker* muito bom. Ele me explicou que é muito fácil invadir um site, para ser mais exato, o site de uma faculdade. Princesa, já imaginou o que pode acontecer se alguém for exposto nesse site? Entende o que eu quero dizer, amor?

— Se você fizer isso com Felipe, irá me expor também. Você já imaginou o que os seus amigos e familiares irão pensar? — Eu tento soar convincente, mas o seu sorriso irônico me cala.

— Você me subestima, princesinha. Eu tenho os meus meios de fazer tudo isso parecer um grande mal-entendido.

— Você não tem coragem de correr esse risco.

— Pague para ver. Eu não tenho nada a perder, já você... — ele sorri friamente. — Sua mãe tem chorado todas as noites e eu não consigo sequer dormir pensando em como você brinca com a sua vida. Olhe ao seu redor, Ísis. Essa não é você, não foi criada para isso, e eu tentei te mostrar da maneira mais fácil, mas você tem o meu sangue, é tão teimosa quanto eu. E como eu disse, a escolha é sua. Então, você vai embora comigo ou vai transformar a vida desse rapaz em um inferno ainda maior?

— Pai, por favor, não faça isso. Se você está preocupado com o seu nome, eu abro mão dele. Felipe não merece passar por isso, por favor! — Eu imploro.

— Não é pelo nome, é por amor. Não posso mais vê-la jogar a vida fora dessa maneira.

— Eu sou feliz, eu o amo. Se me der a chance, eu posso mostrar que...

— Ísis, você precisa entender que o amor requer sacrifícios. Um exemplo disso é que você vai para a Alemanha assim que nos encontramos com a sua mãe. Passaremos um tempo lá e sei que no início vai ser complicado, mas você vai esquecer esse garoto facilmente. Isso já está decidido. Você vai retomar os estudos e voltar a ser o que sempre foi, uma Brückner.

— Pai, ele está no hospital, não posso deixá-lo assim.

— Eu sei, meu amor. Ele terá alta amanhã, não se preocupe. Felipe é um sobrevivente e eu admiro muito isso nele. Vou até retribuir tudo o que ele gastou com você quitando todas as dívidas dele, e o melhor, darei a ele a chance de crescer no banco.

— E se eu não for com você?

— Faça três ligações e a vida dele estará arruinada. Como eu disse, a escolha é sua e irá fazê-la agora.

Eu desabo no chão, chorando tanto que até respirar se torna difícil. Há alguma esperança quando se está à deriva?

— Por favor, pai — eu imploro e tudo o que eu tenho em resposta é vê-lo pegar o telefone e fazer a primeira ligação.

Assim que ouço o meu pai dizer o nome do Rodrigues, eu tomo uma decisão.

— Eu vou com você! — As palavras saem, me sufocando.

Eu vejo o sorriso dele aparecer e encerrar a ligação com uma desculpa qualquer. Eu levo as mãos à cabeça, desesperada. Felipe precisa muito desse emprego, a mãe dele também.

— A veterinária tem algumas pendências da lojinha dela. Coisas bobas, mas que darão trabalho caso sejam denunciadas.

Eu penso nos nossos beijos, nossos momentos, tudo passa como um flash em minha mente e o desespero grita dentro de mim.

— Pai, por favor. Eu prometo que...

— Sem promessas. Só tem que ir embora comigo, a decisão é sua. Se você realmente ama esse rapaz, sabe que o melhor é deixá-lo. Ísis, ninguém sobrevive sem dinheiro, sem emprego e pior, com a vida exposta. O amor vai morrer, então o melhor é queimar de uma única vez. Ele vai achar que foi abandonado, mas irá superar. Agora, se você decidir ficar, a culpa que ele sentirá por levá-la junto para o fundo do poço irá fazê-lo desejar ter morrido antes mesmo de ter te conhecido. Faça a escolha certa e dê a ele uma chance de seguir sem tamanha humilhação.

— Eu posso te processar se...

— Quais argumentos? Tem como provar? Aos olhos da sociedade, a filha rebelde é você. O que tem para falar com um juiz? Quais provas têm contra mim? Acha que o diretor do banco irá depor? Ou talvez, o Wagner? Mas quem é Wagner mesmo? Você está tão iludida que acredita que o seu amor irá vencer. Lindinha, essa é a vida real, o dinheiro fala mais alto aqui. Quer mesmo levar isso adiante?

As suas palavras fazem o meu coração sangrar. Eu não sou idiota, ele tem razão. Meu pai tem poder, dinheiro e vai acabar com a vida do Felipe se eu ficar.

— Você venceu, pai, eu vou com você, mas nunca vou te perdoar por isso.

Meu pai sorri e diz que não levarei nada daqui.

— Papai irá renovar o seu guarda-roupa. Você terá tudo em dobro, até as joias e um carro novo. Você está começando uma nova vida, Ísis. Vai deixar essa ilusão e voltar a ser tão feliz como antes — ele diz, e mal sabe que, na verdade, está destruindo a minha felicidade.

— Qual o valor de uma viagem por toda a América do Sul? — Eu

pergunto com a voz embargada.

— O quê? Por que quer saber? — Meu pai pergunta, confuso.

— Além de quitar todas as dívidas dele, você vai depositar uma quantia equivalente a um tour por toda América do Sul. Faz parte do acordo, ou então não tem acordo. E também quero ter notícias, não vou ter contato, eu prometo, mas quero ter notícias de como ele está.

— É bem mais simples quando você coopera. Papai faz isso, não tem problema algum. Mas terá notícias somente pelo período de seis meses, depois acaba e ele será página virada. Estamos combinados? — Ele diz, sorrindo, e nem mesmo o meu desespero e lágrimas são capazes de comovê-lo. — Antes de irmos, você irá escrever uma carta dizendo que essa não é a vida que você deseja e irá pedir para que ele a esqueça.

— Pai, eu não posso fazer isso, eu não...

— Você vai. Durante um mês eu investiguei cada passo do Felipe. Isso será o suficiente para que ele nunca a perdoe. Essa será a minha garantia de que isso acabou. Você vai fazer ou não tem viagem para América do Sul, nem um cargo melhor no banco.

Eu me sento em nossa bancada e escrevo as palavras que meus lábios nunca se atreveriam a dizer. Mentiras ditadas pelo meu pai, e eu me pergunto se Felipe irá perceber que não sou eu e se conseguirá ler nas entrelinhas a minha dor e as minhas lágrimas.

A carta vai de um tom de desprezo até a humilhante, e finaliza com um: *por favor, fique bem, te desejo toda a felicidade do mundo, Ísis...*

Pegando apenas os meus documentos, eu saio do apartamento e o tranco, entregando a chave para um funcionário da empresa do meu pai, que irá levar para a mãe de Felipe, juntamente com a carta.

Pegamos a estrada e em cada lágrima eu me vejo morrer lentamente. Agora eu sei o que é morrer estando viva. Não é como a morte física, mas sim a morte da alma e dói mais do que qualquer doença que poderia chegar a corroer o meu corpo. A vida vai perdendo os tons e tudo se torna preto e branco. Nada fica no lugar, lentamente, o meu chão desaba e por algum motivo que eu não compreendo, o meu coração continua a bater.

Meu amor pelo Felipe não somente me fez sacrificar os meus desejos, como também a mim mesma. Um sacrifício que talvez ele nunca entenda o porquê, talvez ele irá me odiar por tudo que irá passar, mas como ele mesmo me disse uma vez, a vida nos põe a prova, não somente ela, o amor também. Mas, talvez, o meu coração jamais sobreviva a isso...

Capítulo 33

Felipe

Depois de passar uma noite longe da Ísis, eu ligo para ela, mas ela não atende. Algum tempo depois, ela retorna à ligação e parece cansada, conversa pouco e diz que precisa desligar. Eu não insisto e antes de me despedir, eu peço para que ela volte a dormir.

Após o almoço, a Mari recebe uma ligação e assim que desliga o telefone, ela não me encara. Ísis está atrasada e eu estou preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — Eu pergunto, preocupado.

— Não. A Ísis está muito cansada ainda e perguntou se posso ficar hoje de novo. Eu concordei, claro — ela dá um sorriso forçado.

Eu achei a Ísis bem cansada no telefone, então não estranho o seu pedido. Mari se aproxima e se deita ao meu lado.

— Eu te amo tanto, sabe disso, não sabe? — Ela beija o meu rosto.

A minha irmã não é carinhosa e para agir dessa maneira, sei que alguma coisa está acontecendo.

— O que aconteceu?

— Nada. A mamãe virá mais tarde, talvez fique aqui com você.

É tudo o que ela diz. O silêncio se faz presente e Mari passa a ficar com os olhos na janela, parecendo não querer continuar no mesmo ambiente que eu. Evito puxar papo com ela e no decorrer da tarde, espero receber uma ligação da Ísis, mas isso não acontece.

A tarde passa silenciosamente e sinto um vazio no peito. Talvez tenha acontecido algo com os pais da Ísis ou ela teve que resolver algum problema. Deus queira que não seja nada grave. Mas, se fosse, a Mari já teria me contado.

Às sete da noite a minha mãe chega e assim como a Mari, ela diz que não devo ligar para a Ísis, já que ela está muito cansada, então eu não insisto mais e ela se cala.

Depois de tomar o meu medicamento, acabo pegando no sono. Pela manhã, sou acordado pelo médico e finalmente tenho alta. Estou com o coração apertado, sei que aconteceu alguma coisa e, sinceramente, tenho medo do que possa ser. E tudo se confirma quando Mari, ao invés de ir para o

meu apartamento, segue para a casa da minha mãe.

— O que está acontecendo?

— Chegando em casa nós conversamos.

— É algo relacionado com a Ísis, não é?

— É — Mari se adianta. — Mas iremos falar disso em casa, já estamos chegando.

A conversa é encerrada sem delongas. Sinto o meu coração trêmulo. O medo me faz recuar toda vez que a pergunta chega à minha boca. Eu me sinto em pânico, rezando para que ela esteja à minha espera.

Entramos em casa e após confirmar a sua ausência, eu já não sei se quero respostas. Eu me sento no sofá e Mari começa a chorar. Minha mãe vai para o quarto e volta com um papel na mão, que me entrega em seguida.

Foi a Ísis que escreveu, é a letra dela.

Felipe,

Não sei nem como começar, mas quando se chega a uma situação embaraçosa como essa, o melhor é ser direta.

Eu tenho pensado em nós, em tudo que vivemos e não vou dizer que foi mentira. Eu me esforcei e sei que você se esforçou também, sei que me ofereceu o seu melhor, mas essa não é a vida que eu quero para mim.

Ainda que seja o seu melhor, não é o melhor para mim e se realmente me ama, vai respeitar a minha decisão. Não se sinta mal, isso não é sobre você, é sobre mim e o futuro que anseio ter. Não quero passar mais um dia da minha vida tendo que me contentar com o suficiente, eu mereço bem mais que isso. E depois de muito pensar, tomei a decisão de colocar um ponto final em nossa relação. Você é uma pessoa maravilhosa e espero que supere, espero que siga o seu caminho sem perder tempo lamentando por nós. Eu vou seguir o meu caminho, deixar tudo isso no passado e ser quem eu realmente nasci para ser.

Eu liguei para o meu pai e ele me perdoou, e juntos decidimos que irei embora do país. Não me procure e nem tente entrar em contato, desculpe por te fazer acreditar nessa loucura. Guarde as boas lembranças e tenha em mente que foi apenas um sonho, mas nós acordamos para a realidade e no mundo real nosso relacionamento é impossível. Encontre alguém que seja como você. Por favor, fique bem, te desejo toda a felicidade do mundo,

Ísis

Não consigo sequer encarar a minha mãe ou Mari.

— Felipe, você tem que seguir em frente, tem que...

— Isso não é verdade, a Ísis não faria isso. A letra é dela, mas Ísis não me deixaria assim. Mãe, por favor, me leve para o meu apartamento? Ela provavelmente está me esperando lá... — falo quase sem voz.

Eu vejo as lágrimas da minha mãe e a Mari é quem tem coragem de responder.

— Ela foi embora, Felipe. Ela deixou as chaves e essa carta.

Eu encaro a Mari, buscando desesperadamente encontrar a mentira, mas só vejo uma verdade desumana à minha frente.

— Ela não pode ter ido embora. Vocês não percebem que isso é uma armação? Não percebem que nós nos amamos?

— Felipe, não torne tudo mais difícil. Ela foi embora e não há nada que você possa fazer em relação a isso.

Eu fico por segundos mal conseguindo respirar e apesar de não ter voz, tem algo gritando dentro do meu peito, algo que não quer morrer.

Elas saem da sala, então leio a carta novamente e fico um tempo esperando alguém me acordar desse pesadelo. Isso não é real, não pode ser. Você não constrói um sonho com alguém e simplesmente destrói tudo.

Segundos se tornam minutos e minutos horas, e eu continuo feito um bobo esperando a Ísis abrir a porta e dizer que é mentira, mas ninguém vem.

Palavras cortam? Palavras podem te quebrar?

Sim, elas podem. Ísis acaba de me quebrar por completo, pedaços pequenos demais para terem importância, grandes o suficiente para me cortar em milhões de outros pedaços caso eu tente me reerguer. Não há força, não há nada.

Eu me deito no sofá, ainda tentando entender como chegamos a isso, em que momento eu errei para ela me deixar assim.

Revivo todas as nossas lembranças, cada palavra dita. Eu deixei de demonstrar para ela que a amava? Será que foi por causa do hospital? Deus, onde eu errei? Nós estávamos apenas começando, por que fez isso comigo, amor?

Por que não me deu a chance de resolver. Eu precisava apenas de uma chance, precisava apenas que fosse sincera. Eu faria tudo, te daria tudo se isso te fizesse ficar, até mesmo a minha vida, que não vale muito...

Por que desistiu de nós tão fácil, bonequinha?

Por que me fez acreditar nesse sonho a cada dia que acordava ao seu lado?

Por que me fez acreditar que eu era o suficiente?

Isso não é verdade, não pode ser verdade. Não tenho respostas, você não quis nem mesmo dizer isso olhando em meus olhos. Nem sequer uma despedida.

Mas agora, como eu vou continuar?

Como eu posso continuar se você levou embora o que eu tinha de melhor?

Existe uma maneira de sobreviver à dor?

Existe um alívio?

Não, não existe. Você rasteja dia após dia, implora a Deus por ajuda, mas ela não vem.

Ela se foi e eu não consigo mais diferenciar o dia da noite, e estranhamente, as pessoas seguem suas vidas, o mundo continua e eu continuo nesse mundo, abafando o grito do nosso amor em meu peito que se nega a morrer.

Demora quase uma semana para conseguir voltar ao nosso apartamento. Mari me acompanha e novamente eu sinto a dor da verdade tocar em mim. Com passos trêmulos, eu abro a porta. Ísis deixou até mesmo as suas coisas e um bilhete dizendo para doar tudo. Nossos telefones estão sobre a mesa. Eu abro o que ela usava na esperança de que tenha levado o *Chip*, mas está aqui, destruindo novamente qualquer chance de nos reencontrarmos.

Movido pela raiva, eu pego tudo que é dela e levo para o apartamento da Monique. Quando ela me atende, não conversamos muito. Sem que eu diga o que aconteceu, ela lamenta pelo fim do namoro e com o comentário eu vejo mais uma vez a realidade. Foi uma escolha consciente. Ísis escolheu me deixar.

Ainda estou de licença-médica, e como estou no período de experiência, acredito que serei demitido assim que voltar. Mas isso milagrosamente não acontece. Todas as minhas dívidas foram quitadas, e em minha conta bancária tem um depósito com o dobro do valor que eu conseguiria juntar. O mais humilhante é saber que a Ísis quis apenas quitar a dívida que acha que tinha comigo.

Eu fecho os olhos e vejo o seu rosto. Escuto todas as suas juras de amor, todas as suas promessas. E revivo todos os nossos dias. Os dias passam e os nossos planos aos poucos desaparecem

Onde você está agora, Ísis?

Onde está o seu amor que jurou ser eterno?

Eterno apenas em mim. Eu sinto isso, todas as noites eu quase imploro para não ter que encarar outro dia.

Em tempos de dor, você aprende a viver de novo, a encontrar nas cinzas o caminho de volta. A ver na sombra a proteção contra a luz, e na mágoa o abrigo para um amor ferido.

Mais dias seguem e mesmo a minha mãe sendo contra, eu volto a morar no nosso apartamento. A primeira noite é insuportável, eu vejo em cada canto resíduos de nós. Aprendendo hora após hora, dia após dia a viver sem ela, todas as lembranças, todas as palavras, a dor de saber que era tudo mentira me derruba a cada vez que tento me reerguer.

Lamentando, eu me proponho a continuar e todas as noites choro a sua ausência. A venda que me cegou não existe mais. A fé de que ela poderá voltar morre, e mesmo com toda a dor, o meu coração se mantém fiel a ela.

Ao dormir, eu imploro para a Ísis ser apagada dos meus sonhos, mas ela está aqui, como um fantasma me jogando na cara como fui estúpido ao ignorar os avisos e acreditar nessa loucura.

Alguns amores são feitos para morrer, e o nosso estava destinado a isso. O tempo passa, o tempo para, em todo momento ele zomba de mim, da minha desilusão. Na minha vida, nada surge de novo ou é motivador, nenhuma resposta, nenhuma explicação da Ísis, apenas eu, meu HIV, meus medicamentos e a minha péssima companhia.

Depois da Ísis, eu entendi o que é sobreviver um dia de cada vez. Fingir ser forte durante o dia e desabar à noite. Suportar o vazio e a ausência de si mesmo. Minha rotina continua a mesma. Eu gostaria de dizer que mudou, mas não, a não ser nas noites em que não consigo dormir, nessas eu saio para correr de madrugada.

Às vezes eu desabo e a dor do abandono me faz falhar. A vida é irônica, tão irônica que, três meses após a minha nova combinação de medicamentos, eu faço novos exames e ao voltar no doutor Glender, descubro que funcionou como esperado, controlando novamente a minha carga viral.

Mais meses se passam e tudo parece se encaixar. Tenho um bom emprego, uma família que me ama e mesmo depois de tanto tempo, o vazio que ela deixou em mim permanece. Mas as lembranças já não são tão amargas.

Quase seis meses após a sua partida, em um sábado qualquer, eu volto à praia onde fomos depois da primeira consulta juntos. O dia está nublado e o

mar revolto como naquele dia. Vejo as ondas se chocarem contra as pedras, e mesmo com a toda força do mar, as pedras permanecem intactas. Subo na mesma que um dia estive com ela e sinto a brisa em minha pele.

Eu conheci o amor, eu vivi o amor, e quando ele me deixou, levou tudo de bom que havia em mim. A parte que me fazia acreditar no amanhã. E apesar de seguir em frente, todo o sentimento e todas as lembranças continuam aqui. Ísis continua aqui, me mantendo preso ao que sobrou de nós. Eu não vou dizer que o amor só traz dor, ele me trouxe uma felicidade momentânea. E eu aprendi muito no pouco tempo que ele esteve ao meu lado.

Hoje sei que os fortes não são aqueles que vivem o amor, mas sim aqueles que sobrevivem quando são abandonados por ele. Aqui, ficaram apenas retalhos de uma felicidade vivida, a dor do abandono cravada no peito e a certeza de que não quero mais deixar o amor me machucar.

Olhando para a imensidão do oceano, eu sei que preciso perdô-la, preciso deixar essa dor ir embora, de alguma forma, eu preciso libertar esse ressentimento que sinto da Ísis.

Respiro com pesar e sinto as lágrimas descenderem, então digo as palavras que doem muito em mim, mas que precisam ser ditas.

— Eu ainda sinto a sua falta, ainda sinto a cama fria, ainda olho para o guarda-roupa esperando ver as suas coisas ali. Então encaro o meu reflexo no espelho e vejo que falta você em mim, mas eu não posso mais fingir que não houve nada de bom. E, principalmente, por saber que esses momentos existiram, que dói tanto. Eu chego do trabalho e não tenho mais o seu sorriso, o seu abraço, não existe mais você. E por tudo o que você me proporcionou enquanto esteve aqui, eu te perdoo. Eu perdoo por ter me abandonado, por ter me deixado sem respostas e esteja onde estiver, quero que sinta o meu perdão e seja feliz. Estou te libertando de mim, te libertando de toda a mágoa, de todo o nosso amor...

Juntamente com um vento gélido, eu sinto as palavras serem levadas para longe. Eu respiro fundo e a passos vagarosos, eu volto para a minha nova realidade, deixando todo o meu amor ser levado com as ondas para imensidão que agora vive *Entre Nós...*

bezz
EDITORA

NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões.

Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente.

Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

bezz
EDITORA



Meu Vício

ELA O AMA, E ELE... BOM, ELE AMA A COCAÍNA

KELL TEIXEIRA

Meu vício

Teixeira, Kell

9788568695555

441 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elena Tyner é uma garota comum de dezenove anos que cursa psicologia. Devido a uma criação tradicional, assim como a sociedade em sua maioria, ela possui preceitos e preconceitos contra usuários de drogas, passando até ter repúdio pelos mesmos. Mas tudo muda quando ela faz uma entrevista com um usuário, se envolve e passa a ver o outro lado da história.

Nesse drama é relatado de forma clara e espontânea a amarga experiência que é conviver, amar, e presenciar uma pessoa entregar sua vida para as drogas... Um caminho obscuro e muitas vezes sem volta...

Falar sobre dependência química é muito forte, muito atual e de suma importância. Mostrar todo sofrimento do dependente e de todos ao redor de forma tão realista e interessante, faz com que a gente vivencie o sofrimento junto com Maycon e Elena. E sinta o amor surgindo no meio das trevas, da dúvida. Um amor puro e sincero, porém não aceito.

[Compre agora e leia](#)



Por você eu faço tudo

Bezerra, Elizabeth

9788568695524

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma proposta irrecusável... Um desejo de vingança... E uma reviravolta surpreendente!

Richard Delaney é um rico, bonito e metódico engenheiro. Sua família é uma das mais tradicionais de Nova York. A vida parecia perfeita, até voltar de viagem e encontrar a noiva com outro homem. Agora ele está furioso e decide dar voz ao bad boy que existe nele. Vingança é tudo o que ele quer. Começaria apresentando como noiva, a linda e impertinente dançarina de pole dance, Paige Fisher.

Paige não acredita no amor. Um dia, após chegar do trabalho, descobriu que seu namorado havia vendido todas as suas coisas, roubado o dinheiro do aluguel e fugido com sua melhor amiga. Para ela o amor era para tolos.

Quando Richard faz a surpreendente proposta para que finja ser sua noiva, vê a oportunidade para mudar sua vida, radicalmente. Sua única exigência era: nada de sexo.

Mas o que eles não previram é que essa história tomaria um rumo muito diferente...

A atração entre eles é explosiva e amor acontece quando menos se espera.

Mudando suas vidas para sempre.

[Compre agora e leia](#)

CRISTINA MELO

MISSÃO 1

A
missão
AGORA É
amar

bezz
EDITORA

A missão agora é amar

Melo, Cristina

9788568695562

468 páginas

[Compre agora e leia](#)

VOCÊ TEM UMA NOVA MISSÃO!

Objetivo – entregar todos os seus sentidos e se deixar levar por este romance apaixonante e avassalador.

Alvo – seu coração.

A Missão – agora é amar.

Aquela história de que os opostos se atraem se enquadra nesse romance. E mais, tem uma pitada de ironia do destino com traumas fortes do passado.

Lívia é uma mulher linda de personalidade forte que tem seus ideais e também seus traumas. Depois de tudo o que passou achava que agora estava com a vida perfeita e tudo estava em seu lugar, até que um dia tudo muda. Em uma operação policial, ela é atingida por um olhar fatal que penetra sua alma, desvendando todas as suas fraquezas e o medo que ela achava estar superado volta com força total. Será que ela conseguirá não quebrar o único juramento que fez na vida?

Gustavo Torres é Capitão do BOPE (CAVEIRA). Um homem sem medos, focado no trabalho e que não se abala com nada e ninguém. Carrega uma

responsabilidade de proteger e cumprir com a lei. Solitário e desconfiado das armadilhas da vida, procura andar atento, mas sempre andando na contra mão da felicidade, ele é conhecido por ter o controle e nunca desviar seu foco e objetivo. Até que um anjo cruza o seu caminho e o transforma totalmente, quebrantando o seu coração, fazendo-o liberar todo o seu amor, lhe dando uma nova missão que ele vai tentar cumprir a todo custo, pois missão dada é missão cumprida.

Uma deliciosa historia de amor, medo e rendição se inicia...

[Compre agora e leia](#)